

O Príncipe Que Há de Vir

(The Coming Prince)

Sir Robert Anderson

(1841-1918)

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Para aqueles que estão vivos, nenhum tempo pode ser tão solene quanto o "presente vivo", sejam quais forem suas características; e essa solenidade é imensamente aumentada em uma época de progressos sem paralelos na história mundial. Mas a questão que surge é se esses nossos dias são muito mais decisivos em razão de serem realmente os últimos tempos. A história do mundo está prestes a terminar? Estão as areias do destino do mundo quase esgotadas e está a destruição de todas as coisas perto de acontecer?

Aqueles que são prudentes não permitirão que as selvagens afirmações dos alarmistas, ou as extravagâncias de alguns que estudam as profecias, os afastem de uma consulta imediata tão solene e tão sensata. É somente o infiel que duvida que haja um limite destinado para o curso deste "presente mundo mau". Que Deus um dia aplicará Seu poder para garantir o triunfo do bem, é em algum sentido, uma questão de lógica. O mistério da revelação não é que Ele fará isso, mas que Ele demora em fazer isso. Fazendo um julgamento pelos fatos públicos à nossa volta, Ele é um espectador indiferente da luta desigual entre o bem e o mal que acontece na Terra.

"Depois voltei-me, e atentei para todas as opressões que se fazem debaixo do sol; e eis que vi as lágrimas dos que foram oprimidos e dos que não têm consolador, e a força estava do lado dos seus opressores; mas eles não tinham consolador." [Eclesiastes 4:1]

E como pode ser assim, se de fato o Deus que governa acima é Todo-Poderoso e bondoso? O vício e a impiedade, a violência e o mal estão desmedidos por todos os lados, e mesmo assim os céus acima se mantêm calados. O infiel apela para esse fato para provar que o Deus cristão é apenas um mito. [1]

O cristão encontra nisto uma prova adicional que o Deus que ele adora é paciente e longânimo - "paciente por que é eterno", longânimo por que é o Todo-Poderoso, porque a ira é o último recurso com poder. Mas aproxima-se o dia em que:

"Virá o nosso Deus, e não se calará; um fogo se irá consumindo diante dele, e haverá grande tormenta ao redor dele." [Salmos 50:3]

Essa não é uma questão de opinião, mas de fé. Quem questiona isso não pode reivindicar o nome de cristão, pois é uma verdade tão essencial do cristianismo quanto o registro da vida e da morte do Filho de Deus. As antigas Escrituras estão repletas disso, e de todos os autores do Novo Testamento não há nem um sequer que não fale expressamente sobre isso. Esse foi o encargo da primeira palavra profética registrada nas Escrituras; [Judas 14] e o livro de encerramento do cânon sagrado, do primeiro até ao último capítulo, confirma e amplifica o testemunho.

Portanto, a única investigação que nos preocupa relaciona-se com a natureza da crise e o tempo de seu cumprimento. A chave para essa busca é a visão do profeta Daniel das setenta semanas. Não que uma compreensão correta da profecia nos permitirá profetizar. Não foi para esse propósito que ela foi dada. [2]

Mas isso provará ser uma segurança suficiente contra o erro no estudo. Notavelmente, isso nos poupará das tolices em que falsos sistemas de cronologia profética inevitavelmente levam aqueles que os seguem. Não é somente no nosso tempo que o fim do mundo foi predito. Isso foi buscado muito mais confiantemente no início do sexto século. Toda a Europa vibrava com essa preocupação nos dias do papa Gregório, o Grande. E, ao fim do décimo século, o medo cresceu mais entre o público em geral. "Pregava-se freqüentemente sobre isso, e a multidão ouvia sem sequer respirar; o assunto que estava na cabeça e na boca de todos" "Com essa impressão, multidões inumeráveis", diz Mosheim, "tendo entregado suas propriedades aos monastérios ou igrejas, viajavam até a Palestina, onde esperavam que Cristo descesse para o julgamento. Outros prendiam-se por juramentos solenes a serem servos nas

igrejas ou aos sacerdotes, esperando receber uma sentença mais branda por serem servos dos servos de Cristo. Em muitos lugares, os edifícios foram deixados sem manutenção ou reformas, como se ele não fossem mais necessários no futuro. E, nas ocasiões em que ocorreram eclipses do sol ou da lua, as pessoas fugiam em busca de refúgio nas cavernas e nas rochas." [3]

Assim, em anos recentes, uma data após a outra foi confiantemente nomeada para a crise suprema; mas o mundo ainda continua aqui. O ano 581 foi um dos primeiros anos fixados para o evento, [4] 1881 está entre os últimos. Estas páginas não são destinadas a perpetuar a tolice dessas predições, mas tentar de um modo humilde elucidar o significado de uma profecia que deve nos livrar de todos esses erros para resgatar o estudo do descrédito que caiu sobre ele.

Nenhuma palavra deve ser necessária para reforçar a importância do assunto, apesar da negligência proverbial do estudo das Escrituras proféticas, por parte até mesmo daqueles que afirmam crer que toda a Escritura é inspirada. Pondo a questão no nível mais baixo, pode-se dizer que se um conhecimento do passado é importante, o conhecimento do futuro precisa ser de valor muito maior ainda, em ampliar a mente e elevá-la acima da pequenez produzida por uma contemplação estreita e pouco esclarecida do presente. Se Deus graciosamente concedeu Sua revelação aos homens, o estudo dela é certamente adequado para despertar o interesse entusiasmado e orientar o exercício de cada talento que possa ser utilizado para fazê-la produzir frutos.

E isso sugere outro terreno em que, em nossos dias especialmente, o estudo profético reivindica uma peculiar proeminência; isto é, o testemunho que dá ao caráter e à origem divina das Escrituras. Embora a infidelidade tenha sido uma boca aberta nos tempos antigos, ela teve seu próprio estandarte e seu próprio campo, e chocou as massas humanas que, embora ignorantes do poder espiritual da religião, agarravam-se mesmo assim com estúpida tenacidade aos seus dogmas. Mas o aspecto especial da época presente - bem adequada para causar ansiedade e alarme a todos os homens pensantes - é o crescimento do que pode ser chamado ceticismo religioso, um cristianismo que nega a revelação - uma forma de piedade que nega aquilo que é o poder da piedade. [2 Timóteo 3:5]

A fé não é a atitude normal das mentes humanas em relação às coisas divinas, de modo que o indivíduo diligente que tem dúvidas, merece respeito e simpatia. Mas que julgamento será dado àqueles que se comprazem em proclamar a si mesmos como duvidosos, ao mesmo tempo em que afirmam serem ministros de uma religião em que a FÉ é a característica essencial?

Não existem poucos em nosso tempo cujas crenças na Bíblia é tudo o mais profundo e sem hesitação só porque eles têm compartilhado na revolta geral contra o sacerdócio e a superstição; e tais homens dificilmente estão preparados para tomar partido na luta entre o livre pensar e a servidão aos credos e aos clérigos. Mas no conflito entre a fé e o ceticismo, as simpatias deles estão menos divididas. Em um lado pode haver estreiteza, mas pelo menos há honestidade; e nesse caso certamente o elemento moral deve ser considerado antes que uma afirmação de vigor mental e independência possa ser ouvida. Além disso, qualquer reivindicação do tipo precisa ser examinada. O homem que afirma sua liberdade de receber e ensinar aquilo que considera ser a verdade, por qualquer modo alcançada, e onde quer que encontrada, não deve ser acusado levemente de vaidade ou desejo próprio. Os motivos dele podem ser rudes, corretos e dignos de louvor. Mas se ele subscreve a um credo, deve ser cuidadoso ao assumir qualquer uma dessas posições. Não é no lado da vagueza que os credos das igrejas britânicas estão em falta, e os homens que se vangloriam de serem pensadores livres mereceriam maior respeito se mostrassem sua independência recusando-se a subscrever, em vez de solapar as doutrinas que prometeram e são pagos para defender e ensinar.

Mas o que nos preocupa aqui é o indisputável fato que o racionalismo nesta sutilíssima fase está fermentando a sociedade. As universidades são os seminários-chefes; o púlpito é a plataforma. Alguns dos líderes religiosos mais famosos estão entre seus apóstolos. Nenhuma classe está a salvo de sua influência. E, se até o presente pudesse ser estereotipado, estaríamos bem; mas entramos em um caminho descendente e eles precisam realmente ser cegos para não conseguirem ver aonde isso está nos levando. Se a autoridade das Escrituras forem abaladas, verdades vitais serão perdidas dentro de uma

geração, e recuperadas na próxima; mas se isso for tocado, o fundamento de toda a verdade é solapado e todo o poder de recuperação estará perdido. O cético cristianizado de hoje logo dará lugar ao incrédulo cristianizado, cujos discípulos e sucessores, por sua vez, serão incrédulos sem qualquer aparência externa de cristianismo à sua volta. Alguns, sem dúvida, escaparão, mas para muitos, Roma será o único refúgio para aqueles que temem o pavoroso objetivo para o qual a sociedade está caminhando. Assim, as forças estão se formando para a grande luta predita no futuro entre a apostasia de uma falsa religião e a apostasia da infidelidade aberta. [5]

É a Bíblia a revelação de Deus? Esta agora se tornou a maior e mais premente de todas as questões. Podemos imediatamente desprezar o sofisma que as Escrituras admitidamente *contêm* uma revelação. É o volume sagrado em nada melhor que um globo de sorteio do qual números premiados ou não são tirados aleatoriamente, sem nenhum poder de distinguir entre eles até o dia em que a descoberta será tarde demais? E, na presente fase da questão, não é sofisma dizer que passagens, e até livros, podem ter sido adicionados erradamente ao cânon! Nós nos recusamos a entregar as Escrituras Sagradas aos cuidados daqueles que a abordam com a ignorância dos pagãos e o ânimo dos apóstatas. No entanto, para o propósito da presente controvérsia, poderíamos consentir em iniciar um curso de ação em tudo sobre o que o criticismo iluminado lançou uma sombra de dúvida. Isso, entretanto, somente limparia o caminho para a questão real em discussão, que não é quanto à autenticidade de uma porção ou outra, mas quanto ao caráter e valor do que é admitidamente autêntico. Estamos agora muito além de discutir teorias rivais de inspiração; o que nos preocupa é considerar se os escritos sagrados são o que afirmam ser, "os oráculos de Deus". [6]

No meio do erro, da confusão e da incerteza, aumentando em todos os lados, podem as almas prudentes e devotas voltarem-se para uma Bíblia aberta e encontrar ali "palavras de vida eterna"? "A atitude racional de uma mente pensante em relação ao sobrenatural é o *ceticismo*." [7]

A razão pode se ajoelhar diante dos chiboletes e truques do sacerdócio - "a voz da Igreja", como é chamada; mas isso é pura credulidade. Mas se DEUS fala, então o ceticismo dá lugar à fé. Nem é isso uma mera evasão da questão. A prova que a voz é realmente divina precisa ser absoluta e conclusiva. Em tais circunstâncias, o ceticismo indica a degradação mental ou moral, e a fé não é a abnegação da razão, mas o ato mais elevado da razão. Dizer que essa prova é impossível é equivalente a afirmar que o Deus que nos fez não pode falar assim para nós que a voz carregará consigo a convicção que ela é Dele; e isso não é ceticismo de modo algum, mas descrença e ateísmo. "Aproveu a Deus revelar Seu Filho em mim", foi o relato do apóstolo Paulo de sua conversão. A base da sua fé era subjetiva e não podia ser mostrada. Nas provas aos outros da realidade deles, ele podia apenas apelar para os fatos de sua vida; embora esses fossem totalmente o resultado e em nenhum sentido ou grau a base de sua convicção. O caso dele também não era excepcional. Pedro foi um dos três favoritos que testemunhou todos os milagres, incluindo a transfiguração e, apesar disso, sua fé não foi o resultado disso tudo, mas veio de uma revelação que foi dada a ele. Em resposta à sua confissão:

"Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo."

O Senhor declarou:

"Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus." [Mateus 16:17]

Nem, novamente, foi esta uma graça especial concedida somente aos apóstolos.

"... aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo." [2 Pedro 1:1]

Foi a palavra de Pedro aos fiéis em geral. Ele os descreve como "nascidos de novo pela Palavra de Deus". Assim também João diz,

"Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus." [João 1:13]

"Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas."

É a afirmação similar de Tiago [Tiago 1:18]

Seja qual for o significado dessas palavras, elas precisam significar alguma coisa mais do que chegar a uma sólida conclusão a partir de premissas suficientes, ou aceitar os fatos com base em evidências suficientes. Também não adiantará frisar que esse nascimento foi meramente a transformação mental ou moral causada naturalmente pela verdade assim obtida por meios naturais. A linguagem das Escrituras é inequívoca que o poder do testemunho para produzir essa transformação depende da presença e operação de Deus. Páginas poderiam ser preenchidas com citações para provar isso, mas duas devem ser suficientes. O apóstolo Pedro declara que eles pregaram o evangelho

"...pelo Espírito Santo enviado do céu..." [1 Pedro 1:12]

E as palavras de Paulo são ainda mais definidas: "Porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo." [8]

Se o novo nascimento e a fé do cristianismo foram assim produzidos no caso de pessoas que receberam o evangelho imediatamente dos apóstolos, nada menor servirá para nós, que estamos separados por dezoito séculos das testemunhas e de seus testemunhos. Deus ainda está com Seu povo e fala ao coração dos homens agora, de forma tão real quanto fazia nos tempos antigos; realmente não por intermédio de apóstolos inspirados, e ainda menos por sonhos e visões, mas por meio das Escrituras Sagradas que Ele mesmo inspirou; [9] como resultado, os crentes são "nascidos de Deus", e obtêm o conhecimento do perdão dos pecados e a vida eterna. O fenômeno não é de ordem natural, resultando do estudo das evidências; é totalmente *sobrenatural*. As "mentes pensantes", considerando de forma objetiva, podem, se quiserem, manter em relação a ele aquilo que é considerado "uma atitude racional", mas que pelo menos reconheçam o fato que existem milhares de pessoas confiáveis que podem testificar acerca da realidade da experiência falada aqui, e além disso que eles reconheçam que ela está totalmente de acordo com o ensino do Novo Testamento.

Essas pessoas têm prova transcendental da verdade do cristianismo. A fé delas descansa, não no fenômeno de sua própria experiência, mas nas grandes verdades objetivas da revelação. Todavia, a principal convicção delas que essas são verdades divinas não depende das "evidências" que o ceticismo se delicia em criticar, mas em algo que o ceticismo não leva em conta. [10]

"Nenhum livro pode ser escrito em defesa da Bíblia como a própria Bíblia. As defesas do homem são as palavras do homem; elas podem ajudar a repelir os ataques, mas podem tirar alguma porção de seu significado. A Bíblia é a palavra de Deus e, por meio dela, o Espírito Santo, que a proferiu, fala à alma que não se fecha contra ela." [11]

Mas, mais do que isso, o crente bem-instruído encontrará dentro dela um depósito infindável de provas que ela é de Deus. A Bíblia é muito mais que um livro texto de teologia e de moralidade, ou até mesmo mais do que um guia para o céu. Ela é o registro da revelação progressiva que Deus graciosamente concedeu ao homem e a história divina da nossa raça em conexão com essa revelação. A ignorância pode deixar de ver nela algo mais do que a literatura religiosa dos hebreus e a igreja nos tempos apostólicos; mas o estudante inteligente que pode ler entre as linhas encontrará mapeado ali, algumas vezes em negrito, algumas vezes em tons mais opacos, mas sempre discerníveis pelo buscador paciente e dedicado, o grande esquema dos conselhos e das operações de Deus neste e por este nosso mundo de eternidade a eternidade.

O estudo da profecia, compreendido corretamente, tem uma abrangência não mais estreita do que esta. Seu valor principal não é nos trazer um conhecimento "das coisas por vir", consideradas como eventos isolados, importantes como possam ser; mas habilitar-nos a vincular o futuro com o passado como parte do grande propósito de Deus revelado nas Sagradas Escrituras. Os fatos da vida e morte de Cristo foram uma prova massacrante da inspiração do Antigo Testamento. Quando, após Sua ressurreição, Ele procurou confirmar a fé de seus discípulos,

"E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras." [Lucas 24:27]

Mas muitas promessas foram feitas e muitas profecias registradas, que parecem estar perdidas nas trevas da extinção nacional de Israel e na apostasia de Judá. O cumprimento delas dependerá do Messias; mas agora o Messias foi rejeitado, e Seu povo estava prestes a ser lançado para fora, o que os gentios podem ter tomado por bênção. Devemos concluir então que o passado foi apagado para sempre, e que os grandes propósitos de Deus para a Terra desabaram por causa do pecado humano? Com os homens agora como juízes da revelação, o cristianismo se reduz a ser nada mais que "um plano de salvação" para os indivíduos, e se o evangelho de João e algumas das epístolas forem deixadas eles estarão contentes. Quão diferente era a atitude da mente e do coração exibida por Paulo! Na visão do apóstolo, a crise que parece a catástrofe de tudo que os antigos profetas tinham predito dos propósitos de Deus para a Terra, abriu um propósito mais amplo e mais glorioso, que deve incluir o cumprimento de todas elas e, arrebatado pela contemplação, ele exclamou:

"Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!" [Romanos 11:33]

O verdadeiro estudo profético é uma investigação nesses conselhos insondáveis, essas riquezas profundas da sabedoria e do conhecimento divinos. Debaixo da luz que dá, as Escrituras não são mais uma compilação heterogênea de livros religiosos, mas um todo harmonioso, a partir do qual nenhuma parte poderia ser omitida sem destruir a integridade da revelação. Apesar disso, o estudo é menosprezado nas igrejas como se não fosse de relevância prática. Se as igrejas estão fermentadas com o ceticismo neste momento, a negligência do estudo profético nelas é o verdadeiro e mais amplo aspecto que tem feito mais do que todo o racionalismo alemão para promover o mal. Os céticos podem se orgulhar dos sábios Professores e Doutores em Divindade entre suas fileiras, mas podemos desafiá-los a citar um único que tenha dado provas que conhece qualquer coisa de qualquer um desses profundos mistérios da revelação. Tentar reverter a onda crescente de ceticismo é impossível. Realmente, o movimento é senão uma das muitas fases da intensa atividade mental que caracteriza esta época. O reinado dos credos é coisa do passado. Passou o tempo em que os homens acreditavam naquilo que seus pais acreditaram, sem questionar. Roma, em alguma fase de seu desenvolvimento, tem um charme estranho para as mentes de certa casta e o racionalismo é fascinante para muitos; mas a ortodoxia no senso antigo está morta e para alguém ser liberto, precisa ser por um conhecimento mais profundo e completo das Escrituras.

Estas páginas são apenas um humilde esforço para esse fim; mas se elas ajudarem de qualquer modo a promover o estudo das Escrituras Sagradas, o propósito principal terá sido atingido. O leitor, portanto, pode esperar encontrar a exatidão da Bíblia vindicada em pontos que podem parecer de pouco valor. Quando Davi ascendeu ao trono de Israel e veio a escolher seus generais, ele chamou para os postos de comando homens que tinham demonstrado coragem e valor. Entre os três primeiros estava um de quem os registros diziam que defendera um campo plantado com lentilhas, e repeliu uma tropa dos filisteus. [2 Samuel 23:11,12] Para os outros isso pode parecer pouco, pelo que não vale a pena lutar, mas aquela terra era preciosa para os israelitas como uma porção da herança dada por Deus e, além disso, o inimigo poderia ter usado aquele terreno como um acampamento a partir do qual iria capturar as fortalezas. Assim também é com a Bíblia. Ela é toda de valor intrínseco se realmente é de Deus; além disso, a frase que é atacada e que pode parecer sem importância alguma, pode provar ser um vínculo na cadeia de verdade em que estamos dependendo para a vida eterna.

Notas de Rodapé do Capítulo 1

[1] De acordo com Mill, o curso do mundo dá provas que tanto o poder e a bondade de Deus são limitados. Seus *Essays on Religion* mostram claramente que o ceticismo é uma atitude da mente que é praticamente impossível de manter. Mesmo com um pensador tão claro e capaz quanto Mill, isso inevitavelmente degenera para uma forma degradante de fé. "A atitude racional de uma mente pensante em relação ao sobrenatural", ele declara, "é a do ceticismo, *tão distinto da crença* em um lado, e do ateísmo do outro"; e apesar disso ele imediatamente avança para formular um credo. Não é que há um Deus, por que isso é somente provável, mas que se existe um Deus, Ele não é Todo-poderoso, e Sua bondade em relação ao homem é limitada. (*Essays, etc.*, pg 242, 243). Ele não prova seu credo, é claro. Sua verdade é óbvia para uma "mente pensante". É igualmente óbvio que o sol se move em torno da Terra. Um homem somente precisa ser tão ignorante de astronomia quanto o infiel é do cristianismo, e encontrará a mais indisputável prova do fato toda vez que investigar os céus!

[2] A profecia não é dada para nos habilitar a profetizar, mas como um testemunho para Deus quando o tempo chegar. - Pusey, Daniel, pg 80.

[3] Elliot, *Horae Apoc.* (terceira edição), 1, 446: e veja também Cap. 3, pg 362-376.

[4] Elliot, 1, 373. Hipólito predisse no ano 500.

[5] Não posso deixar de mostrar o seguinte excerto de um artigo escrito pelo professor Goldwin Smith, na *Macmillan's Magazine*, em fevereiro de 1878:

"A negação da existência de Deus e do futuro estado, em uma palavra, é o destronamento da consciência; e a sociedade acabará, para dizer o mínimo, por meio de um intervalo perigoso antes que a ciência social possa preencher o trono vago... Mas, enquanto isso, a humanidade, ou algumas porções dela, poderão estar em perigo de uma anarquia de auto-interesse, comprimida, para o propósito da ordem política, por um despotismo da força."

"Essa ciência e criticismo, atuando - graças à liberdade de opinião conquistada pelos esforços políticos - com uma liberdade nunca conhecida antes, nos livraram de uma massa de superstições tenebrosas e degradantes, e na firme convicção que a remoção de falsas crenças, e das autoridades ou instituições fundadas sobre elas, não pode provar no fim qualquer coisa senão uma bênção para a humanidade. Mas, ao mesmo tempo, os fundamentos da moralidade geral foram inevitavelmente abalados e uma crise deflagrada, a gravidade da qual ninguém pode deixar de ver e ninguém, exceto um fanático do materialismo, pode ver sem o mais sério temor.

"Nunca houve nada na história da humanidade como a presente situação. A decadência das antigas mitologias está muito longe de oferecer um paralelo... A Reforma foi um tremendo terremoto: ela abalou a fibra da religião medieval e, como consequência dos tumultos na esfera religiosa, preencheu o mundo com revoluções e guerras. Mas ela deixou a autoridade da Bíblia inabalada e os homens puderam sentir que o processo destrutivo tinha seu limite e que ainda havia firmeza debaixo de seus pés. Mas um mundo que é intelectual e profundamente interessado no significado dessas questões, que lê com avidez tudo o que está escrito sobre elas, encontra-se diante de uma crise, cujo caráter qualquer um pode perceber apresentando-se distintamente para si mesmo a idéia da existência sem um Deus."

[6] ta logia tou thou [Romanos 3:2]. As antigas Escrituras hebraicas foram assim consideradas por aqueles que tinham sido divinamente indicados para terem a custódia delas. (ib) Não somente pelos devotos entre os judeus, mas como Josefo testifica, por todos, elas "eram justamente acreditadas como de origem divina", pelas quais os homens estavam dispostos a suportar torturas de todos os tipos em

vez de falar contra elas, e até "dispostos a morrer por elas" (Josefo, *Apíom*, 1, 8). Esse fato é de imensa importância em relação ao próprio ensino do Senhor sobre o assunto. Lidando com um povo que cria na santidade e valor de cada palavra das Escrituras, Ele nunca perdeu uma oportunidade para confirmá-los nessa crença. O Novo Testamento oferece abundantes provas de como Ele a impôs sobre Seus discípulos. (Como relação aos limites e data de fechamento do cânon das Escrituras, veja Pusey, *Daniel*, pg 294, etc.)

[7] Mill, *Essays on Religion*.

[8] *alla kai en dunamei kai en pneumatí agíō* [1 Tessalonicenses 1:5] "[mas também em poder, e no Espírito Santo](#)". Não há contraste algum objetivado entre Deus em um lado, e poder do outro, nem ainda entre diferentes tipos de poder. Objetar que isso referenciava os milagres que seguiram à pregação é trair a ignorância das Escrituras. Atos 17 representa a pregação à qual o apóstolo estava aludindo. Que poder milagroso existia nas igrejas gentílicas é claro em 1 Coríntios 12, mas a questão é, o evangelho que produziu essas igrejas apela aos milagres para confirmá-lo? Pode alguém ler os primeiros quatro capítulos de 1 Coríntios e reter dúvidas com relação à resposta?

[9] Deus é onipresente; mas há um senso real em que o Pai e o Filho não estão na Terra, mas nos céus, e que no mesmo sentido o Espírito Santo não está nos céus, mas na Terra.

[10] Tal fé está inseparavelmente conectada com a salvação, e a salvação é o dom de Deus [Efésios 2:8]. Dai as solenes palavras de Cristo, "[Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.](#)" [Mateus 11:25]

[11] Pusey, *Daniel*, pref., pg 25.

CAPÍTULO 2

DANIEL E SEU TEMPO

"O profeta Daniel". Ninguém pode ter um título maior junto ao seu nome, pois foi assim que o Messias se referiu a ele. Todavia, o grande Príncipe do Cativo certamente não o teria usado. Isaías, Jeremias, Ezequiel e os demais, "falaram inspirados pelo Espírito Santo" [2 Pedro 1:21] mas Daniel não proferiu essas palavras "que saíram da boca de Deus". [1] Como o "discípulo amado" nos tempos messiânicos, ele teve visões e registrou o que viu. A grande predição das setenta semanas foi uma mensagem entregue a ele por um anjo, que falou com ele como um homem fala com outro homem. Um estranho à dieta de um profeta [2] e às vestimentas de um profeta, ele viveu no meio de todo o luxo e pompa de um palácio oriental. Próximo ao rei, ele era o homem mais importante no maior império da Antigüidade; e não foi até o fim de uma longa vida como estadista que ele recebeu as visões registradas nos capítulos finais de seu livro.

Para compreender essas profecias corretamente, é essencial que os principais eventos da história política dos tempos sejam mantidos à vista.

O verão da glória nacional de Israel foi tão curto quanto brilhante. O povo nunca aquiesceu no coração com o decreto divino que, ao distribuir as dignidades tribais, confiou o cetro à casa de Judá, ao mesmo tempo em que determinou o direito de primogenitura para a família favorita de José; [3] e seus mútuos ciúmes e feudos, embora mantidos em xeque pela influência pessoal de Davi, e o esplendor muito maior do reinado de Salomão, produziram uma divisão nacional com a ascensão de Reoboão. Ao se revoltar contra Judá, os israelitas também apostataram de Deus e, esquecendo-se da adoração a Jeová, caíram em flagrante e aberta idolatria. Após dois séculos e meio sem uma única passagem brilhante em sua história, eles foram levados em cativo para a Assíria; [4] e quando Daniel nasceu, um século já tinha transcorrido desde a data de sua extinção nacional.

Judá ainda reteve uma independência nominal, embora, na verdade, a nação já tivesse caído em um estado de profunda vassalagem. A posição geográfica de seu território a marcava para esse destino. Vivendo na metade do caminho entre o Nilo e o Eufrates, a suserania na Judéia tornou-se inevitavelmente um teste pelo qual seus antigos inimigos além da fronteira do sul, e o império que o gênio de Nabopolassar estava então formando no norte, testariam as reivindicações de supremacia. O profeta nasceu exatamente no mesmo ano que é reconhecido como a época do Segundo Império Babilônio. [5] Ele ainda era um menino quando ocorreu a fracassada invasão do Faraó Neco à Caldéia. Naquela luta, seus parentes e o soberano, o bom rei Josias, apoiaram a Babilônia; Josias não somente perdeu a vida, mas comprometeu ainda mais o destino de sua casa real e a liberdade de seu país. [2 Reis 23:29; 2 Crônicas 35:20]

Mal terminou a lamentação pública por Josias, quando o faraó, em sua marcha de volta ao Egito, apareceu diante de Jerusalém para confirmar a suserania, impor uma pesada tributação sobre a terra e definir a sucessão do trono. Jeoaquim, um jovem filho de Josias, tinha sido coroado após a morte de seu pai, mas foi deposto pelo faraó em favor de Eliaquim, que sem dúvida alguma se recomendou ao soberano do Egito pelas mesmas qualidades que talvez tivessem induzido seu pai a preterir-lo. Faraó alterou o nome dele para Jeoiaquim e o estabeleceu no reino como um vassalo do Egito. [2 Reis 23:33-35; 2 Crônicas 36:3,4]

No terceiro ano após esses eventos, Nabucodonosor, príncipe real de Babilônia, [6] partiu em uma expedição de conquista, chefiando os exércitos de seu pai e, ao entrar na Judéia, exigiu a submissão do rei de Judá. Após um cerco sobre o qual a história não dá muitos detalhes, ele capturou a cidade e tomou o rei como prisioneiro de guerra. Entretanto, Jeoiaquim reconquistou sua liberdade e seu trono prometendo aliança à Babilônia; de modo que Nabucodonosor se retirou sem tomar despojos, exceto uma parte dos vasos sagrados do templo, que transportou para a casa de seu deus, e sem cativos, exceto alguns poucos jovens da semente real de Judá, Daniel entre eles, a quem Nabucodonosor selecionou para adornar sua corte como príncipes vassalos. [2 Reis 24:1; 2 Crônicas 36:6,7; Daniel 1:1-2] Três anos mais tarde, Jeoiaquim se rebelou; mas, embora durante o restante de seu reinado seu território tenha sido freqüentemente invadido por tropas de caldeus, cinco anos se passaram antes que os exércitos de Babilônia retornassem para impor a conquista da Judéia. [7]

Joaquim, um jovem de dezoito anos, que tinha acabado de suceder ao trono, rendeu-se imediatamente com sua família, criados e oficiais [2 Reis 24:12] e uma vez mais Jerusalém ficou à mercê de Nabucodonosor. Em sua primeira invasão ele tinha se mostrado magnânimo e leniente, mas agora tinha de não apenas afirmar a supremacia, mas punir a rebelião. Destarte, ele saqueou a cidade de tudo o que tinha valor e transportou os tesouros para Babilônia, não deixando nada para trás, "senão o povo pobre da terra." [2 Reis 24:14]

O tio de Joaquim, Zedequias, foi deixado como rei ou governador da cidade despojada e despovoada, tendo jurado por Jeová aliança ao suserano. Esse foi o "cativeiro do rei Jeoiaquim", de acordo com a era do profeta Ezequiel, que estava ele mesmo entre os cativos [Ezequiel 1:2]

A servidão a Babilônia tinha sido predita já nos dias de Ezequias [2 Reis 20:17] e após o cumprimento da profecia de Isaías a seu respeito, Jeremias foi encarregado com uma mensagem divina de esperança aos cativos, que após setenta anos serem cumpridos, eles seriam restaurados à sua terra. [Jeremias 29:10] Mas enquanto os exilados estavam assim confortados com as promessas de bem, o rei Zedequias e o "restante de Jerusalém que ficou na terra" foram advertidos que a resistência ao decreto divino que os sujeitava ao jugo de Babilônia traria sobre eles julgamentos muito mais terríveis que qualquer um deles tinha conhecido. Nabucodonosor retornaria para destruí-los totalmente e fazer de toda a terra "um deserto e um espanto" [Jeremias 24:8-10; 25:9; 27:3-8] No entanto, falsos profetas se levantaram para alimentar a vaidade nacional predizendo a rápida restauração da sua independência [Jeremias 28:1-4] e, a despeito das solenes e repetidas advertências de Jeremias, o fraco e ímpio rei foi enganado pelo testemunho desses falsos profetas e, tendo obtido a promessa de apoio militar do Egito, [Ezequiel 17:15], ele abertamente se rebelou.

Conseqüentemente, os exércitos dos caldeus mais uma vez cercaram Jerusalém. Os eventos parecem a princípio justificar a conduta de Zedequias, pois as forças egípcias vieram apressadamente em seu auxílio, de modo que os babilônios foram compelidos a levantar o cerco e se retirar da Judéia. [Jeremias 37:1,5,11] Entretanto, esse sucesso temporário dos judeus serviu apenas para exasperar o rei de Babilônia e para tornar o destino deles mais terrível do que a última vez que ele tinha tomado a cidade. Nabucodonosor determinou infligir um castigo exemplar à cidade rebelde e a seus habitantes e, colocando-se como chefe de todas as forças de seu império, [2 Reis 25:1; Jeremias 34:1] ele mais uma vez invadiu a Judéia e cercou a cidade santa.

Os judeus resistiram com o fanatismo cego que a falsa esperança inspira; este é um sinal de prova da força natural da antiga Jerusalém, que por dezoito meses [2 Reis 25:1-3] manteve os inimigos à distância, e cedeu no fim à fome e não à força. O local foi então entregue ao fogo e à espada. Nabucodonosor "matou os seus jovens à espada, na casa do seu santuário, e não teve piedade nem dos jovens, nem das donzelas, nem dos velhos, nem dos decrepitos; a todos entregou na sua mão. E todos os vasos da casa de Deus, grandes e pequenos, os tesouros da casa do SENHOR, e os tesouros do rei e dos seus príncipes, tudo levou para Babilônia. E queimaram a casa de Deus, e derrubaram os muros de Jerusalém, e todos os seus palácios queimaram a fogo, destruindo também todos os seus preciosos vasos. E os que escaparam da espada levou para Babilônia; e fizeram-se servos dele e de seus filhos, até ao tempo do reino da Pérsia. Para que se cumprisse a palavra do SENHOR, pela boca de Jeremias, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da assolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram." [2 Crônicas 36:17-21]

Como Deus tinha tratado com os pais deles por quarenta anos no deserto, assim por quarenta anos este último julgamento foi retardado "porque se compadeceu do seu povo e da sua habitação." [2 Crônicas 36:15] Por quarenta anos a voz do profeta não ficou em silêncio em Jerusalém. "Eles, porém, zombaram dos mensageiros de Deus, e desprezaram as suas palavras, e mofaram dos seus profetas; até que o furor do SENHOR tanto subiu contra o seu povo, que mais nenhum remédio houve." [8]

Esta é a descrição do cronista sagrado da primeira destruição de Jerusalém, rivalizada em tempos posteriores pelos horrores do evento sob o efeito do qual ela ainda está prostrada, e destinado a ser superado em dias ainda por vir, quando as predições da suprema catástrofe de Judá serão cumpridas. [9]

Notas de Rodapé do Capítulo 2

[1] Acredito que minha crença no caráter divino do livro de Daniel parecerá bem clara nestas páginas. A distinção que desejo marcar aqui é entre profecias que os homens foram inspirados para proferir e as profecias como as de Daniel e João, que foram meramente os recipiendários da revelação. Com esses, a inspiração começou no registro que eles receberam.

[2] Citar Daniel 1:12 em oposição a isso envolve um óbvio anacronismo. A palavra "pulse", além disso, no hebraico aponta geralmente para comida vegetal, e incluiria um prato tão apetitoso quanto aquele pelo qual Esaú vendeu seu direito de primogenitura (compare Gênesis 25:34). Comer carne da mesa dos gentios teria envolvido uma violação da lei; portanto, Daniel e seus companheiros tornaram-se vegetarianos.

[3] "Porque Judá foi poderoso entre seus irmãos, e dele veio o soberano; porém a primogenitura foi de José." [1 Crônicas 5:2]

[4] A divisão do reino ocorreu em 975 AC, o cativeiro na Assíria ocorreu em 721 AC.

[5] 625 AC.

[6] Berosus assevera que essa expedição ocorreu durante a vida de Nabopolassar (Josefo, *Apíom*, 1. 19), e a cronologia prova isso. Veja no Apêndice 1 as datas desses eventos e a cronologia do período.

[7] 2 Reis 24:1-2. De acordo com Josefo (*Ant.*, 10. 6 Cap. 3) Nabucodonosor na sua segunda invasão encontrou Jeoiaquim ainda no trono e foi ele quem o sentenciou à morte e fez Joaquim rei. Ele diz que o rei de Babilônia logo depois se tornou desconfiado da fidelidade de Joaquim, e novamente retornou para destroná-lo e colocar Zedequias no trono. Essas afirmações, embora não absolutamente inconsistentes com 2 Reis 24, são tornadas improváveis por comparação. Elas são adotadas pelo cômico Rawlinson, em *Five Great Monarchies* (vol 3, pg 491), mas o Dr. Pusey adere à narrativa das Escrituras (Daniel, pg 403).

[8] 2 Crônicas 36:16. Sem dúvida, esse período são os quarenta anos do pecado de Judá, especificados em Ezequiel 4:6; Jeremias profetizou a partir do décimo terceiro ano de Josias (627 AC) até a queda de Jerusalém no décimo primeiro ano de Zedequias (587 AC). Veja Jeremias 1:3 e 25:3. Os 390 anos do pecado de Israel, de acordo com Ezequiel 4:5, parecem ter sido considerados a partir da data da promessa de bênçãos às dez tribos, feitas pelo profeta Aías a Jeroboão, presumivelmente no segundo ano antes da divisão, isto é, em 977 AC (1 Reis 11:29-39).

[9] Os horrores do cerco e da captura de Jerusalém por Tito superam tudo que a história registra de eventos similares. Josefo, que foi ele mesmo uma testemunha deles, narra-os em todos seus horríveis detalhes. Sua estimativa do número de judeus que pereceram em Jerusalém é de 1.100.000. "O sangue corre gelado e o coração adoce diante desses horrores sem paralelos; e tomamos refúgio em um tipo de esperança desesperada que eles têm sido exagerados pelo historiador

CAPÍTULO 3

O SONHO DO REI E AS VISÕES DO PROFETA

A distinção entre as porções hebraica e caldéia dos escritos de Daniel [1] permite uma divisão natural, a importância da qual aparecerá em uma cuidadosa consideração do todo. Mas, para o propósito da presente investigação, o livro mais convenientemente se dividirá entre os seis primeiros capítulos e os seis últimos, a primeira porção sendo basicamente histórica e didática, e a última contendo o registro das quatro grandes visões que foram dadas ao profeta em seus anos finais. É com as visões que estamos especialmente interessados aqui. A narrativa do terceiro, quarto, quinto e sexto capítulos está além da abrangência destas páginas, pois não têm influência imediata na profecia. O segundo capítulo, porém, é de grande importância, pois dá a base para as visões posteriores. [2]

Em um sonho, o rei Nabucodonosor viu uma grande estátua, a cabeça da qual era de ouro, os peitos e os braços de prata, o corpo de bronze, as pernas de ferro, e os pés parte de ferro e parte de barro. Uma pedra, cortada sem o auxílio de mãos, foi então lançada sobre os pés da estátua, que caiu e foi esmiuçada, e a pedra tornou-se um grande monte que ocupou toda a terra. [3]

A interpretação está nestas palavras:

"Tu, ó rei, és rei de reis; a quem o Deus do céu tem dado o reino, o poder, a força, e a glória. E onde quer que habitem os filhos de homens, na tua mão entregou os animais do campo, e as aves do céu, e fez que reinasse sobre todos eles; tu és a cabeça de ouro. E depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de bronze, o qual dominará sobre toda a terra. E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro, esmiúça e quebra tudo; como o ferro que quebra todas as coisas, assim ele esmiuçará e fará em pedaços. E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois viste o ferro misturado com barro de lodo. E como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte, e por outra será frágil. Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao

outro, assim como o ferro não se mistura com o barro. Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre, da maneira que viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro; o grande Deus fez saber ao rei o que há de ser depois disto. Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação." [Daniel 2:37-45]

A soberania predita de Judá passou bem além dos limites da mera supremacia entre as tribos de Israel. Foi um cetro imperial que foi confiado ao Filho de Davi.

"Também o farei meu primogênito mais elevado do que os reis da terra." [Salmos 89:27]

"E todos os reis se prostrarão perante ele; todas as nações o servirão." [Salmos 72:11]

Essas foram as promessas que Salomão herdou; e a breve glória de seu reinado deram provas de quão completamente elas poderiam ter sido realizadas [2 Crônicas 9:22-28] se ele não tivesse se desviado e trocado pelos prazeres sensuais do presente as possibilidades mais esplêndidas que foram abertas diante do homem mortal. O sonho de Nabucodonosor da grande estátua e a visão de Daniel na interpretação desse sonho, foram uma revelação divina que o cetro perdido da casa de Davi tinha passado para as mãos dos gentios, para permanecer com eles até o dia quando "o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído" [Daniel 2:44]

É desnecessário discutir aqui em detalhes as porções anteriores dessa profecia. Não há, na verdade, controvérsia alguma sobre seu caráter geral e abrangência; e tendo em mente a distinção entre o que é duvidado e o que é duvidoso, não precisa haver controvérsia sobre a identidade dos impérios ali descritos como Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Que o primeiro foi o reino de Nabucodonosor é dito claramente [Daniel 2:37,38] e uma visão posterior nomeia expressamente o império Medo-Persa e o império de Alexandre como sendo "reinos" distintos dentro do intervalo de tempo da profecia. [Daniel 8:20-21] O quarto império, portanto, precisa necessariamente ser Roma. Mas é suficiente aqui enfatizar o fato, revelado em termos mais claros a Daniel em seu exílio, e a Jeremias em meio às dificuldades em Jerusalém, que assim a soberania da terra, que tinha sido perdida por Judá, fora solenemente entregue aos gentios. [4] As únicas questões que surgem relacionam-se, primeiro ao caráter da catástrofe final simbolizada pela queda e destruição da estátua, e segundo ao tempo de seu cumprimento; e quaisquer dificuldades que tenham sido levantadas dependem de modo algum da linguagem da profecia, mas unicamente das visões preconcebidas dos intérpretes. Nenhum cristão duvida que "a pedra cortada sem o auxílio de mão" tipifica o próprio Cristo, ou Seu reino. É igualmente claro que a catástrofe ocorrerá quando o quarto império se tornar dividido, e for "por uma parte forte e por outra parte frágil". Portanto, seu cumprimento não poderia pertencer ao tempo do primeiro advento. Não menos claro é que seu cumprimento era para ser uma crise súbita, a ser seguida pelo estabelecimento de "um reino que não será jamais destruído". Portanto, ela se refere a eventos ainda por vir. Estamos lidando aqui, não com teorias proféticas, mas com o significado das palavras comuns; e o que a profecia prediz não é a ascensão e expansão de um "reino *espiritual*" no meio dos reinos terrenos, mas o estabelecimento de um reino que "esmiuçará e consumirá todos esses reinos". [5]

A interpretação do sonho do rei elevou imediatamente o cativo exilado ao cargo de Grão-Vizir de Babilônia [Daniel 2:48], uma posição de confiança e honra que ele provavelmente manteve até que foi exonerado ou se aposentou no cargo durante o reinado de um ou outro dos dois últimos monarcas que sucederam a Nabucodonosor no trono. A cena da noite fatal do banquete de Belsazar sugere que Daniel estava há tanto tempo afastado que o jovem rei regente não conhecia nada de sua fama. [6] No entanto, sua fama ainda era grande entre os mais velhos e, apesar de seus anos avançados, ele foi mais uma vez convocado para um cargo de alto escalão por Dario, quando o rei medo tornou-se o senhor da cidade das muralhas largas. [7]

Mas tanto na prosperidade quanto na aposentadoria, ele foi fiel ao Deus de seus pais. Os anos de sua infância em Jerusalém, embora politicamente tenebrosos e problemáticos, foram um período do mais brilhante reavivamento espiritual pelo qual sua nação já tinha sido abençoada, e ele carregou consigo para a corte de Nabucodonosor uma fé e piedade que suportaram todas as influências adversas que eram abundantes naquele cenário. [8]

O Daniel do segundo capítulo era um homem jovem que tinha acabado de entrar em uma carreira de extraordinária dignidade e poder, como poucos já conheceram. O Daniel do sétimo capítulo era um santo já idoso que, tendo passado por provações, ainda possuía um coração tão fiel a Deus e ao Seu povo como quando, alguns sessenta anos antes, ele entrou pelas portas da cidade das muralhas largas como um cativo e um estrangeiro sem amigos. A data da visão anterior foi aproximadamente o tempo da revolta de Joaquim, quando o orgulho racial e o credo ainda levavam os judeus a sonharem com a independência. Ao tempo da última visão mais de quarenta anos tinham se passado desde que Jerusalém tinha sido deixada em ruínas, e o último rei da casa de Davi tinha entrado acorrentado pelos portões de bronze da Babilônia.

Aqui novamente os principais contornos da profecia parecem claros. Enquanto os quatro impérios que foram destinados sucessivamente a deter o poder soberano durante "o tempo dos gentios" estão representados no sonho de Nabucodonosor pelas quatro divisões da grande estátua, eles estão aqui tipificados por quatro animais selvagens. [8] Os dez dedos da estátua no segundo capítulo têm suas correlações nos dez chifres do quarto animal no sétimo capítulo. O caráter e curso do quarto império são o assunto proeminente da visão posterior, mas ambas as profecias são igualmente explícitas que esse império em sua fase final será trazido para uma súbita e exemplar destruição por uma manifestação do poder divino na Terra.

Os detalhes da visão, embora interessantes e importantes, podem aqui passar sem observação porque a interpretação dada é tão simples e definitiva que as palavras não podem deixar espaço para dúvida em qualquer mente sem preconceitos. "Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, (*isto é*, reinos; compare verso 23) *que se levantarão da terra. Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e o possuirão para todo o sempre, e de eternidade em eternidade.*" [versos 17,18]

O profeta então começa a recapitular a visão e sua linguagem permite uma resposta explícita à única questão que pode sensatamente ser levantada sobre as palavras que acabam de ser citadas, isto é, se o "reino dos santos" seguirá imediatamente após o encerramento do quarto império gentílico. [10] Ele acrescenta, "Então tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro e as suas unhas de bronze; que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobrava; e também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça, e do outro que subiu, e diante do qual caíram três, isto é, daquele que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e cujo parecer era mais robusto do que o dos seus companheiros. Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles. Até que veio o ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino."

Essa foi a investigação da profecia. Aqui está a interpretação que lhe foi dada em resposta:

"O quarto animal será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços. E, quanto aos dez chifres, daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis. E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo. Mas o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim. E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão." [Daniel 7:19-27]

Se a história registra qualquer evento que possa estar dentro da abrangência dessa profecia é uma questão de opinião. Que ela ainda não foi *cumprida* é uma questão simples de ver. [12] A terra romana será um dia dividida em dez reinos separados, e a partir de um desses se levantará aquele terrível inimigo de Deus e de Seu povo, cuja destruição será um dos eventos do segundo advento de Cristo.

Notas de Rodapé do Capítulo 3

[1] "A porção caldéia de Daniel começa no quarto verso do segundo capítulo e continua até o fim do sétimo capítulo" - Tregelles, *Daniel*, pg 8.

[2] A seguinte análise do livro de Daniel pode ajudar no estudo do mesmo:

Cap. 1. A captura de Jerusalém. O cativo de Daniel e de seus três companheiros, e seus progressos em Babilônia. (606 AC).

Cap. 2. O sonho de Nabucodonosor da Grande Estátua (603-602 AC).

Cap. 3. A estátua de ouro de Nabucodonosor é levantada para todos seus súditos adorarem. Os três companheiros de Daniel são lançados na fornalha de fogo.

Cap. 4. O sonho de Nabucodonosor sobre sua própria loucura e a interpretação de Daniel.

Cap. 5. O banquete de Belsazar. Babilônia é conquistada por Dario, o medo (538 AC).

Cap. 6. Daniel é promovido por Dario; recusa-se a adorá-lo e é lançado na cova dos leões. Seu livramento e subsequente prosperidade (537 AC ?).

Cap. 7. A visão de Daniel dos Quatro Animais (541 AC ?)

Cap. 8. A visão de Daniel do Carneiro e do Bode (539 AC ?)

Cap. 9. A oração de Daniel: a profecia das Setenta Semanas (538 AC)

Caps. 10-12: A última visão de Daniel (534 AC)

[3] A dificuldade conectada com a data desta visão (o segundo ano de Nabucodonosor) é considerada no Apêndice 1, *post*.

[4] Confirma Daniel 2:38 e Jeremias 27:6-7. - A afirmação de Gênesis 49:10 pode parecer à primeira vista chocar com esta: "O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos." Mas, como provam os eventos, isso não pode significar que o poder real era para ser exercido pela casa de Judá até o advento de Cristo. Hengstenberg corretamente interpretou isto (*Christology*, Arnold's trans. Cap. 78): "Judá não cessará de existir como uma tribo, nem perderá sua superioridade, até que será exaltado para honra e glória maiores por meio do grande Remidor, que brotará dele, e a quem não somente os judeus, mas todas as nações da terra obedecerão." Como ele indica, "até frequentemente significa até e após." (Veja Gênesis 28:15) O significado da profecia, portanto, não era que Judá iria exercer o poder real até Cristo, e então perdê-lo; que é a manca e insatisfatória explicação geralmente adotada; mas que a preeminência de Judá deve ser irrevogavelmente estabelecida em Cristo - não espiritualmente, mas de fato, no reino a respeito do qual Daniel profetiza.

[5] Acreditar que tal profecia possa algum dia ser realizada pode parecer fanatismo e tolice, mas pelo menos vamos aceitar a linguagem das Escrituras, e não cair no cego absurdo de esperar o cumprimento de teorias baseadas naquilo que os homens conjecturam que os profetas devem ter predito.

[6] Isso aparece a partir da linguagem da rainha-mãe, em Daniel 5:10-12. Mas a passagem em 8:27 mostra que Daniel ainda exercia algum cargo na corte.

[7] Daniel 6:1-2. Daniel não poderia ter menos de oitenta anos naquele tempo. Veja a tabela cronológica no Apêndice 1, post.

[8] É improvável que Daniel tivesse menos de 21 anos de idade quando foi colocado na chefia do império no segundo ano de Nabucodonosor. A idade até a qual ele viveu torna igualmente improvável que ele tivesse mais. Seu nascimento teria ocorrido, conforme sugerido anteriormente, em aproximadamente 625 AC, na época de Nabopolassar e cerca de três anos depois da morte de Josias, um tipo de rei que nunca tinha havido em Israel, desde os dias de Samuel [2 Crônicas 35:18-19; 2 Reis 23:25]

[9] O seguinte é a visão conforme registrada em Daniel 7:2-14:

"Falou Daniel, e disse: Eu estava olhando na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar grande. E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como leão, e tinha asas de águia; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as asas, e foi levantado da terra, e posto em pé como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem. Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes; e foi-lhe dito assim: Levanta-te, devora muita carne. Depois disto, eu continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha quatro asas de ave nas suas costas; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio. Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres. Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas. Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. Então estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que o chifre proferia; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo; e, quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia foi-lhes prolongada a vida até certo espaço de tempo. Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído."

[10] Certos autores advogam uma interpretação dessas visões que associa os "quatro reinos" a Babilônia, Média, Pérsia e Grécia. Essa visão, com a qual o nome do professor Wescott está identificado, afirma observar meramente a ordem para distingui-la de outra com a qual ela tem sido confundida, até em uma obra de pretensões como *The Speaker's Commentary* (vol. 6, pg 333, *Excursus on the Four Kingdoms*). O experiente autor de *Ordo Saeclorum* (Cap. 616, etc.), citando Maitland, que por sua vez segue Lacunza (Ben Ezra), argumenta que a ascensão de Dario, o medo, ao trono de Babilônia não envolveu uma mudança do império. Além disso, esses autores defendem a idéia que a descrição do terceiro reino faz lembrar Roma, em vez de a Grécia. Portanto, de acordo com essa visão, os reinos são Babilônia, o

primeiro; Pérsia, o segundo; Roma, o terceiro; o quarto será um reino futuro que se levantará nos últimos dias. Mas, conforme já observado (pg 32, *ante*), o livro de Daniel distingue expressamente Babilônia, Média, Pérsia e Grécia como "reinos" dentro da abrangência da profecia.

[11] Daniel 7:19-27. Sobre essa visão, veja Pusey, *Daniel*, pg 78-79

[12] Apela-se para o estado da Europa durante e após o desmembramento do Império Romano como um cumprimento disso, ignorando o fato que o território que Augusto governou incluía um distrito considerável tanto na Ásia quanto na África. Mas isso não é tudo. Não há presunção contra encontrar em tempos passados uma realização parcial dessa profecia, mas o fato que vinte e oito diferentes listas, incluindo sessenta e cinco "reinos" têm sido apresentados na controvérsia, é uma prova de quão sem valor é a evidência de qualquer um desses cumprimentos.

CAPÍTULO 4

A VISÃO JUNTO AO RIO ULAI

"O tempo dos gentios"; foi assim que o próprio Cristo descreveu a era da supremacia dos gentios. Os homens vieram a considerar a Terra como seu próprio domínio e a rejeitar a idéia da interferência divina em seus negócios. Mas, embora os monarcas pareçam dever seus tronos às reivindicações dinásticas, a espada ou às urnas -, e em sua capacidade individual o título possa depender unicamente destas, - o poder que eles detêm é delegado divinamente, pois o "[Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quiser.](#)" [Daniel 4:25]

No exercício dessa alta prerrogativa, Deus tomou o cetro que tinha confiado à casa de Davi e o transferiu às mãos dos gentios; a história desse cetro durante todo o período, desde o início até o encerramento dos tempos dos gentios, é o assunto das primeiras visões do profeta.

A visão do Capítulo 8 de Daniel tem uma abrangência mais estreita. Ela trata somente dos dois reinos que estavam representados pela porção do meio, os braços e o peito, da estátua do segundo capítulo. O Império Medo-Persa, e a relativa superioridade da nação mais jovem, estão representados por um carneiro com dois chifres, um dos quais era mais alto que o outro, embora tenha crescido por último. A ascensão do Império Grego sob a liderança de Alexandre, seguida por sua divisão entre seus quatro sucessores, é tipificada pelo bode com um único chifre entre os olhos; esse chifre quebrou e deu lugar a quatro chifres que surgiram a partir dele. A partir de um desses chifres surgiu um chifre pequeno, representando um rei que se tornaria famoso como blasfemador de Deus e perseguidor do Seu povo.

Que a carreira de Antíoco Epifânio esteve de uma forma especial dentro da abrangência e significado dessa profecia é algo inquestionável. Que o cumprimento final dela pertence a um tempo futuro, embora não tão geralmente admitido, é mesmo assim suficientemente claro. A prova disso é dupla: Primeiro, não pode deixar de ser reconhecido que seus mais chocantes detalhes ainda permanecem totalmente sem cumprimento. [1] Segundo, os eventos descritos são expressamente definidos como do "último tempo da ira", [Daniel 8:19] que é "a grande tribulação" dos últimos dias, [Mateus 24:21] "o tempo de angústia" que precederá imediatamente a completa libertação de Judá. [2]

Entretanto, é desnecessário embarçar ainda mais o assunto especial destas páginas com qualquer uma dessas discussões. No que interessa à presente investigação, essa visão do carneiro e do bode é importante principalmente como explicação das visões que a precedem. [3]

Um ponto de contraste com a profecia do quarto reino gentio exige uma observação muito enfática. A visão do reinado de Alexandre, seguida pela divisão de seu império em quatro partes, sugere uma rápida seqüência de eventos, e a história dos trinta e três anos entre as batalhas de Isso e Ipso. [4] compõem a total realização da profecia. Mas o aparecimento dos dez chifres no quarto animal na visão

do Capítulo 7, parece estar dentro de um período tão breve quanto foi o surgimento dos quatro chifres no bode no Capítulo 8; ao mesmo tempo que está claro nas páginas da história que essa divisão em dez partes do Império Romano nunca ocorreu. Uma data definitiva pode ser atribuída ao advento dos três primeiros reinos da profecia; e se a data da batalha de Actium for tomada como a época inicial do monstro híbrido que preencheu as cenas finais da visão do profeta - e nenhuma data *posterior* será atribuída a ela - segue-se que ao interpretar a profecia, podemos eliminar a história do mundo desde o tempo de Augusto até a hora presente, sem perder a seqüência da visão. [5] Ou, em outras palavras, a visão do profeta no futuro desconsiderou totalmente estes dezenove séculos da nossa era. Como quando os picos das montanhas se destacam juntos no horizonte, parecendo quase se tocar, apesar de uma ampla expansão de rio, campos e colinas que possam existir no meio, assim apareciam na visão do profeta esses eventos de tempos agora distantes no passado, e tempos ainda futuros.

E, com o Novo Testamento em nossas mãos, revelaríamos estranha e obstinada ignorância se duvidássemos do projeto deliberado que deixou esse longo intervalo da nossa era cristã como um branco nas profecias de Daniel. A revelação mais explícita do Capítulo 9 permite o cálculo dos anos até o primeiro advento do Messias. Mas se esses dezenove séculos tivessem sido acrescentados à cronologia do período para ficar antes de o reino prometido pudesse ser iniciado, como poderia o Senhor ter tomado o testemunho ao cumprimento próximo dessas mesmas profecias e ter proclamado que o reino estava próximo? [6] Aquele que conhece todos os corações, conhece bem a questão; mas o pensamento é ímpio que a proclamação não foi genuína e verdadeira no sentido mais estrito possível; e teria sido enganosa e falsa tivesse a profecia predito um longo intervalo da rejeição de Israel antes que a promessa pudesse ser realizada.

Portanto, é assim que os dois adventos de Cristo são trazidos aparentemente juntos nas Escrituras do Velho Testamento. As correntes de superfície da responsabilidade humana e da culpa humana não são afetadas pela maré imutável e profunda do conhecimento prévio e da soberania de Deus. A responsabilidade dos judeus era real, e a culpa deles estava sem desculpas, pois rejeitaram seu Rei e Salvador, que tinha sido prometido há tanto tempo. Eles não foram as vítimas de um destino inexorável que os arrastou para sua condenação, mas agentes livres que usaram sua liberdade para crucificar o Senhor da Glória. "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos", foi seu terrível e ímpio grito diante do tribunal de Pilatos e, por dezoito séculos o julgamento tem sido dado a eles, para alcançar seu clímax no advento do "tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo." [7]

Essas visões estavam cheias de mistério para Daniel e ocuparam a mente do velho profeta com pensamentos perturbadores. [Daniel 7:28; 8:27] Uma longa vista dos eventos parecia assim estar diante da realização das bênçãos prometidas à sua nação e, apesar disso, essas mesmas revelações tornavam essas bênçãos ainda mais certas. Antes disso, ele tinha testemunhado a destruição do poder babilônio e vira um rei estranho ser entronizado dentro da cidade das muralhas largas. Mas a mudança não trouxe esperança a Judá. Daniel foi restaurado à posição de poder e dignidade que tinha mantido durante tanto tempo no reinado de Nabucodonosor, [Daniel 2:48; 6:2] mas mesmo assim continuava sendo um exilado; seu povo estava em cativeiro, sua cidade em ruínas, e sua terra transformada em um deserto. E o mistério foi somente aprofundado quando ele se voltou para as profecias de Jeremias, que fixaram em setenta anos o tempo destinado das "desolações de Jerusalém" [Daniel 9:2]. Assim, com orações e súplicas, com jejum, e saco e cinzas, ele se lançou diante da presença de Deus; como um príncipe entre seu povo, confessando a apostasia nacional, e implorando por restauração e perdão. E, quem pode ler essa oração sem se sensibilizar?

"Ó Senhor, segundo todas as tuas justiça, aparte-se a tua ira e o teu furor da tua cidade de Jerusalém, do teu santo monte; porque por causa dos nossos pecados, e por causa das iniquidades de nossos pais, tornou-se Jerusalém e o teu povo um opróbrio para todos os que estão em redor de nós. Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo, e as suas súplicas, e sobre o teu santuário assolado fazes resplandecer o teu rosto, por amor do Senhor. Inclina, ó Deus meu, os teus ouvidos, e ouve; abre os teus olhos, e olha para a nossa desolação, e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não

lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiça, mas em tuas muitas misericórdias. Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age sem tardar; por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome." [Daniel 9:16-19]

Enquanto Daniel estava assim "falando em oração", o anjo Gabriel mais uma vez apareceu a ele, [Daniel 9:21; veja 8:16] aquele mesmo mensageiro angelical que anunciou tempos mais tarde o nascimento do Salvador em Belém - e, em resposta às suas súplicas, entregou ao profeta a grande predição das setenta semanas.

Notas de Rodapé do Capítulo 4

[1] Faço alusão aos 2.300 dias do verso 14, e à afirmação do verso 25, "E se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas sem mão será quebrado."

[2] "... e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro." - isto é, os judeus [Daniel 12:1]

[3] O seguinte é a visão do Capítulo 8:

"No ano terceiro do reinado do rei Belsazar apareceu-me uma visão, a mim, Daniel, depois daquela que me apareceu no princípio. E vi na visão; e sucedeu que, quando vi, eu estava na cidadela de Susã, na província de Elão; vi, pois, na visão, que eu estava junto ao rio Ulai. E levantei os meus olhos, e vi, e eis que um carneiro estava diante do rio, o qual tinha dois chifres; e os dois chifres eram altos, mas um era mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último. Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte e para o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir; nem havia quem pudesse livrar-se da sua mão; e ele fazia conforme a sua vontade, e se engrandecia. E, estando eu considerando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; e aquele bode tinha um chifre insigne entre os olhos. E dirigiu-se ao carneiro que tinha os dois chifres, ao qual eu tinha visto em pé diante do rio, e correu contra ele no ímpeto da sua força. E vi-o chegar perto do carneiro, enfurecido contra ele, e ferindo-o quebrou-lhe os dois chifres, pois não havia força no carneiro para lhe resistir, e o bode o lançou por terra, e o pisou aos pés; não houve quem pudesse livrar o carneiro da sua mão. E o bode se engrandeceu sobremaneira; mas, estando na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado; e no seu lugar subiram outros quatro também insignes, para os quatro ventos do céu. E de um deles saiu um chifre muito pequeno, o qual cresceu muito para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa. E se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou. E se engrandeceu até contra o príncipe do exército; e por ele foi tirado o sacrifício contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra. E um exército foi dado contra o sacrifício contínuo, por causa da transgressão; e lançou a verdade por terra, e o fez, e prosperou. Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados? E ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado. E aconteceu que, havendo eu, Daniel, tido a visão, procurei o significado, e eis que se apresentou diante de mim como que uma semelhança de homem. E ouvi uma voz de homem entre as margens do Ulai, a qual gritou, e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão. E veio perto de onde eu estava; e, vindo ele, me amedrontei, e caí sobre o meu rosto; mas ele me disse: Entende, filho do homem, porque esta visão acontecerá no fim do tempo. E, estando ele falando comigo, caí adormecido com o rosto em terra; ele, porém, me tocou, e me fez estar em pé. E disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira; pois isso pertence

ao tempo determinado do fim. Aquele carneiro que viste com dois chifres são os reis da Média e da Pérsia, mas o bode peludo é o rei da Grécia; e o grande chifre que tinha entre os olhos é o primeiro rei; o ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não com a força dele. Mas, no fim do seu reinado, quando acabarem os prevaricadores, se levantará um rei, feroz de semblante, e será entendido em adivinhações. E se fortalecerá o seu poder, mas não pela sua própria força; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os poderosos e o povo santo. E pelo seu entendimento também fará prosperar o engano na sua mão; e no seu coração se engrandecerá, e destruirá a muitos que vivem em segurança; e se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas sem mão será quebrado. E a visão da tarde e da manhã que foi falada, é verdadeira. Tu, porém, cerra a visão, porque se refere a dias muito distantes. E eu, Daniel, enfraqueci, e estive enfermo alguns dias; então levantei-me e tratei do negócio do rei. E espantei-me acerca da visão, e não havia quem a entendesse."

[4] Foi a batalha de Isso, em 333 AC, não a vitória de Granico no ano precedente, que fez de Alexandre o senhor da Palestina. A batalha decisiva que trouxe o império persa a um fim, foi em Arbela, em 331 AC. Alexandre morreu em 323 AC, e a distribuição definitiva de seus territórios entre seus quatro principais generais, seguiu a batalha de Ipso, em 301 AC. Nessa divisão, a parte de Seleuco incluiu a Síria ("o rei do norte"), e Ptolomeu ficou com a Terra Santa e com o Egito ("o rei do sul"); mas a Palestina depois disso foi conquistada e mantida pelos selêucidas. Cassandro ficou com a Macedônia e a Grécia; e Lisímaco recebeu a Trácia, parte da Bitínia e os territórios entre elas e o rio Meandro.

[5] O mesmo comentário aplica-se à visão do segundo capítulo, a ascensão do Império Romano, sua futura divisão, e sua destruição final, sendo apresentado em uma única visão.

[6] Isto é, o reino conforme Daniel tinha profetizado acerca dele. Sobre isso, veja Pusey, *Daniel*, pg 84.

[7] Daniel 12:1; Mateus 24:21. Discutir qual teria sido o curso dos eventos tivessem os judeus aceitado a Cristo é mera frivolidade. Mas é legítimo investigar como os judeus que creram, inteligentes nas profecias, puderam ter esperado o reino, vendo que a divisão em dez partes do Império Romano e a ascensão do "chifre pequeno" tinham de ocorrer primeiro. A dificuldade desaparecerá se observarmos quão subitamente o Império Grego foi desmembrado com a morte de Alexandre. De maneira similar, a morte de Tibério poderia ter levado à divisão imediata dos territórios de Roma e a ascensão do perseguidor predito. Em uma palavra, tudo o que restava não cumprido das profecias de Daniel poderia ter sido cumprido nos anos que ainda tinham de transcorrer das setenta semanas.

CAPÍTULO 5

A MENSAGEM DO ANJO

"Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santíssimo. [1] Sabe e entende: desde a saída da ordem [2] para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos. E depois das sessenta e duas semanas será cortado o Messias, mas não para si mesmo; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações. E ele firmará aliança [3] com muitos

por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador." [Daniel 9:24-27]

Essa foi a mensagem confiada ao anjo em resposta à oração do profeta suplicando por misericórdias sobre Judá e Jerusalém.

A quem apelaremos para uma interpretação da predição? Não aos judeus, é claro, pois embora sejam os sujeitos da profecia, e de todos os homens os mais profundamente interessados em seu significado, por rejeitarem o cristianismo, estão inclinados a falsificarem não somente a história, mas suas próprias Escrituras. Não também ao teólogo que tem teorias proféticas a vindicar, e que, ao descobrir, talvez, alguma era de sete vezes setenta na história de Israel, conclui que solucionou o problema, ignorando o fato que a história estranha desse povo maravilhoso é marcada em todo seu curso por ciclos cronológicos de setenta e múltiplos de setenta. Mas qualquer homem de mente não preconceituosa que leia as palavras sem quaisquer comentários, exceto as próprias Escrituras e a história da época, prontamente admitirá que em certos pontos principais o significado delas é inequívoco.

1. Foi assim revelado que as bênçãos completas prometidas aos judeus deveriam ser adiadas até o fechamento de um período de tempo, descrito como "setenta semanas", após o que a cidade e o povo de Daniel [4] seriam estabelecidos nas bênçãos do tipo mais pleno possível.
2. Outro período composto de sete semanas mais sessenta e duas semanas é especificado com igual certeza.
3. Essa segunda era inicia com a emissão do edito para a reconstrução de Jerusalém - não do templo, mas da cidade; porque, para remover todas as dúvidas, "as ruas e o muro" [5] são enfaticamente mencionados; e um evento definido, descrito como o corte do Messias, marca o encerramento dela.
4. O início da semana requerida (em adição às sessenta e nove) para completar as setenta será sinalizado pela assinatura de uma aliança, ou tratado, por um personagem descrito como "o príncipe que há de vir"; essa aliança será violada na metade da semana pela supressão da religião dos judeus. [6]
5. Portanto, a era completa das setenta semanas e o período menor de sessenta e nove semanas, têm sua origem no mesmo ponto inicial. [7]

Assim, a primeira questão que surge é se a história registra qualquer evento que marca sem erro o início da era.

Certos autores, tanto cristãos quanto judeus, assumiram que as setenta semanas começaram no ano primeiro de Dario, a data da própria profecia; e assim caíram em um erro bem no início da investigação e chegaram a conclusões necessariamente errôneas. As palavras do anjo são inequívocas: "Desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas." Que Jerusalém foi na verdade reconstruída como uma cidade fortificada é absolutamente certo e inequívoco; a única questão é se a história registra o edito para a restauração da cidade.

Quando nos voltamos para o livro de Esdras, três decretos de reis persas chamam a atenção. Os versos de abertura falam daquele estranho edito pelo qual Ciro autorizou a construção do templo. Mas aquela "casa do SENHOR Deus de Israel" é especificada com tal definição exclusiva que não pode de modo algum satisfazer as palavras de Daniel. Realmente, a data desse decreto permite prova conclusiva que ele não foi o início das setenta semanas. Setenta anos foi a duração indicada para a servidão a Babilônia. [Jeremias 27:6-7; 29:10] Mas outro julgamento de setenta anos de "desolações" foi decretado durante o

reinado de Zedequias, [8] por causa da contínua desobediência e rebelião. Como um intervalo de dezessete anos transcorreu entre a data da servidão e o início das "desolações", assim por dezessete anos o segundo período se sobrepôs ao primeiro. A servidão terminou com o decreto de Ciro. As desolações continuaram até o segundo ano de Dario Histapes. [9] Essa foi a era das *desolações*, e não a da servidão, que Daniel tinha em vista. [10]

O decreto de Ciro foi o cumprimento divino da promessa feita a todos do cativo no capítulo 29 de Jeremias e, de acordo com essa promessa, a mais plena liberdade foi concedida aos exilados para retornarem à Palestina. Mas até que a era das desolações tivesse completado seu curso, nem uma pedra seria colocada sobre outra no Monte Moriá. E isso explica o aparentemente inexplicável fato que o decreto para reconstruir o templo, emitido por Ciro no auge de seu poder, permaneceu em suspensão até sua morte; porque alguns samaritanos resistentes conseguiram estorvar a execução desse edito solene emitido por um déspota oriental, um edito para o qual uma sanção divina parecia confirmar a vontade inalterada de um rei medo-persa. [11]

Quando os anos das desolações expiraram, uma ordem divina foi promulgada para a construção do santuário e, em obediência a ela, sem esperarem pela permissão da capital, os judeus retornaram ao trabalho que por tanto tempo ficou interrompido. [Esdras 5:1,2,5] A onda de agitação política que tinha levado Dario ao trono da Pérsia, foi aumentada pelo fervor religioso contra a idolatria dos magos. [12] O momento, portanto, era auspicioso para os israelitas, cuja adoração a Jeová recebia a simpatia da fé dos zoroastristas; e quando as notícias chegaram ao palácio da ação aparentemente sediciosa em Jerusalém, Dario fez a busca nos arquivos babilônios de Ciro e, encontrando o decreto de seu predecessor, emitiu uma ordem para colocá-lo em efeito. [Esdras 6]

Esse é o segundo evento que permite um possível início para as setenta semanas. [13] Mas embora argumentos plausíveis possam ser apresentados para provar que, ou considerado como um edito independente, ou como um edito que deu efeito prático ao decreto de Ciro, o mandado de Dario foi o início do período profético, a resposta é clara e completa, que ele deixa de satisfazer às palavras do anjo. Por mais que seja dito, o fato permanece, que embora as "desolações" tenham sido cumpridas, nem a abrangência do edito real, nem a ação dos judeus na busca desse edito, foram além da construção do templo, enquanto que a profecia predisse um decreto para a construção da cidade; não das ruas somente, mas das fortificações de Jerusalém.

Cinco anos foram suficientes para a erigir a construção que serviria como um santuário para Judá durante os cinco séculos que se seguiram. [14] Mas, em notável contraste com o templo que foi erigido nos dias quando a magnificência de Salomão tornou o ouro tão comum em Jerusalém quanto o bronze, nenhum móvel caro adornava a segunda casa, até o sétimo ano de Artaxerxes Longimano, quando os judeus obtiveram uma carta do rei com a permissão para "ornar a casa do SENHOR" [Esdras 7:19,27] Essa carta também autorizou Esdras a retornar a Jerusalém com os judeus que quisessem acompanhá-lo e restaurar plenamente a adoração no templo e as ordenanças da religião. Mas esse decreto não faz qualquer referência à construção e poderia ter passado sem ser notado se não fosse pelo fato de tantos autores o terem fixado como o início do período da profecia. O templo já tinha sido construído muitos anos antes e a cidade ainda estava em ruínas treze anos depois. O livro de Esdras, portanto, será pesquisado em vão por qualquer menção de uma "ordem para restaurar e edificar a Jerusalém". Mas somente precisamos nos voltar para o livro seguinte no cânon das Escrituras para encontrarmos o registro que procuramos.

O livro de Neemias inicia relatando que enquanto ele estava em Susã, era o copeiro do rei, "uma honra de não pequena importância na Pérsia". [16] Certos de seus irmãos chegaram da Judéia e ele lhes perguntou pelos "judeus que escaparam, e que restaram do cativo, e acerca de Jerusalém." Os emigrantes disseram que todos estavam "em grande miséria e desprezo, o muro de Jerusalém fendido e as suas portas queimadas a fogo." [Neemias 1:2] O primeiro capítulo termina com o registro da súplica de Neemias ao Deus dos céus. O segundo capítulo narra como "no mês de nisã, no ano vigésimo do rei Artaxerxes", ele estava executando as tarefas de seu cargo e, estando diante do rei, o aspecto de sua face revelava tristeza, o que chamou a atenção de Artaxerxes. "Viva o rei para sempre", respondeu Neemias,

"Como não estaria triste o meu rosto, estando a cidade, o lugar dos sepulcros de meus pais, assolada, e tendo sido consumidas as suas portas a fogo?" "Que me pedes agora?", perguntou o rei. Então Neemias respondeu assim: "Se é do agrado do rei, e se o teu servo é aceito em tua presença, peço-te que me envies a Judá, à cidade dos sepulcros de meus pais, para que eu a reedifique." [Neemias 2:5] Artaxerxes atendeu à petição e emitiu as ordens necessárias para efetivá-la. Quatro meses mais tarde, mãos pressurosas estavam ocupadas trabalhando nas ruínas do muro de Jerusalém e, antes da Festa dos Tabernáculos, a cidade estava novamente cercada por um muro e portas. [Neemias 6:15]

Mas, tem sido dito, "O decreto do ano vigésimo de Artaxerxes é apenas uma expansão e renovação de seu primeiro decreto, como o decreto de Dario confirmou o de Ciro." [17] Se essa afirmação não tivesse a sanção de um grande nome, não mereceria nem mesmo uma observação rápida. Se fosse dito que o decreto de ano sétimo de Artaxerxes foi apenas uma "expansão e renovação" dos editos de seus predecessores, a afirmação seria estritamente correta. Esse decreto foi principalmente uma autorização para "ornar a casa do SENHOR, que está em Jerusalém" [Esdras 7:27] estendendo os decretos pelos quais Ciro e Dario permitiram que os judeus reedificassem. O resultado seria criar um belo santuário no meio de uma cidade em ruínas. O movimento no sétimo ano de Artaxerxes foi principalmente um reavivamento religioso, [Esdras 7:10] sancionado e subsidiado pelo favor do rei; mas o evento desse vigésimo ano foi nada menos que a restauração da autonomia de Judá. A execução do trabalho que Ciro autorizou foi obstruída pela falsa acusação que os inimigos dos judeus levaram ao palácio, que o objetivo deles era reconstruir não apenas o templo, mas a cidade. "Uma cidade rebelde e danosa aos reis e províncias, e que nela houve rebelião em tempos antigos; por isso foi aquela cidade destruída." - eles disseram em verdade. "Nós, pois, fazemos notório ao rei que, se aquela cidade se reedificar, e os seus muros se restaurarem, sucederá que não terás porção alguma deste lado do rio." [18] Permitir a construção do templo era meramente conceder a um povo conquistado o direito de adorar de acordo com a lei do seu Deus, pois a religião dos judeus não conhece adoração longe dos montes de Sião. Foi um evento vastamente diferente quando aquele povo recebeu a permissão de erguer novamente as fortificações de sua cidade e, protegidos atrás daqueles muros, restaurarem, sob a liderança de Neemias, a antiga política de governo dos juízes. [19] Essa foi uma restauração da existência nacional de Judá e, portanto, é adequadamente escolhida como a data inicial do período profético das setentas semanas.

A dúvida que tem surgido sobre o ponto pode servir como uma ilustração do extraordinário viés que parece governar a interpretação das Escrituras, em conseqüência da qual o significado simples das palavras é criado para dar lugar ao remoto e menos provável. E para a mesma causa precisa ser atribuída a dúvida que alguns têm sugerido com relação à identidade do rei aqui citado como Artaxerxes Longimano. [20]

A questão permanece, se a data desse edito pode ser confirmada com exatidão. Aqui, um fato notável requer atenção. Na narrativa sagrada, a data do evento que marcou o início das setenta semanas é fixada somente por referência à era do reinado de um rei persa. Portanto, precisamos recorrer à história secular para nos certificarmos da data, e a história registra as datas a partir deste exato período. Heródoto, "o pai da história", foi um contemporâneo de Artaxerxes e visitou a corte persa. [21] Tucídides, "o príncipe dos historiadores" também foi seu contemporâneo. Nas grandes batalhas de Maratona e Salamina, a história da Pérsia tinha se tornado interligada com os eventos na Grécia, pelos quais sua cronologia pode ser confirmada e testada; e as principais eras cronológicas da Antigüidade eram correntes naquele tempo. [22] Portanto, nenhum elemento está em falta para nos permitir fixar com exatidão e certeza a data do edito de Neemias.

Verdade é que na história, a menção do "ano vigésimo de Artaxerxes" deixaria em dúvida se a era do seu reinado foi reconhecida desde sua ascensão ao trono, ou a partir da morte de seu pai; [23] mas a narrativa de Neemias remove toda a ambigüidade que possa existir. O assassinato de Xerxes e o início do reinado de sete meses de usurpador Artabano foi em julho de 465; a ascensão de Artaxerxes foi em fevereiro de 464 AC; [24] Uma ou outra dessas datas, portanto, precisa ser o início do reinado de Artaxerxes. Mas, como Neemias menciona o mês de quislev (novembro) do ano, e o seguinte nisã (março) como sendo no mesmo ano do reinado do monarca, é óbvio que, como poderia ser esperado de

um oficial da corte, ele considerou o tempo da ascensão de direito do rei, isto é, de julho de 465 AC. O vigésimo ano de Artaxerxes, portanto, começou em julho de 446 AC e a ordem para reconstruir Jerusalém foi dada no mês de nisã seguinte. O início do ciclo profético é assim definitivamente fixado como no mês nisã do calendário judaico, no ano 445 AC.

Notas de Rodapé do Capítulo 5

[1] "A expressão em nem um único caso se aplica a qualquer *pessoa*." - Tregelles, *Daniel*, pg 98. "Essas palavras são aplicadas ao Nazareno, embora essa expressão nunca seja aplicada a uma pessoa em toda a Bíblia, mas invariavelmente indica parte do templo, o santo dos santos." - Dr. Herman Adler, *Sermons* (Trubner, 1869)

[2] "A partir da emissão do decreto." - Tregelles, *Daniel*, pg 96.

[3] Não o concerto (como na A. V.: veja margem). Essa palavra é traduzida aliança quando coisas divinas estão em questão; e acordo quando, como aqui, um tratado ordinário está em vista (Confira Josué 9:6,7,11,15,16).

[4] Se as palavras dos versos 24 e 25 não convencem que Judá e Jerusalém são os sujeitos da profecia, o leitor tem apenas de compará-las com os versos precedentes, especialmente 2, 7, 12, 16,18 e 19.

[5] Literalmente "as circunvalações" ou "escarpas dos muros" - Tregelles, *Daniel*, pg 90.

[6] O personagem referido no verso 27 não é o Messias, mas o segundo príncipe citado no verso 26. A teoria que ganhou aceitação, que o Senhor fez um pacto de sete anos com os judeus no início de seu ministério, mereceria um lugar proeminente em uma enciclopédia de extravagâncias do pensamento religioso. Sabemos da velha aliança, que foi ab-rogada, e da nova aliança, que é para sempre; mas a extraordinária idéia de um pacto de sete anos entre Deus e os homens não tem uma sombra de fundamento nas Escrituras e é profundamente oposta ao seu espírito.

[7] "Todo o período de setenta semanas está dividido em três períodos sucessivos - sete, sessenta e dois, uma, e a última semana está dividida em duas metades. É evidente que como essas partes, sete, sessenta e duas, e uma, são iguais ao todo, elas deveriam ser setenta." - Pusey, *Daniel*, pg 170.

[8] Foi previsto no quarto ano de Jeoiaquim, isto é, o ano após o início da servidão (Jeremias 25:1,11).

[9] As Escrituras assim distinguem três eras diferentes, todas em parte concorrentes, que vieram a ser chamadas de "o cativeiro". Primeiro, a servidão; segundo, o cativeiro de Jeoiaquim; e terceiro, as desolações. "A servidão" começou no terceiro ano de Jeoiaquim, isto é, em 606 AC, ou antes de primeiro de nisã (abril) de 605 AC, e foi trazida ao fim por um decreto de Ciro setenta anos mais tarde. "O cativeiro" começou no oitavo ano de Nabucodonosor, de acordo com a era de seu reinado nas Escrituras, isto é, é 598 AC; e as desolações começaram em seu sétimo ano, em 589 AC, e terminaram no segundo ano de Dario Histaspes - novamente um período de setenta anos. Veja no Apêndice 1 as questões cronológicas aqui envolvidas.

[10] Daniel 9:2 é explícito neste ponto: "... eu, Daniel, entendi pelos livros que o número dos anos, de que falara o SENHOR ao profeta Jeremias, em que haviam de cumprir-se as desolações de Jerusalém, era de setenta anos."

[11] "A lei dos medos e dos persas, que não se pode revogar." [Daniel 6:12]. O cônego Rawlinson assume que o templo estava há quinze ou dezesseis anos em construção, antes da obra ser paralisada pelo decreto de Artaxerxes, mencionado em Esdras 4. (*Five Great Mon.*, vol 4, pg 389). Mas isso é inteiramente contrário às Escrituras. O alicerce do templo foi lançado no segundo ano de Ciro (Esdras 3:8-11), mas nenhum progresso foi feito até o segundo ano de Dario, quando o alicerce foi lançado

novamente, por que nenhuma pedra da casa tinha ainda sido colocada. [Ageu 2:10,15,18]. A construção, uma vez iniciada, foi completada em cinco anos (Esdras 6:15). Precisa ser lembrado que o altar foi erguido e o sacrifício foi renovado imediatamente após o retorno dos exilados (Esdras 3:3,6).

[12] *Five Great Mon.*, vol. 4, pg 405. Mas o cônego Rawlinson está totalmente enganado ao inferir que o zelo religioso conhecido de Dario foi o motivo que o levou à ação dos judeus. Veja Esdras 5.

[13] Essa é a época fixada por Bosanquet em *Messiah the Prince*.

[14] O templo foi iniciado no segundo e completado no sexto ano do reinado de Dario (Esdras 4:24; 6:15).

[15] Para uma descrição das ruínas do grande palácio em Susã, veja *Travels and Research in Chaldea and Susiana*, de Wm. Kenneth Loftus, cap. 28.

[16] Heródoto, 3, 34.

[17] Pusey, *Daniel*, pg 11. O Dr. Pusey acrescenta, "A pequena colônia que Esdras tomou com ele de 1.683 homens (com mulheres e crianças, cerca de 8.400 almas) foi uma adição considerável àqueles que tinham retornado anteriormente e *envolveu uma reconstrução de Jerusalém*. Essa reconstrução da cidade e a reorganização política, iniciada por Esdras, e continuada e aperfeiçoada por Neemias, correspondem com as palavras de Daniel. "Desde a saída da ordem para restaurar e edificar a Jerusalém" (pg 172) Esse argumento é o mais fraco imaginável, e realmente essa referência ao decreto do sétimo ano de Artaxerxes é uma grande mancha no livro do Dr. Pusey. Se uma imigração de 8.400 almas envolveu a reconstrução da cidade, e portanto, marcou o início das setenta semanas, o que se pode dizer da imigração de 49.697 almas setenta e oito anos antes? (Esdras 2:64,65). Isso não envolveu uma reconstrução? Mas, o Dr. Pusey diz, "*O termo também corresponde*", isto é, os 483 anos, até o tempo de Cristo. Aqui é obviamente a base real para ele fixar a data 457 AC, ou mais corretamente, 458, conforme dada por Prideaux, a quem infelizmente o Dr. Pusey seguiu neste ponto. Com mais ingenuidade o autor de *The Connection* argumenta que os anos não batem se qualquer outra data for atribuída e, portanto, o decreto do ano sétimo de Artaxerxes precisa estar correto! (Prid. *Con*, 1, 5, 458 AC.) Tal sistema de interpretação tem feito muito para desacreditar o estudo das profecias.

[18] Isto é, do Eufrates, Esdras 4:16.

[19] "Este último é o único decreto que encontramos registrado nas Escrituras que relata a restauração e construção da cidade. Precisa ser trazido à lembrança que a própria existência de um lugar como uma cidade dependia de tal decreto; porque antes, qualquer que retornasse da terra do cativo ia somente na condição de viajante; era o decreto que lhes dava uma existência política distinta e reconhecida." - Trigelles, *Daniel*, pg 90.

"Subitamente, entretanto, no ano vigésimo de Artaxerxes, Neemias, um homem de ascendência judaica, copeiro do rei, recebeu a incumbência de reconstruir a cidade com toda a presteza possível. A causa dessa mudança na política persa é para ser investigada, não tanto na influência pessoal do copeiro judeu, como na história exterior daquele tempo. O poder da Pérsia tinha recebido um golpe fatal na vitória obtida por Conon, o almirante ateniense, em Cnidos. O grande rei foi obrigado a se submeter a uma paz humilhante, em que uma das imposições era o abandono das cidades marítimas e a estipulação que o exército persa não deveria se aproximar a menos de três dias de jornada do mar. Jerusalém, estando aproximadamente a essa distância da costa, e tão perto da linha de comunicação com o Egito, tornou-se um posto da mais alta importância." - Milman, *Hist. Jews*, (terceira edição), 1, 435.

[20] Artaxerxes I, reinou por quarenta anos, de 465 e 425 AC. Ele é mencionado por Heródoto uma vez (6. 98), e por Tucídides freqüentemente. Ambos os autores foram seus contemporâneos. Existe razão de

sobra para acreditar que ele foi o rei que enviou Esdras e Neemias a Jerusalém, e sancionou a "restauração das fortificações" - Rawlinson, *Herodotus*, vol. 4, pg 217.

[21] O ano em que se diz que recitou seus escritos nos Jogos Olímpicos, foi o mesmo ano da missão de Neemias.

[22] A era das Olimpíadas começou em 776 AC; a era de Roma em 753 AC; e a era de Nabonassar, 747 AC.

[23] "Os sete meses de Artabano foram por alguns adicionados ao último ano de Xerxes, e por outros foram incluídos no reinado de Artaxerxes" - Clinton, *Fasti Hellenici*, vol. 2, pg 42.

[24] Já foi mostrado que a ascensão de Xerxes ao trono é determinada ao início de 485 AC. Seu vigésimo ano foi completado no início de 465, e sua morte teria acontecido no início do arcontado de Liseteu. Os sete meses de Artabano, completando os vinte e um anos, trariam a ascensão de Artaxerxes (após a remoção de Artabano) ao início de 464, no ano de Nabonassar 284, onde ele é colocado pelo cônego. Nota B. "Podemos colocar a morte de Xerxes no primeiro mês daquele arcontado (isto é, de Lisiteus), julho de 465 AC e a sucessão de Artaxerxes no oitavo mês, em fevereiro de 464." - Clinton, *Fasti Hellenici*, vol. 2, pg 380.

[25] Veja no Apêndice 2, a Nota A, sobre a cronologia do reinado de Artaxerxes Longimano

CAPÍTULO 6

O ANO PROFÉTICO

Em nosso idioma pode parecer pedante falar em "semanas" de um modo diferente da aceção familiar do termo. No entanto, para o judeu, isso é bem diferente. O efeito de suas leis "torna a palavra semana capaz de significar um período de sete anos quase tão naturalmente quanto de sete dias. A generalidade da palavra teria esse efeito de qualquer forma. Assim, seu uso para indicar o último significado na profecia não é meramente um simbolismo arbitrário, mas o uso de uma linguagem familiar e facilmente compreendida." [1]

A oração de Daniel referencia os setenta anos já cumpridos: a profecia que veio em resposta à oração predisse um período de sete vezes setenta ainda por vir. Mas aqui surge uma questão que nunca recebeu observação suficiente na consideração deste assunto. Ninguém duvidará que a era seja um período de anos; mas de que tipo de ano ela é formada? Que o ano judaico era lunissolar parece ser razoavelmente certo. Se podemos confiar na tradição, Abraão preservou em sua família o ano de 360 dias, que ele tinha conhecido em seu lar caldeu. [2] As datas dos meses do dilúvio (150 dias são especificados como o intervalo entre o sétimo dia do segundo mês e o mesmo dia do sétimo mês) parecem mostrar que essa forma de ano foi a primeira conhecida pela humanidade. Sir Isaac Newton diz que, "Todas as nações, antes da duração exata do ano solar ser conhecida, reconheciam os meses pelo curso da lua, e os anos pelo retorno do inverno e do verão, da primavera e do outono; e, ao criarem calendários para seus festivais, consideravam trinta dias para um mês lunar, e doze meses lunares para um ano, tomando os números redondos mais próximos; daí veio a divisão da eclíptica em 360 graus." Adotando essa afirmação, Sir. G. C. Lewis diz que "todo o testemunho crível e todas as probabilidades antecedentes levam ao resultado que um ano solar contendo doze meses lunares, determinados dentro de certos limites de erro, foi em geral reconhecido pelas nações próximas ao Mediterrâneo, desde uma Antigüidade remota." [3]

Entretanto, considerações desse tipo não vão além de provar o quão legítima e importante é a questão aqui proposta. A investigação permanece se existe qualquer base para reverter a suposição em favor do ano civil comum. Agora, a era profética é claramente sete vezes setenta anos das "desolações" que estavam diante da mente de Daniel quando a profecia foi dada. É possível então se certificar do caráter dos anos dessa era menor?

Uma das ordenanças características da lei judaica era que em todo sétimo ano a terra deveria repousar, e foi em relação à negligência a essa ordenança que a era das desolações foi decretada. Ela deveria durar "até que a terra se agradasse de seus sábados; todos os dias da assolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram." [2 Crônicas 36:21; confira Levítico 26:34-35]. O elemento essencial no julgamento foi, não uma cidade em ruínas, mas uma terra tornada desolada pelo terrível castigo da invasão hostil [compare Jeremias 27:13; Ageu 2:17] os efeitos da qual foram perpetuados pela fome e pela peste, as provas contínuas da insatisfação divina. É óbvio, portanto, que a verdadeira data de início do julgamento não é, como tem sido geralmente assumido, a captura de Jerusalém, mas a invasão da Judéia. Desde o tempo em que o exército babilônio entrou no país, todas as atividades agrícolas foram suspensas e, portanto, o início das desolações pode ser considerado a partir do dia em que a capital foi sitiada, isto é, o dia dez do mês dez, no ano nono do reinado de Zedequias. Esse foi o início do período, conforme revelado a Ezequiel, o profeta exilado junto às margens do Eufrates [Ezequiel 24:1-2] e por vinte e quatro séculos esse dia tem sido observado com um jejum pelos judeus de toda a parte.

O encerramento da era é indicado na Escritura com igual definição, como o "vigésimo quarto dia do mês nono, no segundo ano de Dario" [4] "Considerai, pois, vos rogo, desde este dia em diante; desde o vigésimo quarto dia do mês nono, desde do dia em que se fundou o templo do SENHOR, considerai estas coisas... mas desde este dia vos abençoarei." Agora, a partir do décimo dia de tebet de 589 AC [5] ao vigésimo quarto dia de quislev de 520 AC, [6] há um período de 25.202 dias; e setenta anos de 360 dias contêm exatamente 25.200 dias. Portanto, podemos concluir que a era das "desolações" foi um período de setenta anos de 360 dias, iniciando no dia seguinte ao cerco de Jerusalém pelo exército babilônio e terminando no dia anterior ao lançamento dos alicerces do segundo tempo. [7]

Mas essa investigação pode ser levada ainda mais longe. Como a era das "desolações" foi fixada em setenta anos, por causa da negligência em cumprir os anos sabáticos [2 Crônicas 36:21; Levítico 26:34-35], podemos esperar encontrar que um período de sete vezes setenta, contados para trás, desde o encerramento dos setenta anos da "indignação contra Judá" nos levará ao tempo em que Israel entrou em seus plenos privilégios como nação e, assim, incorreu em suas plenas responsabilidades. Após investigação, esse fato pode ser verificado. Desde o ano seguinte à dedicação do templo de Salomão, até o ano anterior ao lançamento do alicerce do segundo templo, há um período de 490 anos de 360 dias cada. [8]

Entretanto, precisa ser admitido que nenhum argumento baseado em cálculos desse tipo é definitivo. [9] A única data que garantiria nossa aceitação sem reservas que o ano profético consiste de 360 dias, seria encontrar alguma porção da era subdividida nos dias em que ela é composta. Nenhuma outra prova pode ser totalmente satisfatória, mas se ela for vindoura, precisa ser absoluta e conclusiva. E é isso precisamente o que o livro do Apocalipse nos oferece.

Como já observado, a era profética está dividida em dois períodos, um de 7+62 semanas, e outro de uma única semana. [10] Conectados com essas eras, dois "príncipes" são proeminentemente mencionados; primeiro, o Messias e, segundo, o príncipe de um povo que destruirá Jerusalém - um personagem de tal proeminência, que em sua vinda sua identidade será tão certa quanto a do próprio Cristo. A primeira era encerra-se com o Messias sendo "cortado"; a data inicial da segunda era é a assinatura de uma "aliança", ou tratado, por esse segundo "príncipe", com o apoio de muitos, [11] que é a nação judaica, exceto, provavelmente, uma fração de pessoas piedosas que permanecerá distante e alheia. Na metade da semana de anos o tratado será violado pela supressão da religião dos judeus, e um tempo de perseguição terá início.

A visão de Daniel dos quatro animais permite um impressionante comentário sobre isso. A identidade do quarto animal com o Império Romano não é duvidosa, e vemos que um "rei" surgirá, conectado territorialmente com esse império, mas pertencendo historicamente a um tempo posterior; ele será o perseguidor dos "santos dos Altíssimo" e sua queda será seguida imediatamente pelo cumprimento das bênçãos divinas sobre o povo escolhido - o evento preciso que marca o encerramento das "setenta semanas". A duração dessa perseguição, além disso, é declarada como "um tempo, e tempos, e a metade de um tempo" - uma expressão mística, o significado da qual poderia ser duvidoso, se não fosse usada novamente na Escritura como sinônimo de três anos e meio, ou metade de uma semana profética. [Apocalipse 12:6,14] Agora não pode haver dúvidas da identidade do rei de Daniel 7:25 com a primeira "besta" do capítulo 13 de Apocalipse. No Apocalipse, ele é comparado a um leopardo, um urso e um leão - as figuras usadas para os três primeiros animais na visão de Daniel. Em Daniel existem dez reinos, representados pelos dez chifres. Assim também no Apocalipse. De acordo com Daniel, "ele proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo"; de acordo com o Apocalipse "foi-lhe dada uma boca, para proferir grandes coisas e blasfêmias" e "foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los." De acordo com Daniel, "eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo"; de acordo com o Apocalipse, "deu-se-lhe poder para agir por quarenta e dois meses."

Não é impossível, é claro, que a profecia possa prever a carreira de dois homens diferentes, correspondendo à mesma descrição, que buscarão seguir um curso similar em circunstâncias similares por um período de tempo similar de três anos e meio, mas a suposição mais natural e óbvia é que os dois são idênticos. Devido à própria natureza do assunto, a identidade deles não pode ser logicamente demonstrada, mas repousa precisamente no mesmo tipo de prova sobre a qual os jurados em um tribunal condenam os homens de crimes, e os prisioneiros condenados são punidos.

Agora, essa septuagésima semana é admitidamente um período de sete anos, e metade desse período é descrito três vezes como "um tempo, e tempos e a metade de um tempo" [Daniel 7:25; 12:7; Apocalipse 12:14] duas vezes como quarenta e dois meses; [Apocalipse 11:2; 13:5] e duas vezes como 1.260 dias. [Apocalipse 11:3; 12:6] Mas 1.260 dias são exatamente iguais a quarenta e dois meses de trinta dias, ou três anos e meio de 360 dias, enquanto que três anos e meio no calendário juliano contêm 1.278 dias. Segue-se, portanto, que o ano profético não está baseado no calendário juliano, mas no antigo ano de 360 dias. [12]

Notas de Rodapé do Capítulo 6

[1] *Smith's Bibl. Dict.* III, 1726, "Week". Filósofos gregos e latinos também conheceram "semanas de anos" - Pusey, *Daniel*, pg 167.

[2] *Encyc. Brit* (sexta edição), título "Chronology". Veja também *Smith's Bib. Dict.*, título "Chronology", pg 314.

[3] *Astronomy of the Ancient*, cap. 1 e 7. Não tiveram os cento e oitenta dias da grande festa de Xerxes a intenção de serem equivalentes a seis meses? [Ester 1:4]

[4] Ageu 2:10,15-19. Os livros de Ageu e Zacarias dão por completo as palavras proféticas que a narrativa de Esdras [Esdras 4:24; 5:1-5] menciona como a sanção e incentivo para os judeus retornarem ao trabalho de construir o templo.

[5] O nono ano de Zedequias, Veja o Apêndice 1, post.

[6] O segundo ano de Dario Hispastes.

[7] A data da lua nova pascal, pelo qual o ano judaico é regulado, foi a noite de 14 de março de 589 AC, e aproximadamente meio-dia de 1 de abril de 520 AC. De acordo com as fases de 1 de nisã no ano anterior foi provavelmente o dia 15 ou 16 de março, e o último o dia 1 ou 2 de abril.

[8] O templo foi dedicado no décimo primeiro ano de Salomão, e o segundo templo foi fundado em 520 AC. O período intermediário considerado exclusivamente foi de 483 anos = 490 anos lunissolares de 360 dias. Vale a pena observar que o intervalo entre a dedicação do templo de Salomão e a dedicação do segundo templo (515 AC) foi de 490 anos. Um período similar transcorreu entre a entrada em Canaã e a fundação do reino sob Saul. Esses ciclos de setenta anos, e múltiplos de setenta, na história dos hebreus é impressionante e interessante. Veja o Apêndice 1.

[9] Embora seja evidentemente confirmado pelo fato seguro que o ano sabático judaico era contíguo, não com o ano solar, mas com o eclesiástico.

[10] A divisão das 69 semanas em 7+62 é explicada pelo fato que os primeiros 49 anos, durante os quais a restauração de Jerusalém foi completada, terminaram com uma grande crise na história judaica, o fechamento do testemunho profético. Quarenta e nove anos a partir de 445 nos leva até a data da profecia de Malaquias.

[11] "A multidão" - Tregelles, *Daniel*, pg 97.

[12] Vale a pena observar que a profecia foi dada em Babilônia, e o ano babilônio consistia de doze meses de trinta dias. Que o ano profético não é o ano ordinário não é nenhuma nova descoberta. Ele foi observado dezesseis séculos atrás por Júlio Africano, em sua *Cronografia*, em que ele explica as setenta semanas como semanas de anos judaicos (lunares), iniciando com o vigésimo ano de Artaxerxes, o quarto ano da Octogésima Terceira Olimpíada, e terminando no segundo ano na Ducentésima Segunda Olimpíada; 475 anos julianos são iguais a 490 anos lunares.

CAPÍTULO 7

A ERA MÍSTICA DAS SEMANAS

As conclusões a que chegamos no capítulo precedente sugerem um impressionante paralelo entre as primeiras visões de Daniel e a profecia das setenta semanas. A história não contém registros dos eventos para satisfazer o curso predito da septuagésima semana. O Apocalipse não estava escrito quando aquele período deveria ter sido fechado cronologicamente e, embora dezoito séculos tenham transcorrido desde então, a restauração dos judeus ainda parece uma quimera de fanáticos sangüíneos. Vamos lembrar também que o propósito da profecia não era agradar ou despertar o interesse dos curiosos. Necessariamente alguma dose de misticismo precisa caracterizar as palavras proféticas, caso contrário elas podem ser "cumpridas" de acordo com a vontade de homens designados; mas uma vez que a profecia vem lado a lado com os eventos que menciona, ela falha em um de seus principais propósitos se sua relação com eles for duvidosa. Se qualquer indivíduo quiser aprender a conexão entre a profecia e seu cumprimento, que leia o capítulo 53 de Isaías e compare-o com a história da Paixão de Cristo: tão vago e figurativo que ninguém poderia ter representado o drama predito; mas mesmo assim tão definitivo e claro que, uma vez que o drama foi cumprido, até mesmo uma criança pode reconhecer sua abrangência e significado. Se então o evento que constitui a data inicial da septuagésima semana precisa ser tão pronunciado e certo quanto o comissionamento de Neemias e a morte do Messias, ele está necessariamente ainda no futuro.

E é isso precisamente o que o estudo do capítulo 7 de Daniel nos levará a esperar. Todos os intérpretes cristãos concordam que entre a ascensão do quarto animal e o crescimento dos dez chifres há um intervalo, ou um parêntese na visão; e, como claramente mostrado, esse intervalo inclui todo o período entre o tempo de Cristo e a divisão do território romano em dez reinos, a partir dos quais o grande perseguidor do futuro se levantará. Esse período, além disso, não é admitidamente observado nas outras visões narradas no livro. Há, portanto, *a priori*, uma forte probabilidade que ele seria negligenciado na visão do capítulo 9.

Mais do que isso, não há somente a mesma razão para essa redução mística na visão das setenta semanas, como nas outras visões, [1] mas essa razão aplica-se aqui com especial força. As setenta semanas foram estabelecidas como o período durante o qual as bênçãos sobre Judá seriam adiadas. Em comum com toda a profecia, o significado dessa profecia será claramente evidente quando seu cumprimento final ocorrer, mas ela foi necessariamente transmitida de uma forma mística de modo a confinar os judeus à responsabilidade de aceitarem seu Messias. A proclamação inspirada do apóstolo Pedro à nação em Jerusalém, registrada no capítulo 3 de Atos, foi de acordo com isso. Os judeus olhavam meramente para o retorno de sua supremacia nacional, mas o propósito principal de Deus era a redenção por meio da morte daquele que levaria os pecados. Agora, o sacrifício tinha sido realizado e Pedro apontou para o Calvário como o cumprimento "do que Deus já dantes tinha anunciado pela boca de todos os seus profetas" e acrescentou seu testemunho, "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do SENHOR. E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado." [Atos 3:19-20] A realização dessas bênçãos teria sido o cumprimento da profecia de Daniel, e a septuagésima semana teria corrido seu curso sem interrupções. No entanto, Judá mostrou-se impenitente e de dura cerviz, de modo que as bênçãos prometidas foram novamente adiadas até o fechamento desta estranha época da dispensação dos gentios.

Mas alguém pode perguntar, "Não foi a cruz de Cristo o cumprimento dessas bênçãos?" Um estudo cuidadoso das palavras do anjo em Daniel 9:29 mostrará que não mais de uma delas foi assim cumprida. A sexagésima nona semana deveria terminar com a morte do Messias; o encerramento da septuagésima semana deve trazer para Judá as bênçãos plenas resultantes dessa morte. A transgressão de Judá ainda precisa ser detida e seus pecados selados. O dia é ainda futuro quando uma fonte será aberta para purificar a iniquidade do povo de Daniel [veja Zacarias 13:1] e o sol da justiça nascerá para eles. Em que sentido foram a visão e a profecia seladas na morte de Cristo, considerando-se que a maior de todas as visões ainda estava para ser dada (o Apocalipse) e os dias ainda estavam por vir quando as palavras dos profetas seriam cumpridas? [Lucas 21:22] Seja lá qual for o significado a ser dado a "ungir o Santíssimo", é claro que o Calvário não foi o cumprimento disso. [2]

Mas é consistente com o argumento justo ou com o bom senso dizer que uma era assim cronologicamente definida deva ser interrompida indefinidamente em seu curso? A resposta pronta pode ser dada - que se o bom senso e a justiça, se o julgamento humano for decidir a questão, a única dúvida precisa ser se o período final do ciclo e as bênçãos prometidas em seu encerramento, não são para sempre ab-rogadas ou perdidas por causa da pavorosa culpa do povo que "matou o Príncipe da vida". [Atos 3:15] Certamente não existe presunção em supor que o fluxo do tempo profético esteja represado durante todo esse intervalo da apostasia de Judá. A questão permanece, se qualquer precedente para isso pode ser descoberto na cronologia mística da história de Israel.

De acordo com o livro dos Reis, Salomão começou a construir o templo no ano 480 após os filhos de Israel saírem da terra do Egito. [1 Reis 6:1] Essa afirmação que, mais do que qualquer outra, aparentemente, não poderia ser mais exata, tem confundido os cronologistas. Por alguns, ela tem sido acusada como uma falsidade; por outros, tem sido desprezada como um erro; mas todos concordam em rejeitá-la. Além disso, a própria Escritura parece contradizê-la. Em seu sermão em Antioquia da Pisídia [Atos 13:18-21], o apóstolo Paulo epitomiza assim a cronologia desse período da história de sua nação: 40 anos no deserto; 450 anos sob os juízes e 40 anos do reinado de Saul; dando um total de 530 anos. A esses anos precisam ser acrescentados os quarenta anos do reinado de Davi e os três primeiros anos do reinado de Salomão; dando 573 anos para o mesmo período que é descrito em Reis como 480 anos. Podem essas conclusões, aparentemente tão inconsistentes, serem reconciliadas? [3]

Se seguirmos a história de Israel no livro dos Juízes, descobriremos que por cinco grandes períodos sua existência nacional como povo de Jeová esteve suspensa. Em punição por sua idolatria, Deus os entregou repetidas vezes e "os vendeu nas mãos de seus inimigos". Eles se tornaram escravos do rei da Mesopotâmia por oito anos, do rei de Moabe por dezoito anos, do rei de Canaã por vinte anos, dos midianitas por sete anos e, finalmente, dos filisteus, por quarenta anos. [4] Mas a soma de 8+18+20+7+40 anos é 93 anos, e se 93 forem deduzidos dos 573 anos, o resultado é 480 anos. É óbvio,

portanto, que os 480 anos citados no livro dos Reis desde o êxodo do Egito até o templo é uma era mística formada eliminando-se todos os períodos durante os quais o povo esteve rejeitado por Deus. [5] Se, então, esse princípio foi inteligível aos judeus com relação à sua história, seria natural e legítimo introduzi-lo com relação a uma era essencialmente mística como a das setenta semanas.

Mas essa conclusão não depende do argumento, por mais sólido que seja, ou da inferência, por mais justa. Ela é indisputavelmente provada pelo testemunho do próprio Cristo. "Que sinal haverá da tua vinda, e do fim do mundo?" perguntaram os discípulos reunidos em volta Dele em um dos últimos dias de Seu ministério terreno. [Mateus 24:3] Em resposta, ele falou da tribulação predita por Daniel, [6] e os advertiu que o sinal daquela pavorosa perseguição será o evento exato que marca a metade da septuagésima semana, isto é, a profanação do lugar santo pela "abominação da desolação" - provavelmente alguma imagem de si mesmo - que o falso príncipe introduzirá no templo, em violação às obrigações de seu tratado de respeitar e defender a religião dos judeus. [7] Que essa profecia não foi cumprida por Tito é tão certo quanto a história pode dizer; [8] mas a Escritura não deixa qualquer dúvida sobre a questão.

Parece, a partir das passagens já citadas, que a tribulação predita durará três anos e meio e iniciará a partir da violação do tratado na metade da septuagésima semana. Aquilo que se seguirá é descrito pelo próprio Senhor com palavras de peculiar solenidade: "E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória." [Mateus 24:29-30] Que é para as cenas de encerramento da dispensação que essa profecia se refere é aqui assumido. [9] E, como essas cenas deverão seguir imediatamente após uma perseguição, que ocorrerá durante a septuagésima semana, a inferência é incontestável que os eventos dessa semana pertencem a um tempo ainda no futuro. [10]

Podemos concluir, então, que quando mãos ímpias ergueram a cruz no Calvário e Deus pronunciou o pavoroso "Lo-ami" [Romanos 9:25-26; confira Oséias 1:9-10] sobre Seu povo, o curso da era profética cessou de correr. Ele só irá fluir novamente quando a autonomia de Judá for restaurada e, com óbvia propriedade, a partir do momento em que a readmissão de Israel na família das nações for reconhecida por um tratado. [11] Será, portanto, assumido aqui que a porção anterior da era profética já correu seu curso, mas que os eventos da última semana de anos ainda precisam ser cumpridos. Portanto, o último ponto necessário para completarmos a seqüência de provas é nos certificarmos da data do "Messias, o príncipe".

Notas de Rodapé do Capítulo 7

[1] Veja pp.44-47, ante.

[2] Todas essas palavras apontam para os benefícios práticos a serem conferidos em um modo prático sobre o povo, no segundo advento de Cristo. Isaías 1:26 é um comentário sobre "trazer a justiça". Tomar isso como um sinônimo com declarar a justiça de Deus [Romanos 3:25] é doutrinariamente um erro e um anacronismo. Para qualquer um cujas visões de "reconciliação" não estão baseadas no uso da palavra nas Escrituras, "fazer reconciliação para a iniquidade" parecerá uma exceção. O verbo hebraico *caphar* (fazer expiação ou reconciliação) significa literalmente "cobrir" o pecado (veja o uso dele em Gênesis 6:14), remover uma acusação contra uma pessoa por meio do derramamento de sangue, ou de alguma outra forma (por exemplo, intercessão, Êxodo 32:30), de modo a garantir a aceitação e o favor divino. O seguinte é uma relação de passagens em que a palavra é usada nos três primeiros livros da Bíblia: Gênesis 6:14 (betumarás); 32:20 (aplacarei); Êxodo 29:33,36-37; 30:10,15,16; 32:30; Levítico 1:4; 4:20,26,31,35; 5:6,10,13,16,18; 6:7,30; 7:7; 8:15,34; 9:7; 10:17; 12:7-8; 14:18-21,31,53; 15:15,30; 16:6,10-11,16-17,18,20,24,27,32-34;17:11; 19:22, 23:28. Será visto que *caphar* nunca é usado em relação à expiação ou derramamento de sangue considerado objetivamente, mas dos resultados obtidos para o pecador, algumas vezes imediatamente após a morte da vítima, algumas vezes condicionado à ação do sacerdote que estava encarregado da função de aplicar o sangue. O sacrifício não era a expiação, mas o modo pelo

qual a expiação era feita. Portanto, "a preposição que marca substituição nunca é usada em conexão com a palavra *caphar*" (Girdlestone's *Synonyms O. T.*, pg 214). Portanto, fazer reconciliação, ou expiação, de acordo com o uso da palavra na Escritura, implica na remoção da separação prática entre o pecador e Deus, a obtenção do perdão para o pecado; e as palavras em Daniel 9:24 apontam para o tempo quando o benefício será garantido para Judá. "Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi, e para os habitantes de Jerusalém, para a purificação do pecado e da imundícia." [Zacarias 13:1]; isto é, as bênçãos do Calvário serão deles; a *reconciliação* será feita para o povo. Em consonância com isso, a transgressão será *detida*, ou impedida (veja o uso da palavra em Gênesis 8:2; Êxodo 36:6); isto é, eles deixarão de transgredir; os pecados serão selados - a palavra comumente usada para fechar uma carta [1 Reis 21:8], ou uma bolsa ou saco de tesouro [Jó 14:17]; isto é, os pecados serão tratados e colocados para longe em um sentido prático; a visão e a profecia serão similarmente selados; isto é, a função delas estará no fim, pois todas terão sido cumpridas.

[3] De acordo com Browne (*Ordo Saec.*, artigos 254 e 268), o Êxodo ocorreu na sexta-feira, 10 de abril de 1586 AC; a passagem do Jordão foi em 14 de abril de 1546 AC; Salomão subiu ao trono em 1016 AC e a fundação do templo foi em 20 de abril de 1013 AC. Portanto, ele aceita as declarações de Paulo sem reservas. Clinton conjectura que houve um intervalo de aproximadamente vinte e sete anos entre o tempo dos Juízes e outro de doze anos antes da eleição de Saul, assim fixando 1625 AC como a data do Êxodo, estendendo todo o período para 612 anos, e isso é adotado por Hales, que chama a afirmação em Reis de "uma fraude". Outros cronologistas atribuem períodos variando de 741 anos de Júlio Africano aos 480 anos de Usher, cuja data para o Êxodo - 1491 AC - foi adotada em nossa Bíblia, embora claramente errado por noventa e três anos, no mínimo. O assunto é totalmente discutido por Clinton em *Fasti Hell.*, vol. 1, pg 312-313, e por Browne, revisando os argumentos de Clinton, em *Ordo Saec*, item 6, etc. As conclusões de Browne têm muito para eu recomendá-las. Mas se outros estão corretos em inserir períodos com base em conjecturas, meu argumento permanece o mesmo, que se quaisquer desses períodos, se existiram, foram excluídos dos 480 anos com base no mesmo princípio em que foram as eras das servidões. (Este assunto é melhor discutido no Apêndice 1.)

[4] Juízes 3:8,14; 4:2-3; 13:1. A servidão de Juízes 10:7,9 afetou somente as tribos que viviam além do Jordão, e não suspendeu a posição *nacional* de Israel.

[5] Os israelitas foram nacionalmente o povo de Deus, como nenhuma outra nação pode ser; portanto, eles foram tratados em alguns aspectos com base em princípios similares aos dos indivíduos. Uma vida sem Deus é morte. A justiça precisa manter um controle rígido e julgar com severidade; ou a graça pode perdoar. E, se Deus perdoa, Ele também se esquece do pecado; [Hebreus 10:17] o que sem dúvida significa que o registro dos pecados é apagado e o período coberto por ele é tratado como se estivesse em branco. Os dias da nossa servidão ao mal são ignorados na cronologia divina.

[6] thlipsis, Mateus 24:21; Daniel 12:1 (LXX)

[7] kai epi to hieronn bdelugma ton eramoseon, Daniel 9:27; to bdelugma eramoseos, Daniel 12:11 (LXX); hotan oun idate to bdelugma tas eramoseos to rhathen dia Danial tou prophatou, estos en topo hagio, Mateus 24:15. Compare 1 Macabeus 1:54, okodomasan bdelugma eramoseos epi phusiastapion. Essa passagem em Mateus permite uma prova irrefutável que todos os sistemas de interpretação que fazem as setenta semanas terminarem com a vinda ou morte de Cristo e, portanto, antes da destruição de Jerusalém por Tito, estão totalmente errados. E que esse evento não foi na verdade o fim da era, é claro a partir de Mateus 24:21-29 e Daniel 9:24.

[8] Fazendo todos os descontos para o deplorável tempo de serviço de Josefo e sua admiração por Tito, seu testemunho neste ponto é completo e explícito demais para admitir a dúvida. (Guerras, 6, 2 parágrafo 4).

[9] Estou ciente dos sistemas de interpretação que modificam o significado dessas escrituras, mas é inútil tentar refutar todos eles em detalhes. (Veja o Capítulo 11, *post.* e o Apêndice *Nota C.*)

[10] Tal era a crença da igreja primitiva; mas a questão tem sido debatida longamente em deferência a escritores modernos que defendem uma interpretação diferente de Daniel 9:27. Hipólito, que foi bispo e mártir, e que escreveu no início do terceiro século, é o mais definitivo no ponto. Citando o verso, ele diz, "Por uma semana, ele quis dizer a última semana, *que será no fim de todo o mundo*; durante essa semana os dois profetas Enoque e Elias se levantarão na primeira metade; pois pregarão por 1.260 dias, vestidos em pano de saco." (Hipólito, em *Cristo e o Anticristo*). De acordo com Browne (*Ordo Saec.*, pg 386, nota), essa também era a visão do pai dos cronologistas cristãos, Júlio Africano. Que metade da última semana foi cumprida, mas os remanescentes três anos e meio ainda são futuros, é mantido pelo próprio cônego Browne (artigo 339), que observa aquilo que tantos autores modernos negligenciam, que os eventos que pertencem a esse período estão conectados com os tempos do Anticristo.

[11] Isto é, a aliança mencionada em Daniel 9:27.

CAPÍTULO 8

"MESSIAS, O PRÍNCIPE"

Exatamente como encontramos em certos círculos pessoas que têm a reputação de piedosas, mas são consideradas com suspeição, assim também parece que quaisquer escritos que afirmem autoridade ou sanção divina inevitavelmente despertam desconfiança. Mas se os evangelistas pudessem ganhar a mesma atenção que os historiadores profanos recebem, se suas afirmações fossem testadas com base nos mesmos princípios sobre os quais os registros do passado são julgados pelos eruditos, e as evidências fossem julgadas em nossas cortes de justiça, seria aceito como um fato bem-estabelecido da história que nosso Salvador nasceu em Belém, no tempo em que Quirino era o presidente da Síria e Herodes era rei em Jerusalém. A narrativa dos dois primeiros capítulos de Lucas não é como uma página comum da história, que não carrega consigo garantia alguma de exatidão exceto aquela que a credibilidade geral do autor possa conferir. O evangelista está tratando de fatos acerca dos quais ele já tinha ["se informado minuciosamente de tudo desde o princípio"](#) [Lucas 1:3] e em que, além disso, seu interesse pessoal era imenso e em respeito do qual um único e flagrante erro teria prejudicado não somente o valor de seu livro, mas o sucesso da causa em que sua vida estava dedicada e com a qual suas esperanças de felicidade eterna estavam identificadas.

A matéria tem sido tratada como se essa referência a Quirino fosse apenas uma alusão acidental, com relação a qual um erro não teria a menor importância; mas o fato é que, na realidade, seria absolutamente vital. Que o verdadeiro Messias precisa nascer em Belém é aceito pelos judeus e reconhecido pelos cristãos: que o Nazareno nasceu em Belém os judeus persistentemente negam. Se até hoje eles pudessem refutar esse fato, justificariam sua descrença; pois se o Cristo que adoramos não é por direito de nascimento o herdeiro do trono de Davi, não é o Cristo da profecia. Os cristãos logo esqueceram isso quando não mais tiveram de manter sua fé contra a fronte endurecida do judaísmo, e somente apresentá-la ao mundo pagão. Mas isso não foi esquecido pelos sucessores imediatos dos apóstolos. Portanto, foi assim que, ao escrever para os judeus, Justino Mártir afirmou com tal ênfase que Cristo nasceu durante o recenseamento realizado por Quirino, apelando para as listas daquele censo como para documentos ainda então existentes e disponíveis para consulta, para provar que, embora José e Maria vivessem em Nazaré, foram até Belém para alistarem-se, e foi assim que a criança nasceu na cidade real e não da desprezada aldeia da Galiléia. [1]

E esses fatos da linhagem e do nascimento do Nazareno fornecem praticamente a única base sobre a qual se poderia entrar em debate, em que um lado mantinha e o outro negava que Seu caráter e missão divinos foram estabelecidos por provas transcendentais. Ninguém poderia questionar que Seus atos foram mais do que humanos, mas a cegueira e o ódio chegaram a atribuí-los ao poder satânico; as sublimes palavras que em toda era seguinte receberam a admiração de milhões, até daqueles que

recusaram dar a elas a homenagem mais profunda de sua fé, não tinham charme para homens assim preconceituosos. Mas essas afirmações sobre o recenseamento que trouxe a Virgem Mãe a Belém, lidam com fatos simples que não requerem adequação moral para apreciá-los. Que em tal matéria um escritor como Lucas pudesse estar errado é altamente improvável, mas que o erro permaneceria sem ser desafiado é absolutamente incrível; e encontramos Justino Mártir, escrevendo praticamente cem anos depois do evangelista, apelando para o fato como sendo inquestionável. Pode ser, portanto, aceito como um dos mais certos das coisas realmente certas da história, que o primeiro recenseamento ordenado por Quirino foi realizado antes da morte de Herodes e que, enquanto estava em andamento, Cristo nasceu em Belém.

Não muitos anos atrás essa afirmação teria sido recebida com ridicularização ou com indignação. A menção de Quirino pelo evangelista parecia ser de um anacronismo total; pois, de acordo com a história aceita, o período de seu governo e a data de seu recenseamento foram nove ou dez anos após o da natividade. Zombada por Straus e por outros de sua tribo, e rejeitada por um sem número de autores como um enigma ou um erro, a passagem tem em anos recentes sido vindicada e explicada pelos trabalhos do Dr. Zumpt, de Berlin.

Por um estranho acaso, há uma interrupção na história desse período, pelos sete ou oito anos que começaram em 4 AC. [2] A lista dos governadores da Síria, portanto, é falha para nós e, durante o mesmo período, P. Sulpicius Quirino, o Cirênio dos gregos, desaparece da história. Mas por uma série de investigações e argumentos separados, todos independentes das Escrituras, o Dr. Zumpt descobriu que Quirino foi governador *duas vezes* da província, e que esse seu primeiro mandato foi da parte final de 4 AC, quando sucedeu a Quintílio Varus. A unanimidade com a qual essa conclusão tem sido aceita torna desnecessário discutir o assunto aqui. Mas um comentário com relação a ele pode não estar fora de lugar. As bases para as conclusões do Dr. Zumpt podem ser apropriadamente descritas como uma seqüência de evidências circunstanciais e seus críticos concordam que o resultado é razoavelmente certo. [3] Para tornar essa certeza absoluta, nada está faltando, exceto o testemunho positivo de algum historiador de respeito. Se, por exemplo, um dos últimos fragmentos da história de Dion Cassius fosse trazido à luz, contendo a menção de Quirino como governante da província durante os últimos meses do reinado de Herodes, o fato seria considerado tão certo quanto o que Augusto foi imperador em Roma. Um autor cristão pode ser perdoado se atribuir peso igual ao testemunho de Lucas. Portanto, será assumido aqui como absolutamente certo que o nascimento de Cristo ocorreu em alguma data não anterior ao outono de 4 AC. [4]

A opinião do nosso mais eminente e confiável cronologista inglês é uma garantia suficiente que essa conclusão é coerente com tudo o que a erudição possa trazer para ter um efeito no ponto. Fynes Clinton resume assim sua discussão da questão: "A natividade não ocorreu mais do que aproximadamente dezoito meses antes da morte de Herodes, ou menos de cinco ou seis. A morte de Herodes foi ou na primavera de 4 AC, ou na primavera de 3 AC. A data mais anterior possível para a natividade é então o outono de 6 AC (U. C. 748), dezoito meses antes da morte de Herodes em 4 AC. *A última será de 4 AC (U. C. 750), aproximadamente seis meses antes da morte dele, assumida com sendo na primavera de 3 AC.*" [5] Essa opinião tem pesado, não somente por causa da eminência do autor como cronologista, mas também por causa de sua própria visão sobre a data real do nascimento de Cristo o teria levado a estreitar ainda mais os limites dentro dos quais ela precisaria ter ocorrido, se seu senso de justiça tivesse permitido que ele assim o fizesse. Além disso, Clinton escreveu sem conhecer aquilo que Zumpt trouxe depois à luz com relação ao recenseamento de Quirino. A introdução desse novo elemento ao considerar a questão, permite-nos com absoluta confiança, adotar a afirmação de Clinton e atribuir a morte de Herodes ao mês de adar de 3 AC e a natividade ao outono de 4 AC.

Que a mínima incerteza deva prevalecer com relação ao tempo de um evento de tal interesse transcendente para a humanidade é um fato de significado estranho. Mas qualquer que seja a dúvida que possa existir com relação à data de nascimento do Filho de Deus, ela é devido não a uma omissão na página sagrada se igual dúvida é sentida com relação à data inicial de seu ministério terreno. Não há em toda a Escritura uma declaração cronológica mais definida que aquela que está contida nos versos de abertura do capítulo terceiro de Lucas. "[E no ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio](#)

Pilatos presidente da Judéia, e Herodes tetrarca da Galiléia, e seu irmão Filipe tetrarca da Ituréia e da província de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene, sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio no deserto a palavra de Deus a João, filho de Zacarias."

Agora, a data do império de Tibério César é conhecida com absoluta precisão; e seu décimo quinto ano, considerado a partir de sua ascensão, começou em 19 de agosto do ano 28. Além disso, sabe-se também que durante aquele ano, cada um dos personagens citados na passagem realmente exercia o cargo que lhe é atribuído. Aqui então, poder-se-ia supor, nenhuma dificuldade ou pergunta poderia surgir. Mas o evangelista vai além e fala do início do ministério do próprio Senhor e menciona que "o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos." [6] Essa afirmação, tomada em conexão com a data comumente atribuída à natividade, requer que o "ano quinze de Tibério" seja compreendido como referenciando, não a data inicial de seu império, mas uma data anterior, quando a história testifica que certos poderes lhe foram conferidos durante os dois últimos anos de Augusto. Todas essas hipóteses, entretanto, "estão abertas para uma forte objeção, isto é, que o império de Tibério, iniciando a partir de 19 de agosto do ano 14, era uma data tão bem conhecida no tempo de Lucas quanto o reinado da rainha Vitória é conhecida por nós nos dias atuais; e nem um único caso já foi, ou pode ser apresentado, em que os anos de Tibério são considerados de qualquer outra maneira." [7]

Nem há qualquer inconsistência entre essas afirmações de Lucas e a data da natividade (conforme fixada pelo próprio evangelista, durante o governo de Quirino, no outono de 4 AC; pois o ministério do Senhor, datando do outono do ano 28, pode na verdade ter iniciado antes do fim de seu trigésimo primeiro ano, e não pode ter sido depois de alguns meses além dele. A expressão "quase trinta anos" implica em uma certa margem. [8] Portanto, como é totalmente desnecessário, torna-se injustificável colocar um significado especial e forçado nas palavras do evangelista; e, ao referenciar o ano quinze de Tibério César, ele precisa ter objetivado que todo o mundo assumiria o que ele queria dizer, isto é, o ano iniciado em 19 de agosto de 28. E assim, saindo do terreno do argumento e da controvérsia, chegamos enfim a uma data bem calculada e de vital importância nesta investigação.

A primeira Páscoa do ministério público terreal do Senhor é assim definitivamente fixada pela própria narrativa do evangelho, como em *nisã* do ano 29. Podemos, portanto, fixar o ano 32 como o ano da cruficação. [9]

Isto é oposto, sem dúvida, às tradições incorporadas nos espúrios *Acta Pilati*, tão freqüentemente citados nessa controvérsia, e nos escritos de certos pais, que mantinham a opinião que o ano quinze de Tibério foi a data da morte de Cristo; "por alguns, por que confundiram a data do batismo com a data da Paixão; por outros, por que supuseram que ambos os eventos ocorreram em um ano; por outros, por que transcreveram de seus predecessores sem conferir." [10]

Um imponente conjunto de nomes pode ser citado em suporte de qualquer ano de 29 a 33; mas esse testemunho é de força somente enquanto nada melhor pode ser encontrado. Da mesma forma que uma seqüência aparentemente perfeita de evidências circunstanciais rui diante do testemunho de uma única testemunha de inquestionável veracidade e valor, e a voz unida de metade de um condado não suportará um direito consagrado pelo uso, se ele estiver em oposição a uma única folha de pergaminho, assim as tradições cumulativas da Igreja, mesmo se fossem tão definitivas e claras como de fato são contraditórias e vagas, não teriam um peso maior que as provas para as quais o apelo tem sido feito aqui.

Entretanto, mais um ponto chama a atenção. Numerosos autores, alguns deles eminentes, discutem essa questão como se nada mais fosse necessário em fixar a data da Paixão do que encontrar um ano, dentro de certos limites, em que a lua pascal foi cheia em uma sexta-feira. Mas isso revela estranho esquecimento das complexidades do problema. Verdade é que se o sistema pelo qual o ano judaico é definido atualmente estivesse em vigor dezoito séculos atrás, toda a controvérsia poderia se voltar para a data da semana da Páscoa em um dado ano; mas por causa da nossa ignorância do sistema embolístico então em uso, peso algum pode ser dado a ele. [11] Embora o ano judaico fosse o antigo ano lunissolar de 360 dias, não é improvável que eles o ajustaram, como por séculos provavelmente

estavam acostumados a fazer no Egito, mas adicionando todos os anos os "dias complementares" a respeito dos quais Heródoto escreveu. [12] Mas não se deve supor que quando eles adotaram a forma presente de ano, continuaram a corrigir o calendário de uma maneira tão primitiva. O uso que faziam do ciclo metônico para esse propósito é comparativamente moderno. [13] E é provável que com o ano lunar eles também obtivessem sob os Selêucidas o antigo ciclo de oito anos para fazer o ajuste. O fato que esse ciclo estava em uso entre os primeiros cristãos para os cálculos da Páscoa, [14] permite a suposição que ele foi emprestado dos judeus; mas não temos conhecimento certo sobre o assunto.

De fato, a única coisa razoavelmente certa sobre a questão é que a Páscoa não caía em dias atribuídos a ela por autores cujos cálculos com relação a ela são feitos com rígida precisão astronômica, [15] porque o *Mishna* permite a mais clara prova que o início do mês não era determinado pela verdadeira lua nova, mas pelo aparecimento do seu disco pela primeira vez; e, embora em um clima como o da Palestina isso raramente seria retardado por causas que operariam em latitudes com mais névoa ou escuridão, sem dúvida algumas vezes acontecia "que nem o sol nem as estrelas apareciam por muitos dias." [16] Essas considerações justificam a afirmação que em qualquer ano, o 15 de nisã poderia ter caído em uma sexta-feira. [17]

Por exemplo, no ano 32, a data da verdadeira lua nova, pela qual a Páscoa era regulada, foi a noite (10h 57min) de 29 de março. Portanto, a data aparente do dia primeiro de nisã, de acordo com as fases, foi 31 de março. Ela pode ter sido atrasada, entretanto, até o primeiro de abril; e nesse caso o 15 de nisã aparentemente teria caído na terça-feira de 15 de abril. Mas o calendário pode ter sido ainda mais atrapalhado pela intercalação. De acordo com o esquema do ciclo dos oito anos, o mês embolístico era inserido no terceiro, sexto, e oitavo anos e um exame dos calendários dos anos 22 a 45 mostra que o ano 32 foi o terceiro de tal ciclo. Como, porém, a diferença entre o ano solar e o lunar é de onze dias, ela iria se acumular em três anos para 33 e 3/4 dias e a intercalação de um décimo terceiro mês (adar 2) de trinta dias deixaria uma epacta ainda residual de 3 e 3/4 dias; e com a "lua eclesiástica" sendo tudo isso antes da lua real, o dia da festa teria caído na sexta-feira (11 de abril), exatamente como requer a narrativa dos evangelhos. [18]

Isso, além do mais, explicaria que, apesar de toda a poesia sobre o bosque e os grotões do Getsêmane, resta ainda uma dificuldade. Judas não precisaria de tochas e lanternas para localizar seu Mestre pelas sombras e passagens mais escuras do jardim, nem foi, aparentemente, até que ele cumpriu sua vil e culposa missão que a multidão se apressou para capturar sua vítima. E nenhum traidor precisaria ter sido subornado pelo Sinédrio para entregar a eles, à meia-noite, o objeto de seu ódio, não fosse pelo fato que eles não se atreviam a tomá-lo senão furtivamente. [19] Toda tocha e lâmpada aumentava o risco de despertar os milhões que dormiam em volta deles, pois naquela noite Judá inteiro estava reunido na capital para observar a festa da Páscoa. [20] Se, então, a lua cheia estivesse sobre Jerusalém, nenhuma outra luz seria necessária para ajudá-los em sua culposa missão; mas se, por outro lado, a lua pascal tivesse aparecido somente dez ou onze dias antes daquela noite de quinta-feira, ela certamente estaria baixa no horizonte, se não tivesse na verdade já sumido, antes que eles se aventurassem a sair. Essas sugestões não são feitas para confirmar a prova já oferecida da data do ano da morte de Cristo, mas meramente para mostrar quão fácil é responder às objeções que à primeira vista podem parecer fatais.

Notas de Rodapé do Capítulo 8

[1] Belém, "na qual Jesus Cristo nasceu, como vocês também podem descobrir a partir das listas do recenseamento que foi feito no tempo de Quirino, o primeiro governador de vocês na Judéia" - *Apol.*, 1, 34.

"Afirmamos que Cristo nasceu cento e cinqüenta anos atrás, durante o governo de Quirino." - *Ibid*, 46.

"Mas quando houve um recenseamento na Judéia, que foi então feito primeiro no governo de Quirino, ele subiu de Nazaré, onde vivia, a Belém, de cujo lugar ele era, para ser alistado", etc. - *Dial. Trypho*, 78.

[2] Josefo aqui deixa um intervalo em sua narrativa; e embora a perda do MSS, a história de Dion Cassius, a outra autoridade para este período, não está disponível para fornecer a omissão.

[3] Os trabalhos do Dr. Zumpt nessa questão foram tornados públicos primeiro em um tratado em latim que apareceu em 1854. Mais recentemente, ele os publicou em seu *Das Gegurtsjahar Christi* (Leipzig, 1869). O leitor inglês encontrará um resumo de seus argumentos em *Greek Test.*, de Dean Alford. (Nota em Lucas 2:1), e em seu artigo, sobre Quirino no *Bible Dict.*, de Smith; ele os descreve como "muito impressionantes e satisfatórios". O Dr. Farrar comenta, "Zumpt, com incrível dedicação e pesquisa, estabeleceu nesta matéria a exatidão de Lucas, provando a extrema probabilidade que Quirino tenha sido governador da Síria duas vezes" (*Life of Christ*, vol. 1, pg 7, nota). Veja também um artigo no *Quarterly Review*, de abril de 1871, que descreve as conclusões de Zumpt como "muito aproximadamente certas". A questão é discutida também em *Chron. Syn.*, de Wieseler. (trans. Venables). Em sua história romana, Merivale adota esses resultados sem reservas. Ele diz (vol. 4, pg 457), "Uma notável luz foi lançada sobre o ponto pela demonstração, como parece ser, de Augustus Zumpt em seu segundo volume dos *Commentationes Epigraphicae*, que Quirino (o Cirênio de Lucas 2) foi o primeiro governador da Síria a partir do fechamento de A. U. 750 (4 AC), até A. U. 753 (1 AC)."

[4] O nascimento de nosso Senhor é colocado em 1 AC, por Pearson e Hug; em 2 AC por Scaliger; em 3 AC por Baronius, Calvisius, Susking, e Paulus; em 4 AC por Lamy, Bengel, Anger, Wieseler, e Greswell; em 5 AC por Usher e Petavius; em 7 AC por Ideler e Sanclementi (*Bible's Dict.*, de Smith, "Jesus Christ", pg 1075). Deve ser acrescentado que a data de Zumpt para a natividade é fixada em bases independentes em 7 AC. Seguindo Ideler, ele conclui que a conjunção dos planetas Júpiter e Saturno, que ocorreu naquele ano, foi a "estrela" que levou os magos até a Palestina.

[5] *Fasti Romani*, ano 29.

[6] Lucas 3:23. Essa é a tradução correta do verso. A Versão Revisada traduz assim: "E o próprio Jesus, quando começou a ensinar, tinha cerca de trinta anos de idade."

[7] Lewin, *Fasti Sacri*, pg 53. Diss., Cap. 6: A teoria do principado-conjunto do reinado de Tibério, elaboradamente argumentado por Greswell, é essencial com autores como ele, que atribuem a crucificação ao ano 29 ou 30. Sanclementi, na realidade, achando "que em nenhuma parte nas histórias, ou nos monumentos, ou nas moedas, há um vestígio que possa ser encontrado que ajude a estimar os anos desse imperador", se desfaz da dificuldade considerando que a data em Lucas 3:1 referencia, não o ministério de João Batista, mas a morte de Cristo. Browne adota isso de uma forma modificada, reconhecendo que a hipótese acima referenciada "cai sob objeções fatais". Ele comenta que "é improvável até o último grau" que Lucas, que escreveu especialmente para um oficial romano, e em geral para os gentios, teria assim se expressado de modo a ser mal-interpretado por eles. Portanto, embora a afirmação do evangelista se choque com sua conclusão sobre a data da Paixão, ele reconhece sua obrigação de aceitá-la. Veja *Ordo Saec.*, itens 71 e 95.

[8] Como Dean Alford diz, (*Gr. Test.*): "Este *hosei tpiakonta* admite considerável latitude, mas somente em uma direção, isto é, mais de trinta anos."

[9] "Parece absolutamente certo para mim que o ministério de nosso Senhor durou por algum período além de três anos." (Pusey, *Daniel*, pg 176, e veja na pg 177 a nota 7). Essa opinião é agora mantida tão universalmente que não é mais necessário apresentar em detalhes as bases em que ela se apóia; na realidade, autores recentes assumem geralmente sem prova que o ministério incluiu quatro Páscoas. A discussão mais satisfatória da questão que conheço é em *Christology*, de Hengstenberg (trad. de Arnold, 755-765). O apóstolo João menciona expressamente três Páscoas em que o Senhor esteve presente; e se a festa de João 5:1 foi uma Páscoa, a questão está no fim. É agora geralmente admitido que essa festa foi ou *Purim* ou a *Páscoa*, e as provas de Hengstenberg em favor da última são massacrantes. A festa do Purim não tinha sanção divina. Ela foi instituída por um decreto de Ester, rainha da Pérsia, no décimo terceiro ano de Xerxes (473 AC), e era uma festa mais social e política do que religiosa, o serviço na sinagoga era bem secundário em relação às comidas e bebidas consumidas em excesso nesse dia. É

duvidoso se nosso Senhor teria observado essa festa; mas que, contrariamente à prática usual, Ele teria subido a Jerusalém especialmente para celebrá-la, é de todo incrível.

[10] *Fasti Rom.*, de Clinton, ano 29.

[11] "O mês começava nas fases da lua... e isso acontece, de acordo com Newton, dezoito horas depois de a lua nascer. Portanto, o décimo quarto dia de nisã começaria quando a lua tinha 13 dias e 18 horas de idade, e faltando 1 dia, 0h e 22 minutos para a lua cheia. [A idade da lua na fase cheia será 14 dias, 18 horas, 22 minutos] Mas algumas vezes as fases eram retardadas até que a lua tivesse 1d 17h de idade; e então se o primeiro de nisã fosse adiado até as fases, o décimo quarto iniciaria somente 1h 22m antes da lua cheia. Essa precisão, entretanto, em ajustar o mês à lua não existia na prática. Os judeus, como outras nações que adotavam o ano lunar e corrigiam o defeito intercalando um mês, falharam em obter uma precisão absoluta. Não sabemos qual era o método de cálculo deles no tempo da era cristã." (*Fasti Rom.*, vol. 2, pg 240); o ano 30 é o único ano entre 28 e 33 em que as fases da lua cheia foram em uma sexta-feira. No ano 29, a lua cheia foi no sábado, e as fases na segunda-feira. (Veja a Tabela de Wurm, em *Chron. Syn.*, de Wiesler, trad. de Venables, pg 407).

[12] Herodes, 2:4.

[13] Foi em aproximadamente no ano 360 que os judeus adotaram o ciclo metônico de dezenove anos para o ajuste de seu calendário. Antes daquele tempo, eles usavam um ciclo de oitenta e quatro anos, que era evidentemente o período calípico dos setenta e seis anos, com uma octaetéride grega adicionada. Certos autores dizem que isso estava em uso no tempo de nosso Senhor, mas a afirmação é muito duvidosa. Ela parece depender do testemunho dos últimos rabinos. Júlio Africano, por outro lado, afirma em sua *Cronografia* que "os judeus inserem três meses intercalares a cada oito anos." Para uma descrição do calendário judaico moderno, veja *Encyc. Brit.* (nona edição, vol. 5, pg 714)

[14] Browne, *Ordo Saec.*, item 424.

[15] Veja Browne, *Ordo Saec.*, 64. Ele afirma que "se em um determinado ano a lua pascal estivesse na fase cheia em qualquer instante entre o pôr do sol de uma quinta-feira e o pôr do sol de uma sexta-feira, o dia incluído entre os dois ocasos do sol seria o 15 de nisã; e com base nisso ele afirma que o ano 29 é a única data possível para a crucificação. Entretanto, como mostra sua própria tabela, nenhum ano possível (isto é, nenhum ano entre 28 e 33) satisfaz a esse requisito; pois a lua cheia pascal no ano 29 foi em um sábado, dia 16 de abril, não na sexta-feira de 18 de março. Essa visão é mantida também por Ferguson e outros. Isso pode ser explicado, talvez, pelo fato que até anos recentes o *Mishna* não estava traduzido para o inglês.

[16] Atos 27:20. O tratado *Rosh Hashanah* do *Mishna* lida com o modo em que, nos dias do "segundo templo", a festa da lua nova era regulada. A evidência de duas testemunhas competentes era requerido pelo Sinédrio para o fato que eles tinham visto a lua, e as numerosas regras dispostas para a jornada e exame dessas testemunhas provam não infreqüentemente que elas vinham de certa distância. Realmente, o caso delas estarem "um dia e uma noite na estrada" é previsto. (ch. i. 9). A proclamação pelo Sinédrio, portanto, pode ter sido algumas vezes retardada até um dia ou dois após as fases e, algumas vezes, as fases eram retardadas até que a lua tivesse 1d 17h de idade [Clinton, *Fasti Rom.* vol. 2, pg 240] Além disso, possivelmente, ela pode ter sido ainda mais retardada pela operação de regras, como aquelas do moderno calendário judaico para evitar que certos festivais caíssem em dias incompatíveis. Parece no *Mishna* ("*Pesachim*") que as regras atuais para esse propósito não estavam em vigor; mas mesmo assim devem ter existido regras similares em operação.

[17] Veja *Fasti Rom.*, vol. 2, pg 240, sobre a impossibilidade de determinar em que anos a Páscoa caiu na sexta-feira.

[18] O seguinte é o esquema da octaetéride: "O ano solar tem uma duração de 365 dias e 1/4; 12 meses lunares têm 354 dias. A diferença, que é chamada de epacta, é 11 dias e 1/4. Essa é a epacta do primeiro

ano. A epacta do segundo ano é igual a 22 dias e meio; do terceiro, de 33 dias e 3/4. Esses 33 dias e 3/4 formam um mês lunar de 30 dias, que é adicionado ao terceiro ano como um mês intercalar, ou décimo terceiro mês (embolismo), e um resíduo, ou epacta de 3 e 3/4 dias. Assim, a epacta a do quarto ano é igual a $11 + 1/4 + 3 + 3/4 = 15$ dias, a do quinto ano é igual a $26 + 1/4$; a do sexto, $37 + 1/2$, o que dá o segundo embolismo de 30 dias com uma epacta de $7 + 1/2$. Portanto, a epacta do sétimo ano é $18 + 3/4$, e a do oitavo é igual a $18 + 3/4 + 11 + 1/4$, que é igual a 30 dias exatos, que é o terceiro embolismo sem qualquer epacta restante." - Browne, *Ordo Saec.*, 424. Os dias da lua cheia da Páscoa nos anos 22 a 37 foram como segue; os anos embolísmicos, de acordo com as octaetérides, estão marcados com "E".

Ano D. C.

225 de abril
2325 de março
24.....12 de abril
25.... 1 de abril
26 ... 21 de março
27E.. 9 de abril
28.....29 de março
29E...17 de abril
30..... 6 de abril
31..... 27 de março
32E...14 de abril
33..... 3 de abril
34.... 23 de março
35E.. 11 de abril
36.... 30 de março
37E... 18 de abril

[19] Lucas 22:2-6.

[20] Josefo testifica que uma "multidão inumerável" vinha para a festa (*Ant.*, 17, 9, 3); ele calcula que em uma Páscoa antes do cerco de Jerusalém, mais de 2.700.200 pessoas realmente participaram da ceia pascal, além dos estrangeiros presentes na cidade. (*Guerras*, 6, 9, &3).

CAPÍTULO 9

A CEIA DA PÁSCOA

A confiabilidade das testemunhas é testada, não pela quantidade de verdade que suas evidências contêm, mas pela ausência de erros. Um único erro flagrante pode servir para desacreditar o testemunho que parecia do mais alto valor. Esse princípio aplica-se com força peculiar ao estimarmos a credibilidade das narrativas dos evangelhos, e dá uma importância que dificilmente pode ser exagerada à questão que surge nesta controvérsia: Foi a traição um fato que ocorreu na noite da ceia da Páscoa? Se, como tem sido dito comumente, um ou todos os evangelistas erraram em uma matéria de fato tão definido e claro, é inútil querer supor que seus escritos foram de alguma maneira dados pela boca de Deus. [1]

O testemunho dos três primeiros evangelhos é unânime que a Última Ceia foi celebrada durante a Páscoa judaica. A tentativa de provar que ela foi uma celebração antecipada, sem o sacrifício da Páscoa, embora feita com o melhor dos motivos, é profundamente fútil. Mateus diz: "E no primeiro dia da festa dos pães ázimos, chegaram os discípulos junto de Jesus, dizendo: Onde queres que façamos os preparativos para comeres a páscoa?" [2] A proposta foi, não do Senhor, mas dos discípulos, que,

conhecendo o dia e os ritos associados, foram ao Mestre em busca de instruções. Com ainda maior definição, Marcos narra que isso ocorreu no primeiro dia dos pães ázimos, [quando sacrificavam a páscoa](#). (Marcos 14:12). E a linguagem de Lucas é ainda mais inequívoca, se isso for possível.

"Chegou, porém, o dia dos ázimos, [em que importava sacrificar a páscoa](#)." (Lucas 22:7; ênfase adicionada)

Mas é afirmado com confiança que o testemunho de João é exatamente tão claro e não ambíguo que a crucificação ocorreu no mesmo dia e, algumas vezes argumenta-se, na mesma hora do sacrifício da Páscoa. Muitos autores eminentes podem ser citados que apóiam essa visão e a controvérsia em sua defesa é infundável. Mas nenhum apelo em deferência aos grandes nomes pode ser tolerado por um momento quando o ponto em discussão é a integridade das Escrituras Sagradas; e, a despeito dos esforços da erudição para provar que os evangelhos estão aqui em discordância, ninguém que tenha aprendido a estimá-los como revelação divina ficará surpreso ao descobrir que a principal dificuldade depende inteiramente da prevacente ignorância com relação às ordenanças judaicas e à lei de Moisés.

Esses autores confundem a Ceia Pascal com o festival que a seguia e ao qual ela emprestava seu nome. A ceia era o memorial da redenção dos primogênitos de Israel na noite anterior ao Êxodo; a festa era a celebração de sua libertação real da casa da servidão. A ceia não era uma parte da festa; era moralmente a base sobre a qual a festa foi criada, exatamente como a Festa dos Tabernáculos estava baseada na grande oferta pelo pecado do dia da expiação que a precedia. Mas, da mesma forma que a Festa das Semanas veio a ser comumente designada Pentecostes, a festa dos Pães Ázimos era popularmente chamada de Páscoa, ou Passagem. [3] Esse título era comum para a ceia e para a festa; e incluía ambas; mas o judeu inteligente nunca as confundia, e se ele falasse enfaticamente da *festa* da Passagem, estaria referenciando o festival e excluindo a ceia. [4]

Nenhuma palavra pode expressar mais claramente esta discussão do que as do próprio Pentateuco na promulgação final da Lei: "[Porém no primeiro mês, aos catorze dias do mês, é a páscoa do SENHOR. E aos quinze dias do mesmo mês haverá festa; sete dias se comerão pães ázimos](#)." [5]

Abrindo o décimo terceiro capítulo de João à luz dessa simples explicação, toda dificuldade desaparece. A cena é a Ceia da Páscoa, na véspera do festival, "antes da *festa* da páscoa", [6] e, após a narrativa da lavagem dos pés dos discípulos, o evangelista fala da partida apressada de Judas, explicando que, para alguns, as palavras do Senhor ao traidor foram compreendidas como "[Compra o que nos é necessário para a festa](#)." [João 13:29]. O dia da festa era um sábado, quando o comércio era proibido, e pode parecer que os suprimentos necessários para o festival ainda poderiam ser adquiridos na noite anterior, pois outro dos erros nessa controvérsia é a suposição que o dia judaico era invariavelmente considerado com um nictêmero, que começava no fim da tarde. [7]

Sem dúvida, essa era a regra comum e notavelmente com relação à lei da purificação cerimonial. Esse fato permite-nos concluir que a Páscoa, em relação à qual os judeus se recusaram a se contaminar entrando na sala de audiência, não era a *Ceia* Pascal, pois essa ceia somente seria celebrada após a hora em que essa contaminação já teria passado. Na linguagem da Lei, "[E havendo-se o sol já posto, então será limpo, e então comerá das coisas santas; porque este é o seu pão](#)." [Levítico 22:7] Não era assim com as ofertas santificadas do dia da festa, que eles precisavam comer antes da hora em que suas impurezas cessavam. [8] A única questão, portanto, é se participar das ofertas de paz do festival poderia ser apropriadamente designado como "comer a Páscoa". A própria Lei de Moisés fornece a resposta: "[Então sacrificarás a páscoa ao SENHOR teu Deus, das ovelhas e das vacas,... sete dias nelas comerás pães ázimos](#)..." [Deuteronômio 16:2,3, e compare 2 Crônicas 35:7,8)

Se então as palavras de João são inteligíveis somente quando assim interpretadas, e se quando assim interpretadas são consistentes com o testemunho dos três primeiros evangelistas, nenhum elemento está faltando para dar certeza que os eventos do capítulo 18 ocorreram durante o dia da *festa*. Ou, se confirmação ainda for necessária, os versos de encerramento deste mesmo capítulo dão essa confirmação, pois, de acordo com o costume citado, era na *festa* que o governador libertava um

prisioneiro para o povo (João 18:39, compare Mateus 27:15, Marcos 15:6 e Lucas 23:17); Temendo prender o Senhor no dia da *feira* por causa do povo (Mateus 26:5, Marcos 14:1-2), os fariseus estavam interessados em conseguir que Ele fosse traído na noite da Ceia Pascal. E assim veio a acontecer que o indiciamento diante de Pilatos ocorreu no festival, como todos os evangelistas declaram.

Mas João não diz expressamente que era "a *preparação* da Páscoa", e isso não precisa necessariamente significar o décimo quarto dia de *nisã*? A resposta simples é que nem uma única passagem foi citada dos escritos sacros ou profanos em que esse dia é assim descrito, enquanto que entre os judeus, "a *preparação*" era o nome comum para o dia anterior ao sábado, e é assim usado por todos os evangelistas. Tendo isso em mente, que o leitor compare o verso quatorze do capítulo 19 de João com o os versos trinta e um e quarenta e dois do mesmo capítulo e não terá dificuldade em interpretar as palavras em questão, "era a sexta-feira da Páscoa". [9]

Mas ainda outra afirmação de João é citada nesta controvérsia. "Que era grande o dia de sábado", ele declara e, *portanto*, argumenta-se, precisa ter sido o dia 15 de *nisã*. A força desse "portanto" depende parcialmente de negligenciar o fato que todos os grandes sacrifícios para os quais o 15 de *nisã* devia em grande parte sua distintiva solenidade, eram repetidos diariamente em todo o festival. (Números 28:19-24) [10] Neste relato somente é que o sábado era um "dia grande". Mas, além disso, ele era especificamente distinguido como o dia em que as primícias da colheita eram oferecidas no templo, porque em respeito a essa ordenança, como na maioria dos outros pontos de diferença entre os judeus *caraitas*, que se apegavam às Escrituras como seu único guia, e os judeus *rabínicos*, que seguiam as tradições dos anciãos, os últimos estavam totalmente errados.

A Lei determinava que o molho das primícias fosse movido perante o Senhor "no dia seguinte ao sábado (da Páscoa)" [Levítico 23:10-11] e, a partir desse dia, sete semanas eram contadas que terminavam com a festa de Pentecostes. Mas, como o livro de Deuteronômio expressamente ordena que as semanas deveriam ser contadas a partir do primeiro dia da colheita (Deuteronômio 16:9, e compare Levítico 23:15-16), é evidente que o dia seguinte após o sábado não deveria ser ele mesmo um sábado, mas um dia útil de trabalho. O verdadeiro dia para a ordenança, portanto, era o dia da ressurreição, "o primeiro dia da semana" seguindo a Páscoa, [11] quando, de acordo com a intenção da Lei, a colheita da cevada deveria iniciar, e os primeiros molhos ajuntados deveriam ser levados ao Santo Lugar para serem movidos solenemente diante de Jeová. Mas com os judeus tudo isso foi perdido no rito vazio de oferecer no templo uma medida de alimentos preparados com milho que, em violação à lei, tinha sido colhido dias antes. Esse rito era invariavelmente celebrado no dia 16 de *nisã*, e assim sincronizando com as solenidades tanto do festival pascal e o sábado, esse dia não poderia deixar de ser realmente um "um dia grande". [12]

O argumento em prova que a morte de Cristo foi no mesmo dia em que o cordeiro da Páscoa era morto, ganhou um interesse e valor fictício a partir da aparente adequação do sincronismo que isso envolve. No entanto, uma investigação mais de perto do assunto, combinada com uma visão mais ampla dos tipos mosaicos, dissipa a força dessa conclusão. O ensino distintivo do calvinismo está baseado em dar um lugar exclusivo ao grande sacrifício da oferta pelo pecado de Levítico, em que a substituição, em seu sentido mais definitivo e estreito, é essencial. A Páscoa, por outro lado, sempre foi o tipo mais popular de todos. Mas embora os outros sacrifícios típicos sejam quase totalmente ignorados nos sistemas de nossas principais escolas de teologia, eles não têm pequena proeminência nas Escrituras. As ofertas que são colocadas primeiro no livro de Levítico têm uma grande parte na teologia da epístola aos Hebreus - o "Levítico" do Novo Testamento, enquanto que a Páscoa nem é referenciada uma única vez. [13] Agora, essas ofertas de Levítico [14] marcavam o dia da festa, (Números 28:17-24) em que, de acordo com os evangelhos, "o Messias foi cortado".

E outros sincronismos não estão em falta, ainda mais notáveis e significativos. Durante todo Seu ministério terreal, embora passado em humilhação e opróbrio, nem uma mão foi alguma vez lançada sobre o Bendito, exceto em inoportunas súplicas ou em devoção e serviço amoroso. Mas quando algumas vezes seus opositores quiseram lançar mão Dele, uma hora misteriosa por vir era mencionada, em que o ódio deles ficaria irrestrito. "Esta é a hora e o poder das trevas", Ele exclamou, quando Judas e

a ímpia multidão o cercaram no jardim. (Lucas 22:53) *Sua* hora, Ele a chamou, quando pensava em Sua missão na Terra; a hora *deles*, quando, em cumprimento a essa missão, Ele foi colocado em suas mãos.

As agonias que os homens Lhe infligiram estão na mente da cristandade, mas além e acima disso tudo o mistério da Paixão é que Ele foi abandonado e se tornou maldito de Deus. [15] Em algum sentido, realmente, Seus sofrimentos nas mãos dos homens foram apenas uma conseqüência disso; daí Sua resposta a Pilatos, "**Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado.**" Se os homens o prenderam e o feriram, foi porque Deus O entregou nas mãos deles. Quando essa hora prevista chegou, a mão poderosa que O tinha guardado da fúria se afastou. A morte Dele não foi o início, mas o encerramento de Seus sofrimentos, na verdade, foi a hora de Seu triunfo.

A agonia da meia-noite no Getsêmani foi assim; o grande antítipo daquela meia-noite no Egito; quando o anjo destruidor passou pela terra. E, como Sua morte foi o cumprimento da libertação de Seu povo, assim ela ocorreu no aniversário daquele "**mesmo dia em que o SENHOR tirou os filhos de Israel da terra do Egito, segundo os seus exércitos.**" [16]

Notas de Rodapé do Capítulo 9

[1] *theopneustos*, 2 Timóteo 3:16. Veja *Ordo Saec.*, de Browne, 65-70, para uma exaustiva discussão dessa questão, na prova que "os três primeiros evangelhos estão em discordância neste ponto com o quarto." A matéria é tratada em diversos livros. Aqui, trato apenas os pontos salientes da controvérsia. Os argumentos baseados na observância sabática do 15 de nisã serem inconsistentes com os eventos da manhã da crucificação não têm valor algum. "Coar um mosquito e engolir um camelo" era característico dos homens que eram os atores nessas cenas. Se qualquer um tem dúvidas sobre isso, que leia o *Mishna*. E pontos como dizer que os judeus eram proibidos de deixar suas casas na noite da ceia, envolvem a confusão entre as ordens dadas para a noite do Êxodo com a lei relativa à sua celebração anual. Também pode ser dito que o Senhor sancionou e participou em uma violação da Lei por que se reclinou na ceia, em vez de se manter em pé, com os lombos cingidos, os sapatos nos pés e o cajado nas mãos, como determinado em Êxodo 12.

[2] Mateus 26:17 (Versão Revisada). Na Versão Autorizada os tradutores perverteram esse verso. Não era o primeiro dia da *festa*, mas *ta proto ton adzumon*, ou, como Lucas diz: *ha maera ton adzumon*, isto é, o dia em que o fermento deveria ser removido das casas, o dia 14 de nisã, na noite em que a Páscoa era comida.

[3] Veja Lucas 22:1, e compare com Josefo, *Ant.*, 14:2,1, e 17:9,3. "...a festa dos ázimos, chamada a páscoa."

[4] Ou, se a ênfase estivesse na última palavra, a distinção seria entre Páscoa e Pentecostes ou Tabernáculos.

[5] Números 28:16,17. Compare Êxodo 12:14-17 e Levítico 23:5, e marque que na enumeração das festas no capítulo 23 de Êxodo, a Páscoa (isto é, a Ceia Pascal) é totalmente omitida.

[6] João 13:1. O leitor precisa distingüir cuidadosamente entre versos como este e aqueles em que em nossa tradução a palavra "festa" aparece em itálico, indicando que não consta no original.

[7] Tal, por exemplo, era o dia da expiação (Levítico 23:32) e também o sábado semanal. Mas embora a Páscoa fosse celebrada entre seis da tarde e a meia-noite, esse período era designado na lei, não o início do 15 de nisã, mas a noite do dia 14 (compare Êxodo 12:6-8 e Levítico 23:5). O dia 15, ou o dia da festa, era considerado, sem dúvida, a partir das seis horas da manhã seguinte, pois, de acordo com o *Mishna* (Tratado *Berachoth*), o dia começava às seis horas da manhã. Esses autores querem que acreditemos que os discípulos supuseram que estavam ali e então comeram a Páscoa, e mesmo assim imaginaram que Judas foi despachado para comprar o que faltava para a Páscoa!

[8] Porque o dia terminava às seis horas. Além disso, sabemos a partir de autores judeus que essas ofertas (chamadas no Talmude de *Chagigah*) eram comidas entre três e seis horas, e a impureza cerimonial continuava até às 6 horas.

[9] Em *de paraskeua tou pascha*, versos 31 e 42, e também em Mateus 27:62; Marcos 15:42; Lucas 23:54, Josefo (*Ant.*, 16, 6, 2) cita um edito imperial que dispensava os judeus de comparecerem nos tribunais no sábado ou após a nona hora do dia da preparação. É injustificável afirmar que a ausência do artigo em João 19:14 impossibilita dar esse significado à palavra *paraskeua* nesta passagem. Nos três dos outros cinco versos citados, a palavra é *anarthrous*, pois de fato ela veio a ser o nome comum para o dia, e a expressão "sexta-feira da Páscoa" era tão natural para o judeu quanto "segunda-feira de Páscoa" é para nós. (Veja a nota de Alford sobre Marcos 15:42. Ainda mais valiosa é a sua explicação de Mateus 27:62.)

[10] Números 28:19-24. Compare Josefo, *Ant.*, 3:10,5.

[11] O calendário judaico atual é ajustado de tal forma que o dia 14 de nisã nunca caia em um sábado (veja *Encyc. Brit.*, nona edição, título "Hebrew Calendar"); e isso, sem dúvida, era feito porque as atividades do dia eram incompatíveis com a observância devida ao quarto mandamento. Portanto, o dia seguinte após o sábado seria invariavelmente um dia útil, para que a lei fosse perfeitamente coerente em prover que o molho fosse movido no primeiro dia da colheita. Portanto, é somente em um ciclo de anos que o verdadeiro dia para oferecer as primícias cai no terceiro dia da Páscoa, mas no ano da crucificação, o grande antítipo, a ressurreição de Cristo dentre os mortos (1 Coríntios 15:20,23), ocorreu no mesmo dia divinamente indicado para o rito. Segue-se que o verdadeiro dia de Pentecostes precisa sempre ser no primeiro dia da semana (veja Levítico 23:15,16) e, portanto, naquele mesmo ano o verdadeiro Pentecostes foi, não o dia de sábado em que os judeus observavam a festa, mas o dia que o seguiu, um fato que confirma a suposição que a palavra ambígua usada em Atos 2:1 significa "cumprido" no sentido de *passado*, e que foi então reunida "no primeiro dia da semana" que a igreja recebeu o dom do Espírito Santo.

[12] Na verdade ele não poderia ter sido senão o maior sábado do ano, e é fútil fingir que isso não é suficiente para explicar a menção dele.

[13] A menção *histórica* da Páscoa em Hebreus 11:28, não é logicamente uma exceção. Ela não tem lugar na doutrina da epístola.

[14] A oferta queimada, com sua oferta de carne, a oferta pacífica (o *chagigah* do Talmude) e a oferta pelo pecado (Levítico 1:4).

[15] Nenhuma mente reverente buscará analisar o significado dessas palavras, exceto que elas testificam o grande fato que Seus sofrimentos e morte foram em expiação pelos nossos pecados. Mas o crente não tolerará uma dúvida sobre a realidade e profundidade do significado delas.

[16] Êxodo 12:51. A Páscoa da celebração anual era apenas um memorial da Passagem no Egito, que foi o verdadeiro tipo. Ele era morto, além disso, não na hora da morte do Senhor, mas após a hora, entre a nona e undécima hora (Josefo, *Guerras*, 6, 9, 3). "A elucidação da doutrina dos tipos, agora inteiramente negligenciada, é um problema importante para os futuros teólogos." Essa frase de Hengstenberg (*Christology* (Arnold's Ed., 765)] pode ainda ser registrada como uma vergonha merecida para a teologia, e muito do que tem sido escrito nesta controvérsia pode ser citado para provar sua verdade. O dia da ressurreição foi o aniversário da passagem do Mar Vermelho, e novamente do repouso da Arca sobre o monte Ararate (Gênesis 8:4). Nisã, que tinha sido o sétimo mês, tornou-se o primeiro mês no Êxodo. (Veja Êxodo 12:2, confira *Ordo Saec*, 299). No dia 17 de nisã, a terra renovada emergiu das águas do dilúvio, o povo redimido emergiu das águas do mar e o Senhor Jesus ressuscitou dentre os mortos.

CAPÍTULO 10

O CUMPRIMENTO DA PROFECIA

"As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei." (Deuteronômio 29:29)

Entre as coisas reveladas", as profecias cumpridas têm um lugar da mais alta importância. Na presença de eventos em que elas foram cumpridas, o significado delas está na superfície. Que os fatos da Paixão sejam admitidos e a relação deles com o Salmo 22 é indisputável. Existem profundidades de significado espiritual nas palavras do salmista, por causa da natureza dos fatos que as cumpriram, mas o testemunho que a profecia oferece é endereçada a todos e aquele que corre pode lê-la. É possível então, pode-se perguntar, que a verdadeira interpretação da profecia das Setenta Semanas envolva tanta investigação e discussão?

Tal objeção é perfeitamente legítima, mas a resposta a ela será encontrada em distinguir entre as dificuldades que aparecem na própria profecia e aquelas que dependem inteiramente da controvérsia para a qual ela deu origem. Os escritos de Daniel têm sido o objeto de mais crítica hostil do que qualquer outra porção das Escrituras e os versos de encerramento do capítulo 9 sempre foram um ponto principal de ataque. E isto é necessariamente assim, por que se essa única passagem puder ser provada como sendo uma profecia, ela estabelece o caráter do livro como uma revelação divina. As visões de Daniel admitidamente descrevem eventos históricos entre os dias de Nabucodonosor e os de Antíoco Epifânio, de modo que o ceticismo assume que o autor viveu no tempo dos Macabeus. Mas essa suposição, apresentada sem qualquer pretensa prova decente, é profundamente refutada apontando-se para uma porção da profecia cumprida em uma data posterior; conseqüentemente, é de vital importância para o cético desacreditar a predição das Setenta Semanas.

A profecia não tem sofrido nada com os ataques de seus críticos, mas muito nas mãos de seus amigos. Nenhum argumento elaborado seria necessário para elucidar seu significado, se não fosse pelas dificuldades levantadas pelos expositores cristãos. Se tudo o que os autores cristãos escreveram sobre o assunto pudesse ser apagado e esquecido, o cumprimento da visão, o tanto quanto ela já foi na verdade cumprida, seria claro nas páginas abertas da história. Por deferência a esses autores e também na esperança de remover os preconceitos que são fatais para a compreensão correta do assunto, essas dificuldades foram aqui discutidas. Resta agora apenas recapitular as conclusões que foram registradas nas páginas anteriores.

O cetro do poder terrenal que foi confiado à casa de Davi, foi transferido aos gentios na pessoa de Nabucodonosor, para permanecer nas mãos dos gentios "até que o tempo dos gentios se complete".

As bênçãos prometidas para Judá e Jerusalém foram adiadas até após um período descrito como "setenta semanas"; e no encerramento da sexagésima nona semana desse período, o Messias seria "cortado".

Essas setenta semanas representam setenta vezes sete anos proféticos de 360 dias, a serem considerados desde a emissão do edito para a reconstrução da cidade - "as ruas e o muro" de Jerusalém.

O edito em questão foi o decreto emitido por Artaxerxes Longimano, no vigésimo ano de seu reinado, que autorizou Neemias a reconstruir as fortificações de Jerusalém.

A data do reinado de Artaxerxes pode ser definitivamente determinada - não a partir das análises elaboradas por comentaristas bíblicos e escritores de assuntos proféticos, mas pela voz unida dos historiadores e cronologistas seculares.

A afirmação de Lucas é explícita e inequívoca, que o ministério público de nosso Senhor começou no ano quinze de Tibério César. É igualmente claro que ele começou logo antes da Páscoa. A data pode ser fixada entre agosto do ano 28 e abril do ano 29. A Páscoa da crucificação foi, portanto, no ano 32, quando Cristo foi traído na noite da Ceia Pascal e executado no dia da Festa da Páscoa.

Se, então, as conclusões anteriores estão bem fundamentadas, devemos esperar encontrar que o período intermediário entre o edito de Artaxerxes e a Paixão foi de 483 anos proféticos. E exatidão tão absoluta quanto a natureza do caso permite não é mais do que os homens têm aqui o direito de exigir. Não pode haver uma consideração frouxa em uma cronologia divina; e se Deus se dignou a marcar no calendário humano o cumprimento de Seus propósitos conforme preditos na profecias, a investigação mais rígida não deve poder detectar erros de cálculos ou enganos.

O edito persa que restaurou a autonomia de Judá foi emitido no mês judaico de nisã. Ele pode na verdade ter sido emitido no primeiro de nisã, mas como nenhum outro dia é citado, o período profético precisa ser considerado de acordo com uma prática comum entre os judeus, a partir do dia do Ano Novo judaico. [1] As setenta semanas devem, portanto, serem calculadas a partir de primeiro de nisã de 445 AC. [2]

Agora, a grande característica do ano sacro judaico permanece inalterada desde a noite memorável em que a lua equinocial brilhou sobre as moradias dos israelitas no Egito, manchada de sangue pelo sacrifício da Páscoa, e também não há dúvida nem dificuldade em fixar dentro de limites estreitos a data juliana do primeiro dia de nisã em qualquer ano que seja. Em 445 AC, a lua nova pela qual a Páscoa era regulada foi no dia 13 de março, às 7:09h da manhã. [3] Conseqüentemente, o primeiro de nisã pode ser atribuído ao dia 14 de março.

Mas a linguagem da profecia é clara: "[Desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas.](#)" Portanto, um período de sessenta e nove "semanas", ou 483 anos proféticos, considerados desde 14 de março de 445 AC, deve terminar com algum evento que satisfaça as palavras "[até ao Messias, o príncipe.](#)"

A data da natividade não poderia ter sido o término do período, pois então as sessenta e nove semanas precisariam ter terminado trinta e três anos antes da morte do Messias.

Se o início do ministério público de Cristo fosse fixado, dificuldades de outro tipo se apresentariam. Quando o Senhor começou a pregar, o reino não estava presente como um fato cumprido em Seu advento, mas como uma esperança, a realização da qual, embora às portas, ainda estava para ser cumprida. Ele deu continuidade ao testemunho de João Batista, "[O reino dos céus está próximo.](#)" Seu ministério foi uma preparação para o reino, levando ao tempo em que, em cumprimento às Escrituras proféticas, Ele deveria declarar-se publicamente como o Filho de Davi, o Rei de Israel, e reivindicar a homenagem da nação. Foi culpa da nação que a cruz, e não o trono, foi o clímax de Sua vida na Terra.

Nenhum estudante das narrativas dos evangelhos pode deixar de ver que a última visita do Senhor a Jerusalém foi não somente de fato, mas de propósito, a crise de Seu ministério, o objetivo em direção ao qual ele tinha sido orientado. Após os primeiros sinais terem sido dados que a nação rejeitaria suas reivindicações messiânicas, eles lhe negaram todo o reconhecimento público. Mas agora o testemunho duplo de Suas palavras e de Suas obras tinham sido totalmente entregues, e Sua entrada na Cidade Santa seria para proclamar que Ele era o Messias e para receber Sua condenação. Seus apóstolos foram repetidamente advertidos que não deveriam torná-lo conhecido. Mas agora Ele aceitava as aclamações de "toda a multidão dos discípulos" e silenciou a objeção dos fariseus com a indignada repreensão, "[Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão.](#)" (Lucas 19:39,40).

O significado total das palavras que seguem no evangelho de Lucas é escondido por uma ligeira interpolação no texto. Enquanto os discípulos clamavam, "[Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor.](#)" Ele olhou para a cidade santa e exclamou, "[Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos.](#)" [4] O

tempo da visitação de Jerusalém tinha chegado, e ela não tomou conhecimento. Muito antes a nação O tinha rejeitado, mas este era o dia predestinado quando a escolha deles precisaria ser irrevogável - o dia tão distintamente sinalizado nas Escrituras como o cumprimento da profecia de Zacarias: "[Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e salvo, pobre, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho, filho de jumenta.](#)" (Zacarias 9:9) De todos os dias do ministério de Cristo na Terra, nenhum outro satisfaz tão bem as palavras do anjo, "[até ao Messias, o príncipe.](#)"

E a data desse dia pode ser determinada. De acordo com o costume judaico, o Senhor subiu a Jerusalém no dia 8 de nisã, "seis dias antes da Páscoa." [5] Mas como o dia 14, em que a Ceia Pascal seria servida, caiu naquele ano em uma quinta-feira, o dia 8 foi a sexta-feira precedente. Portanto, Ele precisa ter passado o sábado em Betânia, e na noite do dia 9, após o sábado terminar, uma ceia foi servida na casa de Marta. No dia seguinte, o 10 de nisã, Ele entrou em Jerusalém, conforme registrado nos evangelhos. [6]

A data juliana do 10 de nisã foi domingo, 6 de abril do ano 32. Qual, então foi a extensão do período intermediário entre a emissão do decreto para reconstruir Jerusalém e o advento público de "Messias, o príncipe" - entre 14 de março de 445 AC e 6 de abril de 32? O INTERVALO CONTINHA EXATAMENTE E ATÉ AQUELE MESMO DIA 173.880 DIAS, OU SETE VEZES SESENTA E NOVE ANOS PROFÉTICOS DE 360 DIAS, as primeiras sessenta e nove semanas na profecia de Gabriel. [7]

Muito há nos Escritos Sagrados que a descrença pode valorizar e reverenciar, ao mesmo tempo em que recusa-se profundamente a aceitá-los como divinos, mas a profecia não admite meia-fé. A predição das "setenta semanas" foi ou uma grossa e ímpia impostura, ou então foi no mais pleno e estrito sentido dada pela boca de Deus. [8] Pode ser que em dias por vir, quando o grande retorno ao lar em Judá restaurará em Jerusalém os legítimos proprietários de seu solo, os próprios judeus ainda poderão descobrir debaixo de suas ruínas os registros do decreto do grande rei e da rejeição do Nazareno, e eles, para quem a profecia foi dada, serão assim confrontados com as provas de seu cumprimento. Enquanto isso, porém, que julgamento será dado por homens justos e que usam a cabeça para pensar? Acreditar que os fatos e os números aqui detalhados correspondem a nada mais do que felizes coincidências envolve um exercício de fé maior do que a do cristão que aceita o livro de Daniel como divino. Há um ponto além do qual a descrença é impossível, e a mente, ao recusar a verdade, precisa tomar refúgio em uma descrença que é pura credulidade.

Notas de Rodapé do Capítulo 10

[1] "No dia primeiro de nisã é um novo ano para o cálculo do reinado dos reis, e para os festivais." - *Mishna*, tratado "*Rosh Hash*".

[2] "[Acabou-se, pois, o muro aos vinte e cinco do mês de Elul; em cinqüenta e dois dias.](#)" (Neemias 6:15) Agora, cinqüenta e dois dias, contados para trás a partir de 25 de elul, leva-nos ao dia 3 de ab. Portanto, Neemias precisa ter chegado não depois de 1 de ab, e aparentemente alguns dias antes. (Neemias 2:11). Compare isto com a jornada de Esdras, treze anos antes. "[Pois no primeiro dia do primeiro mês foi o princípio da partida de Babilônia; e no primeiro dia do quinto mês \(Ab\) chegou a Jerusalém, segundo a boa mão do seu Deus sobre ele.](#)" (Esdras 7:9) Portanto, infiro que Neemias também partiu antes no primeiro mês.

Os paralelismos cronológicos entre as jornadas respectivas de Esdras e Neemias sugerem a engenhosa teoria que ambos foram a Jerusalém juntos. Esdras 7 e Neemias 2 relatam o mesmo evento. Isto está baseado na suposição que os anos do reinado de Artaxerxes, de acordo com o cálculo persa, foram considerados a partir de seu nascimento, uma suposição, entretanto, que é imaginosa e arbitrária, embora descrita por seu autor como "de modo algum improvável" (*Trans. Soc. Bib. Arch.* 2, 110, Rev. D. H. Haig, 4 de fev. 1873).

[3] Para este cálculo, estou em débito com a cortesia do Astrônomo Real, cuja resposta à minha consulta sobre o assunto incluo aqui:

"Observatório Real, Greenwich"
26 de junho de 1877

"Caro Senhor - A posição da lua a partir das Tabelas de Largeteau em Adição ao *Connnaissance des Temps* 1846, foi calculada por um de meus assistentes e não tenho dúvidas quanto à sua exatidão. A posição que foi calculada - 12 de março de 444, às 20 horas, parece que o dito horário ficou próximo da Lua Nova por aproximadamente 8h 47 min, e, portanto, a Lua Nova apareceu às 4:47h da manhã, em 13 de março, horário de Paris."

Sou, etc.
"(Assinado) G. B. Airy"

A lua nova, portanto, apareceu em Jerusalém em 13 de março de 445 AC (ano astronômico 444) às 7:09h da manhã.

[4] *ei egnos kai su ge en ta hamera tauta ta pors eipanan sou k. t. l.* (Lucas 19:42). O texto recebido insere *sou* após *hamara*, mas os melhores MSS (*Alex. Vat. Sin.* etc.) concordam em omiti-lo. *kai sou*, "thou também, bem como estes meus discípulos." *kai ge et quidem* - "até" (*Alford, Gr. Test. in loco*). A Versão Revisada diz: "Se tivesses conhecido neste teu dia", etc.

[5] "Quando o povo vinha em grande multidão para a festa dos pães ázimos no oitavo dia do mês Xanticus, isto é, nisã (Josefo, *Guerras*, 6, 5,3). **"E estava próxima a páscoa dos judeus, e muitos daquela região subiram a Jerusalém antes da páscoa para se purificarem.... Foi, pois, Jesus seis dias antes da páscoa a Betânia, onde estava Lázaro, o que falecera, e a quem ressuscitara dentre os mortos."** (João 11:55; 12:1)

[6] Lewin, *Fasti Sacri.*, pg 230.

[7] O primeiro dia de nisã no ano vigésimo de Artaxerxes (data do edito para reconstruir Jerusalém) foi 14 de março de 445 AC. O 10 de nisã na Semana da Paixão (a entrada de Cristo em Jerusalém) foi em 6 de abril de 32. O período intermediário foi de 476 anos e 24 dias (os dias sendo considerados inclusivamente, conforme requerido pela linguagem da profecia, e de acordo com a prática judaica).

Mas $476 \times 365 = 173.740$ dias
Adicione (14 de março a 6 de abril, ambos inclusive) = 24 dias
Adicione 116 dias de anos bissextos
É igual a um total de 173.880 dias

E 69 semanas de anos proféticos de 360 dias (ou $69 \times 7 \times 360$) = 173.880 dias.

Pode ser adequado oferecer aqui dois comentários explicativos. Primeiro, ao considerar os anos de AC a DC, um ano precisa sempre ser omitido. Por que é óbvio, que de 1 AC até 1 DC não existem dois anos, mas somente um. 1 AC deveria ser descrito como 0 AC, e é assim considerado pelos astrônomos, que descrevem a data histórica 445 AC como 444 AC. Segundo, o ano juliano é 11m 10 46s, ou aproximadamente a centésima vigésima nona parte de um dia mais longo que o ano solar médio. Portanto, o calendário juliano contém três anos bissextos a mais em quatro séculos, um erro que teria se acumulado para onze dias em 1752 quando o calendário inglês foi corrigido declarando-se o 3 de setembro como sendo o 14 de setembro, e introduzindo-se a reforma gregoriana que considera três anos seculares de cada quatro como anos comuns, por exemplo, 1700, 1800 e 1900 são anos comuns e o ano 2000 é um ano bissexto. "O antigo dia de Natal" ainda é marcado nos nossos calendários, e é observado

em algumas localidades no dia 6 de janeiro; e até este dia o calendário permanece incorreto na Rússia. (Veja o Apêndice 4, pg 306, nota 8.)

[8] *theopneustos* (2 Timóteo 3:16).

CAPÍTULO 11

PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

"Este é um trabalho que considero deficiente; mas que deve ser feito com sabedoria, sobriedade e reverência, ou não ser feito de forma alguma."

Assim escreveu Lord Bacon, ao tratar aquilo que descreve como "a história da profecia". Ele explica:

"A natureza desse trabalho deve ser que toda profecia das Escrituras seja ordenada com o evento que a cumpriu, em todas as épocas, para melhor confirmação da fé e para a melhor iluminação da Igreja que estuda aquelas partes das profecias que ainda não foram cumpridas; permitindo, porém, aquela latitude com a qual se pode concordar e que é familiar nas profecias divinas; dada a natureza de seu Autor, para quem mil anos são como um dia e, portanto, não são cumpridas pontualmente de uma só vez, mas florescem e germinam cumprimentos ao longo de muitas épocas, embora possam se referir a alguma outra época."

Se os muitos autores que desde então contribuíram para suprir a falta daquilo que Lord Bacon observou, tivessem dado a devida atenção a essas sábias palavras, o estudo profético poderia possivelmente ter escapado da reprovação que vem do fato de seus seguidores estarem divididos em campos hostis. Com o cristão o cumprimento da profecia não pertence à região da opinião, e nem até meramente dos fatos; é uma questão de *fé*. Temos o direito, portanto, de esperar que ele seja definitivo e claro. Mas embora os princípios e máximas da interpretação obtidos pelo estudo dessa parte da profecia, que foi cumprida dentro da era dos Escritos Sagrados, não devam de modo algum serem colocados de lado quando passamos para os tempos pós-apostólicos, certamente não há presunção contra encontrá-los ocultos na história destes dezoito séculos e até mesmo um cumprimento principal e parcial de profecias, que inquestionavelmente receberão um cumprimento final e completo em dias por vir.

Somente não nos esqueçamos da "sabedoria, sobriedade e reverência" que essa investigação requer. Em nossos dias, os estudantes de assuntos proféticos tornaram-se profetas e, com uma combinação de estupidez e atrevimento, estão buscando determinar o ano exato do retorno de Cristo à Terra - predições que possivelmente os filhos dos nossos filhos lembrarão quando outro século tiver sido adicionado à história da cristandade. Se tais ações extravagantes trouxessem descrédito somente para seus autores, tudo estaria bem. Mas embora anunciadas em direta oposição às Escrituras, elas trazem reprovação sobre as próprias Escrituras e estimulam o ceticismo dos dias atuais. Poderíamos esperar que tudo o mais fosse esquecido, mas que as últimas palavras que o Senhor Jesus falou na Terra não fossem assim colocadas de lado:

"E disse-lhes: Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder." (Atos 1:7)

Mas o que foi negado aos apóstolos inspirados nos dias de fé e poder da igreja primitiva, os "especialistas" em profecias destes últimos dias se atrevem a dizer; e o resultado é que a solene e bendita

esperança do retorno do Senhor tem sido degradada ao nível da predição dos astrólogos, para confusão e tristeza do coração dos fiéis e satisfação do mundo.

Qualquer homem que, evitando as visões extravagantes e imaginosas, tanto da história quanto das Escrituras, aponte para os eventos no presente ou no passado como correlatos a uma profecia, merece ser ouvido de forma calma e não preconceituosa pelos homens que usam a cabeça para pensar. Mas que ele não se esqueça que, embora as Escrituras, para as quais ele recorre, possam "germinar cumprimentos", a plenitude delas pode referenciar uma época ainda futura. O que é verdadeiro de todas as Escrituras é especialmente verdadeiro com relação às profecias. Devemos atribuir a elas um significado, mas aquele que realmente acredita que elas são de origem divina, hesitará em limitar o significado delas à medida de sua própria compreensão.

As profecias do Anticristo permitem uma notável e muito adequada ilustração. Se não fosse pelo preconceito criado pelas afirmações extremas, os estudantes das profecias provavelmente concordariam que a grande apostasia da cristandade exhibe em seu contorno muitas das principais características do Homem do Pecado. Há realmente em nossos dias uma espúria liberalidade que nos ensinaria a abrir mão do indiciamento que a história permite contra a Igreja de Roma, mas enquanto nenhuma mente generosa se recusará a reconhecer o valor moral daqueles que, na Inglaterra pelo menos, agora guiam os conselhos dessa Igreja, a questão real em discussão relaciona-se com o caráter, não dos indivíduos, mas de um *sistema*.

Portanto, é parte, não da intolerância preconceituosa e ignorante, mas de verdadeira sabedoria, pesquisar os registros do passado - registros realmente terríveis - para encontrar os meios de julgar esse sistema. A investigação que nos interessa não é se homens bons são encontrados dentro do cercado de Roma - como se toda a excelência moral da Terra pudesse servir para cobrir os anais de sua repulsiva culpa! Nossa verdadeira investigação é se ela sofreu qualquer mudança real nestes dias de maior iluminação. Está a Igreja de Roma *reformada*? E com que veemência a resposta seria gritada de todo altar dentro de seu cercado! E, se não, que os dias tenebrosos venham novamente e algumas das cenas mais perversas e que os crimes mais tenebrosos na história da cristandade sejam reencenados na Europa. "O verdadeiro teste de um homem não é o que ele faz, mas o que, com os princípios aos quais adere, ele faria"; e, se isso é verdade para os indivíduos, é ainda mais intensamente verdadeiro com relação às comunidades. Portanto, fazem um bom serviço aqueles que mantêm diante da mente do público o caráter real de Roma como o desenvolvimento da apostasia dos dias atuais.

Mas quando esses autores avançam e afirmam que as predições do Anticristo têm sua plena e final realização no papado, a posição deles torna-se um perigo para a verdade. Isso é mantido ao custo de rejeitar algumas das mais definidas profecias e de colocar interpretação imaginosa e sem rigor nas mesmas Escrituras às quais eles recorrem.

Na verdade, o mal prático principal desse sistema de interpretação é que ele cria e patrocina um hábito de ler as Escrituras de uma maneira frouxa e superficial. Impressões gerais, derivadas de uma leitura rápida das profecias, são tomadas e sistematizadas, e sobre essa base uma pretensa superestrutura é construída. Como já observado, a Igreja de Roma exhibe as principais características morais do Homem do Pecado. Portanto, é um axioma de interpretação com essa escola que a besta dos dez chifres é o papado. No entanto, a respeito da besta, está escrito:

"Foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação. E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo." (Apocalipse 13:7-8).

Estão esses comentaristas cientes que metade da cristandade está fora do cercado de Roma e em oposição às reivindicações do papado? Ou eles supõem que todos que pertencem às igrejas gregas e protestantes estão inscritos no livro da vida? De modo algum. Mas querem nos dizer que o verso não significa aquilo que diz. [1]

Novamente, a besta de dez chifres é o papado; a segunda besta, o falso profeta, é o clero papal; Babilônia é a Roma papal. Entretanto, quando nos viramos para a visão do julgamento de Babilônia, descobrimos que *é por intermédio da besta* que sua condenação será realizada!

"E os dez chifres que viste na besta são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo. Porque Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus. Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta." [2]

Os governos da cristandade, portanto, entregarão seus poderes ao pontífice e ao sacerdócio romano para destruírem a Roma papal! [3] Pode um absurdo ser mais transparente e mais completo?

A questão aqui em discussão não deve ser pré-julgada por más representações, ou evitada voltando-se para pontos colaterais ou de importância secundária. Não é se as grandes crises na história da cristandade, como a queda do paganismo, a ascensão do papado e do poder islâmico, e a reforma protestante do século XVI, estão dentro da abrangência das visões de João. Isso pode ser prontamente reconhecido. Nem é se o fato que a cronologia de alguns desses eventos é marcada por ciclos de anos compostos por múltiplos precisos; dos setenta especificados no livro de Daniel e o Apocalipse, seja não uma prova adicional que tudo forma parte de um grande plano. Cada nova descoberta do tipo deveria ser recebida por todos os que amam a verdade. Em vez de enfraquecer a confiança na precisão e definição das profecias, ela deveria fortalecer a fé que procura seu absoluto e literal cumprimento. A questão não é se a história da cristandade estava dentro da visão do autor divino das profecias, mas se essas profecias foram *cumpridas*; não se essas Escrituras têm a abrangência e significado que os intérpretes atribuem a elas, mas se a abrangência e significado delas pode ser totalmente conferido e satisfeito pelos eventos que elas citam como sendo o cumprimento delas. Portanto, não é necessário entrar aqui em uma análise elaborada do sistema histórico de interpretação, porque se isso falhar quando testado em algum ponto vital, ele se parte totalmente.

O Apocalipse, então, pertence à esfera da profecia cumprida? Ou, para reduzir a controvérsia a uma questão ainda mais estreita, as visões dos selos, das trombetas e das taças já foram cumpridas? Ninguém disputará a justiça desse modo de declarar a questão, e o método mais justo possível de lidar com ela será apresentar para consideração alguma das principais visões, e então citar tintim por tintim tudo o que os intérpretes históricos apresentaram como sendo o significado dela.

A abertura do sexto selo é assim registrada pelo apóstolo João:

"E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue; e as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares. E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas; e diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondi-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro; porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?"
(Apocalipse 6:12-17)

O seguinte é o comentário do Sr. Elliot a respeito da visão:

"Quando consideramos os terrores desses reis blasfemadores de Cristo da terra romana, com seus exércitos derrotados diante das hostes cristãs, fugindo e perecendo miseravelmente, houve certamente o que no evento, de acordo com a construção normal dessas imagens nas Escrituras, pode ser considerado uma resposta aos símbolos da visão prefigurativa que está diante de nós; nessa visão, reis e generais, homens livres

e servos, aparecem fugindo e buscando as fendas das rochas para se esconderem ali da face daquele que está assentado sobre o trono do poder, e da ira do Cordeiro."

"Assim, sob os primeiros choques desse grande terremoto tinha a terra romana sido agitada, e os inimigos dos cristãos destruídos ou levados à fuga e à consternação. Destarte, nos céus políticos, tinha o sol da supremacia pagã escurecido, a lua entrado em eclipse e se tornado vermelha, e não poucas estrelas abaladas violentamente até o chão. Mas a profecia não tinha ainda recebido todo seu cumprimento. As estrelas do céu pagão não tinham todas caído, nem tinha o céu se retirado como um pergaminho que se enrola. No primeiro triunfo de Constantino, e após os primeiros terrores dos imperadores opositores e de suas hostes, embora os editos imperiais deles tenham dado ao cristianismo seus plenos direitos e liberdade, permitiram também aos pagãos incrédulos tolerância na liberdade de adoração. Mas muito cedo seguiram-se medidas de marcada preferência nas indicações imperiais para os cristãos e para sua fé. E, no longo prazo, à medida que Constantino avançou na vida, a despeito da indignação e ressentimento dos pagãos, ele emitiu editos para a supressão dos seus sacrifícios, a destruição de seus templos, e tolerância a nenhuma outra forma de adoração pública, exceto a dos cristãos. Seus sucessores no trono seguiram a mesma ação, acrescentando punições de caráter mais severo possível à profissão pública de fé no paganismo. O resultado foi que, antes do fim do século, todas as estrelas tinham caído no chão, do seu próprio céu, ou sistema político e religioso, sumindo de vista e, na terra, as velhas instituições pagãs, com suas leis, ritos e adoração foram aniquiladas." [4]

"Um exemplo mais notável da interpretação inadequada não pode ser imaginado." [5] Que maravilha se os homens zombam das terríveis advertências da ira vindoura, quando ouvem que O GRANDE DIA DA SUA IRA [6] é passado, e que ele corresponde a nada mais que a fuga em debandada dos exércitos pagãos derrotados diante das hostes de Constantino - um evento que teve mil outros similares na história do mundo? [7]

Que o ponto em discussão seja mantido claramente em vista. Se formos recorrer ao reinado de Constantino ou a alguma outra época na história da cristandade para permitir um cumprimento intermediário da visão, isso poderia passar como uma frágil, mas inofensiva exposição; mas esses expositores atrevidamente afirmam que a profecia não tem outra abrangência ou significado. [8] Eles querem provar que a visão do sexto selo já foi *cumprida*; portanto é óbvio que tudo o que a segue requer cumprimento da mesma forma. Se, portanto, o sistema deles falhasse neste ponto somente, sua falha seria absoluta e completa; mas na verdade o exemplo citado não é mais que um exemplo justo da maneira em que eles reduzem o significado das palavras que professam explicar.

Estamos agora, eles nos dizem, na era das Taças. Nesta mesma hora a ira de Deus está sendo derramada sobre a Terra. [9] Certamente os homens podem bem exclamar - comparando o presente com o passado, e julgando esta época como mais favorecida, mais desejável para se viver do que qualquer outra época anterior, - É isto tudo a que se resume a ira de Deus! As taças são as sete últimas pragas, "porque nelas é consumada a ira de Deus", e dizem então para nós que a sexta está neste momento sendo cumprida na dissolução do Império Turco! Pode qualquer homem estar tão perdido na terra dos sonhos de suas próprias lucubrações ao ponto de imaginar que o colapso do poder turco é um julgamento divino sobre o mundo não arrependido? [10] Tal pode parecer serem os paxás que, como demônios sarcófagos, engordam com a miséria em sua volta; mas milhões a saudariam como uma bênção para a humanidade sofredora e perguntariam com maravilha, se esse é um sinal de coroação da ira de Deus, como devem as almas simples distingüir entre as provas de Seu favor e as de Sua mais terrível ira?

Se o evento fosse citado como um cumprimento principal, dentro destes dias da graça, de uma profecia que pertence estritamente ao vindouro dia da ira, mereceria respeitosa atenção; mas apelar para o desmembramento da Turquia como a plena realização da visão, é tratar com pouca seriedade a solene linguagem das Escrituras e um absurdo contra o bom senso.

Mas existem princípios envolvidos nesse sistema de interpretação muito mais profundos e mais importantes que qualquer um que apareça na superfície. Ele está em antagonismo direto com a grande verdade fundamental do cristianismo.

Lucas narra (Lucas 4:19-20) como, após a tentação, o Senhor "pela virtude do Espírito, voltou para a Galiléia" e, ao entrar na sinagoga de Nazaré no dia de sábado, como era seu costume, levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías e os olhos de todos estavam fitos Nele. Ele abriu o livro e leu estas palavras:

"O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração, a pregar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor."

"E o dia da vingança do nosso Deus" eram as palavras que se seguiam, sem interrupção, na página aberta diante Dele, mas o registro acrescenta: que Ele cerrou o livro, entregou-o ao ministro e assentou-se. Em uma época por vir, quando a profecia terá seu cumprimento final, o dia da vingança se misturará com bênçãos para Seu povo. [11] Mas o encargo do Seu ministério na Terra era somente a paz. [12] E esse é ainda o encargo do evangelho. A atitude de Deus com relação ao homem é a graça. "A GRAÇA REINA". Não é que há graça para o penitente ou para o eleito, mas que a graça é o princípio sobre o qual Cristo agora se assenta no trono de Deus. "Sobre Sua cabeça estão muitas coroas, mas suas mãos traspassadas agora seguram o único cetro" porque o Pai lhe entregou Seu reino, e todo o poder nos céus e na Terra. "E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo." (João 5:22; compare 3:17; 12:47) mas Sua missão na Terra não era julgar, mas somente salvar. E aquele que é o único Juiz está agora exaltado para ser o Salvador, e o trono no qual Ele se assenta é um trono de graça. A graça está reinando pela justiça para a vida eterna. (Romanos 5:21) "A luz deste glorioso evangelho brilha agora sem impedimentos sobre a Terra. Olhos cegos podem encerrá-la, mas não podem apagá-la ou reduzi-la. Corações impenitentes podem acumular ira para o dia da ira, mas não podem escurecer este dia de misericórdia ou desfigurar a glória do reinado da graça." [13]

Será no "dia da ira" que as "sete últimas pragas em que a ira de Deus é consumada" correrão seu curso; e é tratar com pouca seriedade solenes e terríveis verdades dizer que elas estão sendo cumpridas agora. Qualquer que seja o cumprimento intermediário que a visão possa estar recebendo agora, sua plena e final realização pertence a um tempo futuro.

Estas páginas não se destinam a lidar com o cumprimento primário e histórico das profecias, ou, como Lord Bacon disse, seus "florescimentos e germinações de cumprimentos ao longo de muitas épocas". Meu assunto é exclusivamente o cumprimento absoluto e final das visões naquela época específica em que em sua plenitude elas pertencem.

A própria Escritura fornece muitos exemplos notáveis desses cumprimentos intermediários ou primários; e nesses, os principais contornos da profecia são realizados, mas não os detalhes. A predição do advento de Elias é um caso. [14] Nos termos mais simples, o Senhor declarou que o ministério de João Batista estava dentro da abrangência dessa profecia. Em termos tão claros Ele anunciou que ela seria *cumprida* em um dia por vir, pelo reaparecimento sobre a Terra do maior de todos os profetas. (Mateus 11:14; 17:11-12). As palavras do apóstolo Pedro em Pentecostes oferecem outra ilustração. A profecia de Joel ainda será cumprida ao pé da letra, mas o batismo com o Espírito Santo foi referenciado com ela pelo inspirado apóstolo. (Joel 2:28-32; Atos 2:16-21)

Falar do *cumprimento* dessas profecias como já ocorrido no passado, é usar linguagem não escriturística e falsa ao mesmo tempo. Ainda mais injustificável é a afirmação de finalidade, feita tão confiantemente, das profecias que se relacionam com a apostasia. Não há uma única profecia, da qual o *cumprimento* é registrado nas Escrituras, que não tenha sido cumprida com absoluta precisão e em todo detalhe; e é totalmente injustificável assumir que um novo sistema de cumprimento foi inaugurado após o segundo cânon ter sido encerrado.

Dois mil anos atrás quem teria se aventurado a acreditar que as profecias do Messias receberiam um cumprimento literal?

"Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel." (Isaías 7:14)

"Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e salvo, pobre, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho, filho de jumenta." (Zacarias 9:9)

"Porque eu lhes disse: Se parece bem aos vossos olhos, dai-me o meu salário e, se não, deixai-o. E pesaram o meu salário, trinta moedas de prata. O SENHOR, pois, disse-me: Arroja isso ao oleiro, esse belo preço em que fui avaliado por eles. E tomei as trinta moedas de prata, e as arrojé ao oleiro, na casa do SENHOR." (Zacarias 11:12-13; compare Mateus 27:5-7)

"Repartem entre si as minhas vestes, e lancem sortes sobre a minha roupa." (Salmos 22:18; compare João 19:23-24)

"Pois me rodearam cães; o ajuntamento de malfeitores me cercou, traspassaram-me as mãos e os pés." (Salmos 22:16)

"Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre." (Salmos 69:21)

"Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; pela transgressão do meu povo ele foi atingido." (Isaías 53:8)

Até mesmo para os próprios profetas, o significado dessas palavras foi um mistério. (1 Pedro 1:10-12) Sem dúvida, em sua maior parte, os homens as consideravam mais como poesia, ou lenda. No entanto, essas profecias sobre o advento e morte de Cristo foram cumpridas nos mínimos detalhes. Portanto, a literalidade no cumprimento pode ser aceita como um axioma para nos guiar no estudo das profecias.

Notas de Rodapé do Capítulo 11

[1] De acordo com esses intérpretes, essa afirmação precisa ser aceita com um grão de sal, como se diz, e o mesmo comentário aplica-se à tradução deles em cada verso no capítulo treze do Apocalipse.

[2] Apocalipse 17:16,17,13. No verso 16 a melhor leitura, conforme dada na Versão Revisada, é "e a besta", em vez de "sobre a besta".

[3] O romance de Elliot sobre esse assunto ficou desqualificado pelos eventos dos anos recentes, que fizeram de Roma a capital pacífica da Itália. Da besta e do falso profeta está escrito: "Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre." (Apocalipse 19:20). Pode ser agradável ao zelo protestante supor que a hierarquia e o sacerdócio romano estão "reservados" para esse destino.

[4] *Horae Apoc.*, vol 1, pg 219, 220.

[5] "Outro marco desses é encontrado, acredito, na interpretação do sexto selo: se ele não foi na verdade já delineado com aquilo que acaba de ser dito. Todos sabemos o que a imagem significa para o resto das Escrituras. Qualquer sistema que requeira que ela pertença a outro período do que à chegada do grande dia do Senhor, fica desse modo auto-condenado. Posso ilustrar isso por referência ao sistema histórico contínuo do Sr. Elliot, que requer que ele deva significar a queda do paganismo sob Constantino. Um

exemplo mais notável de interpretação inadequada não pode ser imaginado. "Intimamente conectado com este último é outro ponto fixo na interpretação. Como os sete selos, assim as sete trombetas e as sete taças ocorrem no perto do tempo do fim. Ao fim de cada série, uma nota diz inegavelmente que esse é o caso. Dos selos já falamos antes. Com relação às trombetas, pode ser suficiente consultar os versos 10:7 e 11:18; quanto às taças, a própria designação delas, as eschatas, e o gegonem do Cap. 16:17. Qualquer sistema que não reconheça esse fim comum das três, parece para mim que está desse modo culpado de erro." - Alford, *Gr. Test.*, 4, Parte 2, Cap. 8, itens 5, 21, 22.

[6] *ha hamera ha megal tas orgas autou* (Apocalipse 6:17).

[7] Se essas afirmações fossem apresentadas em licenciosidade, e não tolamente, sugeririam uma referência às solenes palavras: "E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro." (Apocalipse 22:19)

[8] Quando os intérpretes históricos abordaram o Segundo Advento, perderam a coragem de suas opiniões e contenderam seriamente pela literalidade, embora se o esquema deles for genuíno, o retorno predito de Cristo pode certamente ter seu cumprimento no atual reavivamento da religião e a concorrente expansão do cristianismo.

[9] "E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos, que tinham as sete últimas pragas; porque nelas é consumada a ira de Deus... E os sete anjos que tinham as sete pragas saíram do templo, vestidos de linho puro e resplandecente, e cingidos com cintos de ouro pelos peitos. E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre. E ouvi, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide, e derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus." (Apocalipse 15:1,6,7; 16:1)

[10] O austríaco *Pester Lloyd*, de 21 de novembro de 1879, ao comentar a linha da política britânica com relação à Turquia, acusou o governo de Lord Beaconsfield de "confundir o islamismo com os turcos, estes últimos tendo sido sempre considerados como a escória do islamismo por todas as nações islâmicas que têm consciência de sua própria força". Os estudantes de assuntos proféticos parecem estar possuídos por esse mesmo erro.

[11] Compare Isaías 63:4: "Porque o dia da vingança estava no meu coração; e o ano dos meus remidos é chegado."

[12] "E, vindo, ele evangelizou a paz..." (Efésios 2:17)

[13] *The Gospel and its Ministry*, pg 136. Verdade é que os grandes princípios do governo moral do mundo de Deus permanecem inalterados, e o pecado está assim sempre operando sua própria punição. Mas isso não deve ser confundido com a ação divina imediata no julgamento. "Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados." (2 Pedro 2:9). Ou, de acordo com Romanos 2:5, "Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus."

[14] "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR." (Malaquias 4:5)

CAPÍTULO 12

A PLENITUDE DOS GENTIOS

O rio principal da profecia corre no canal da história hebraica. Isto é realmente verdadeiro com relação à toda a revelação. Onze capítulos da Bíblia são suficientes para cobrir os dois mil anos antes da chamada de Abraão e o restante do Velho Testamento relaciona-se com o povo hebreu. Se por um tempo a luz da revelação esteve em Babilônia ou em Susã, foi por que Jerusalém estava desolada e Judá no exílio. Por certo tempo o gentios ganharam agora o lugar principal nas bênçãos sobre a Terra, mas isso é inteiramente anômalo e a ordem normal do modo de Deus lidar com o homem está novamente para ser restaurada. "O endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades." [1]

As Escrituras estão repletas de promessas e profecias para essa nação e nem ainda a décima parte delas já foi cumprida. Apesar da linguagem poética apaixonada de tantas das antigas profecias ser um pretexto para tratá-las como descrições hiperbólicas das bênçãos do evangelho, esse tipo de apelação não pode ser feito com relação à epístola aos Romanos. Escrevendo aos gentios, o apóstolo dos gentios desenvolve ali a matéria na presença dos fatos da dispensação dos gentios. Os ramos naturais de Israel foram quebrados da oliveira dos privilégios e bênçãos terreaux e, "contra a natureza", os ramos do zambujeiro do sangue gentio foram enxertados, substituindo-os. Mas, a despeito das advertências do apóstolo, nós, gentios nos tornamos sábios em nossos próprios conselhos, esquecendo-nos que a oliveira, de cuja raiz e seiva participamos, é essencialmente hebraica, "porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento."

A mente da maioria dos homens está em servidão aos fatos de lugar-comum de sua experiência. As profecias de um Israel restaurado parecem tão incríveis quanto as predições dos triunfos presentes da eletricidade e do vapor pareceriam aos nossos antepassados de cem anos atrás. Embora afetando a independência em julgar assim, a mente somente está dando provas de sua própria impotência ou ignorância. Além do mais, a posição que os judeus mantiveram por dezoito séculos é um fenômeno que em si mesmo elimina qualquer aparente suposição contra o cumprimento dessas profecias.

Não é uma questão de como uma falsa religião como a de Maomé pode manter uma frente altiva na presença de uma verdadeira fé; o problema é muito diferente. Não somente em uma época anterior, mas nos primeiros dias da atual dispensação, os judeus desfrutaram de uma preferência nas bênçãos, que praticamente correspondeu a um monopólio do favor divino. Em sua infância, a igreja cristã foi essencialmente judaica. Os judeus dentro da igreja eram contados aos milhares, os gentios às dezenas. Apesar disso, esse mesmo povo mais tarde se tornou, e por dezoito séculos continua a ser, o mais morto à influência do evangelho do que qualquer outra classe de pessoas no mundo. Como pode "esse mistério", como o apóstolo o chama, ser explicado, senão como as Escrituras o explica, isto é, que a época da graça especial a Israel foi encerrada com o período historicamente dentro dos Atos dos Apóstolos, e que desde essa crise em sua história, "o endurecimento veio em parte sobre Israel"?

Mas essa mesma palavra, a verdade da qual é tão claramente provada pelos fatos públicos, declara que esse endurecimento judicial continuará somente "até que a plenitude dos gentios haja entrado", e o inspirado apóstolo acrescenta: "E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades." [2]

Mas, pode com razão ser perguntado, isso não implica meramente que Israel será trazido para dentro das bênçãos do evangelho, não que os judeus serão abençoados com base em um princípio que é totalmente inconsistente com o evangelho? O cristianismo, como um sistema, assume o fato que em uma época passada os judeus desfrutaram de um lugar peculiar nas bênçãos:

"Digo, pois, que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para que confirmasse as promessas feitas aos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus pela sua misericórdia, como está escrito: Portanto eu te louvarei entre os gentios, E cantarei ao teu nome." [Romanos 15:8-9; ênfase adicionada]

Mas os judeus perderam sua posição de vantagem por causa do pecado e agora estão no mesmo nível comum da humanidade arruinada. A cruz derrubou "a parede de separação", que os distanciava dos gentios. Ela nivelou a todos sem distinções. Com relação à culpa "não há diferença, porque todos pecaram"; com relação à misericórdia "não há diferença, porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam." Como, então, se não há diferença, pode Deus conceder bênçãos com base em um princípio que implica que há uma diferença? Em uma palavra, o cumprimento das promessas para Judá é absolutamente incoerente com as distintivas verdades da atual dispensação.

A questão é de imensa importância e requer a mais séria consideração. Não é suficiente dizer que o capítulo 11 de Romanos supõe que nesta época os gentios têm uma vantagem, embora não uma prioridade e, portanto, Israel poderá desfrutar o mesmo privilégio em seguida. É parte da mesma revelação, que embora a graça tenha vindo sobre os gentios exatamente onde eles estão, ela não os confirma nesta posição como gentios, mas os eleva de sua posição e os *desnacionaliza*; porque na igreja desta dispensação, "não há nem judeu nem grego". [3] As promessas a Judá, ao contrário, implicam que as bênçãos chegarão aos judeus como judeus, não somente reconhecendo sua posição nacional, mas confirmando-os nessa posição.

A conclusão, portanto, é inevitável, que antes de Deus poder agir assim, a proclamação oficial da graça na presente dispensação precisa cessar e um novo princípio de lidar com a humanidade precisa ser inaugurado.

Mas aqui as dificuldades somente parecem se multiplicar e crescer. Alguém poderia perguntar: "A dispensação não corre seu curso até o retorno de Cristo à Terra?" Como então podem os judeus serem encontrados na segunda vinda de Cristo em um lugar de bênçãos nacionalmente, semelhante ao que tiveram em uma época passada? Todos admitirão que as Escrituras parecem ensinar que esse será o caso. [4] A questão ainda permanece se essa é ou não realmente a intenção. As Escrituras falam de qualquer crise em relação à Terra, que requererá intervenção antes do dia em que o Homem do Pecado será revelado?

Ninguém que diligentemente busque a resposta a essa investigação poderá deixar de ficar impressionado pelo fato que, à primeira vista, alguma confusão parece marcar as afirmações das Escrituras com relação a isso. Certas passagens testificam que Cristo retornará à Terra, e estará em pé mais uma vez naquele mesmo Monte das Oliveiras que seus pés pisaram antes de Ele ascender ao Seu Pai (Zacarias 14:4; Atos 1:11-12), e outros dizem simplesmente que Ele virá, não à Terra, mas ao ar acima de nós, e chamará Seu povo para encontrá-Lo e estar com Ele. (1 Tessalonicenses 4:16-17). Essas Escrituras novamente provam de forma claríssima que é Seu povo fiel que será "arreatado" (1 Tessalonicenses 4:16-17; 1 Coríntios 15:51-52) deixando o mundo correr seu curso até sua condenação; enquanto outras Escrituras de forma também inequívoca ensinam que não é Seu povo, mas os ímpios que serão removidos, deixando os justos "resplandecerem como o sol, no reino de seu Pai." [Mateus 13:40-43] E a confusão aparentemente aumenta quando observamos que os Escritos Sagrados parecem algumas vezes representar os justos que serão assim abençoados como judeus, e algumas vezes como cristãos de uma dispensação na qual os judeus foram colocados de lado por Deus.

Essas dificuldades admitem somente uma solução, uma solução tão satisfatória quanto simples, isto é, que aquilo que chamamos de segundo advento de Cristo não é um evento único, mas inclui várias manifestações distintas. Na primeira dessas, Ele chamará para Si mesmo os mortos que morreram em Cristo, junto com Seu próprio povo que estará vivendo na Terra naquele momento. Com esse evento este "dia da graça" especial cessará, e Deus novamente reverterá para as alianças e promessas, e aquele povo para quem elas pertencem (Romanos 9:4) mais uma vez se tornará o centro da ação divina com relação à humanidade.

Tudo o que Deus prometeu está dentro da abrangência da esperança do crente; [5] mas esse é seu horizonte próximo. Todas as coisas aguardam seu cumprimento. Antes do retorno de Cristo à Terra, muitas páginas de profecia ainda precisam ser cumpridas, mas nem uma linha das Escrituras barra a realização desta esperança especial da igreja de Sua vinda para levar Seu povo para Si mesmo. Aqui, então, está a grande crise que colocará um termo no reinado da graça e iniciará os sofrimentos da mais feroz provação que já ocorreu da Terra - "Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas." (Lucas 21:22)

A objeção que uma verdade dessa magnitude teria sido declarada com clareza mais dogmática esquece a distinção entre ensino doutrinário e palavra profética. A verdade do segundo advento pertence à profecia, e as afirmações das Escrituras com relação a ele são marcadas precisamente pelas mesmas características que as profecias do Velho Testamento sobre o Messias. [6]

"Os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir" foram preditas de tal forma que um leitor superficial das antigas Escrituras teria deixado de descobrir que haveria dois adventos do Messias. E até o estudante mais cuidadoso, se não fosse versado no esquema geral da profecia, poderia supor que os dois adventos, embora moralmente distintos, deveriam estar intimamente conectados no tempo. Assim é com o futuro. Alguns consideram o segundo advento como um único evento; por outros, seu verdadeiro caráter é reconhecido, mas eles deixam de marcar o intervalo que precisa separar sua primeira forma de seu estágio final. Uma compreensão inteligente da verdade com relação a ele é essencial para a correta compreensão das profecias ainda não cumpridas.

Mas tendo assim esses marcos principais claramente fixados para nos guiar no estudo, não podemos deixar de deplorar a tentativa de preencher o intervalo com maior exatidão que as Escrituras garantem. Existem eventos definidos a serem cumpridos, mas ninguém pode ser dogmático com relação ao tempo ou ao modo como eles serão cumpridos. Nenhum cristão que estima corretamente o terrível peso do sofrimento e do pecado que a cada dia é acrescentado à soma terrível dos sofrimentos e culpa deste mundo pode deixar de desejar que o fim esteja próximo, mas que ele não se esqueça do grande princípio: "E tende por salvação a longanimidade do nosso Senhor" (2 Pedro 3:15) e nem da linguagem dos Salmos: "Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite." (Salmo 90:4) Há muito nas Escrituras que parece justificar a esperança que a consumação não será retardada por muito tempo; mas, por outro lado, não há pouco para sugerir a idéia que antes de essas cenas finais acontecerem, a civilização retornará ao seu antigo lar no oriente e, possivelmente, uma Babilônia restaurada se tornará o centro do progresso humano e da religião apóstata. [7]

Afirmar que longas eras ainda têm de correr seu curso é tão indefensável quanto as predições feitas tão confiantemente que todas as coisas serão cumpridas no século atual. É somente enquanto a profecia estiver dentro das setenta semanas de Daniel que ela ocorre dentro do intervalo da cronologia e a visão de Daniel relaciona-se principalmente com Judá e Jerusalém. [8]

Notas de Rodapé do Capítulo 12

[1] Romanos 11:25-26; A entrada da plenitude dos gentios não deve ser confundida com o cumprimento do tempo dos gentios (Lucas 21:24). A primeira refere-se às bênçãos espirituais, a outra ao poder terreal. Jerusalém não será a capital de uma nação livre, independente do poder gentio, até que o verdadeiro Filho de Davi venha para reivindicar o cetro.

[2] Romanos 11:25-26. Nem todo israelita, mas Israel como uma nação. (Alford, *Gr. Test., in loco*).

[3] Gálatas 3:28. Contraste isto com as palavras do Senhor em João 4:22, "A salvação vem dos judeus."

[4] Em prova disto, pode-se apelar para estas mesmas profecias de Daniel; e as profecias posteriores testificam de forma ainda mais clara, notavelmente o livro de Zacarias.

[5] "Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça." (2 Pedro 3:13) Longas eras de tempo e inúmeros eventos precisam ocorrer antes da realização desta esperança, mas mesmo assim o crente anela por ela.

[6] Para um tratado admirável sobre essas características da profecia, veja *Christology*, de Hengstenber, Kregel Publications.

[7] Isaías 13 parece conectar a queda final de Babilônia com o grande dia que está se aproximando (compare versos 1, 9, 10, 19); e, em Jeremias 50, o mesmo evento está conectado com a restauração e união futura das duas casas de Israel (verso 4). Entretanto, faço a sugestão meramente como uma *precaução* contra a idéia que certamente já chegamos aos últimos dias da dispensação. Se mais mil anos tiverem de passar na história do cristianismo, o retardo não desacreditará a verdade de uma única afirmação nos Escritos Sagrados.

[8] De fato, nenhuma das visões de Daniel tem uma abrangência mais ampla. Isaías, Jeremias e Ezequiel tratam de Israel (ou das dez tribos); mas Daniel lida unicamente com Judá.

CAPÍTULO 13

O SEGUNDO SERMÃO DO MONTE

O elo de conexão entre o passado e o futuro, entre o cumprido e o ainda não cumprido na profecia, pode ser encontrado no evangelho de Mateus.

As principais promessas messiânicas estão agrupadas em duas grandes classes, conectadas respectivamente com os nomes de Davi e de Abraão, e o Novo Testamento inicia com o registro do nascimento e ministério do Messias como "filho de Davi, filho de Abraão" (Mateus 1:1), pois em um aspecto de Sua obra Ele "foi ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para que confirmasse as promessas feitas aos pais." (Romanos 15:8) A pergunta dos magos, "Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?", despertou uma esperança que era parte da política nacional de Judá; e até o vil idumeu que então usurpava o trono foi sensível ao seu significado: "E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele." [1]

Quando a proclamação foi feita mais tarde, primeiro por João Batista e, finalmente pelo Senhor e por Seus apóstolos, "É chegado o reino dos céus", os judeus souberam bem da sua importância. Não era o "evangelho", como o compreendemos agora, mas o anúncio do cumprimento em breve da profecia de Daniel. [2] O testemunho teve um duplo acompanhamento. "O Sermão do Monte" está registrado de forma a incorporar as grandes verdades e princípios que estavam associados com o evangelho do reino; e os milagres que se seguiram deram provas que tudo era divino. Nos estágios iniciais do ministério de Cristo, os milagres não estavam reservados para aqueles cuja fé respondia às Suas palavras; a única qualificação era que o beneficiário pertencesse ao povo favorecido. "Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai." [3] Essa era a comissão dos doze que foram enviados por toda aquela pequena terra, para todo o canto em que a fama de seu Mestre tinha chegado adiante deles. (Mateus 4:24-25)

Mas o veredito da nação, por meio de seus líderes reconhecidos e responsáveis, foi a rejeição de Suas reivindicações messiânicas. [4] Os atos e palavras de Cristo registrados no capítulo 12 de Mateus foram uma condenação aberta e deliberada e um desafio aos fariseus, e a resposta deles foi reunirem-se em solene conselho e decretar a morte Dele. (Mateus 12:1-14). A partir daquela hora Seu ministério entrou em uma nova fase. Os milagres continuaram, pois Ele não podia encontrar o sofrimento e se recusar a aliviá-lo; mas aqueles a quem Ele assim abençoava eram advertidos "[rigorosamente que não o descobrissem](#)" (Mateus 12:16). O evangelho do reino cessou; Seus ensinamentos tornaram-se velados em parábolas, [5] e os discípulos foram proibidos de testificar que Ele era o Messias (Mateus 16:20).

O capítulo 13 é profético do estado de coisas que deveriam ocorrer entre o tempo de Sua rejeição e Seu retorno em glória para reivindicar o lugar que em Sua humilhação Lhe foi negado. Em vez de proclamar o reino, Ele ensinou "[os mistérios do reino dos céus](#)" (Mateus 13:11). Sua missão mudou de caráter e, em vez de um rei vir para reinar, Ele descreveu a Si mesmo como um semeador lançando a semente. Das parábolas que se seguem, as três primeiras, proferidas à multidão, descreveram os resultados exteriores do testemunho no mundo; as três últimas, dirigidas aos discípulos, [6] falam de realidades ocultas reveladas para as mentes espirituais.

Mas essas mesmas parábolas, embora tenham ensinado aos discípulos nos termos mais simples que tudo o que os profetas os tinham levado a procurar em conexão com o reino estava adiado, ensinaram não menos claramente que o dia certamente chegaria em que tudo seria cumprido; quando o mal seria desenraizado e o reino estabelecido em justiça e paz. (Mateus 13:41-43) Eles assim aprenderam que haveria uma "era" sobre a qual a profecia nada falava e outro "advento" no seu encerramento; e "o segundo Sermão do Monte" foi a resposta do Senhor à pergunta "[Que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?](#)" [7]

O capítulo 24 de Mateus tem sido adequadamente descrito como "a âncora da interpretação apocalíptica" e "a pedra de toque dos sistemas apocalípticos" [8] O verso 15 especifica um evento e fixa uma época inicial, pelo qual podemos conectar as palavras do Senhor com as visões de João, e ambas com as profecias de Daniel. Toda a passagem é obviamente profética e seu cumprimento pertence claramente ao tempo do fim. A mais plena e definitiva aplicação das palavras precisa, portanto, ser para aqueles que testemunharão seu cumprimento. É para eles especialmente que a advertência é feita a respeito da enganação de uma falsa esperança do retorno imediato de Cristo. [9]

Uma série de terríveis eventos ainda está por vir; mas "[todas estas coisas são o princípio das dores](#)"; "[mas ainda não é o fim](#)". Por quanto tempo essas dores continuarão não é revelado. O primeiro sinal seguro que o fim está próximo será a chegada da mais feroz provação que os redimidos na Terra conhecerão. O cumprimento da profecia de Daniel da contaminação do Santo Lugar será o sinal para a fuga imediata; "[pois então haverá grande aflição](#)" (versos 15-21; compare Daniel 12:1) sem paralelo até mesmo na história de Judá. Mas, como já observado, essa última grande perseguição pertence à segunda metade da septuagésima semana de Daniel e, portanto, permite um marco pelo qual podemos determinar o personagem e fixar a ordem dos principais eventos que marcam as cenas de encerramento preditas na profecia.

Com a pista assim obtida no evangelho de Mateus, podemos nos voltar com confiança para o estudo das visões de João no Apocalipse. Mas, primeiro, precisa ser claramente reconhecido que no capítulo 24 de Mateus, como no livro de Daniel, Jerusalém é o centro da cena com a qual a profecia se relaciona; e isso necessariamente implica que os judeus serão restaurados na Palestina antes do tempo de seu cumprimento. [10]

As objeções que se baseiam na suposta improbabilidade de tal evento são suficientemente respondidas marcando-se a conexão entre profecia e milagre. A história da descendência de Abraão, com a qual a profecia está tão intimamente relacionada, é pouco mais que um registro de interposições miraculosas. "A saída deles do Egito foi miraculosa. A entrada deles na terra prometida foi miraculosa. Os períodos de prosperidade e de adversidade naquela terra, as servidões e suas libertações, suas conquistas e seus cativos, foram todos miraculosos. Toda a história, desde o chamado de Abraão até à construção do

templo sagrado foi uma série de milagres. É tanto o objeto dos historiadores sacros descreverem esses fatos que pouco mais é registrado. Não existem historiadores no volume sagrado do período em que a intervenção miraculosa foi retirada. Após a declaração pela boca de Malaquias que um mensageiro seria enviado para preparar o caminho, o próximo evento registrado por qualquer escritor inspirado é o nascimento daquele mensageiro. Mas do intervalo de 400 anos entre a promessa e o cumprimento, nenhum relato é feito." [11]

Os setenta anos desde o nascimento do Messias até a dispersão da nação foram frutíferos em milagres e em cumprimentos proféticos. Mas a existência nacional de Israel é como um palco em que somente o drama da profecia pode, em sua plenitude, ser apresentado; e desde a era apostólica até a presente hora, não se pode apelar a nem um único evento público que permita prova indisputável da intervenção divina *imediata* sobre a Terra. [12] Um céu silencioso é uma característica principal da dispensação em que vivemos. Mas a história de Israel ainda tem de ser completada; e quando essa nação entrar novamente em cena, o elemento de interposições miraculosas marcará mais uma vez o curso de eventos na Terra.

Por outro lado, a analogia do passado nos levaria a esperar uma junção de uma dispensação na outra, em vez de uma transição abrupta; e a questão é de peculiar interesse em termos gerais, pois os eventos que se passam atualmente tendem em direção a essa mesma consumação, a restauração dos judeus na Palestina.

O declínio do poder islâmico é um dos fatos públicos mais patentes; e se o desmembramento do Império Otomano for ainda retardado, é devido inteiramente à vigilância atenta das nações européias, cujos interesses rivais parecem tornar uma distribuição amigável de seus territórios impossível. Mas a crise não pode ser adiada indefinidamente; e quando ela chegar, a questão de maior importância, depois do destino de Constantinopla, será o que acontecerá com a Palestina. Sua anexação por qualquer estado europeu é altamente improvável. Os interesses de várias potências de primeira classe não permitiriam isso. O caminho estará assim aberto para os judeus, quando suas inclinações ou seus destinos os levarem de volta à terra de seus pais.

Não somente nenhuma influência hostil impediria o retorno deles, mas as probabilidades do caso (e é com as probabilidades que estamos aqui preocupados) estão em favor da colonização da Palestina por aquele povo a quem historicamente ela pertence. Há alguma razão para acreditar que um movimento desse tipo já foi iniciado; e se, com o Levante tornando-se uma via para a Índia, ou alguma outra causa, certa medida de prosperidade deve retornar àquela região que foi no passado o centro comercial do mundo, e os judeus migrarão para lá aos milhares de todas as terras.

Verdade é que colonizar um país é uma coisa, criar uma nação é outra. Mas o testemunho das Escrituras é explícito que a independência nacional de Judá não será reconquistada por diplomacia ou pela espada. Jerusalém permanecerá sob a supremacia dos gentios até o dia em que as visões de Daniel forem cumpridas. Na linguagem das Escrituras, "[Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.](#)" [13] Mas antes, a cruz precisa suplantar o Crescente na Judéia, caso contrário é incrível que a Mesquita de Omar dê lugar ao templo judaico no Monte de Sião.

Se a operação de causas como as indicadas acima, conjuntamente com a decadência do poder islâmico, levará à formação de um estado judaico protegido na Palestina, possivelmente com uma ocupação militar de Jerusalém por, ou em nome de alguma potência européia, nada mais precisa ser imaginado que um reavivamento religioso entre os judeus, para preparar o caminho para o cumprimento das profecias. [14]

Deus não rejeitou seu povo e, quando a presente dispensação terminar e o grande propósito para o qual ela foi ordenada tiver sido satisfeito, os fios caídos da profecia e da promessa serão novamente seguidos e a dispensação historicamente interrompida em Atos dos Apóstolos, quando Jerusalém era o centro indicado para o povo de Deus na Terra, [15] será continuada. Judá novamente se tornará uma nação,

Jerusalém será restaurada e o templo será construído, no qual a "abominação desoladora" será colocada.
[16]

Notas de Rodapé do Capítulo 13

[1] Mateus 2:3. Não se deve imaginar que foi qualquer emoção religiosa que perturbou o rei. O anúncio dos magos foi para ele o que a notícia do nascimento de um herdeiro é para um possível herdeiro. Os magos perguntaram: "Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?" A pergunta de Herodes ao Sinédrio foi, "Onde havia de nascer o Cristo?" e, ao saber que a profecia designava claramente Belém, ele mandou matar todas as crianças naquela cidade e contornos. Herodes e o Sinédrio não tinham aprendido a espiritualizar as profecias.

[2] Confira Pusey, *Daniel*, pg 84.

[3] Mateus 10:5-8. O capítulo é profético, mantendo o caráter do livro, e alcança até o testemunho dos últimos dias (veja, por exemplo, o verso 23).

[4] No nosso próprio tempo os judeus tiveram a temeridade de publicar uma tradução do *Mishna*, e o leitor que folhear seus tratados pode julgar com que desprezo e aversão o Senhor deve ter considerado a religião daqueles homens miseráveis. O tratado *Sabbath* permite um inestimável comentário sobre o capítulo 12 de Mateus. O *Mishna* é uma compilação das tradições orais dos rabinos, feita no segundo século, para evitar que fossem perdidas pela dispersão - as mesmas tradições, muitas das quais prevaleciam quando o Senhor estava na Terra, e que Ele condenou de forma tão severa por solaparem as Escrituras, porque naquela época, como agora, os judeus as consideravam como possuidoras de sanção divina. (Confira *Jewish Cal.*, de Lindo; *Introd. Hist. Jews*, Milman, Livro 18).

[5] Mateus 13:3,13. "A partir da expressão *ardzato* em Marcos, comparada com a pergunta dos discípulos no verso 10, - e com o verso 34, - parece que este foi o início do ensino do nosso Senhor por parábolas, expressamente assim entregues e adequadamente assim chamadas. A seqüência natural de coisas aqui concorda e confirma a organização de Mateus contra aqueles que colocariam (como Ebrard) todo este capítulo antes do Sermão do Monte. Ele ali falou *sem parábolas*, ou principalmente assim; e continuou a fazer isso até que a rejeição e a má compreensão de Seus ensinamentos O levaram a adotar judicialmente o curso aqui indicado, *coris par. ouden elalei autois.*" - Alford, *Gr. Test*, Mateus 13:3.

[6] Como foram também as interpretações das Parábolas do Semeador e do Joio

[7] Mateus 24:3: "E, estando assentado no Monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos em particular..." Compare com Mateus 5:1: "E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos." O Sermão do Monte apresentou os princípios sobre os quais o reino seria estabelecido. Tendo o rei sido rejeitado pela nação, o segundo Sermão do Monte apresentou os eventos que precisam preceder Seu retorno.

[8] Alford, *Gr. Test.*, vol 4, pt. 2, *Proleg. Rev.*

[9] Mateus 24:4,6. Isto é, o estágio final do advento; não Sua vinda como predito em 1 Tessalonicenses 4 e em outros lugares, que não tem sinais precedentes.

Referenciar o verso 5 aos tempos de Barcochab envolve um claro anacronismo. A referência principal nos versos 15-20, e, portanto, da porção anterior da profecia, era ao período que terminou com a destruição de Jerusalém.

[10] A questão da restauração deles a uma posição de bênçãos espirituais já foi discutida.

[11] Clinton, *Fasti H.*, vol. 1, pg 243.

[12] Há, sem dúvida, o que pode ser chamado de milagre provado da conversão individual, e o crente tem prova transcendental não somente da existência de Deus, mas de Sua presença e poder com o homem.

[13] Lucas 21:24. Isto é, até o fim do período durante o qual a soberania terreal, entregue a Nabucodonosor, vinte e cinco séculos atrás, permanecerá com os gentios.

[14] O seguinte extrato da *Jewish Chronicle*, de 9 de novembro de 1849, é citado em *Ten Kingdoms*, de Mr. Newton (segunda edição, pg 401): "As potências européias não precisarão se dar ao trabalho de restaurar os judeus individualmente ou coletivamente. Que elas apenas confirmem à Palestina uma constituição como a dos Estados Unidos... e os judeus restaurarão a si mesmos. Eles então iriam dispostos e alegremente, e ali aguardariam seu tempo para um Messias inspirado pelos céus, que restaurará o Mosaísmo ao seu esplendor original."

[15] Os gentios foram então admitidos dentro do aprisco, não em uma igualdade, mas em algum sentido como prosélitos tinham sido recebidos dentro da nação. A igreja era essencialmente judaica. O templo era o lugar de encontro (Atos 2:46; 3:1; 5:42). O testemunho deles estava na linha das antigas profecias para a nação (Atos 3:19-26), e até quando dispersos pela perseguição, os apóstolos permaneceram na metrópole, e aqueles que foram dispersos para fora do país evangelizavam somente entre os judeus (Atos 8:1-4; 11:19). Pedro recusou-se a ir entre os gentios, exceto após receber uma revelação especial (verso 10). E ele precisou defender-se diante da igreja por ir a todos (11:2-18; compare o capítulo 15.)

[16] Espalhado entre os povos estará um "remanescente" que **"guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus Cristo"** (Apocalipse 12:17); judeus, mas cristãos; judeus mas crentes no Messias, a quem a nação continuará a rejeitar até o tempo de Seu aparecimento. Deve ser óbvio para a mente pensante que profecias como as do capítulo 24 de Mateus implicam que haverá um povo fiel a ser confortado e guiado por elas no tempo e na cena do seu cumprimento

CAPÍTULO 14

AS VISÕES EM PATMOS

A estreiteza de interpretação é o que mais prejudica o estudo do Apocalipse. "As palavras desta profecia", "As coisas que brevemente devem acontecer" - essas são as descrições divinas do livro do Apocalipse e de seu conteúdo. Portanto, ninguém está justificado em negar a qualquer porção dele uma aplicação futura. O livro em sua totalidade é profético. Até mesmo as sete epístolas, embora tenham sido indubitavelmente endereçadas às igrejas então existentes e embora a referência intermediária delas à história da cristandade também seja clara, poderão bem ter um significado especial em dias por vir para aqueles que passarão pelas ferozes provações que precederão o fim. [1]

No capítulo 4 o trono está colocado nos céus. O julgamento atualmente aguarda o fim da época da graça; mas quando a época da graça passar, o julgamento precisará ocorrer antes que as promessas e alianças, com todo seu rico estoque de bênçãos, possam ser cumpridas. Mas quem pode abrir o livro que está na destra daquele que se assenta no trono? (Apocalipse 5:2) Nenhuma criatura no universo [2] pode se atrever a olhar para o livro, e o próprio Deus não abrirá um único selo dele, porque o Pai abriu mão da prerrogativa de julgamento. O ministério da graça pode ser compartilhado por todos que foram abençoados pela graça, mas o Filho do homem é o único ser no universo que pode tomar a iniciativa no julgamento; (João 5:22-27) e, em meio aos hinos entoados pelos seres celestiais em volta do trono e do coro das miríades de anjos, ecoados por toda a criação de Deus, o crucificado no Calvário, "um cordeiro como havendo sido morto", toma o livro e prepara-se para abrir os selos. (Apocalipse 5:5-14)

É no quinto selo que a visão cruza as linhas da *cronologia* da profecia. [3] Dos selos anteriores, portanto, não é necessário falar em detalhes. Eles são evidentemente descritivos dos eventos aos quais o Senhor se referiu no capítulo 24 de Mateus, que precedem a grande perseguição final - guerras e ameaças incessantes de guerras, reinos atacando uns aos outros até a destruição e grande fome, a serem seguidos novamente por pestes, fomes e espada, que ainda ceifarão mais vidas, enquanto outros serão tomados por novas e estranhas doenças nos horrores cada vez mais crescentes das aflições cumulativas. (Apocalipse 6:2-8)

De acordo com o capítulo 24 de Mateus, a tribulação será seguida imediatamente pelos sinais e portentos que os antigos profetas declararam e anunciará "o grande e terrível dia do Senhor". Assim, no Apocalipse, os mártires da tribulação são vistos no quinto selo, (Apocalipse 6) e no sexto, o advento do grande dia da ira é proclamado, e os eventos precisos que o Senhor mencionou no Monte das Oliveiras e que Joel e Isaías profetizaram muitos séculos antes são nomeados. [4]

Como a nublada e opressiva calma que precede as mais fortes tempestades, houve silêncio no céu quando o último selo foi aberto, (Apocalipse 8:1) pois é chegado o dia da vingança. Os eventos dos selos anteriores foram julgamentos divinos, sem dúvida, mas de um caráter providencial e que os homens podem explicar por causas secundárias. Mas Deus tem por um tempo considerável se dado a declarar e, como foi no passado, assim também agora, a ocasião é uma afronta cometida contra Seu povo. O clamor dos mártires é vindo à lembrança diante de Deus, (Apocalipse 3) e é o sinal para os toques das trombetas que anunciam o derramamento da Sua ira longamente reprimida. (Apocalipse 6)

Escrever um comentário sobre o Apocalipse dentro dos limites de um capítulo seria impossível e a tentativa envolveria um afastamento do propósito especial e do assunto destas páginas. Mas é essencial observar e ter em vista o caráter e o método das visões do Apocalipse. O apóstolo João, seja lembrado, não teve o privilégio de ler uma única linha daquilo que estava escrito "por dentro e por fora" do livro selado do capítulo 5, mas à medida que cada selo foi aberto, alguma característica proeminente de uma porção de seu conteúdo foi comunicada a ele em uma visão. Portanto, a principal série de visões representa os eventos em sua seqüência cronológica. Mas o curso deles é ocasionalmente interrompido por visões episódicas, ou de parêntesis; algumas vezes, como entre o sexto e o sétimo selos, alcançando até o tempo do fim e, mais freqüentemente, como entre a sexta e a sétima trombetas, representando detalhes cronologicamente dentro das visões anteriores. Portanto, o primeiro e mais importante passo para uma compreensão correta do Apocalipse é distinguir entre as visões seriais e episódicas do livro e a seguinte análise é oferecida para promover e ajudar a investigação do assunto. [5]

Cap. 6 - As visões do sexto selo, que representam os eventos em sua ordem cronológica.

[Cap. 7. - *Parêntesis*; a primeira visão relacionada ou com o remanescente fiel do quinto selo, ou a uma eleição em vista dos julgamentos do sétimo selo; a segunda chegando até o livramento final.]

Cap. 8, 9 - A abertura do sétimo selo. As visões das seis primeiras trombetas; julgamentos consecutivos, em sua ordem cronológica.

[Cap. 10, 11, 13 - *Parêntesis*, contêm o mistério oculto dos sete trovões (10:3,4) e o testemunho das testemunhas (provavelmente dentro da era do quinto selo.)]

Cap. 11:15-19 - A sétima trombeta; o terceiro e último ai (compare 8:13; 9:12; 11:14), que precedem o estabelecimento do reino (compare 10:7; 11:15).

[Cap. 12 e 18. - *Parêntesis*.]

Cap. 13. - A ascensão e carreira dos dois grandes blasfemadores e perseguidores dos últimos dias.

Cap. 14. - O remanescente do Cap. 7 é visto em um estado de beatitude.** O evangelho eterno (versos 6, 7). A queda de Babilônia (verso 8). A condenação dos adoradores da besta (versos 9-11). A revelação de Cristo e os julgamentos finais (versos 14-20).

Cap. 15. - A visão dos eventos cronologicamente dentro do Cap. 8, a abertura do sétimo selo. (Isso aparece a partir do fato que os fiéis do quinto selo são aqui mostrados louvando a Deus em vista dos julgamentos prestes a acontecer - veja os versos 2-4; esses julgamentos estão dentro do sétimo selo.)

Cap. 16. - As sete taças; uma segunda série de visões dos eventos das sete trombetas. Isto aparece,

Primeiro, porque a sétima trombeta e a sétima taça relacionam-se com a catástrofe final. Durante a sétima trombeta, o segredo de Deus é cumprido (10:7) e o templo de Deus é aberto; e ocorrem relâmpagos, vozes, trovões e um terremoto (11:19) Durante a sétima taça, a frase "Está feito!" é ouvida de dentro do templo, e ocorrem vozes, trovões, relâmpagos e um terremoto (16:17,18).

Segundo, porque a esfera dos julgamentos é a mesma nas visões correlativas de ambas as séries:

1. A Terra
2. O mar
3. Os rios
4. O sol
5. O poço do abismo, o trono da besta.
6. O Eufrates
7. O céu, o ar.

[Cap. 17 e 18. - Visões detalhadas do desenvolvimento e da condenação de Babilônia, "a prostituta", cuja queda ocorre durante a sétima trombeta e a sétima taça; as últimas séries de julgamentos do sétimo selo (11:18; 16:19).]

Cap. 19. - Após a condenação da prostituta (verso 2), vem a glória da noiva (verso 7); a gloriosa revelação de Cristo e a destruição em seguida da besta e do falso profeta (verso 20).

Cap. 20. - Satanás é preso. O reino milenar dos santos (versos 1-4). Após o reino milenar, Satanás é solto e mais uma vez engana as nações. Satanás é lançado no lago de fogo. O julgamento diante do Grande Trono Branco.

Cap. 21, 22:1-5 - O novo céu e a nova Terra.

Cap. 22:6-21 - Conclusão. [6]

Como a última trombeta e a última taça envolvem os julgamentos finais do dia da vingança, que precedem o advento do reino glorioso, necessariamente incluem a condenação dos dois grandes poderes anticristãos dos últimos dias - o imperial, representado pela besta de dez chifres, e o eclesiástico, tipificado pela mulher vestida de escarlate. As visões dos capítulos 13 e 14, portanto, estão interpostos, descritivos da ascensão e desenvolvimento desses poderes. Elas apropriadamente nos dão detalhes que se relacionam com os eventos dentro dos selos anteriores, porque os mártires do quinto selo são as vítimas do grande perseguidor do capítulo 13.

Se o esquema precedente estiver correto no principal, as eras incluídas no Apocalipse podem ser divididas assim:

1. As sete igrejas; o período de transição que segue o encerramento da dispensação da Igreja Cristã. [7]

2. Os sete selos; o período durante o qual tudo o que a profecia predisse que precederá o reino será cumprido.
3. O reino; a ser seguido, após um intervalo final de apostasia, pelo
4. Estado eterno; o novo céu e a nova terra.

É manifestamente dentro do período dos selos que as profecias de Daniel têm seu cumprimento, e a próxima investigação deve ser dirigida para descobrir com certeza os pontos de contato entre as visões de João e as profecias anteriores.

Como já observado, é somente enquanto a profecia se enquadra dentro do período das setenta semanas que ela ocorre dentro do intervalo da cronologia humana. Além disso, a septuagésima semana será um período definido, do qual a data inicial do meio e do fim são definitivamente marcadas. A data inicial da primeira semana, isto é, do período profético como um todo, não foi o retorno dos judeus da Babilônia, nem a reconstrução do templo, mas a assinatura do decreto persa que restaurou a posição nacional deles. Assim também o início da última semana datará, não da restauração deles à Judéia, nem ainda da reconstrução futura de seu santuário, mas da assinatura do tratado pelo "príncipe que há de vir", que provavelmente uma vez mais os reconhecerá como nação. [8]

Mas é óbvio que esse personagem precisará ter chegado ao poder antes da data desse evento; e é expressamente declarado (Daniel 7:24) que sua ascensão será após a dos dez reinos que em um tempo futuro dividirão o território romano. Segue-se, portanto, que a formação desses reinos e a ascensão do grande Kaiser que portará o cetro imperial nos últimos dias precisará ocorrer antes do início da septuagésima semana. [9]

Dentro de certos limites, podemos também fixar a ordem dos eventos subseqüentes. A violação do tratado pela profanação do Lugar Santo ocorrerá "na metade da semana" (Daniel 9:27). Esse evento, novamente, será o início da grande perseguição pelo Anticristo (Mateus 24:15-21) que durará precisamente três anos e meio; porque seu poder para perseguir os judeus estará limitado a esse período definido de tempo. (Daniel 7:25; Apocalipse 13:5). "E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas." (Mateus 24:29) Essa é a afirmação do capítulo 24 de Mateus; e o capítulo 6 do Apocalipse coincide exatamente com ele, porque a visão do quinto selo incluiu o período da "tribulação"; e quando o sexto selo foi aberto, "eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue." (Apocalipse 6:12, 17). Em sintonia com isso, novamente, está a profecia de Joel. "O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR." (Joel 2:31) Os eventos desse dia da vingança são o peso da visão do sétimo selo, incluindo o julgamento de Babilônia, a mulher vestida de escarlate - ou a apostasia religiosa - por meio do poder imperial (Apocalipse 17:16-17) da besta, cujo pavoroso fim é trazer o drama terrível a um encerramento. (Apocalipse 19:20). Portanto, temos base suficiente para atribuir a seguinte ordem aos eventos dos últimos dias:

1. A formação dos dez reinos.
2. O aparecimento, dentro dos limites territoriais desses reinos, de um décimo primeiro rei, que subjugará três dos dez outros reis, e no fim será aceito como suserano por todos os demais.
3. A criação de um tratado por esse rei com, ou em favor dos judeus. *O início da septuagésima semana.*
4. A violação do tratado por esse rei após três anos e meio.
5. "A grande tribulação" das Escrituras, a terrível perseguição dos últimos dias, que continuará por três anos e meio.
6. O livramento dos judeus de seu maior inimigo, a ser seguido pelo estabelecimento final deles nas bênçãos. *O encerramento da septuagésima semana.*
7. O grande e terrível dia do Senhor, "o período do sétimo selo, que inicia com uma revelação de Cristo para Seu povo em Jerusalém, acompanhado por tremendas manifestações do poder divino e terminando com Seu último e glorioso advento."

Que a septuagésima semana será os últimos sete anos da dispensação e o período do reinado do Anticristo é uma crença tão antiga quanto os escritos dos Pais que viveram antes do Concílio de Nicéia. Mas um cuidadoso exame das afirmações das Escrituras levará a alguma modificação dessa visão. O cumprimento para Judá das bênçãos especificadas em Daniel 9:24 é tudo o que as Escrituras dizem expressamente que marcará o fim da septuagésima semana. O Anticristo será então forçado a sair da Judéia; mas não há razão para supor que ele perderá seu poder. Como já mostrado, a septuagésima semana termina com o período do quinto selo, enquanto que a queda de Babilônia está dentro da era da sétima taça. Ninguém pode afirmar que essa era será de longa duração, e ela provavelmente será breve; mas a única indicação certa de sua extensão é que estará dentro de uma única geração, pois no seu encerramento o Anticristo será tomado vivo e lançado em sua terrível condenação (Apocalipse 19:20).

A analogia do passado nos leva a esperar que os eventos preditos que devem ocorrer no fim da septuagésima semana seguirão imediatamente seu encerramento. Mas o livro de Daniel ensina expressamente que haverá um intervalo. Qualquer que seja a visão tomada da porção inicial do capítulo 11 de Daniel, é claro que "o rei" do verso 36 e seguintes é o grande inimigo dos últimos dias. Suas guerras e conquistas são preditas, [10] e o capítulo 12 inicia com a menção do tempo predito de aflições, "a grande tribulação" de Mateus e do Apocalipse. O verso 7 especifica a duração do "tempo de angústia" como "um tempo, e tempos e metade de um tempo", que, como já mostrado, é a metade da semana, ou 1.260 dias. Mas o verso 11 declara expressamente que desde a data do evento que dividirá a semana, e que, de acordo com Mateus 24, será o sinal da perseguição, haverá 1.290 dias, e o verso 12 adia as bênçãos para 1.335 dias, ou setenta e cinco dias além do encerramento das semanas proféticas.

Se, portanto, o "dia do Senhor" segue imediatamente o encerramento da septuagésima semana, parece que o livramento total de Judá não ocorrerá até que esse período final tenha iniciado. E isso é expressamente confirmado pelo capítulo 14 de Zacarias. É uma profecia muito definitiva, mais do que qualquer outra, e as dificuldades que envolvem sua interpretação não são em grau algum superadas recusando-se a lê-la literalmente. Ela parece ensinar que naquele tempo Jerusalém será tomada pelos exércitos aliados das nações e que, no momento em que um grupo de prisioneiros estiver sendo levado para fora, Deus intervirá de alguma forma milagrosa, como quando destruiu o exército de Faraó no Êxodo. [11]

A comparação com a profecia do capítulo 24 de Mateus é o teste mais certo e rígido que pode ser aplicado a essas conclusões. Após fixar a data inicial e descrever o caráter da grande perseguição dos últimos dias, o Senhor assim enumera os eventos que deverão seguir em seu encerramento - Primeiro o grande fenômeno natural é predito; depois o aparecimento do sinal do Filho do homem no céu; em seguida a lamentação das tribos da terra; [12] e finalmente o glorioso advento.

Que não haverá intervalo entre a perseguição e os "grandes sinais no céu" (Lucas 21:11) que deverão se seguir, é expressamente afirmado; eles deverão ocorrer "imediatamente" após a tribulação". Que um intervalo separará os outros eventos da série é igualmente claro. Desde a contaminação do Lugar Santo, até o dia em que a Tribulação terminará, e as "pavorosas vistas" e os "grandes sinais" do céu lançarem terror no coração dos homens, haverá um período definido de 1.260 dias; [13] e quando começa a falar sobre o advento, o Senhor declara que esse dia é conhecido somente pelo Pai; a parte de Seu povo deve ser vigiar e aguardar. Ele já os tinha advertido sobre o engano de esperar Seu advento antes do cumprimento de tudo o que precisa acontecer (Mateus 24:4-28). Agora Ele os adverte acerca da apostasia após o cumprimento de todas as coisas, por causa do retardo que mesmo então ainda marcará Sua vinda. [14]

As palavras de Cristo são inequivocamente verdadeiras, e Ele não obtém satisfação em ver Seu povo viver na expectativa de Sua vinda, exceto em um tempo em que nada se interpõe para barrar o cumprimento da esperança. O fatalismo é tão popular entre os cristãos quanto com os adoradores de Maomé; e as pessoas esquecem que, embora a dispensação tenha corrido seu curso nestes dezoito séculos, ela poderia ter sido trazida a um encerramento a qualquer momento. Por esse motivo, o cristão é exortado a viver "aguardando a bem-aventurada esperança" (Tito 2:12-13). Será de forma contrária em dias por vir, quando a presente dispensação terá se encerrado com o primeiro estágio do advento. Então

a palavra não será "Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor." (Mateus 24:42) - isso pertence ao tempo quando tudo terá sido cumprido - mas "Olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim." (Mateus 24:6)

Notas de Rodapé do Capítulo 14

[1] A Bíblia não se destina apenas à presente dispensação, mas ao povo de Deus em todas as épocas; e é incrível que aqueles que serão tão severamente provados deixarão de encontrar nela palavras especialmente adequadas para aconselhá-los e confortá-los em vista daquilo que eles deverão suportar. "Esta profecia" é a descrição divina do Apocalipse como um todo (Apocalipse 1:3). Compare o "devem brevemente acontecer" de Apocalipse 1:1 com o "em breve hão de acontecer" de Apocalipse 22:6. A saudação (1:4-5) parece fixar a posição *dispensacional* do livro como futuro. Não é o Pai, mas Jeová; não o Senhor Jesus Cristo, mas "Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o príncipe dos reis da terra"; e o livro fala de um tempo em que o Espírito Santo, como uma pessoa, novamente estará no céu, para juntar-se na saudação, o que Ele nunca faz nas epístolas do Novo Testamento. Apocalipse 1:19 é freqüentemente citado para provar que o livro está dividido e que somente a última parte é profética. Em refutação a isso, apelo para o mais cândido dos comentaristas do Apocalipse, Dean Alford, que assim traduz o verso: "Escreve, portanto, as coisas que vistes, e o que significam, e as coisas que devem acontecer depois dessas." Ele explica "as coisas que viste" como "a visão que agora foi entregue a ti." e as palavras de encerramento como "as coisas que acontecerão depois dessas, isto é, uma visão futura." (*Greek Test., in loco*).

No capítulo 4:1, Alford inclina-se a dar ao segundo meta tauta o significado geral de "depois disto". Mas a pressuposição é que as palavras são usadas no fim do verso no mesmo sentido que no início, isto é, "depois destas coisas". As palavras implicam que o cumprimento das visões subseqüentes devem estar no futuro, relativamente ao cumprimento da visão precedente, e não com relação meramente ao tempo em que a visão foi recebida, que foi uma questão de curso.

[2] Apocalipse 3. Não é, como na Versão Inglesa, "nenhum homem", mas oudeis. A Versão Revisada traduz corretamente "ninguém".

[3] O quinto selo relaciona-se com a grande perseguição no futuro, que, como observado, está dentro da septuagésima semana. Os quatro primeiros selos relacionam-se com os eventos que precedem no tempo o cumprimento do verso 15 do capítulo 24 de Mateus. Compare os versos 6 e 7 desse capítulo com Apocalipse 6:1-8.

[4] "O dia do SENHOR vem, já está perto... O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR." (Joel 2:1,31). "Eis que vem o dia do SENHOR..." (Isaías 13:9-10). "E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas." (Mateus 24:29) "E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas." (Lucas 21:25). "E o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue. E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte." (Apocalipse 6:12-13) - compare com Joel 2:31.

Concordo plenamente com a seguinte nota de Dean Alford (*Greek Test., Mateus 24:29*): "Essas profecias devem ser compreendidas *literalmente* e, de fato, sem essa compreensão perderiam sua verdade e significado. Os sinais físicos acontecerão como acompanhamentos e intensificação do terrível estado de coisas que a descrição tipifica." Não que a lua realmente se transformará em sangue, ou que as estrelas cairão. As palavras descrevem *fenômenos* que os homens testemunharão e que encherão seus corações de terror.

[5] As passagens que contêm as visões de parêntesis estão marcadas por colchetes.

[6] Pulo de propósito o Cap. 12 por causa das excepcionais dificuldades que estão presentes em sua interpretação.

"Qualquer coisa dentro de consideração razoável para as analogias e simbolismo do texto parece melhor que a agora comum interpretação histórica comumente recebida, com suas imaginações e atribuições arbitrárias de palavras e figuras." (Alford, *Greek Test.*, Revelation 12:15-16).

A única interpretação razoável que já vi é aquela que considera o "filho homem que há de reger todas as nações com vara de ferro", e que "foi arrebatado para Deus, e para o seu trono" como sendo o Senhor Jesus Cristo, e a mulher como aquele povo de quem Cristo veio, segundo a carne" (Romanos 9:5) Mas as objeções a isso são consideráveis. Primeiro, os fatos históricos passados são assim introduzidos em uma visão que se relaciona com o futuro. Não conheço qualquer outro exemplo disso nas Escrituras. Segundo, os principais aspectos da visão após o verso 5 não são explicados pelos fatos.

Os comentários a seguir são oferecidos simplesmente para ajudar a investigação e não como expressão de uma opinião formada sobre o assunto. Os 1.260 dias durante os quais a mulher é perseguida é precisamente o período da "grande tribulação". O verso 7 declara que durante a fuga da mulher, Miguel, o arcanjo, lutará em defesa dela. Daniel 12:1, referindo-se ao tempo do poder o Anticristo, diz: "Naquele tempo se levantará Miguel...", etc., descrevendo a "grande tribulação", que deverá continuar por 1.260 dias.

Novamente, as Antigas Escrituras apontam claramente para a carreira de um futuro Davi, um libertador dos judeus, que se tornará seu líder terreal naquele tempo e reinará sobre eles em Jerusalém depois disso. Veja, por exemplo, Ezequiel 22-25, sobre Davi, o príncipe, que certamente não é Cristo, vendo que ele terá um palácio em Jerusalém e uma herança definida na terra, e que, além do mais, oferecerá ofertas queimadas, etc. (Ezequiel 45:17). Suponho que esse é o grande conquistador militar de Isaías 43:1-3. Não pode Apocalipse 12 referir-se a esse personagem, que será o vice-regente de Cristo na terra, e que irá, na verdade, governar sobre todas as nações?

[7] Isto é, assumindo que essa porção do livro tem um aspecto profético.

[8] Não afirmo que teremos chegado ao auge de seu poder antes desta data. Pelo contrário, parece extremamente provável que o tratado com os judeus será um dos passos pelos quais ele se elevará ao posto que está destinado a ocupar, e que assim que atingir esse objetivo, tirará a máscara e se declarará um perseguidor. Assim Irineu ensinou e ele possivelmente repetiu aquilo que era o ensino tradicional na época apostólica.

[9] Ele não é nem o rei do norte nem o rei do sul, pois ambos esses reis invadirão seu território (verso 40), isto é, os poderes que então respectivamente dominarão a Síria e o Egito.

[10] "O dia da batalha" (Zacarias 14:3). O profeta acrescenta, "E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras." Não posso imaginar como pode alguém supor que este será o grande e final advento em glória como descrito em Mateus 24:30 e outras Escrituras. A profecia (Zacarias 14) parece literal. Se o Anticristo será o líder das nações, parece inconsistente com a afirmação que ele estará neste tempo sentado no templo, como Deus, em Jerusalém; assim o Anticristo de fora estaria cercado o Anticristo dentro da cidade. Mas as dificuldades não anulam as revelações; o evento esclarecerá as aparentes dificuldades. (*Commentary*, Fausset, *in loco*). É inútil especular tal questão, mas presumo que a cidade terá se revoltado contra o grande inimigo durante sua ausência na chefia dos exércitos do império, e que ele, portanto, voltará para reconquistá-la. A história se repete. Além disso, não há razão para acreditar que ele residirá em Jerusalém, embora presumivelmente terá um palácio ali, e como parte de uma cerimônia blasfema, se assentará entronizado no templo. Que Jerusalém será capturada por um exército hostil naquele tempo parecerá menos estranho se for lembrado primeiro que o verdadeiro povo de Deus tem para esse tempo a advertência de deixar a cidade no início dessas aflições (Mateus 24:15-

16) e, em segundo lugar, que o livramento da capital será o último ato no livramento de Judá (veja Zacarias 12:7).

[11] "E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória." (Mateus 24:29-30)

[12] kopsontai pasai ai phulai tas gas. Compare Zacarias 12:12 (LXX), kopsetai ha ga kata phulas phulas.

[13] Portanto, se o advento estará sincronizado com esses eventos, qualquer um que estiver vivendo naquele tempo poderá fixar a data dele, uma vez que a data inicial da tribulação for conhecida; enquanto que o capítulo mostra claramente que um intervalo seguirá após tudo tiver sido cumprido, longo o suficiente para remover os meros profetas, que, cansados de esperar, apostatarão (Mateus 24:48), e para fazer adormecer até os verdadeiros discípulos em um sono do qual o retorno do Senhor os despertará. (Ibidem, 25:5)

[14] Mateus 24:42-51 e 25:1-13: "Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo." resumindo, "no período citado no fim do último capítulo, isto é, a vinda no Senhor para seu reino pessoal" (Alford, *Gr. Test., in loco*) Embora aplicável a toda época em que há um povo aguardando na Terra, a parábola terá sua plena e especial aplicação nos últimos dias para aqueles que estiverem olhando para a página completa da profecia cumprida. Toda a passagem do Cap. 24:31 até 25:30 é um parêntesis, relacionando-se especialmente com aquele tempo.

CAPÍTULO 15

O PRÍNCIPE QUE HÁ DE VIR

"O que toda a Europa está procurando?" - As palavras são de um artigo de primeira página do jornal *The Times*, a respeito da recente descoberta da tumba de Agamenon. [1] "O que toda a Europa está procurando? É o REI DOS HOMENS, o grande líder do povo grego, aquele que comandou milhares de galés e a quem centenas de milhares de homens se submeteram com o simples reconhecimento de suas qualidades pessoais e obedeceram por dez longos anos... O homem que puder desafiar por sua própria conta o escudo de Agamenon, agora esperando pelo desafio, será o verdadeiro imperador do Oriente, e a solução mais fácil para nossas atuais dificuldades."

A realização desse sonho será o cumprimento da profecia.

Verdade é que os movimentos populares caracterizam a época, e não o poder das mentes individuais. Esta é a época das multidões. A democracia, não o despotismo, é o objetivo em direção ao qual a civilização está caminhando. Mas a democracia, em seu pleno desenvolvimento, é uma das vias mais certas para o despotismo. Primeiro, a revolução; depois os plebiscitos; em seguida, o déspota. O César freqüentemente deve seu cetro às massas. Além disso, um homem de grandeza transcendente sempre deixa sua marca em sua época. E o verdadeiro Rei dos Homens precisará ter uma combinação extraordinária de grandes qualidades. Ele precisará ser um "erudito, um estadista, um homem de resoluta coragem e irrepreensível iniciativa", cheio de recursos, e pronto para olhar na cara de um rival ou de um adversário." [2] A oportunidade também precisa estar sincronizada com seu advento. Mas a voz da profecia é clara, que a HORA está vindo, e também o HOMEM.

Em conexão com esse sonho ou lenda do reaparecimento de Agamenon, é notável que a linguagem da segunda visão de Daniel levou alguns a fixarem a Grécia como o lugar de onde o Homem da profecia virá; [3] e isso não deixa dúvida alguma que virá dos limites territoriais do antigo império grego.

Tendo predito a formação dos quatro reinos em que as conquistas de Alexandre se dividiram após sua morte, o anjo Gabriel, divinamente indicado para interpretar a visão, começou a falar dos eventos que precisam ocorrer em dias por vir:

"Mas, no fim do seu reinado, quando acabarem os prevaricadores, se levantará um rei, feroz de semblante, e será entendido em adivinhações. E se fortalecerá o seu poder, mas não pela sua própria força; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os poderosos e o povo santo. E pelo seu entendimento também fará prosperar o engano na sua mão; e no seu coração se engrandecerá, e destruirá a muitos que vivem em segurança; e se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas sem mão será quebrado." [4]

Na visão do Cap. 7, o último grande monarca dos gentios é representado como um blasfemador e um perseguidor. "E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo"; mas aqui ele é descrito também como sendo um general e um diplomata. Tendo assim obtido um lugar reconhecido na profecia, ele é referido na visão que segue como "o príncipe que há de vir" (Daniel 9:26) - um personagem bem conhecido, cujo advento já tinha sido predito; e a menção dele na quarta e final visão de Daniel é tão explícita, que devido à vital importância de definir a personalidade desse "rei", a passagem é apresentada aqui por inteiro.

"E este rei fará conforme a sua vontade, e levantar-se-á, e engrandecer-se-á sobre todo deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas espantosas, e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito. E não terá respeito ao Deus de seus pais, nem terá respeito ao amor das mulheres, nem a deus algum, porque sobre tudo se engrandecerá. Mas em seu lugar honrará a um deus das forças; e a um deus a quem seus pais não conheceram honrará com ouro, e com prata, e com pedras preciosas, e com coisas agradáveis. Com o auxílio de um deus estranho agirá contra as poderosas fortalezas; aos que o reconhecerem multiplicará a honra, e os fará reinar sobre muitos, e repartirá a terra por preço. E, no fim do tempo, o rei do sul lutará com ele, e o rei do norte se levantará contra ele com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nas suas terras e as inundará, e passará. E entrará na terra gloriosa, e muitos países cairão, mas da sua mão escaparão estes: Edom e Moabe, e os chefes dos filhos de Amom. E estenderá a sua mão contra os países, e a terra do Egito não escapará. E apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas preciosas do Egito; e os líbios e os etíopes o seguirão. Mas os rumores do oriente e do norte o espantarão; e sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos. E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra." [5]

O peso das profecias de Daniel é Judá e Jerusalém, mas as visões apocalípticas do discípulo amado têm uma abrangência maior. As mesmas cenas são algumas vezes apresentadas, mas são exibidas em uma escala maior. Os mesmos atores aparecem, mas em relação a interesses maiores e eventos de maior magnitude. Em Daniel, o Messias é mencionado somente em relação ao povo terreal, e é na mesma conexão também que o falso Messias entra em cena. No Apocalipse, o Cordeiro aparece como o Salvador de uma multidão inumerável "de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas" (Apocalipse 7:9) e a besta é vista como o perseguidor de todos os que invocam o nome de Cristo. Além disso, as visões de João incluem um céu aberto, enquanto que as visões que foram dadas a Daniel "das coisas que hão de acontecer" estão limitadas à Terra.

Tentar fixar o significado de cada detalhe dessas visões é ignorar as lições a serem derivadas das profecias messiânicas cumpridas no primeiro advento. [6] As antigas Escrituras ensinaram os judeus

piedosos a esperarem um Cristo pessoal - não um sistema ou dinastia, mas uma pessoa. Além disso, elas lhes permitiam conhecer de antemão os fatos principais da Sua vinda. Por exemplo, a pergunta de Herodes "Onde haverá de nascer o Cristo?" admitia uma resposta definitiva e certa, "Em Belém de Judéia" (Mateus 2:4; *confira* Miquéias 5:2). Mas atribuir seu lugar e significado a cada parte de uma visão misturada com sofrimentos e glória estava além da capacidade até dos próprios profetas inspirados. (1 Pedro 1:10-12) Assim também com as profecias a respeito do Anticristo. O caso é ainda mais forte, pois enquanto "aqueles que aguardavam a redenção de Israel" tiveram de ajuntar as profecias messiânicas das Escrituras que pareciam ao leitor descuidado referenciar os sofrimentos dos antigos profetas hebreus ou as glórias de seus reis, as predições do Anticristo são tão distintas e definitivas como se as afirmações fossem históricas e não proféticas. [7]

Apesar disso, a tarefa do expositor está cercada por reais dificuldades. Se o livro de Daniel pudesse ser lido sozinho nenhuma questão surgiria. "O príncipe que há de vir" é ali apresentado como o líder do império romano restaurado do futuro e um perseguidor dos santos. Não há uma única afirmação acerca dele que apresente a menor dificuldade. Mas algumas das afirmações de João parecem inconsistentes com as profecias anteriores. De acordo com as visões de Daniel, a soberania do Anticristo parece confinada aos dez reinos e sua carreira parece limitada à duração da septuagésima semana. Como então conciliar isso com a afirmação de João que "deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação"? [8] É crível, além do mais, que um homem capacitado com poderes tão sobrenaturais e cumprindo um lugar tão extraordinário nas profecias, estará restrito aos estreitos limites territoriais do Império Romano?

Se esses pontos forem apresentados como objeções à verdade das Escrituras é suficiente marcar que as profecias do Cristo foram cercadas de dificuldades similares. Essas profecias são como as peças separadas de um mosaico intrincado. Colocar cada peça em seu lugar é uma tarefa difícil até para os gênios. Descobrir o projeto principal é tudo o que podemos esperar; ou, se mais for exigido de nós, é suficiente mostrar que nenhuma parte é inconsistente com o restante. E esses resultados recompensarão o estudante das visões apocalípticas de João e de Daniel, desde que ele faça uma abordagem livre e isenta das opiniões que prevalecem a respeito da carreira do Anticristo.

Essas visões não são uma história, mas um drama. Em Apocalipse 12 vemos a mulher em trabalho de parto. No capítulo 21, ela aparece em sua glória final. Os capítulos intermediários oferecem rápidas visões dos eventos que ocorrerão no intervalo. É com os capítulos 13 e 17 que temos especialmente de fazer conexão com o assunto atual, e é claro que a última visão revela eventos que vêm primeiro na ordem do tempo.

A falsa igreja e a verdadeira são tipificadas sob emblemas similares. Jerusalém, a noiva, tem sua correspondente em Babilônia, a prostituta. No mesmo sentido em que a Nova Jerusalém é a igreja judaica, assim da mesma forma Babilônia é a apostasia de Roma. A cidade celestial é a mãe dos redimidos das épocas passadas (Gálatas 4:26) a cidade terreal é a mãe das prostitutas e das abominações da Terra. (Apocalipse 17:5) As vítimas que pereceram nas perseguições da Roma papal anticristã são estimadas em *cinquenta milhões* de seres humanos; mas até esse recorde chocante não será a medida de sua condenação. O sangue dos "santos apóstolos e profetas" - os mortos martirizados das épocas antes do papado aparecer, e até mesmo dos tempos pré-messiânicos, será requerido dela quando o dia da vingança chegar. [9]

Como é somente em seu aspecto judaico que a igreja é expressamente simbolizada como a noiva, [10] assim também é em um tempo quando isto, o relacionamento normal deles, tiver sido reconquistado pelo povo da aliança, que a igreja apóstata da cristandade, em pleno desenvolvimento de sua iniquidade, aparece como uma prostituta. [11] Além do mais, a visão indica claramente um reavivamento marcado por influência dela. Ela é vista entronizada sobre a besta de dez chifres, vestida em tons de realeza e adornada com ouro e pedras preciosas. A infame grandeza da Roma papal em tempos passados será superada pelo esplendor de suas glórias em dias tenebrosos ainda por vir, quando, tendo atraído para si tudo o que usurpa o nome de Cristo na Terra, [12] ela reivindicará como seu vassalo submisso o último grande monarca do mundo gentílico.

Com relação à duração desse período dos triunfos finais de Roma, as Escrituras nada dizem, mas a crise que a traz a um fim é claramente marcado. "Os dez chifres que viste na besta são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo." [Apocalipse 17:16]

Um ponto na descrição da besta feita pelo anjo em relação à meretriz requer atenção especial. As sete cabeças têm um simbolismo duplo. Quando vistas em conexão com a meretriz, são "sete montes, sobre os quais a mulher está assentada", mas em sua relação especial com a besta têm um significado diferente. O anjo acrescenta, "são também sete reis", isto é, reinos, a palavra sendo usada "de acordo com sua rígida importância profética, e à analogia daquela porção da profecia que está aqui especialmente em vista." [13]

Em Daniel 7, a besta é identificada com o Império Romano. Em Apocalipse 13, ela também é identificada com o leão, o urso e o leopardo, os três primeiros "reinos" na visão de Daniel. Mas aqui ela é vista como herdeira e representante, não apenas desses, mas de todos os grandes poderes mundiais que se colocaram em oposição a Deus e ao Seu povo. As sete cabeças tipificam esses poderes. "Cinco já caíram, e um existe". Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, tinham caído e Roma mantinha então o cetro da soberania terreal, o sexto em sucessão aos impérios já citados. [14] "E o outro ainda não é vindo." Aqui a profecia está marcada pela mesma estranha "redução" já observada em cada uma das visões de Daniel. Embora Roma tenha sido o sexto reino, o sétimo é a confederação dos últimos dias, que levará ao "Príncipe que há de vir". O príncipe vindouro, no desenvolvimento pleno e final de seu poder, é chamado de oitavo, pertencendo assim aos sete. [15] A importância dessas conclusões aparecerá em seguida.

O assunto do Cap. 12 é o dragão, a mulher com dores de parto, o nascimento do filho homem e seu arrebatamento para o céu; a batalha no céu entre o arcanjo e o dragão (verso 7; compare Daniel 12:1) o banimento do dragão na Terra; a perseguição dele à mulher, e a fuga dela para o deserto, onde é sustentada por "um tempo, e tempos, e metade de um tempo", ou 1.260 dias (versos 6, 14), (segunda metade da septuagésima semana de Daniel). O capítulo termina com a afirmação que, impedido ao tentar destruir a mulher, o dragão "foi fazer guerra ao remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo". O Cap. 13, cruzando as linhas das visões de Daniel, representa o cumprimento do propósito do dragão usando o homem da profecia, a quem ele energizará para esse objetivo. Qualquer que seja o significado a ser atribuído ao nascimento e ao arrebatamento do filho da mulher, não pode haver dúvida que o "remanescente da sua semente" obediente e fiel é a igreja judaica dos últimos dias, os "santos do Altíssimo" que serão perseguidos, da profecia de Daniel.

A serpente, a mulher e o homem aparecem juntos nas primeiras páginas das Escrituras, e reaparecem nas últimas. Mas quão significativas e terríveis são essas mudanças! Não mais o sutil tentador, Satanás agora é mostrado em toda a sua perversidade como o feroz dragão, [16] que procura destruir a semente prometida da mulher. E, em vez do humilde penitente do Éden, o homem aparece como uma besta selvagem, [17] um monstro, tanto em poder quanto em impiedade. A vítima da serpente tornou-se seu escravo voluntário e aliado.

Deus encontrou um homem para cumprir toda a Sua vontade e a Ele deu Seu trono, com todo o poder no céu e na Terra. Isso será então imitado por Satanás e o homem que há de vir receberá de Satanás "o seu poder, e o seu trono, e grande poderio." [Apocalipse 13:2] O dragão e besta são vistos coroados com diademas reais. [Apocalipse 12:3; 13:1] Uma vez, e somente uma vez novamente nas Escrituras, o diadema é mencionado, e então é usado por Aquele cujo nome é "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Apocalipse 19:12-16). É como pretendentes ao Seu poder que a besta e o dragão o usam.

A personalidade de Satanás e seu interesse pela raça humana em toda a história, estão entre os mais certos embora mais misteriosos fatos da revelação. A classificação popular da criação inteligente em anjos, homens e demônios é enganosa. Os anjos [18] que caíram estão "reservados na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquel grande dia." [Judas 6] Os demônios são freqüentemente mencionados

nas narrativas dos evangelhos, e também têm um lugar na doutrina das epístolas. Mas o Diabo, é um ser que, como o arcanjo, parece, em seu próprio domínio, não tem um par. [19]

Outro fato que requer observação aqui é o fascínio que a adoração à serpente tem sobre a humanidade. Entre as nações do mundo antigo raramente há algum sistema religioso em que ela não ocorra. Na mitologia pagã raramente há um herói ou deus cuja história não esteja de alguma forma conectada com uma serpente sagrada. "Em todo o lugar que o diabo reina, a serpente recebe uma peculiar veneração." [20]

O verdadeiro significado disso depende de uma justa apreciação da natureza da adoração aos ídolos. Pode ser questionado se a idolatria, conforme popularmente compreendida prevaleceu exceto entre os povos mais ignorantes e degradados. Não é o emblema que é adorado, mas um poder ou ser que o emblema representa. Quando o apóstolo advertiu a igreja de Corinto contra a participação em qualquer coisa dedicada a um ídolo, foi cuidadoso em explicar que o ídolo em si mesmo nada é. "[As coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios, e não a Deus.](#)" [1 Coríntios 10:20]

Isso permitirá uma compreensão sobre o caráter da predita adoração à serpente nos últimos dias. [21] A mentira-mestre de Satanás será uma imitação da encarnação: ele capacitará um homem que requererá adoração universal como sendo a manifestação da divindade em forma humana. E não somente haverá um falso Messias, mas outro indivíduo, igual em poderes milagrosos, porém tendo como sua única missão obter para ele a homenagem da humanidade. O mistério da divindade será assim parodiado pelo mistério da iniquidade, e o Pai, o Filho e o Espírito Santo terão seus correspondentes no dragão, na besta e no falso profeta. [22]

Um céu silencioso marca esta Época da Graça. Ventanias, terremotos e fogo podem assombrar, porém, como nos dias do antigo profeta hebreu, [23] Deus não está nestes, mas em uma voz mansa e delicada, que fala de misericórdia e busca resgatar os homens perdidos do poder das trevas e trazê-los para Si. Mas o silêncio que indica que o trono de Deus é agora um trono de graça é usado como prova que Deus é apenas um mito; e o truque favorito do blasfemador mais rude é desafiar o Todo-Poderoso a declarar a Si mesmo por algum ato de julgamento observável. Nos dias por vir, o desafio ímpio será tomado por Satanás, e a morte tomará os homens que se recusarem a adorar a imagem da besta. [24]

O Anticristo será mais do que um profano e brutal perseguidor como Antíoco Epifânio e alguns dos imperadores da Roma pagã; mais do que um vulgar impostor, como Barcochab. [25] Milagres só podem silenciar o ceticismo dos apóstatas e, no exercício de todos os poderes delegados do dragão, a besta receberá a adoração de um mundo que rejeitou a graça. "[E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto antes da fundação do mundo.](#)" (Apocalipse 13:8) Se fosse possível, até os eleitos seriam enganados por esses poderosos "sinais e prodígios" (Mateus 24:24), mas a fé, dada por Deus, é uma certeza, pois é a única garantia contra a credulidade e a superstição.

Mas isto é no que ele se tornará no auge de sua carreira. Em sua origem ele é descrito como "chifre pequeno" (Daniel 7:8) - como Alexandre da Macedônia, o rei de um reino pequeno. Possivelmente ele será o líder de algum novo principado que surgirá com o desmembramento final da Turquia; esse principado poderá estar situado às margens do Eufrates, ou talvez na costa asiática do Mar Egeu. O nome de Babilônia está estranhamente conectado com os eventos por vir, e Pérgamo, o centro da adoração à serpente em suas formas mais vis, é o único lugar na Terra que as Escrituras identificam como o trono de Satanás. (Apocalipse 2:13)

Das grandes mudanças políticas que precisam preceder seu advento, as mais óbvias são a restauração dos judeus na Palestina e a predita divisão do território romano. O primeiro desses eventos já foi considerado em um capítulo anterior e, com relação ao último, há pouco a dizer. A tentativa de enumerar os dez reinos do futuro envolveria uma investigação infrutífera. [26] A história se repete; e se houver qualquer elemento de periodicidade nas doenças políticas pelas quais as nações são afligidas, a Europa inevitavelmente passa por outra crise tal como aquela que entenebrecer a última década do

século dezoito. E se outra revolução produzir outro Napoleão, é impossível prever em que extensão os reinos poderão se tornar consolidados e as fronteiras poderão ser modificadas. Além disso, ao prever o cumprimento dessas profecias, estamos lidando com eventos que, embora possam ocorrer dentro de uma geração, podem ainda ser retardados por séculos. Nossa parte não é profetizar, mas somente interpretar; e podemos ficar descansados com a certeza que quando as visões apocalípticas estiverem de fato cumpridas, o cumprimento delas será claro, não meramente nas mentes educadas no misticismo, mas para todos que são capazes de observar os fatos públicos.

Pode ser em desdobramentos graduais, de influências até agora em operação; ou muito mais provavelmente como resultado de alguma grande crise européia no futuro, essa confederação de nações [27] será criada, e assim o cenário ficará preparado para o aparecimento do ser terrível, o grande líder dos homens nos dias agitados que encerrarão a era da supremacia dos gentios.

Se quisermos compreender corretamente curso predito da carreira do Anticristo, certos pontos conectados com ela precisam ser claramente mantidos em vista. O primeiro é que até certo ponto ele será, a despeito de sua proeminência, nada mais que humano. E aqui precisamos julgar o futuro pelo passado. Aos vinte e dois anos de idade, Alexandre cruzou o Helesponto, como o príncipe de um pequeno estado grego. Quatro anos mais tarde ele tinha fundado um império e dado uma nova direção à história do mundo.

Na carreira de Napoleão Bonaparte, a história moderna permite um paralelo ainda mais impressionante e completo. Quando ele ingressou na Escola Militar Francesa em Brienne, era um rapaz desconhecido, sem as vantagens que a posição e a riqueza permitem. Tão profundamente obscura era sua posição que, não somente sua admissão na Escola foi graças à influência do governador da Córsega, mas os caluniadores vieram a usar esse ato generoso de patrocínio para difamar o nome de sua mãe. Se então tal homem, pela força gigantesca de suas qualidades pessoais, combinada com o acidente das circunstâncias favoráveis, conseguiu obter o lugar que a história atribuiu a ele, o fato permite a mais ampla resposta a toda objeção que possa ser levantada com relação à credibilidade da carreira predita do homem da profecia.

Também não adiantará dizer que os últimos cinqüenta anos desenvolveram tanto a atividade mental dos povos civilizados e produziram um espírito de independência que a sugestão de uma carreira como a de Napoleão ser repetida em dias por vir envolve um anacronismo. "À medida que o padrão geral de cultura é elevado, e os homens se tornam mais iguais uns com os outros, o poder ordinário do gênio é diminuído, mas seu poder extraordinário é aumentado, seu alcance é aprofundado, seu controle é tornado mais firme. À medida que os homens se tornam mais familiarizados com as realizações e o exercício do talento, aprendem a desprezar e desconsiderar seus exemplos diários, e a serem mais independentes dos meros homens de habilidades; mas eles somente se tornam mais completamente no poder de intelecto gigante, e os escravos do talento proeminente e inalcançável." [28]

Pela força bruta do gênio transcendente o homem da profecia conquistará uma posição de indisputada preeminência no mundo; mas para compreendermos os fatos de sua carreira posterior, considerações de um tipo totalmente diferentes precisam ser levadas em conta. Uma estranha crise marca o curso dele. A princípio o patrono da religião, um verdadeiro "filho mais velho da igreja", ele se torna um perseguidor implacável e profano. A princípio não mais do que um rei dos homens, recebendo a fidelidade da terra romana, ele após isso reivindica ser divino e exige a adoração da cristandade.

E vimos como essa extraordinária mudança em sua carreira toma lugar naquela época de tremenda importância na história do futuro, o início dos 1.260 dias da segunda metade da septuagésima semana de Daniel. É quando aquele misterioso evento ocorre, descrito como "guerra nos céus" entre o arcanjo e o dragão. Como resultado desse impressionante combate, Satanás e seus anjos serão lançados na Terra, e o revelador adverte a humanidade porque o Diabo veio até seu meio, "e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo." (Apocalipse 12:7,12)

O próximo fato na visão é a ascensão da besta de dez chifres (Apocalipse 13:1) Esse não é o evento descrito em Daniel 7. A besta, sem dúvida, é a mesma em Daniel e no Apocalipse, e representa o último grande império na Terra; mas no Apocalipse ela aparece em um estágio posterior de seu desenvolvimento. Três períodos de sua história são marcados em Daniel. No primeiro ela tem *dez* chifres. No segundo ela tem *onze*, porque o pequeno chifre surge *entre* os dez. No terceiro, ela tem *oito*, porque o décimo primeiro cresceu em poder, e três dos dez foram arrancadas por ele. Até esse ponto a visão de Daniel representa a besta meramente como o "quarto reino na Terra, o império romano restaurado nos tempos futuros, e aqui a visão se afasta da história da besta para descrever a ação do chifre pequeno como o blasfemador e perseguidor. [29]

É neste momento que o Cap. 13 de Apocalipse inicia. Os três primeiros estágios da história do império são passados, e um quarto se desenvolveu. Ele não é mais uma confederação de nações unidas por tratado, com um Napoleão se levantando no meio delas e lutando pela supremacia; mas uma confederação de reis que são os tenentes de um grande Kaiser, um homem cuja grandeza transcendente conquistou para si uma proeminência indisputável. Esse é o homem a quem o dragão escolherá para lhe dar seu terrível poder na Terra em dias por vir. A partir da hora em que ele se vender a Satanás, será capacitado por ele de tal forma que todo o poder, sinais e prodígios caracterizarão seu curso dali para frente. [30]

Há o perigo que para não tratarmos essas visões como se fossem enigmas a serem solucionados, nos esqueçamos quão terríveis são os eventos sobre os quais elas falam, e quão tremendas as forças que estarão em exercício no tempo de seu cumprimento. Durante esta Época da Graça, o poder de Satanás na Terra está tão restringido que os homens até se esquecem que ele existe. Esse, de fato, será o segredo de seus futuros triunfos. Para ver quão terrível deve ser o poder do dragão, observe a tentação de nosso Senhor! Está escrito: "E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. Portanto, se tu me adorares, tudo será teu." (Lucas 4:5-7)

É esse mesmo ser terrível que dará à besta seu trono, seu poder e grande poderio. (Apocalipse 13:2) - tudo o que Cristo recusou nos dias de sua humilhação. A mente que percebe esse fato estupendo não será lenta em aceitar o que segue:

"E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação. E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo." (Apocalipse 13:7,8)

Dos eventos que após isso acontecerão na Terra, convém falar com profunda solenidade e reserva. O fenômeno das súbitas e absolutas trevas é inconcebivelmente terrível, até mesmo quando procurado com total inteligência das causas que as produziram. [31] Quão indizíveis então serão seus efeitos terríveis, se não esperadas, não explicadas, e prolongadas elas forem por vários dias. E tal será o sinal que as Sagradas Escrituras declaram que marcará o advento do último grande tormento na Terra. [32] Os sinais e maravilhas do poder satânico ainda receberão a adoração da humanidade, enquanto os trovões de um céu não mais silencioso rugirão sobre o povo apóstata. Então será o tempo das "sete últimas pragas, porque nelas é consumada a ira de Deus" - o tempo quando as taças da ira de Deus serão derramadas sobre a Terra. (Apocalipse 15:1, 16:1) Se nos dias da graça a altura e profundidade da misericórdia e da longanimidade de Deus transcendem todos os pensamentos humanos, Sua ira não será menos divina. "O dia da vingança do nosso Deus", "O grande e terrível dia do SENHOR" - tais são os termos usados para descrever esse tempo de horror sem igual.

Entretanto, nas trevas da meia-noite da apostasia final, a longanimidade de Deus servirá apenas para cegar e endurecer, a misericórdia dará as boas vindas à chegada do dia terrível da vingança, por que a bênção estará depois dele. Outro dia ainda haverá. A história da Terra, conforme apresentada nas Escrituras, alcança uma época sabática de bênçãos e de paz, uma era quando o céu governará a Terra,

quando "o SENHOR se alegrará nas suas obras" (Salmos 104:31) e provará ser o Deus de todas as criaturas que criou. (Salmos 145:9-16)

Depois, o véu é levantado e uma breve visão é concedida de uma gloriosa eternidade além, quando todos os vestígios do pecado terão sido removidos para sempre, quando os céus se unirão com a Terra e o "tabernáculo de Deus" - o lugar de habitação do Todo-poderoso - estará entre os homens, **"pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus."** [33]

Foi uma calamidade para a igreja de Deus que a luz da profecia tenha se tornado diminuída em infrutíferas controvérsias e o estudo dessas visões, que foram dadas por Deus com o propósito de advertir, de guiar e de alegrar seus santos nos dias maus, foi desprezado como profundamente inúteis. Elas estão repletas de promessas que Deus planejou para fortalecer a fé de Seu povo e despertar o zelo deles, e uma bênção especial repousa sobre aqueles que as lêem, ouvem e guardam. (Apocalipse 1:3) Um dos aspectos mais esperançosos da hora presente é o crescente interesse que as profecias despertam em toda a parte; e se estas páginas servirem para aprofundar ou direcionar o entusiasmo de apenas alguns poucos no estudo de um tema que é inesgotável, o trabalho que deram estará abundantemente recompensado.

Notas de Rodapé do Capítulo 15

[1] *The Times*, segunda-feira, 18 de dezembro de 1876.

[2] *The Times*, 18 de dezembro de 1876.

[3] Que o Anticristo surgirá da parte oriental do Império Romano e daquela parte do oriente que caiu sob o domínio dos sucessores de Alexandre, é tornado inquestionável por este capítulo. Mas, vendo que no Cap. 11 ele é mencionado em conflito com o rei do norte (isto é, o rei da Síria) e também com o rei do sul (isto é, o rei do Egito), é claro que ele não virá nem do Egito nem da Síria. Ele precisa, portanto, vir da Grécia ou dos distritos imediatamente contíguos à Constantinopla. É verdade que se ele se levantar do último, ou na verdade de qualquer um dos quatro, seria considerado grego em sua origem, porque todos os quatro foram divisões do império grego; mas parece muito mais provável que a própria Grécia será o lugar de seu aparecimento. Ele é descrito crescendo em direção ao sul, e para o oriente, e para a terra formosa; isto é, em direção ao Egito, à Síria e à Palestina - uma descrição que geograficamente favoreceria a posição de alguém que supostamente está na Grécia.

"Além disso, um 'chifre pequeno' (um emblema não daquilo que ele é como indivíduo, mas daquilo que é como monarca) é um símbolo que se encaixa bem com aquele que surge de um dos pequenos e numerosos principados que existiram na Grécia, e tem ainda sua memória no trono dos soberanos de Montenegro." - Newton, *Ten Kingdoms*, pg 193.

[4] Daniel 8:23-25. Toda a passagem é citada.

[5] Daniel 11:36-45; 12:1. Estou inclinado a acreditar que toda a passagem do verso 5 de Daniel 11 receberá um cumprimento futuro, e não tenho dúvida disso com relação à passagem que inicia no verso 21. Veja especialmente o verso 31. Mas a futura aplicação da porção citada no texto é inquestionável. Embora o capítulo em parte refira-se a Antíoco Epifânio, "existem características que não têm correspondência em Antíoco, e que estão até mesmo em total contradição com o caráter de Antíoco, mas que reaparecem no relato do apóstolo Paulo a respeito do Anticristo que virá." Cito aqui o Dr. Pusey. Ele acrescenta (*Daniel*, pg 93): "A imagem do Anticristo no Velho Testamento se dilui nas características do próprio Anticristo... Uma característica somente do caráter anti-religioso do Anticristo também foi verdadeiro com relação a Antíoco; **"Falará coisas maravilhosas contra o Deus dos deuses."** A blasfêmia contra Deus é um aspecto essencial de qualquer poder ou indivíduo que se opõe a Deus. Esse aspecto existiu tanto em Voltaire quanto em Antíoco ... As características desse rei infiel são: (1) Auto-exaltação acima de todos os deuses - "Engrandecer-se-á sobre todo deus". (2) Desprezo por todas as religiões; (3) Blasfêmia contra o verdadeiro Deus; (4) Apostasia do Deus de seus pais; (5) Desconsiderar o desejo das

mulheres; (6) Honrar um deus que seus pais não conheceram. De todas essas seis características, somente uma, no mínimo, combina com Antíoco". Toda a passagem é valiosa e os argumentos conclusivos. Um comentário na página 96 sugere que o Dr. Pusey identifica esse rei com a segunda besta de Apocalipse 13 e essa opinião é compartilhada por outros com base em que uma besta na profecia tipifica o poder de um rei. Isto é geralmente verdade, mas a segunda besta de Apocalipse 13 é expressamente chamada de "falso profeta" em Apocalipse 19:20 e a passagem prova que ela está imediatamente conectada com a primeira besta, e não afirma uma posição independente dela. As dificuldades em supor que a segunda besta será um rei são insuperáveis.

[6] Um comentário similar aplica-se à recusa de reconhecer os principais contornos do caráter e história do Anticristo. A profecia cumprida é nosso único guia seguro para estudar o que ainda não se cumpriu.

[7] O cético religioso pode se recusar a aceitar o cumprimento literal delas, e o cético profano, ao rejeitar as imaginosas interpretações dos religiosos, pode desprezar as profecias como sendo inacreditáveis, mas isso é somente uma prova adicional que a definição delas é pronunciada demais para admitir a meia-fé colocada nas outras profecias.

[8] Apocalipse 13:7,8. Na melhor leitura do verso 7, as mesmas quatro palavras ocorrem como em 7:9, "nações, tribos, povos e línguas."

[9] Apocalipse 18:20. Assim também em 17:6, os *santos* (aqueles que foram mortos nos tempos do Velho Testamento) estão distinguidos dos mártires de Jesus. Lucas 11:50,51 apresenta o princípio dos julgamentos de Deus.

[10] Na Escritura a igreja desta dispensação é simbolizada como o corpo de Cristo, nunca como a noiva. A partir da conclusão do ministério de João Batista, a noiva nunca é mencionada até que apareça em Apocalipse (João 3:29, Apocalipse 21:2,9). A força do "assim também" em Efésios 5:33 depende do fato que a igreja é o corpo, não a noiva. O relacionamento terreal é reajustado por um padrão celestial. Marido e mulher não são um corpo, mas Cristo e Sua igreja são um corpo, portanto um homem deve amar sua mulher "como a si mesmo."

[11] Isto, acredito, é o elemento de verdade na visão de Auberlen e outros, que a mulher no Cap. 17 é a mulher no Cap. 12, "Como se fez prostituta a cidade fiel!" (Isaías 1:21)

[12] "Inclino-me a pensar que o julgamento (Cap. 18:2) e a fornicção espiritual (Cap. 18:3), embora encontrando sua culminação em Roma, não estão restritos a ela, mas compõe toda a igreja apóstata, romana, grega, e até mesmo a protestante, que foi seduzida de seu primeiro amor a Cristo, e se entregou às pompas e aos ídolos do mundo." Rev. A. R. Fausset, *Commentary*.

[13] Alford, *Greek Test.* in loco, Compare Daniel 7:17-23.

[14] Exatamente como a menção dos dez chifres sobre a besta fez com que homens tentassem descobrir no passado uma divisão em dez partes do território romano, assim também essas sete cabeças sugerem a idéia de sete formas sucessivas de governo no Império Romano. Nenhum desses conceitos seria conhecido, se não fosse pela profecia da qual eles são considerados o cumprimento. O segundo, embora não tão visionário quanto o primeiro, está aberto para a objeção especial que a palavra *pipto* indica uma queda violenta, como a catástrofe da antiga Babilônia, ou a da Babilônia em Apocalipse 18:2. É totalmente inadequado expressar essas mudanças como se marcassem o governo da antiga Roma.

[15] Apocalipse 17:10 diz expressamente que a duração da septuagésima semana será breve. O comentário de Dean Alford sobre isso não é marcado por sua usual honestidade. As palavras no verso 11 são *ek ton hepta*, mas isso não pode significar meramente que a besta será o "sucessor e o resultado dos sete" (Alford), porque o verso 11 limita toda a sucessão a sete. Por causa de sua terrível proeminência ele é descrito como o oitavo, mas na realidade ele é o supremo líder dos sete.

[16] drakon purrhos megas, Apocalipse 12:3. "Ele é purrhos talvez, em razão das propriedades combinadas do fogo com a vermelhidão do sangue" (Alford, *Greek Test*). Compare o verso 9: "E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo." O dragão, tanto das Escrituras quanto das mitologias pagãs, é uma serpente, e ambos se referem a Satanás. Ele é descrito por Homero como de enorme tamanho, enrolado como uma serpente, de cor vermelho-escuro, como o sangue, e com muitas cabeças. "Ele parece usar as palavras drakon e ophis indiferentemente para uma serpente". (Liddell e Scott).

[17] O *tharion*, ou besta selvagem do Apocalipse 8, etc. não deve ser confundido com o *dzoön* ou ser vivente do Cap. 4, que lamentavelmente foi traduzido como *besta* em algumas versões.

[18] Isto é, os seres que antes da sua queda eram anjos de Deus. A palavra anjo em seu sentido secundário significa nada mais que um mensageiro ou atendente, e Satanás tem seus anjos (Apocalipse 12:7). A palavra é usada com relação aos discípulos de João Batista, em Lucas 7:24.

[19] Nossos tradutores usaram a palavra *diabo* como um termo genérico para seres caídos, que não o homem, mas a palavra a partir da qual ela é derivada não tem esse escopo no grego. Um *diabolos* é um difamador, e a palavra também é usada em 1 Timóteo 3:11; 2 Timóteo 3:3; Tito 2:3. Mas o *diabolos* é Satanás, para quem unicamente o termo é usado no Novo Testamento, exceto em João 6:70, onde é aplicado a Judas Iscariotes. A palavra *daimonion*, que ocorre cinquenta e duas vezes nos evangelhos, e sete vezes no restante do Novo Testamento, é invariavelmente traduzida como diabo, exceto em Atos 17:18 (deuses). No grego clássico ela significa geralmente a divindade, especialmente um deus inferior e, no Novo Testamento, um espírito maligno, um *demônio*.

A referência final de Ezequiel 28 parecer ser a Satanás, e na passagem que inicia, "Estiveste no Éden, jardim de Deus" ele está com apóstrofe, como "o querubim ungido" (verso 14). Os querubins parecem ter uma relação especial com a raça humana e com o mundo, daí sua conexão com o tabernáculo. Teria a Terra sido no passado o domínio deles? Teria Satanás sido um querubim? Teria ele reconhecido em Adão uma criatura destinada a sucedê-lo na cena de sua glória e em sua queda?

[20] Bp. Stillingfleet; citado em *Encyc. Metro.* artigo sobre "Adoração à Serpente". Em *Ancient Mythology*, de Bryant, há um capítulo sobre Ofidiolatria (vol. 2, pg 197, terceira edição, veja também pg 458) que confirma as afirmações gerais do texto.

[21] "E toda a terra se maravilhou após a besta. E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Que é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?" (Apocalipse 13:3,4)

[22] A besta que se parece como carneiro de Apocalipse 13:11 é chamada de Falso Profeta em Apocalipse 19:20. A linguagem de 13:3,12 sugere que haverá uma ímpia imitação da ressurreição de nosso Senhor.

[23] "E eis que passava o SENHOR, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante do SENHOR; porém o SENHOR não estava no vento; e depois do vento um terremoto; também o SENHOR não estava no terremoto; e depois do terremoto um fogo; porém também o SENHOR não estava no fogo; e depois do fogo uma voz mansa e delicada." (1 Reis 19:11-12)

[24] Nas perseguições na Roma pagã, a morte era freqüentemente a pena para quem se recusasse a adorar a imagem de César; mas Apocalipse 13:15 aponta claramente para alguma morte misteriosa que resultará na presença da imagem do futuro César. O mesmo poder que permitirá ao Falso Profeta dar vida à imagem, destruirá a vida daqueles que se recusarem a adorá-la.

[25] Em uma das horas mais tenebrosas de sua história, quando a perseguição continuada dos judeus ameaçou a raça com total extinção, Barcochab proclamou-se o Messias, e liderou o povo em uma revolta contra os romanos, que terminou em uma carnificina horrível e até então sem precedentes (anos 130-

132). O homem parece ter sido um vil impostor que enganava o povo com truques, como soltar fogo pela boca; porém alcançou tal eminência e trouxe desastres tão terríveis que alguns procuraram encontrar em sua carreira o cumprimento das profecias do Anticristo.

[26] Veja a nota D no Apêndice 2.

[27] Digo *nações*, não reinos, pois embora eles serão no fim reinos; isto é, estarão sob um governo monárquico, antes do advento do Kaiser talvez esse não seja o caso. Que essa divisão do território romano ocorrerá antes do seu aparecimento é expressamente dito; mas se um ano, uma década, ou um século antes, não somos informados.

[28] Alford, *Greek Test.*, Proleg. 2 Tessalonicenses, item 36.

[29] A passagem (Daniel 7:2-14) é citada na íntegra. A distinção acima observou claramente a aparente inconsistência entre as visões de Daniel e o Apocalipse aludido.

[30] ho anomos... ou estin ha parousia kat energeian tou Satana en pasa dunemei, kai sameiois, kai tepasi pseudos. (2 Tessalonicenses 2:8,9)

[31] O Astrônomo Real (Sir G. B. Airy) usou estas palavras em uma conferência realizada na Instituição Real em 4 de julho de 1853, a respeito dos eclipses solares totais de 1842 e 1851: "O fenômeno, na verdade, é um dos mais terríveis que o homem pode testemunhar, e nenhum grau de eclipses parciais dão qualquer idéia de seu horror."

[32] "O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR." (Joel 2:31)

[33] Apocalipse 21:3. A ordem desses eventos é observada.

APÊNDICE 1

Tratado Cronológico e Tabelas

O ponto de contato entre a cronologia sacra e a profana na história bíblica e, portanto, a primeira data certa, é a ascensão de Nabucodonosor ao trono de Babilônia (confira Daniel 1:1 e Jeremias 25:1). A partir dessa data calculamos para frente até Cristo e para trás até Adão. A concordância dos principais cronologistas é uma garantia suficiente que Davi iniciou a reinar em 1056-5 AC e que, portanto, todas as datas subseqüentes podem ser corretamente determinadas. Mas fora dessa época inicial, a certeza desaparece. As datas nas margens na Bíblia inglesa representam principalmente a cronologia do arcebispo Ussher [*] e, apesar de sua eminência como cronologista, algumas dessas datas são duvidosas e outras são totalmente erradas.

Das datas duvidosas no esquema de Ussher, os reinados de Belsazar e Assuero podem servir como exemplos. O caso de Belsazar é especialmente interessante. A Escritura diz claramente que ele reinava em Babilônia quando o reino foi conquistado pelos medos e persas e que Belsazar foi morto na noite em que Dario entrou na cidade. Por outro lado, não somente nenhum historiador antigo menciona Belsazar, mas todos concordam que o último rei de Babilônia foi Nabonido, que estava ausente da cidade quando os persas a capturaram e que mais tarde submeteu-se aos conquistadores em Borsipa. Assim, a contradição entre a história e a Escritura parecia ser absoluta. Os cétricos apelavam para a história para desacreditar o livro de Daniel, e os comentaristas solucionavam a dificuldade rejeitando a história. Entretanto, as inscrições cuneiformes agora solucionaram a controvérsia de uma maneira tão satisfatória quanto inesperada. Em cilindros de argila que foram descobertos por Sir H. Rawlinson em

Mughier e em outros sítios caldeus, Belsazar (Belsaruzur) é citado por Nabonido como sendo seu filho mais velho. A inferência é óbvia, que durante os anos finais do reinado de seu pai, Belsazar foi rei regente em Babilônia. De acordo com o cânon de Ptolomeu, Nabonido reinou durante dezessete anos (de 555 até 538 AC) e Ussher dá esses anos a Belsazar.

Em comum com muitos outros autores, Ussher assumiu que o rei do livro de Ester foi Dario Histaspes, mas existe agora uma concordância que é o filho e sucessor de Dario que é mencionado como Assuero - "um nome que ortograficamente corresponde ao nome grego Xerxes." [1]

O grande banquete do primeiro capítulo de Ester, realizado em seu terceiro ano, (verso 3) foi presumivelmente em antecipação à sua expedição contra a Grécia (483 AC) e o casamento de Ester ocorreu no seu sétimo ano (2:16), tendo sido adiado até então por causa da ausência do rei durante a campanha. As datas marginais do livro de Ester devem, portanto, iniciar com 486 AC, em vez de 521, conforme indicado na Bíblia inglesa.

Mas esses são pontos comparativamente triviais, enquanto o principal erro da cronologia de Ussher é de real importância. De acordo com 1 Reis 6:1, Salomão começou a construir o templo "no ano de quatrocentos e oitenta, depois de saírem os filhos de Israel da terra do Egito". O caráter místico dessa era de 480 anos já foi observado em um capítulo anterior. Ussher assumiu que ela representava um período estritamente cronológico e, contando para trás a partir do terceiro ano de Salomão, fixou a data do Êxodo em 1491 AC - um erro que viciou todo seu sistema.

Em Atos 13:18-21, Paulo, ao tratar do intervalo entre o Êxodo e o fim do reinado de Saul, especifica três períodos; 40 anos, aproximadamente 450 anos, e 40 anos = 530 anos. A partir da ascensão de Davi ao trono até o terceiro ano de Salomão, quando o templo foi fundado, foram quarenta e três anos. Portanto, de acordo com essa enumeração, o período entre o Êxodo e o templo foi $530 + 43 = 573$ anos. Clinton, entretanto, cuja cronologia tem sido mais geralmente adotada, conjectura que houve um intervalo de vinte e sete anos entre a morte de Moisés e a primeira servidão, e um intervalo de doze anos entre "o profeta Samuel" (1 Samuel 7) e a eleição de Saul. Ele corretamente estima o período entre o Êxodo e o templo em $573+27+12=612$ anos. [2]

Portanto, as principais datas de Clinton são estas:

4138 AC - Adão
2482 AC - O dilúvio
2055 AC - A chamada de Abraão
1625 AC - O Êxodo
1096 AC - A escolha de Saul
1056 AC - Davi
1016 AC - Salomão
976 AC - Roboão
606 AC - O Cativo (isto é, a servidão a Babilônia)

Nessa cronologia, Browne propõe três correções (*Ordo Sec.*, Cap. 10, 13); ele rejeita os dois termos conjecturais de vinte e sete anos e doze anos acima observados; e acrescenta dois anos ao período entre o Dilúvio e o Êxodo. Se essa última correção for adotada (e é perfeitamente legítima, considerando-se que precisão aproximada é tudo que o cronologista mais capacitado pode afirmar ter alcançado para essa era), que três anos sejam acrescentados ao período entre o Dilúvio e a Aliança com Abraão, e o último evento torna-se exatamente, como é em qualquer caso aproximadamente, a época central entre a criação e a crucificação. A data do Dilúvio seria então colocada em 2485 AC e, portanto, a criação teria ocorrido em 4141 AC.

Os seguintes aspectos mais notáveis aparecem na cronologia assim definida:

De Adão até a Aliança com Abraão (4141 AC até 2055 AC) são 2086 anos

De Abraão até a crucificação de Cristo (2055 AC até 32 DC) são 2086 anos

De Adão até o Dilúvio (4141 AC até 2485 AC) são 1656 anos

Do Dilúvio até a Aliança (2485 AC até 2055) são 430 anos

Da Aliança até o Êxodo (2055 AC até 1625 AC) são 430 anos

Do Êxodo até a crucificação (1625 AC até 32 DC) são 1656 anos [3]

A Aliança aqui mencionada é a registrada em Gênesis 12 em conexão com a chamada de Abraão. As afirmações das Escrituras com relação a essa parte da cronologia podem parecer precisar de explicação em dois aspectos.

Estevão declara em Atos 7:4 que a saída de Abraão de Harã ocorreu após a morte de seu pai. Mas Abraão tinha somente setenta e cinco anos de idade quando entrou em Canaã; enquanto que se assumirmos de Gênesis 11:26 que Abraão nasceu quando Terá tinha setenta anos, ele precisa ter cento e trinta anos quando foi chamado, pois Terá morreu aos 205 anos. (Compare Gênesis 11:26,31,32; 12:4) Entretanto, o fato é óbvio a partir dessas afirmações que embora nomeado entre os filhos de Terá, Abraão não era o primogênito, mas o mais jovem. Terá tinha setenta anos quando seu filho mais velho nasceu, e ele teve três filhos: Harã, Naor e Abraão. Para ter certeza da idade dele no nascimento de Abraão, precisamos nos voltar para a história, e ali ficamos sabendo que ele tinha cento e trinta anos. [4] E isso explicará a deferência de Abraão por Ló, que, embora fosse seu sobrinho, tinha apesar disso, a mesma idade em anos, e possivelmente era mais velho; além disso, como filho do irmão mais velho da Abraão, era o chefe nominal da família. (Gênesis 13:8,9)

De acordo com Êxodo 12:40, "o tempo em que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos". Se isso for tomado para significar (como a afirmação em Gênesis 15:13, citado por Estevão em Atos 7:6, poderia também parecer implicar) que os israelistas estiveram quatro séculos no Egito, toda a cronologia precisa ser modificada. Mas, como o apóstolo Paulo explica em Gálatas 3:17, esses 430 anos devem ser calculados desde a chamada de Abraão, e não a partir da entrada de Israel no Egito. A afirmação em Gênesis 15:13 é explicada e qualificada pelas palavras que seguem no verso 16. Todo o período das peregrinações de Israel seria de quatro séculos, mas quando a passagem fala definitivamente da peregrinação deles no Egito, ela diz "Na quarta geração" - uma palavra que foi cumprida com exatidão, pois Moisés foi o quarto descendente desde Jacó. [5]

Não foi até 470 anos após a aliança com Abraão que seus descendentes tomaram seu lugar como uma das nações da Terra. Eles foram escravos no Egito e peregrinaram no deserto; mas sob a liderança de Josué entraram na terra prometida e se tornaram uma nação. E com esse último evento iniciou-se uma série de ciclos de "setenta semanas" de anos.

Desde a entrada em Canaã (1586-5 AC) até o estabelecimento do reino sob a liderança de Saul (1096 AC) foram 490 anos.

Desde o reino (1096 AC) até a servidão a Babilônia (606 AC) foram 490 anos.

Desde o início da servidão (606 AC) até o edito real do vigésimo ano de Artaxerxes Longimano, a independência nacional de Judá esteve suspensa, e com essa data iniciou-se a era mística dos 490 anos, que formam as "setenta semanas" da profecia de Daniel.

Novamente, o período entre a dedicação do primeiro templo no ano undécimo de Salomão (1066-5 AC) e a dedicação do segundo templo no ano sexto de Dario Histaspes, da Pérsia (515 AC), foi de 490 anos. [6]

Devemos concluir que esses resultados são puramente acidentais? Nenhuma pessoa que use a cabeça hesitará em aceitar a alternativa mais razoável que a cronologia do mundo é parte de um plano divino ou "economia dos tempos e épocas".

A investigação cronológica sugerida pelas datas fornecidas pelos livros de 2 Reis, 2 Crônicas, Jeremias, Ezequiel e Daniel é de principal importância, não somente por estabelecer a absoluta precisão das Escrituras, mas também por lançar luz sobre a questão principal das várias eras de cativeiro, que novamente estão intimamente ligadas com a era das setenta semanas.

O estudante do livro de Daniel encontra cada etapa cercada por dificuldades geradas ou por inimigos jurados, ou por pseudo-expositores dos Escritos Sagrados. Até mesmo a frase de abertura do livro tem sido atacada por todos os lados. Que Daniel foi tomado cativo no terceiro ano de Jeoiaquim "é simplesmente uma invenção cristã recente", afirma o autor de *Messiah the Prince* (pg 42), mantendo seu estilo de descartar a história sacra e profana, de modo a apoiar suas próprias teorias.

Em *History of the Jews*, de Dean Martin, a página que trata dessa época inicial está repleta de imprecisões. Primeiro, ele confunde os setenta anos das Desolações, preditos em Jeremias 25, com os setenta anos da Servidão, que já tinha começado. Então, como a profecia de Jeremias 25 foi dada no ano quarto do Jeoiaquim, ele fixa a primeira captura de Jerusalém naquele ano, enquanto que as Escrituras dizem expressamente que ela ocorreu no terceiro ano de Jeoiaquim (Daniel 1:1). Ele então especifica 601 AC como o ano da invasão de Nabucodonosor, e aqui a confusão é total, pois ele menciona dois períodos de três anos cada entre essa data e a morte do rei, que apesar disso ele corretamente atribui ao ano 598 AC.

Novamente, o artigo do Dr. F. W. Newman sobre os Cativeiros, na *Cyclopaedia* de Kitto, bem merece observação como um exemplo do tipo de crítica que pode ser encontrado em livros padrão ostensivamente destinados a ajudar no estudo das Escrituras.

"A afirmação com a qual o livro de Daniel inicia está em conflito direto com os livros de Reis e Crônicas, que atribuem a Jeoiaquim um reinado de onze anos, e também com Jeremias 25:1. Ela baseia-se parcialmente em 2 Crônicas 36:6, que não está mesmo em perfeita concordância com 2 Reis 24. Na história anterior, a guerra irrompeu durante o reinado de Jeoiaquim, que morreu antes de ela terminar; e quando seu filho e sucessor Joaquim tinha reinado três meses, a cidade e seu rei foram capturados. Nas Crônicas, porém, o mesmo evento acontece duas vezes em um período de três meses e dez dias (2 Crônicas 36:6 e 9); e mesmo assim não obtemos concordância com a interpretação recebida de Daniel 1:1-3."

As conclusões desse autor são adotadas por Dean Stanley em seu *Jewish Church* (vol. 2, pg 459), em que ele enumera entre os cativos tomados com Joaquim no ano oitavo de Nabucodonosor, o profeta Daniel, que tinha obtido um cargo na corte de Babilônia seis anos antes de Joaquim subir ao trono! (Compare 2 Reis 24:12 com Daniel 2:1)

Uma referência ao *Five Great Monarchies* (vol 3, pg 488-94), e o *Fasti Hellenici*, mostrará quão completamente coerente a história sagrada desse período aparece para a mente de um historiador e cronologista e, além disso, quão completamente ela se harmoniza com os fragmentos existentes da história de Berosus.

Jeoiaquim realmente reinou por onze anos. Em seu terceiro ano ele tornou-se vassalo do rei de Babilônia. Por três anos ele pagou tributos, e em seu sexto ano ele se revoltou. Não há uma sombra de razão para crer que o primeiro verso de Daniel seja espúrio; e mesmo sem toda a confirmação de sanção divina para o livro, a idéia que tal autor - um homem que tinha o título de príncipe e da mais elevada cultura, (Daniel 1:3,4) criado para ocupar um lugar entre os sábios e nobres de Babilônia - era ignorante da data e das circunstâncias de seu próprio exílio é simplesmente absurdo. Mas de acordo com o Dr. Newman, ele precisava referenciar o livro das Crônicas para obter a informação, e por causa disso se

enganou. Uma comparação das afirmações em Reis, Crônicas, e Daniel estabelece claramente que as narrativas são independentes, cada uma dando detalhes omitidos nos outros livros. O segundo verso de Daniel parece inconsistente com o resto somente para uma mente capaz de supor que o rei vivo de Judá foi colocado como um ornamento no templo de Bel junto com os vasos sagrados, pois é assim que o Dr. Newman interpreta. E a aparente inconsistência em 2 Crônicas 36:6 desaparece quando lida no contexto, pois o verso oitavo mostra o conhecimento do autor que Jeoiaquim completou seu reinado em Jerusalém. Além disso, a correção de toda a história é bem estabelecida fixando-se a cronologia dos eventos, um teste crucial de exatidão.

Jerusalém foi primeiro capturada pelos caldeus no terceiro ano de Jeoiaquim (Daniel 1:1). O quarto ano dele foi corrente com o primeiro de Nabucodonosor (Jeremias 25:1). Isto concorda com a afirmação de Berosus que a primeira expedição de Nabucodonosor ocorreu antes de ele subir ao trono (Josefo, *Apion*, 1.19). De acordo com o cânon de Ptolomeu, a exatidão do qual tem sido plenamente estabelecida, o reinado de Nabucodonosor vai de 604 AC, isto é, a ascensão dele ao trono foi no ano iniciando com o primeiro Thoth (que caiu em janeiro) de 604 AC, e a história não deixa dúvidas que foi bem no início daquele ano. Mas o cativo, de acordo com a era de Ezequiel, iniciou no oitavo ano de Nabucodonosor (compare Ezequiel 1:2 e 2 Reis 24:12); e no ano trinta e sete do cativo, o sucessor de Nabucodonosor estava no trono (2 Reis 25:27). Isso daria a Nabucodonosor um reinado de pelo menos quarenta e quatro anos, enquanto que, de acordo com o cânon (e Berosus o confirma) ele reinou somente por quarenta e três anos e foi sucedido por Evil-Merodaque (o Iluoradam do cânon), em 561 AC.

Segue-se, portanto, que as Escrituras antedatam os anos de Nabucodonosor, calculando seu reinado de 605 AC. [7] Isso seria suficientemente explicado pelo fato que, desde a conquista de Jerusalém, no ano terceiro de Jeoiaquim, os judeus reconheciam Nabucodonosor como seu suserano. Entretanto, tem sido negligenciado que é de acordo com o princípio ordinário em que eles consideravam os anos dos reinados, calculando-os de nisã a nisã. Em 604 AC, o dia 1 de nisã caiu em ou perto de 1 de abril [8] e, de acordo com o cálculo judaico, o segundo ano do rei iniciaria naquele dia, independente de quão recentemente ele tinha subido ao trono. Portanto, "o quarto ano de Jeoiaquim, que foi o primeiro ano de Nabucodonosor (Jeremias 25:1), foi o ano que começou em nisã de 605 AC; e o terceiro ano de Jeoiaquim, em que Jerusalém foi capturada e a servidão começou, foi o ano que iniciou em nisã de 606 AC.

Esse resultado é admiravelmente confirmado por Clinton, que fixa o verão de 606 AC como a data da primeira expedição de Nabucodonosor. [9]

Isso é ainda mais confirmado e permite a explicação de uma afirmação de Daniel, que tem sido usada triunfantemente para depreciar o valor do livro. Se, eles dizem, o rei de Babilônia manteve Daniel em treinamento por três anos antes de recebê-lo em sua presença, como poderia ter o profeta interpretado o sonho do rei em seu segundo ano de reinado? (Daniel 1:5,18; 2:1). Daniel, um cidadão de Babilônia que residia no palácio real, natural e logicamente calculou o reinado de seu soberano de acordo com o uso comum (como Neemias também fez em circunstâncias similares). Mas como o profeta foi exilado em 606 AC, o período probatório de três anos terminou no encerramento do ano 603 AC, enquanto que o segundo ano de Nabucodonosor, calculado a partir da sua ascensão ao trono, estendeu-se para alguma data nos meses iniciais de 602 AC.

Novamente, a data inicial do cativo de Jeoiaquim foi no ano oitavo de Nabucodonosor (2 Reis 24:12), isto é, seu oitavo ano contado a partir do mês de nisã.

Mas o ano nono do cativo era ainda corrente no décimo de tebeta do ano nono de Zedequias e o décimo sétimo de Nabucodonosor (compare Ezequiel 24:1-2 com 2 Reis 25:1-8).

E o décimo nono ano de Nabucodonosor e décimo primeiro de Zedequias, em que Jerusalém foi destruída, foi em parte concorrente com o décimo segundo ano do cativo (compare 2 Reis 25:2-8 com Ezequiel 33:21).

Segue-se, portanto, que Jeoiaquim (Jeconias) deve ter sido tomado cativo no fim do ano judaico ("no decurso de um ano" - 2 Crônicas 36:10), que é o ano que precedia o 1 de nisã de 597 AC; e Zedequias foi feito rei (após um breve interregno) bem no início do ano que começou naquele dia. [10] E também se segue que, independente se calculado de acordo com a era de Nabucodonosor, de Zedequias, ou do cativo, 587 AC foi o ano em que "a cidade foi destruída" [11]

O primeiro elo nessa corrente de datas é o terceiro ano de Jeoiaquim, e cada novo elo confirma a prova da exatidão e importância dessa data. Ela tem sido justamente chamada de ponto de contato entre a história sagrada e profana e sua importância na cronologia sagrada é imensa por ser ela a data inicial da servidão de Judá ao rei de Babilônia.

A servidão não deve ser confundida com o cativo, como geralmente acontece. Foi a rebelião contra o decreto divino que entregou o cetro imperial a Nabucodonosor, que trouxe sobre os judeus o julgamento adicional de uma deportação nacional e a ainda mais terrível punição das "desolações". A linguagem de Jeremias é mais definida a esse respeito:

"E agora eu entreguei todas estas terras na mão de Nabucodonosor, rei de Babilônia, meu servo; e ainda até os animais do campo lhe dei, para que o sirvam... E acontecerá que, se alguma nação e reino não servirem o mesmo Nabucodonosor, rei de Babilônia, e não puserem o seu pescoço debaixo do jugo do rei de Babilônia, a essa nação castigarei com espada, e com fome, e com peste, diz o SENHOR, até que a consuma pela sua mão... Mas a nação que colocar o seu pescoço sob o jugo do rei de Babilônia, e o servir, eu a deixarei na sua terra, diz o SENHOR, e lavrá-la-á e habitará nela." [Jeremias 27:6,8,11; e compare 38:17-21]

A era indicada dessa servidão foi setenta anos, e o capítulo 29 de Jeremias foi uma mensagem de esperança para os cativos, que ao fim daquele período, eles retornariam a Jerusalém (verso 10). O capítulo 25 foi uma predição para os judeus rebeldes que permaneceram em Jerusalém após a servidão ter iniciado, advertindo-os que sua obstinada desobediência traria sobre eles uma total destruição e que por setenta anos a terra seria uma desolação.

Para recapitular, o ano trinta e sete do cativo foi corrente na ascensão de Evil-Merodaque ao trono (2 Reis 25:27), e a data inicial do reinado desse rei foi 561 AC. Portanto, o cativo foi a partir do ano que começou em nisã de 598 e terminou em adar de 597. Mas esse foi o oitavo ano de Nabucodonosor, de acordo com a contagem das Escrituras. Portanto, o primeiro ano de Nabucodonosor foi de nisã de 605 até nisã de 604. A primeira captura de Jerusalém e o início da servidão foi durante o ano precedente, 606-605. A destruição final da cidade foi no décimo nono ano de Nabucodonosor, isto é, em 587, e o cerco começou em 10 de tebet (aproximadamente em 25 de dezembro) de 589, que foi a data inicial das desolações. A destruição de Jerusalém pelo fogo não pode ter sido 588 AC, conforme dado por Ussher, Prideaux, etc., pois nesse caso [12] o cativo teria iniciado em 599 AC, e o trigésimo sétimo ano teria terminado antes da ascensão de Evil-Merodaque ao trono. Ela também não pode ter sido 587 AC, conforme dado por Jackson, Hales, etc., porque então o ano trigésimo sétimo não teria iniciado durante o primeiro ano de Evil-Merodaque. [13]

Esse esquema é praticamente o mesmo que o de Clinton [14] e a sanção de seu nome pode ser reivindicada para ele, pois difere do seu sistema somente porque ele marca o reinado de Jeoiaquim em agosto de 609 AC e o de Zedequias em junho de 598; ele não observou a prática judaica de calcular os reinados a partir de nisã; enquanto que eu fixei nisã de 608 AC como a data inicial do reinado de Jeoiaquim, e nisã de 597 para o de Zedequias. Não que nisã tenha sido realmente o mês da ascensão ao trono, mas que, de acordo com a regra do *Mishna* e a prática da nação, o reinado assim era considerado. A data de Jeoiaquim não poderia ter sido nisã de 609 AC, porque seu quarto ano foi também o primeiro de Nabucodonosor, e o ano trigésimo sétimo, contado desde o oitavo de Nabucodonosor, foi o primeiro de Evil-Merodaque, isto é, 561 AC, uma data que fixa toda a cronologia, conforme o próprio Clinton argumenta conclusivamente. [15] Segue-se, a partir disso, que a data de Zedequias deve ter sido 597, e não 598 AC.

A cronologia adotada pelo Dr. Pusey [16] é essencialmente a mesma que a de Clinton. O esquema aqui proposto difere somente na extensão e nas bases aqui indicadas. A sugestão dele de que o jejum proclamado no quinto ano de Jeioaquim (Jeremias 36:9) referiu-se à captura de Jerusalém em seu terceiro ano, não é improvável, e aponta para quisleu (novembro) de 606 AC como a data desse evento. Pelas razões acima indicadas, ele não poderia ter sido 607 AC, como o Dr. Pusey supõe, e o mesmo argumento prova que a data do cônego Rawlinson para a expedição de Nabucodonosor (605 AC) é um ano tarde demais. [17]

A correção desse esquema será, presumo, admitida, com relação ao ponto cardeal de diferença entre ele e a cronologia de Clinton, isto é, que os reinados dos reis judeus são considerados a partir do mês de nisã. Resta observar os pontos de diferença entre os resultados aqui oferecidos e as hipóteses de Browne (*Ordo Saec.*, Cap. 162-169). Ele arbitrariamente assume que o cativo de Joaquim e o reinado de Zedequias começaram no mesmo dia. Isso o leva a assumir (1) que eles foram considerados a partir do mesmo dia, isto é, o primeiro de nisã e, (2) que os anos reais de Nabucodonosor datam de alguma data entre 1 de nisã e 10 de ab de 606 (Cap. 166). Ambas essas posições são indefensáveis. (1) Os judeus certamente consideravam os reinados de seus reis a partir de 1 de nisã, mas não há provas que eles assim consideravam os anos de períodos ordinários ou eras como o cativo. (2) A pressuposição é forte, confirmada por todos os sincronismos da cronologia, que eles calcularam a era real de Nabucodonosor de acordo com a contagem dos caldeus, como em Daniel, ou de acordo com seu próprio sistema, como nos outros livros.

Tabela 1 - Tabela Cronológica

A tabela a seguir mostrará em uma primeira vista as várias eras da servidão a Babilônia, o cativo do rei Jeioaquim e as desolações de Jerusalém.

Ao usar a tabela é essencial ter em mente dois pontos já mencionados:

1. O ano dado na primeira coluna é o ano judaico que começa em 1 de nisã (março-abril). Por exemplo, 604 AC é o ano que começa em 1 de abril de 604. 589 é o ano que começa em 15 de março de 589. De acordo com o *Mishna*, [18] "O primeiro de nisã é um novo ano para o cálculo do reinado dos reis e para os festivais." Para o que os editores da tradução inglesa acrescentaram esta nota: "O reinado dos reis judeus, seja qual for o período da ascensão ao trono, era sempre considerado a partir do nisã precedente; assim, se, por exemplo, um rei judeu comesse a reinar em adar, o mês seguinte (nisã) seria considerado como o início do segundo ano de seu reinado. Essa regra era observada em todos os contratos jurídicos, em que o reinado dos reis sempre era mencionado."
2. Os anos das diferentes eras são somente em parte concorrentes. Por exemplo, o primeiro ano das datas das desolações para o décimo dia de tebete (25 de dezembro) de 589 AC, e o décimo ano do cativo inicia ainda mais tarde, enquanto que o nono ano de Zedequias e o décimo sétimo de Nabucodonosor data de 1 de nisã (15 de março) de 589 AC.

Se esses pontos forem mantidos em vista, a cronologia da tabela se harmonizará com todas as outras afirmações cronológicas para o período envolvido nela, contidas nos livros dos Reis, Crônicas, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

TABELA CRONOLÓGICA						
<i>Desde a servidão a Babilônia até a dedicação do segundo templo.</i>						
Ano Judaico*	Reis de Babilônia	Reis de Judá	Era da Servidão	Era do Cativo	Era das Desolações	Eventos e Comentários

606 AC	Vigésimo ano de Nabopolassar	Terceiro ano de Jeioaquim (Eliaquim)	1	-	-	O terceiro ano de Jeioaquim, de 1 de nisã de 606, até 1 de nisã de 605. Jerusalém é capturada por Nabucodonosor. (Daniel 1:1,2)
605	Nabucodonosor	4	2	-	-	Com esse evento a servidão a Babilônia iniciou, 490 anos (ou 70 semanas de anos) após o estabelecimento do Reino sob a liderança de Saul. "O quarto ano de Jeioaquim, que foi o primeiro ano de Nabucodonosor," isto é, o ano que iniciou em 1 de nisã de 605 (Jeremias 25:1).
604	2	5	3	-	-	Visão da grande estátua (Daniel 2).
603	3	6	4	-	-	-
602	4	7	5	-	-	-
601	5	8	6	-	-	-
600	6	9	7	-	-	-
599	7	10	8	-	-	-
598	8	11 3 meses de Joaquim	9	1	-	Este ano inclui os três meses do reinado de Joaquim (Jeconias), cujo cativo teve início no oitavo ano de Nabucodonosor 2 Reis 24:12
597	9	Zedequias	10	2	-	Reinou durante 11 anos (2 Reis 24:18).
596	10	2	11	3	-	-
595	11	3	12	4	-	-
594	12	4	13	5	-	Ezequiel começou a profetizar no trigésimo ano desde a Páscoa de Josias (2 Reis 23:23) e no quinto ano do cativo (Ezequiel 1:1,2)
593	13	5	14	6	-	-
592	14	6	15	7	-	-
591	15	7	16	8	-	-
590	16	8	17	9	-	-
589	17	9	18	10	1	Jerusalém sitiada pela terceira vez por Nabucodonosor, no dia 10 de tebeta - "O jejum de tebeta" - o início das "Desolações"
588	18	10	19	11	2	"O ano décimo de Zedequias, o qual foi o décimo oitavo ano de Nabucodonosor" (Jeremias 32:1)
587	19	11	20	12	3	Jerusalém capturada no dia 9 do quarto mês e queimada no dia 7 do quinto mês no décimo primeiro ano de Zedequias, o décimo nono ano de

						Nabucodonosor (2 2 Reis 25:2,3,8,9, chamado "Ano duodécimo do nosso cativo" em Ezequiel 33:21; a notícia chegou aos exilados no quinto dia do décimo mês.
586	20	-	21	13	4	-
585	21	-	22	14	5	-
584	22	-	23	15	6	-
583	23	-	24	16	7	-
582	24	-	25	17	8	-
581	25	-	26	18	9	-
580	26	-	27	19	10	-
579	27	28	20	11	-	-
578	28	29	21	12	-	-
577	29	30	22	13	-	-
576	30	31	23	14	-	-
575	31	32	24	15	-	-
574	32	33	25	16	-	O vigésimo quinto ano do cativo era o décimo quarto (<i>inclusive</i> , como os judeus normalmente consideravam) desde a destruição de Jerusalém (Ezequiel 40:1)
573	33	34	26	17	-	-
572	34	35	27	18	-	-
571	35	36	28	19	-	-
570	36	37	29	20	-	-
569	37	38	30	21	-	-
568	38	39	31	22	-	-
567	39	40	32	23	-	-
566	40	41	33	24	-	-
565	41	42	34	25	-	-
564	42	43	35	26	-	-
563	43	44	36	27	-	-
562	44	45	37	28	-	De acordo com o cânon, a ascensão de Iluradã (Evil-Merodaque) ao trono foi no ano que iniciou em 1 de Thoth (11 de janeiro) de 561 AC. Mas o ano 562 nesta tabela é o ano judaico, isto é, o ano que precedia o 1 de Nisã (ou aproximadamente 5 de abril de 561, e o trigésimo sétimo ano do cativo de Joaquim foi corrente até o encerramento daquele ano. Nesse ano, Jeoiaquim "foi tirado do cárcere" (Jeremias 52:31)

561	Evil-Merodaque	46	38	29	-	-
560	2	47	39	30	-	-
559	Neriglissar ou Nergal-Sareser	48	40	31	-	-
558	2	-	49	41	32	-
557	3	-	50	42	33	-
556	4	-	51	43	34	-
555	Nabonido	-	52	44	35	O Nabonido do cânon é chamado de Nabunahit nas Inscrições, e de Labineto por Heródoto.
554	2	-	53	45	36	-
553	3	-	54	46	37	-
552	4	-	55	47	38	-
551	5	-	56	48	39	-
550	6	-	57	49	40	-
549	7	-	58	50	41	-
548	8	-	59	51	42	-
547	9	-	60	52	43	-
546	10	-	61	53	44	-
545	11	-	62	54	45	-
544	12	-	63	55	46	-
543	13	-	64	56	47	-
542	14	-	65	57	48	-
541	15	-	66	58	49	Neste ano, ou antes dele, Belsazar (o Belsarusur das Inscrições) tornou-se regente enquanto seu pai Nabonido ainda estava vivo. Daniel teve a visão dos quatro animais no primeiro ano, e a visão do carneiro e do bode foi no terceiro ano de Belsazar (Daniel 7 e 8).
540	16	-	67	59	50	-
539	17	-	68	60	51	-
538	Dario (o Medo)	-	69	61	52	Babilônia foi capturada por Ciro. Neste ano Daniel teve a visão das setenta semanas.
537	2	-	70	62	53	-
536	Ciro	-	-	-	54	Decreto de Ciro autorizando os judeus a retornarem a Jerusalém; fim da servidão. (Observe que o ano 70 da servidão foi corrente até o 1 de nisã de 536 AC.)
535	2	-	-	-	55	-
534	3	-	-	-	56	Ano da última visão de Daniel (Daniel 10-12)

533	4	-	-	-	57	-
532	5	-	-	-	58	-
531	6	-	-	-	59	-
530	7	-	-	-	60	-
529	Cambises	-	-	-	61	-
528	2	-	-	-	62	-
527	3	-	-	-	63	-
526	4	-	-	-	64	-
525	5	-	-	-	65	-
524	6	-	-	-	66	-
523	7	-	-	-	67	-
522	8	-	-	-	68	-
521	Dario I	-	-	-	69	Dario Histaspes
520	2	-	-	-	70	Fim das Desolações. O alicerce do Segundo Templo foi lançado no dia 24 do nono mês no segundo ano do reinado de Dario (Ageu 2:18)
519	3	-	-	-	-	-
518	4	-	-	-	-	-
517	5	-	-	-	-	-
516	6	-	-	-	-	A construção do templo foi concluída no terceiro dia de adar, no ano sexto do reinado de Dario (Esdras 6:15).
515	7	-	-	-	-	O templo foi dedicado na Páscoa de Nisã de 515 (Esdras 6:15-22), 490 anos após a dedicação do templo de Salomão (1005 AC) e 70 anos antes da data do edito para a reconstrução da cidade.

Tabela 2 - Paralelismos Cronológicos

MOSTRANDO QUE A CHAMADA DE ABRAÃO FOI O PONTO CENTRAL ENTRE A CRIAÇÃO E A CRUCIFICAÇÃO

AC		
4141* Adão - A Criação		
até	=	1656 anos
2485* Noé - O Dilúvio	+	= 2086 anos
até	=	430 anos
2055 Abraão - A Aliança**		
até	=	430 anos
1625 Moisés - A Lei	+	= 2086 anos
até	=	1656 anos

* Estas datas diferem da cronologia de Clinton em três anos. Veja pg 223, *ante*.

** Gálatas 3:17: "Mas digo isto: Que tendo sido a aliança anteriormente confirmada por Deus em Cristo, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a invalida, de forma a abolir a promessa."

*** Veja pg 97 e 122, *ante*.

Tabela 3 - Certas Datas Relevantes na História Sacra e Profana

Antes de Cristo

- 2055. Aliança com Abraão.
- 1625. O Êxodo. A entrega da Lei.
- 1585. Entrada em Canaã sob a liderança de Josué.
- 1096. Saul. Fundação do reino.
- 1056. Davi.
- 1016. Salomão
- 1014. Fundação do Templo.
- 1006. Dedicção do Templo.
- 976. Reboão. Israel revolta-se contra Judá e torna-se um reino independente, sob a liderança de Jeroboão.
- 776. Início da Era das Olimpíadas.
- 753. Início da Era de Roma (A.U.C.)
- 747. Início da Era de Nabonassar.
- 726. Ezequias, rei de Judá (reinou por 29 anos).
- 721. Israel (as dez tribos) levado cativo para a Assíria.
- 697. Manassés (55 anos).
- 642. Amon (2 anos).
- 640. Josias (31 anos).
- 627. Jeremias começa a profetizar.
- 608. Jeoiaquim (11 anos).

- 606. Babilônia. -- Jerusalém é capturada por Nabucodonosor. Início da Servidão.
- 598. Jerusalém é capturada pela segunda vez pelos babilônios. Cativo do rei Jeoiaquim.
- 589. Jerusalém sitiada pela terceira vez pelos babilônios. As Desolações.
- 587. Jerusalém é capturada e destruída.
- 561. Morte de Nabucodonosor e ascensão de Evil-Merodaque.
- 559. Ciro começa a reinar na Pérsia.
- 538. Pérsia. – Babilônia é capturada pelos medos e persas.
- 536. Ciro sucede a Dario no império. Decreto para a construção do templo.
- 521. Dario Histaspes, da Pérsia.
- 520. Fundação do segundo templo. Ageu e Zacarias profetizam.
- 515. Dedicção do segundo templo.
- 490. Batalha de Maratona.
- 485. Xerxes sucede a Dario; o *Assuero* do livro de Ester.
- 484. Nascimento do historiador Heródoto.
- 480. Batalhas de Termópilas e Salamina.
- 471. Temístocles é banido ao ostracismo. Nascimento de Tucídidas (historiador).
- 468. Nascimento de Sócrates (morreu em 399).
- 466. Fuga de Temístocles para a Pérsia.
- 465. Artaxerxes Longimano, da Pérsia.
- 458. Decreto de Artaxerxes para embelezar o templo (Esdras 7)
- 449. Os persas são derrotados pelos atenienses em Salamina, em Chipre.
- 445. Início da Era das setenta semanas. Vigésimo ano de Artaxerxes: Jerusalém é restaurada. Heródoto, *aet.* 39, envolvido em sua história.
- 429. Nascimento de Platão (morreu em 347).
- 424. Dario Nothus, da Pérsia (Neemias 12:22).
- 405. Artaxerxes Mnemon, da Pérsia.
- 397. Malaquias. Encerramento da dispensação "dos profetas". Fim da primeira das 70 semanas de Daniel.
- 359. Ochus, da Pérsia.

- 336. Dario Codomano, da Pérsia.
- 333. Grécia. – Batalha de Issus. (Batalha de Granico, 334; & de Arbela, 331)
- 323. Morte de Alexandre, o Grande.
- 312. Início da Era dos Selêucidas.
- 301. Batalha de Ipsus.
- 170. Jerusalém é capturada por Antíoco Epifânio.
- 168. O templo é profanado por Antíoco.
- 165. Jerusalém é recapturada por Judas Macabeus. O templo é purificado e a Festa da Dedicção é marcada. (1 Macabeus 4:52-59; João 10:22).
- 63. Roma. – Pompeu conquista Jerusalém.
- 40. Herodes, o Grande, é indicado rei da Judéia pelos romanos.
- 37. Herodes toma Jerusalém, e é reconhecido como rei pelos judeus.
- 31. Batalha de Actium.
- 12. Augusto torna-se imperador de Roma.
- 4. A Natividade.
- 3. Morte de Herodes. Arquelau torna-se tetrarca da Judéia e Herodes Antipas tetrarca da Galiléia.

Depois de Cristo

- 14. Tibério, imperador de Roma (a partir de 19 de agosto).
- 28. Décimo quinto ano de Tibério, de 19 de agosto de 28 DC a 19 de agosto de 29 DC. O ministério do Senhor teve início neste ano - Lucas 3.
- 32. A crucificação (na quarta Páscoa do ministério do Senhor).

Tabela 4 - Meses do Calendário Judaico

Mês	Duração	Gregoriano
Nisã, ou Abib	30 dias	Março–Abril
Zif, ou Iyar	29 dias	Abril–Maio
Sivan	30 dias	Maio–Junho
Tamuz	29 dias	Junho–Julho
Ab	30 dias	Julho–Agosto
Elul	29 dias	Agosto–Setembro
Tisri, ou Ethanim	30 dias	Setembro–Outubro

Bul, ou Marchesvan	29 / 30 dias	Outubro–Novembro
Quisleu	30 / 29 dias	Novembro–Dezembro
Tebete	29 dias	Dezembro–Janeiro
Sebat	30 dias	Janeiro–Fevereiro
Adar	29 / 30 dias	Fevereiro–Março
Ve-Adar (intercalar)		

Informações completas sobre o assunto do atual "Calendário Hebraico" podem ser encontradas em um artigo intitulado na *Encyc. Brit.* (nona edição), e também *Jewish Calendar*, de Lindo, uma obra judaica. O *Mishna* é a mais antiga obra que trata disso.

Notas de Rodapé do Apêndice 1

[*] O bispo Lloyd, a quem foi confiada a tarefa de editar a A. V., neste respeito fez algumas alterações, como por exemplo, no livro de Neemias ele rejeitou a cronologia de Ussher, e inseriu a verdadeira data histórica do reinado de Artaxerxes Longimano.

[1] *Heródoto*, de Rawlinson, 4, pg 212. Xerxes (o antigo persa Khshayarsha) é derivado pelo Sir. H. Rawlinson a partir de Khshaya, 'um rei' (Ibidem 3, 446, Ap. Livro 6, nota A).

[2] Josefo parece confirmar isto em Ant. 20:10, Cap. 1, onde especificada 612 anos entre o Êxodo e o templo, mas em Ant. 8:3 Cap. 1, ele fixa o mesmo período em 592 anos. Supõem-se que na era mais longa ele incluiu os vinte anos durante os quais o templo e o palácio estavam em construção.

[3] Confirma Browne, *Ordo Saec.*, Cap. 13. O sistema dele, porém, o leva a especificar a destruição de Jerusalém (70 DC) como o encerramento da economia mosaica, o que é claramente errado. A crucificação foi a grande crise na história de Judá e do mundo.

[4] Clinton, F. H., vol 1, pg 299. Os arrogantes comentários de Alford sobre isto (*Gr. Test.*, Atos 7:4) poderiam ser facilmente descartados se esta fosse a ocasião oportuna para a discussão necessária. Realmente uma referência a Gênesis 25:1,2 teria modificado suas afirmações.

[5] A mãe dele era uma filha de Levi (Êxodo 2:1).

[6] É uma notável coincidência que a era do segundo templo tenha sido esse mesmo período de 490 anos, de 515 AC até aproximadamente 18 AC, quando Herodes o reconstruiu.

[7] Clinton, F. H., vol. 1, pg 367.

[8] A lua nova pascal, em 604 AC, foi em 31 de março.

[9] Clinton, F. H., vol 1, pg 328.

[10] Isto é confirmado por Ezequiel 40:1, comparado com 2 Reis 25:8, pois o ano vinte e cinco do cativo foi o ano quatorze após a destruição de Jerusalém (o décimo nono ano de Nabucodonosor) considerado inclusivamente, de acordo com a prática comum dos judeus.

[11] Estes resultados aparecerão em uma rápida consulta à tabela apresentada.

[12] Este evento ocorreu no ano décimo nono de Nabucodonosor (2 Reis 25:8) e o cativo começou em seu oitavo ano (2 Reis 24:12).

[13] Clinton, F. H., vol 1, pg 319.

[14] *Ibidem*, pg 328-29.

[15] *Fasti. H.*, vol. 1, pg 319.

[16] *Daniel*, pg 401.

[17] *Five Great Monarchies*, 4. 488.

[18] Tratado, *Rosh Hashanah*, 1.1.

[19] Estas datas são de Clinton, sujeitas aos comentários no Apêndice 1. Elas são selecionadas principalmente para clarificar as visões de Daniel. Os nomes dos historiadores, etc., são apresentados no século quinto antes de Cristo para indicar o caráter da época em que a era das setenta semanas começou.

APÊNDICE 2

Miscelânea - Quem e Quando

Nota A

Artaxerxes Longimano e a Cronologia de seu Reinado

Tão completa é a unanimidade com que o Artaxerxes de Neemias é agora reconhecido como o Longimano, que não é mais necessário oferecer provas disso. Josefo realmente atribui esses eventos a Xerxes, mas sua história dos reinados de Xerxes e de Artaxerxes está tão repleta de erros que se torna inútil. Na verdade, ele transpõe os eventos desses respectivos reinados (*veja* Ant. 11, cap. 5 e 7). O mestre de Neemias reinou por não menos que trinta e dois anos. (Neemias 13:6) e seu reinado foi subsequente ao de Dario Histaspes (compare Esdras 6:1 e 7:1), e antes do de Dario Nothus (Neemias 12:22). Ele precisa, portanto, ser ou Longimano ou Mnemon, porque nenhum outro rei após Dario Histaspes reinou por trinta e dois anos, e é certo que a missão de Neemias não foi depois do vigésimo ano de Artaxerxes Mnemon, isto é, 385 AC.

Isso aparece, primeiro, a partir do curso geral da história; segundo, porque essa data é posterior à de Malaquias, cuja profecia precisa ter sido consideravelmente depois do tempo de Neemias; e terceiro, porque Eliasibe, que era o sumo sacerdote quando Neemias veio a Jerusalém, era neto de Josué, que era o sumo sacerdote no primeiro ano de Ciro (Neemias 3:1; 12:10; Esdras 2:2; 3:2); e a partir do primeiro ano de Ciro (536 AC) até o vigésimo de Artaxerxes Longimano (445 AC), existiram noventa e cinco anos, deixando espaço para exatamente três gerações. [1]

Além disso, o capítulo 11 de Daniel, se lido corretamente, permite prova conclusiva que a era profética datou desde o tempo de Longimano. O segundo verso é geralmente interpretado como se fosse apenas um fragmento desconectado da história, deixando um intervalo de mais de 130 anos entre ele e o terceiro verso, enquanto que o capítulo é uma predição consecutiva de eventos *dentro do período das setenta semanas*. "Ainda três reis estarão na Pérsia" (isto é, após a emissão do decreto para reconstruir Jerusalém). Foram eles Dario Nothus (mencionado em Neemias 12:22), Artaxerxes Mnemon, e Ochus; os breves reinados de Xerxes II, Sogdiano, e Arogus sendo negligenciados por serem, o que de fato foram, totalmente sem importância e realmente dois deles são omitidos no cânon de Ptolomeu. O quarto (e último) rei foi Dario Codomano, cuja fabulosa riqueza - acumulada de dois séculos - atraiu a cupidéz dos gregos. Desconhece-se que soma de dinheiro Alexandre encontrou em Susã, mas os lingotes de prata e a púrpura que ele tomou após a batalha de Arbela valiam mais de 20 milhões de libras esterlinas. [2] Portanto, o verso 2 alcança até o encerramento do Império Persa; o verso 3 prediz a ascensão de Alexandre, o Grande; e o verso 4 refere-se à divisão do seu reino entre seus quatro generais.

De acordo com Clinton (*F. H.*, vol 2, pg 380), a morte de Xerxes foi em julho de 465 e a ascensão de Artaxerxes foi em fevereiro de 464. Artaxerxes, é claro, ignorou o reinado do usurpador, que ficou no meio, e considerou seu próprio reinado a partir do dia da morte de seu pai. Novamente, é claro, Neemias, sendo um oficial da corte, seguiu a mesma forma de cálculo. Tivesse ele contado o reinado de seu senhor a partir de fevereiro de 464, quisleu e nisã não poderiam ter caído no mesmo ano do reinado (Neemias 1:1; 2:1). Não mais poderiam eles ter calculado de acordo com a prática judaica, a partir de nisã.

Aqui, o Dr. Pusey comenta o seguinte: [3]

"A ascensão de Artaxerxes ao trono após os sete meses do assassino Artabano, cairiam em meados de 464. É claro pela seqüência dos meses em Neemias 1:2 e Esdras 7:7-9, que quisleu caiu anteriormente no ano de seu reinado do que nisã, e nisã do que ab. Então o reinado de Artaxerxes precisa ter iniciado entre os meses de ab e quisleu de 464."

Isso é um total engano. Como já mencionado, quisleu e nisã caíram no mesmo ano do reinado; e assim também nisã e o primeiro dia de ab (Esdras 7:7-9). Mas o primeiro de ab de 459 (o sétimo ano de Artaxerxes) caiu em 16 de julho, ou perto disso e, portanto, as passagens citadas estão perfeitamente coerentes com a cronologia recebida e servem meramente para permitir que fixemos as datas com ainda maior precisão, e decidir que a morte de Xerxes e a data inicial do reinado de Artaxerxes possam ser atribuídas à parte final de julho de 465 AC.

Aqueles que não são versados naquilo que os autores de assuntos proféticos escreveram sobre este assunto ficarão surpresos ao saber que essa data é atacada como sendo nove anos mais tarde. Todos os cronologistas concordam que Xerxes começou a reinar em 485 AC, e que a morte de Artaxerxes foi em 423 AC; e tanto quanto eu saiba, nenhum autor de reputação, não enviesado pelo estudo das profecias, atribui como a data inicial do reinado do último rei qualquer outra data que não 465 AC [4] (ou 464; veja *ante*). Essa é a data de acordo com o Cânon de Ptolomeu, que tem sido seguida por todos os historiadores; e é confirmada pelo testemunho independente de Júlio Africano, que em sua *Chronography*, [5] descreve o vigésimo ano de Artaxerxes como o centésimo quinto ano do Império Persa (considerado a partir de Ciro, em 559 AC) e o quarto ano da octogésima terceira Olimpíada. Isso fixa 464 como o primeiro ano desse rei, como se fosse na verdade o ano de sua verdadeira ascensão ao trono.

Foi o arcebispo Ussher quem primeiro levantou uma dúvida sobre a questão. Lecionando sobre as "Setenta de Daniel" [6] no Trinity College, em Dublin, no ano 1613, as dificuldades conectadas com o assunto sugeriram uma investigação que o levou no fim a colocar de volta o reinado de Longimano para 474 AC, que é a data fornecida em seu *Annales Vet. Test.* A mesma data foi mais tarde adotada por Vitranga, e um século mais tarde por Kruger. Mas Hengstenberg é considerado como o campeão dessa visão, e seu tratado sobre isso em *Chronology* [7] omite nada que possa ser citado em seu favor.

As objeções levantadas para a cronologia recebida dependem principalmente da afirmação de Tucídides, que Artaxerxes estava no trono quando Temístocles chegou à corte persa; pois é dito que a fuga de Temístocles não poderia ter sido já em 464. [8] Mas, como o Dr. Pusey comenta, "eles não impressionaram nossos autores ingleses que trataram da história grega". [9] Em comum com os autores alemães, o Dr. Pusey ignora Ussher totalmente na controvérsia, embora o Dr. Tregelles [10] corretamente afirme para ele o principal lugar de erudição entre aqueles que advogaram a data mais anterior. A dificuldade aparente de fazer a profecia e a cronologia concordarem levou o Dr. Pusey, seguindo Prideaux, em oposição às Escrituras, a fixar o sétimo ano de Artaxerxes como a época inicial das setenta semanas, enquanto ela induziu o Dr. Tregelles [11] escondendo-se atrás do nome de Ussher, a adotar a data de 455 AC para o vigésimo ano do reinado desse monarca. O bispo Lloyd, ao afixar as datas de Ussher à Bíblia inglesa reverteu para a cronologia recebida quando lidou com o livro de Neemias.

É desnecessário entrar aqui em uma discussão acerca dessa questão. Nada menos que uma reprodução de todo o argumento em favor da nova cronologia satisfaria seus defensores, e para meu propósito presente é uma resposta suficiente para esse argumento, que embora tudo tenha sido apresentado que a genialidade e a erudição possam sugerir em suporte, ela tem sido rejeitada por todos os autores seculares. A profecia não cumprida é somente para os fiéis, mas a profecia já cumprida tem uma voz para todos. Portanto, é uma infelicidade que a prova do cumprimento dessa profecia das setenta semanas não dependa de uma argumentação elaborada, como a de Hengstenberg, para contestar as cronologias recebidas.

Vou observar somente um ponto. É dito em favor de limitar o reinado de Xerxes para onze anos, que nenhum evento é mencionado em conexão com seu reinado após o décimo primeiro ano. A resposta é óbvia: primeiro, que é para os historiadores gregos, que escreveram após o tempo dele, que estamos principalmente em débito para nosso conhecimento da história persa; em segundo lugar, as batalhas de Termópilas e Salamina podem bem ter induzido um rei de temperamento e caráter de Xerxes a dar a si mesmo a uma vida de tranqüilidade indolente e prazeres sensuais.

Mas além disso, o décimo segundo ano de Xerxes é expressamente mencionado no livro de Ester (3:7), e a narrativa prova que o reinado dele continuou até o décimo segundo mês (judaico) do seu décimo terceiro ano. [12] Hengstenberg responde a isso afirmando que era costumeiro entre os autores hebreus incluírem em uma era real os anos de uma co-regência, quando ela existia; e ele apela para o caso de Nabucodonosor como uma prova desse costume. [13] Se o reinado de Nabucodonosor fosse realmente considerado assim, esse exemplo solitário não estabeleceria o costume, pois ele não forneceria nada mais do que os judeus em Jerusalém, sem saber nada da política e dos costumes de Babilônia, consideraram o reinado de Nabucodonosor com um sistema deles próprios. Mas acredito que essa teoria sobre o reinado de Nabucodonosor é uma total besteira. Se na história sagrada ele é chamado de rei de Babilônia, em conexão com sua primeira invasão da Judéia, é por que os autores eram seus contemporâneos. "Lord Beaconsfield era Secretário da Receita nas administrações de Lord Derby" é uma afirmação que será corretamente condenada como um anacronismo se feita pelo historiador do futuro, mas é precisamente a linguagem que teria sido usada por um autor contemporâneo acostumado com o estadista vivo. Já mostrei no Apêndice 1 que os judeus consideravam o reinado de Nabucodonosor de acordo com seu próprio costume, datando a partir do *nisã* precedente à sua ascensão ao trono. Portanto, a não ser que algum caso inteiramente novo possa ser apresentado em suporte à teoria da co-regência de Xerxes, permanece que o livro de Ester é absolutamente conclusivo contra a data de Ussher, e em favor da cronologia recebida.

Nota B

A Data da Natividade

Ao tratar da data do nascimento do nosso Senhor, os argumentos em favor de uma data anterior do que a data que é aqui adotada, são também bem conhecidos para serem deixados sem observação. O Dr. Farrar expressa a questão assim em seu *Life of Christ* (Excursus 1):

"Nossa data mais certa é obtida a partir do fato que Cristo nasceu antes da morte de Herodes, o Grande. A data desse evento é conhecida com absoluta certeza, pois (2) Josefo nos diz que ele morreu trinta e sete anos após ter sido proclamado rei pelos romanos. Agora é conhecido que ele foi proclamado rei em 714 A. U. C.; e, portanto, como Josefo sempre considera seus anos de *nisã* a *nisã*, e conta as frações iniciais e finais de *nisã* como anos completos, Herodes deve ter morrido entre *nisã* de 750 A. U. C. e *nisã* de 751 A. U. C., isto é, entre 4 AC e 3 AC da nossa era. (2) Josefo diz que na noite em que Herodes ordenou que Judas, Matias, e seus apoiadores fossem queimados, houve um eclipse da lua. Agora, esse eclipse ocorreu na noite de 12 de março de 4 AC, e Herodes estava morto pelo menos sete dias antes da Páscoa, que, se aceitarmos a forma de cálculo judaica, caiu naquele ano em 12 de abril. Mas de acordo com a clara indicação dos evangelhos, Jesus precisa ter nascido pelo menos quarenta dias antes da morte de Herodes. Portanto, é claro que sob nenhuma circunstância pode a natividade ter ocorrido depois de fevereiro do ano 4." [14]

Esta passagem é uma típica ilustração do valor relativo atribuído às afirmações dos historiadores sacros e profanos. Nas histórias de Josefo uma menção acidental de um eclipse ou da duração do reinado de um monarca é suficiente para dar "certeza absoluta", diante da qual as afirmações mais claras e mais definidas dos Escritos Sagrados precisam dar lugar, embora se relacionem às questões de interesse tão transcendente para os autores que até se os evangelistas fossem reduzidos à categoria de meros historiadores, nenhum engano seria possível.

O seguinte é uma afirmação mais moderada da questão, pelo arcebispo de York, em um artigo (Jesus Cristo) de contribuição para o *Bible Dictionary*, de Smith.

"Herodes, o Grande, morreu, de acordo com Josefo, no ano trinta e sete após ser escolhido como rei. Sua elevação coincide com o consulado de Cn Domicio Calvino e C. Asinius Pólio, e isso determina a data A. U. C. 714. Existe razão para pensar que nesses cálculos, Josefo considera os anos a partir do mês de *nisã* até o mesmo mês, e também que a morte de Herodes ocorreu no início do ano trinta e sete, ou imediatamente antes da Páscoa, se então trinta e seis anos completos forem adicionados, eles colocam o ano da morte de Herodes, em A. U. C. 750."

De acordo com isto, a visão comumente recebida, a morte de Herodes ocorreu dentro dos primeiros seis dias de um ano judaico, e esses dias são considerados como um ano completo em sua era real. Agora é admitido que ao calcular o tempo, os judeus geralmente incluíam ambas as unidades terminais de um dado período. Um notável e bem conhecido exemplo disso é oferecido pelas palavras do próprio Senhor, quando declarou que estaria morto por três dias e três noites. Que significado essas palavras tiveram para os judeus? Vinte e quatro horas após sua morte, eles vieram a Pilatos e disseram: "Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia." [15] Tivesse aquele domingo passado deixando intacto o selo sobre o sepulcro, os fariseus teriam firmemente proclamado seu triunfo, enquanto que, pelos nossos modos de considerar, a ressurreição deveria ter sido adiada até a noite da segunda-feira, ou na terça de manhã. [16]

Novamente, pode ser assumido que a ascensão de Herodes datou na verdade de 40 AC e, portanto, que 4 AC foi o ano trinta e sete e o último de seu reinado. Além disso, é provável que ele tenha morrido *imediatamente* antes de uma Páscoa. A questão permanece se sua morte ocorreu no início ou mais para o fim do ano judaico.

Josefo relata que quando o evento ocorreu, Arquelau permaneceu em reclusão durante sete dias, e depois se apresentou publicamente ao povo. Sua primeira recepção não foi desfavorável, embora ele tivesse de ceder a muitas reivindicações populares que foram levadas a ele; e após a cerimônia, ele "saiu e ofereceu sacrifícios a Deus, e depois festejou com seus amigos." Em breve, entretanto, o descontentamento e a insatisfação começaram a aparecer e a se espalhar, e novas exigências foram

levadas ao rei. Para essas ele novamente cedeu, embora com menor disposição, instruindo seu general a repreender a população e persuadi-la a adiar suas petições até o retorno dele de Roma. Esses apelos somente aumentaram a crescente insatisfação, e ocorreu uma agitação popular. O rei ainda continuou a negociar com os sediciosos, mas, "com a aproximação da festa dos pães ázimos", quando a capital ficou lotada com a chegada dos judeus do interior do país, o estado das coisas tornou-se tão alarmante que Arquelau determinou que os agitadores fossem reprimidos pela força das armas. Isso foi "na aproximação da festa" e os judeus consideravam que a Páscoa "estava próxima" no oitavo dia de nisã, quando eles iam para Jerusalém para o festival. [17]

A Páscoa iniciava em 14 de nisã. Esse protesto final ocorreu durante a semana precedente. Os protestos anteriores ocorreram antes disso novamente, antes da data da incursão dos judeus para o festival, o dia 8 de nisã. Isso novamente foi precedido por algum intervalo, medido desde o dia seguinte ao período de pranto na corte por Herodes, que tinha durado sete dias. A história, portanto, estabelece conclusivamente que a morte de Herodes foi mais do que catorze dias antes da Páscoa e, portanto, *no encerramento e não no início de um ano judaico*.

Mas qual ano? A morte dele precisa ter sido após o eclipse de 13 de março de 4 AC. [18] Mas o eclipse foi somente um mês antes da Páscoa daquele ano, e sua morte foi quatorze dias pelo menos antes da Páscoa. Poderiam então os eventos registrados por Josefo como ocorridos no intervalo entre o eclipse e a morte do rei terem ocorrido em um período de duas semanas? Que o leitor volte-se para a obra *Antiguidades* e julgue por si mesmo se é possível. A inferência natural da história é que a morte não foi semanas, mas meses após o eclipse e, portanto, no encerramento do ano.

A exatidão dessa conclusão pode ser estabelecida aplicando-se o mais rígido de todos os testes, o de referenciar as afirmações cronológicas do historiador.

Em sua obra *Guerras* (2:7, 3), Josefo coloca o banimento de Arquelau no *nono* ano de seu governo; em sua obra final (*Ant.*, 17, 13, 3), ele afirma que foi em seu *décimo* ano. E essas datas são dadas com uma definição e de uma maneira que tornam impossíveis a idéia de um engano. Elas estão conectadas com a narrativa de um sonho em que Arquelau viu diversas espigas de milho (nove em *Guerras*, dez em *Antiguidades*) devoradas por bois - pressagiando que os anos de seu governo estavam prestes a serem trazidos abruptamente ao fim. Agora, seja um governante cristão, judeu, ou turco, seu *nono* ano é o ano que inicia com o oitavo aniversário de seu governo, e seu *décimo* ano é o que inicia no *nono* aniversário; e é um mero casuísmo pretender que há ou mistério ou dificuldade na questão. É evidente que a diferença entre as duas afirmações do historiador é intencional, e que em suas duas histórias ele calculou o governo do tetrarca a partir de dois pontos iniciais diferentes. Mas se Herodes morreu na primeira semana no ano judaico, como esses autores afirmam, isso seria impossível, pois a verdadeira ascensão de Arquelau teria sincronizado com sua ascensão de acordo com a forma judaica de contagem. Enquanto que se seu governo datasse do encerramento de um ano judaico, 6 AC [19] seria na verdade seu *nono* ano, mas seu *décimo* ano de acordo com a regra do *Mishna* de calcular os reinados a partir do mês de nisã.

Em diversos tratados sobre esse assunto, encontra-se um argumento baseado em João 2:20, "Em quarenta e seis anos foi edificado este templo". De acordo com Josefo (é dito), "A reconstrução de Herodes do templo começou no *décimo oitavo* ano de seu reinado." [20] e quarenta e seis anos a partir dessa data fixaria 26 AD como o ano em que essas palavras foram proferidas e, portanto como o primeiro ano do ministério de nosso Senhor. Que autores de reputação tenham escrito assim pode ser descrito como um fenômeno literário. Não somente Josefo não diz aquilo que é assim atribuído a ele, mas sua narrativa desaprova isso. A base para a afirmação é que em seu *décimo oitavo* ou *décimo nono* ano [21] Herodes fez um pronunciamento propondo a reconstrução do templo. Mas o historiador acrescenta, que vendo suas promessas e intenções totalmente desacreditadas pelo povo, "o rei os encorajou, e lhes disse que não iria derribar o templo até que todas as coisas se tornassem prontas para reconstruí-lo completamente outra vez. E, como ele tinha prometido anteriormente, ele não quebrou sua palavra, mas preparou mil carroças que deveriam trazer as pedras para a construção, e escolheu dez mil dos mais habilidosos trabalhadores, e comprou mil vestes sacerdotais para os sacerdotes, e fez que

alguns deles aprendessem a arte dos cortadores de pedra, e outros a dos carpinteiros, e então começou a construir; mas isso não foi até que tudo estivesse bem preparado para a obra." [22] Que duração de tempo esses preparativos levaram é evidentemente impossível de saber, mas se, como Lewin supõe, o trabalho foi iniciado na Páscoa de 18 AC, então quarenta e seis anos nos traria exatamente ao ano 29 - a primeira Páscoa no ministério do Senhor.

Nota C

O Sistema Histórico Contínuo da Interpretação Profética

Os intérpretes históricos das profecias compreendem um princípio cuja importância é abundantemente provada pelos notáveis paralelismos entre as visões do Apocalipse e os eventos na história da cristandade. Mas não contente com isso, eles têm por um lado trazido descrédito ao estudo profético pelas loucas e arrogantes predições sobre o fim do mundo e, por outro lado, reduziram o princípio de interpretação deles para um sistema, e então o degradaram a um *hobby*. O resultado é feliz nesse respeito, que o mal não pode deixar de curar a si mesmo, e o tempo não pode estar muito distante quando a "interpretação histórica contínua" na forma e maneira em que seus campeões tem proposto, será considerada como uma noção extravagante do passado. Os eventos na primeira metade do presente século produziram na mente dos cristãos tal impressão em seu favor, que parece provável ganhar uma aceitação geral. Mas a grande obra do falecido Elliott tem exposto completamente sua fraqueza. Uma leitura dos primeiros cinco capítulos de *Horae Apocalypticae* não pode deixar de impressionar o leitor com um senso da autenticidade e importância do esquema do autor, nem ele deixará de apreciar a erudição mostrada e a sobriedade com a qual ela é usada. Mas quando ele passa do comentário sobre os cinco primeiros selos para o relato do sexto selo, o leitor deve experimentar uma inversão de sentimentos que será forte em proporção com sua compreensão da verdade e a solenidade dos Escritos Sagrados. Que a pessoa leia os seis últimos versos do capítulo 6 do Apocalipse, uma passagem cuja terrível solenidade dificilmente tem outra similar nas Escrituras, e com que sentimentos ele se voltará para o livro de Elliott para descobrir que as palavras são nada mais que uma predição da queda do paganismo no quarto século!

As palavras da visão do Apocalipse em relação ao grande dia da ira divina (Apocalipse 6:17) são a linguagem de Isaías (13:9-10) com relação ao "dia do Senhor", e novamente da profecia de Joel (Joel 2:1,30-31), citada pelo apóstolo Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2:16-20). Isso não é tudo. O capítulo 24 de Mateus é um comentário divino sobre as visões do capítulo 6 do Apocalipse, e cada um dos selos tem seu correspondente nas predições do Senhor sobre os eventos que precederão Sua segunda vinda, terminando com a menção dessas mesmas terríveis convulsões da natureza aqui descritas. Portanto, mesmo se a mente seja "educada" até ao ponto de aceitar essa interpretação da visão do sexto selo, essas outras escrituras ainda precisam ser explicadas.

Muitos outros pontos no esquema de Elliott poderiam ser citados como igualmente falhos. Considere, por exemplo, o elaborado ensaio sobre o assunto das duas testemunhas, culminando no admirável clímax da ascensão delas ao céu (Apocalipse 11:12) - para ele isso foi cumprido quando os protestantes obtiveram "um avanço em dignidade e poder político" (*Horae Ap. 2*, 410) Ainda mais absurda e temerária é sua exposição de Apocalipse 12:5. "Parece claro" (ele diz) "que qualquer que seja a esperança da mulher em seu trabalho de parto, a menor consumação foi aquela figurada no nascimento do filho varão e sua ascensão, isto é, a elevação dos cristãos, primeiro para o reconhecimento como um corpo político, depois muito rapidamente para a supremacia do trono no Império Romano" (vol. 3, 12) A referência a Wilberforce em conexão com Apocalipse 15 é quase grotesca (vol. 3, 430). E finalmente, ele pisa na pedra que leva todo homem que segue esse falso sistema inevitavelmente a naufragar - a cronologia da profecia, provando por evidências cumulativas que o ano 1865 daria início ao milênio, ou se não 1865, então 1877 ou 1882 (vol. 3, 256-266).

"Um comentário apocalíptico que explica tudo está se auto-acusando de erro". Essa frase de Dan Alford (*Gr. Test.*, Apoc. 11:2) aplica-se com força total ao livro de Elliott. Mantendo, como ele faz, que essas visões receberam seu cumprimento absoluto e final, ele fica forçado a explicar tudo e, como resultado

dessas lucubrações, estraga uma obra que se remodelada por algum estudante inteligente das profecias seria do mais alto valor. Em dias como estes, quando temos de contender pelas próprias palavras das Escrituras, não podemos nos dar ao luxo de rejeitar essas lucubrações como puerilidades inofensivas. Elas têm dado ímpeto ao ceticismo desta época, e têm encorajado homens cristãos a tratarem as mais solenes advertências da ira vindoura como meros trovões de palco.

O manto de Elliott parece agora ter caído sobre o autor de *Approaching End of the Age*. O tratado de Grattan Guinness sobre os ciclos lunisulares e epactas será considerado por muitos a parte mais interessante e valiosa da obra. O estudo disso confirmou uma impressão que há tempos tem ocupado minha mente, que em alguma mística interpretação dos períodos proféticos de Daniel, a cronologia da supremacia dos gentios e a dispensação cristã está escondida. O professor Birks, entretanto, corretamente comenta que é muito duvidoso se muita da especialidade em que Guinness encontra nessa parte de sua teoria, não é devido a uma seleção parcial inconscientemente feita de alguns números de epactas a partir de muitos, e que as relações especiais das epactas para os números 6, 7, 8 13, provavelmente desapareceriam em um exame detalhado de todos os números de epactas." (*Thoughts on Sacred Prophecy*, pg 64)

Também poderia ser comentado que com a latitude obtida contando-se algumas vezes em anos lunares, algumas vezes em anos lunisulares, e algumas vezes em anos julianos comuns, a lista de coincidências e paralelismos aparentemente cronológicos poderia ser aumentada ainda mais. O período do Concílio de Nicéia (325 DC) até a morte de Gregório XIII (1585) foi de 1.260 anos. O período desde o edito de Justiniano (533) até a Revolução Francesa foi de 1.260 anos; e novamente de 606, quando o imperador Phocas conferiu o título de papa a Bonifácio III, até a derrubada do poder temporal (1866-1870), o período foi também de 1.260 anos. Se esses fatos provam alguma coisa, provam, não que os períodos mencionados são o cumprimento das visões de Daniel, porque as visões de Daniel referem-se à história de Judá, com a qual esses eventos não têm nada que ver, mas que a cronologia desses eventos é marcada por ciclos compostos por múltiplos de setenta. Portanto, eles corroboram grandemente a presunção que essa é uma característica geral dos "tempos e épocas" conforme planejados por Deus, e que as visões serão literalmente cumpridas. Em uma palavra, essas provas são muito mais do que suficientes para a causa que têm o objetivo de suportar.

Já observei a falácia transparente de supor que a besta de dez chifres e a Babilônia do Apocalipse podem ambas serem típicos de Roma. Em *Approaching End of the Age*, essa falácia é aceita aparentemente sem suspeita ou dúvida, pois o autor nem adota nem aprimora com base no agradável romance pelo qual Elliott tenta esconder o absurdo dessa opinião.

Como a prostituta recebe sua condenação por intermédio da besta, é absolutamente certo que elas não são idênticas, e todas as provas que esses autores usam para estabelecer que a igreja de Roma é Babilônia, é igualmente conclusiva para provar que o papado não é a besta, o homem do pecado. O sistema inteiro deles é como um castelo de cartas que cai no momento em que é testado. Como esse tipo de livro é lido por muitos que não conhecem a história, pode ser conveniente repetir mais uma vez que a divisão do território romano em dez reinos ainda não ocorreu. Que ele foi particionado é uma questão simples da história e do fato que ele nunca foi dividido em dez é um mero conceito dos autores dessa escola. [23]

A respeito de Daniel 9:24-27, Guinness escreve, "Desde a chegada da ordem para restaurar e reedificar Jerusalém, até a vinda do Messias, o príncipe, seriam setenta semanas." (pg 417). Esse é um típico exemplo da frouxidão da escola histórica em lidar com as Escrituras. As palavras da profecia são: "Desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas." [24] Como esse erro é subjacente em toda sua exposição da profecia que forma o assunto especial destas páginas, é desnecessário discuti-lo. Ele segue Prideaux em calcular as semanas a partir do sétimo ano de Artaxerxes.

Novamente, em comum com quase todos os comentaristas, ele confunde os setenta anos da servidão de Judá com os setenta anos das desolações de Jerusalém. A profecia que ele cita de Jeremias 25 (pg 414) foi

dada no quarto ano de Jeoiaquim, enquanto que a servidão começou em seu terceiro ano, e é predito um julgamento que caiu dezessete anos mais tarde. Pode parecer descortês observar pequenas imprecisões, como a de confundir Belsazar com Nabonido, o último rei de Babilônia.

Esse tipo de livro é útil somente por lidar positivamente com o cumprimento histórico como uma realização principal e parcial das profecias, e como um pleno e destemido indiciamento da Igreja de Roma é muito valioso. Mas na negação dogmática de um cumprimento literal, na cega e obstinada determinação de estabelecer, independente de qual custo para as Escrituras, que o Apocalipse foi "cumprido nos eventos da era cristã", tal obra não pode deixar de ser perigosa e enganosa. A questão real aqui é o caráter e valor da Bíblia. Se as visões desses autores são justas, a linguagem dos Escritos Sagrados de passagens como o fim do capítulo 6 do Apocalipse é profundamente grandiloquente. E se os loucos exageros caracterizam uma porção das Escrituras, que confiança podemos ter em qualquer parte? Se o grande dia da ira divina, descrita em termos de solenidade sem paralelos, não são nada, mas apenas uma breve crise na história de uma campanha agora muito no passado, as palavras que falam da alegria do benditos e a condenação dos impenitentes pode afinal ser apenas uma hipérbole, e a fé do cristão pode ser apenas uma credulidade.

Nota D

Os Dez Reinos

"A profecia não é dada para nos habilitar a profetizar", e ninguém que tenha procurado dignamente o estudo deixará de ter dúvidas ao se aventurar no tentador campo de prever "as coisas por vir". Por paciente contemplação podemos discernir claramente os contornos principais do cenário futuro; mas "até que o dia amanheça", nossa compreensão das distâncias e dos detalhes será inadequada, se não inteiramente falsa. Os grandes fatos do futuro, tão claramente revelados nas Escrituras, foram mencionados rapidamente nas páginas anteriores. Para o que segue aqui nenhuma deferência é afirmada exceto a que pode ser conferida à "opinião pia" baseada em investigação séria e honesta.

Depois da restauração dos judeus, o aspecto político mais proeminente do futuro, de acordo com as Escrituras, é a divisão do Império Romano em dez reinos. A ênfase e definição com que os dez reinos são especificados, não somente em Daniel, mas também no Apocalipse, proíbe que interpretemos as palavras como se descrevessem meramente uma divisão de poder, como a que existe desde a dissolução do Império Romano, embora isso seja indubitavelmente um aspecto da profecia. Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma, uma de cada vez, buscaram obter o domínio universal. Que possa haver uma comunidade de nações vivendo lado a lado em paz é um conceito que nada na história do mundo parece sugerir.

A principal pista que as Escrituras permitem sobre o assunto é a conexão entre esses reinos e o Império Romano. [25] Mas alguma latitude precisa provavelmente ser permitida com relação às fronteiras, caso contrário teríamos de escolher entre duas alternativas igualmente improváveis, isto é, ou que nosso próprio país se afundará na posição de uma província, sem que até mesmo a Irlanda permaneça sob seu domínio, [26] ou então que a Inglaterra estará entre os dez reinos e incluirá o vasto império do qual esta ilha é o coração e o centro. Podemos ter esperança que por mais que nosso país possa decair nos dias maus por vir do alto lugar que, com todas suas falhas, ele tem mantido como campeão da liberdade e da verdade, ele será salvo da degradação de participar na vil confederação dos últimos dias?

Essas considerações sobre as fronteiras aplicam-se também à Alemanha, embora em um grau menor; e a Rússia está claramente fora de consideração. O interesse e a importância especiais dessas conclusões dependem do fato que o anticristo será a princípio um patrono e apoiador da apostasia religiosa da cristandade, e que a Inglaterra, a Alemanha e a Rússia são precisamente as três potências de primeira classe que estão fora do aprisco de Roma.

Mas não há dúvida que o Egito, a Turquia e a Grécia estarão entre os dez reinos; [27] e não é improvável ao extremo que esses países aceitarão a liderança de um homem que aparecerá como o campeão e

patrono da igreja latina? Uma notável solução para essa dificuldade provavelmente será encontrada na definitiva predição que enquanto os dez reinos irão no fim reconhecer sua suserania, três dos dez serão trazidos à submissão pela força das armas. (Daniel 7:24)

Voltando novamente para o ocidente, os nomes da França, Áustria, Itália e Espanha apresentam-se, e sete dos reinos são assim explicados. Pode a lista estar completa? A Bélgica, a Suíça e Portugal permanecem, e esses também reivindicariam um lugar se estivéssemos lidando com a Europa de hoje; mas como é do futuro que estamos tratando, qualquer tentativa de pressionar ainda mais a questão parece ser fútil. Alguns dizem confiantemente que como os dez reinos são simbolizados pelos dedos dos pés da imagem de Nabucodonosor - cinco em cada pé - cinco desses reinos precisarão ser criados no oriente, e cinco no ocidente. O argumento é plausível, e possivelmente justo, mas sua força principal reside em esquecer que na visão do profeta, o Levante e não o Adriático, Jerusalém e não Roma, é o centro do mundo.

Para o esquema aqui indicado uma objeção pode naturalmente ser levantada: É possível que os países mais poderosos do mundo, a Inglaterra, a Alemanha e a Rússia, não terão parte alguma no grande drama dos últimos dias? Mas precisa ser lembrado, primeiro, que a importância relativa das grandes potências poderá ser diferente no tempo em que esses eventos serão cumpridos, e em segundo lugar, que dificuldades desse tipo podem depender inteiramente do silêncio das Escrituras, ou, em outras palavras, na nossa própria ignorância. Entretanto, sinto-me obrigado a observar que as dúvidas criadas na minha mente com relação à solidez da interpretação recebida do capítulo 7 de Daniel apontam para uma resposta mais satisfatória para as dificuldades em questão.

Como a visão do capítulo 2 especifica os quatro impérios que deveriam sucessivamente governar o mundo, e como o capítulo 7 também enumera quatro "reinos" e identifica expressamente o quarto deles com o quarto reino da visão anterior, a inferência parece legítima que a abrangência de ambas as visões é a mesma. Essa conclusão é aparentemente confirmada por alguns dos detalhes fornecidos dos reinos tipificados pelo leão, pelo urso e pelo leopardo. Tão forte à primeira vista realmente é o caso em suporte a essa visão, que não senti liberdade de me afastar dele nas páginas precedentes. Ao mesmo tempo, sou forçado a reconhecer que esse caso é menos completo que parece ser, e que graves dificuldades surgem em conexão com ele; e as seguintes observações são apresentadas na tentativa de promover a investigação do assunto:

1. Daniel 2 e 7 estão ambos na porção caldéia do livro, e estão, portanto, emparelhados e separados do restante. Portanto, isso fortalece a suposição que seria obtida em qualquer caso, que a visão posterior não é uma repetição da anterior. A repetição é muito rara nas Escrituras.
2. A data da visão do capítulo 7 foi o primeiro ano de Belsazar e, portanto, somente dois ou três anos antes da queda do Império Babilônio. [28] Como então poderia a ascensão desse império ser o assunto da profecia? O verso 17 parece definitivo que a ascensão de todos esses reinos estaria no futuro.
3. Na história de Babilônia não há nada para corresponder com o curso predito da primeira besta, pois é muito pouco legítimo supor que a visão foi uma profecia da carreira de Nabucodonosor, cuja morte tinha ocorrido mais de vinte anos antes da data da visão. Além disso, a transição do leão com asas de águia para a condição humana, embora possa representar declínio de poder, tipifica um notável crescimento moral e intelectual.
4. Não há nada na história da Pérsia que responda à besta semelhante ao urso com a precisão e plenitude que a profecia exige. A linguagem da versão inglesa sugere uma referência à Pérsia e à Média, mas a verdadeira tradução parecer ser: "e fez para si mesmo um domínio." [29] em vez de "o qual se levantou de um lado."
5. Embora o simbolismo do verso 6 pareça à primeira vista apontar definitivamente para o Império Grego, parece em um exame mais atento que no seu aparecimento o leopardo tinha quatro asas e quatro cabeças. Essa era sua condição inicial e normal, e foi nessa condição que "foi-lhe dado domínio". Isso certamente é muito diferente daquilo que Daniel 8:8 descreve, e o que a história do Império de Alexandre obteve, isto é, a ascensão de um único poder, que em sua decadência continuou a existir em um estado dividido.

6. Cada um dos três primeiros impérios do capítulo 2 (Babilônia, Pérsia e Grécia) foi por sua vez destruído e absorvido pelo sucessor, mas os reinos do capítulo 7 todos continuaram juntos no cenário, embora "o domínio" estava com o quarto (Daniel 7:12). O verso 3 parece implicar que as quatro bestas apareceram juntas e em todos os eventos não há nada para sugerir uma série de impérios, cada um destruindo seu predecessor, embora o simbolismo da visão estava (em contraste com o do capítulo 2) admiravelmente adaptado para representar isso. Compare a linguagem da próxima visão. (Daniel 8:3-6)
7. Embora a quarta besta seja inquestionavelmente Roma, a linguagem dos versos 7 e 23 não deixa dúvidas que é o Império Romano em sua fase restaurada e futura. Sem endossar as visões de Maitland, Browne, etc., precisa ser admitido que não há nada na história da antiga Roma para corresponder com a principal característica dessa besta, a não ser o simbolismo usado seja interpretado de forma muito livre. "Devorar, fazer em pedaços e pisar aos pés o que sobrava", é bem descritivo de outros impérios, mas a antiga Roma foi precisamente o poder que adicionou governo à conquista, e em vez de pisar e despedaçar as nações subjugadas, buscava em vez disso, moldá-las para sua própria civilização e políticas.

Tudo isso - e mais poderia ser acrescentado. [30] - sugere que toda a visão do capítulo 7 possa ter uma referência futura. Já vimos que o poder soberano estará com uma confederação de dez nações que no fim levará a um grande Kaiser, e que várias das atuais potências de primeira classe estarão fora da confederação. Portanto, é improvável no mais alto grau, que essa supremacia seja obtida a não ser após uma tremenda luta. Neste momento a política internacional do velho mundo está centrada na Questão Oriental, que é afinal uma mera questão do equilíbrio de poder no Mediterrâneo. Agora, Daniel 7:2 cita expressamente o Mediterrâneo (o "Grande Mar") como a cena do conflito entre as quatro bestas. Não pode a porção de abertura da visão então se referir à luta titânica que precisará ocorrer algum dia pela supremacia no Mediterrâneo, que sem dúvida carregará com ela a soberania do mundo? O leão pode possivelmente tipificar a Inglaterra, cujo vasto poder naval pode ser simbolizado pelas asas de águia. O fato de essas asas serem arrancadas pode representar a perda de sua posição como senhora dos mares. E se isso for o resultado da luta que acontecerá, estaríamos dispostos a acreditar que ela após um tempo será caracterizada por preeminência moral e mental. O animal, lemos, foi "levantado da terra, e posto de pé como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem."

Se o leão britânico tem um lugar nesta visão, o urso moscovita dificilmente pode ser omitido; e pode ser confiantemente afirmado que o urso da profecia pode representar a Rússia atual tão bem quanto a Pérsia de Ciro e de Dario. A definição do simbolismo usado com relação ao leopardo (ou pantera) da visão torna mais difícil referenciar essa porção da profecia à Alemanha, ou a qualquer outro país-locomotiva em particular. Seria fácil provar um caso em suporte a essa visão, mas pode ser suficiente comentar que se a profecia ainda não está cumprida, seu significado será incontestável quando o tempo chegar.

Diagrama Cronológico da História de Judá - ([784x1068 pixels - abre uma nova janela](#))

O "Diagrama Cronológico da História de Judá", de Anderson, é uma visão panorâmica da história e da profecia com relação ao povo (Judá) e à cidade de Daniel (Jerusalém), isto é, "[Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santíssimo.](#)" (Daniel 9:24) Anderson integra cronologicamente a história secular, a história judaica, a história de Jerusalém e do templo, a visão de Daniel da "grande estátua" (2:31) e o ministério dos profetas, com uma visão em direção à consumação do programa de Deus do julgamento durante a septuagésima semana (9:27). Simplesmente estudar o diagrama para captar a compreensão de Anderson é suficiente para provocar maior compreensão de um assunto para o qual até os "anjos desejam atentar". (1 Pedro 1:12)

Notas de Rodapé do Apêndice 2

[1] *Encyc. Brit.*, nona edição, título "Artaxerxes".

[2] W. K. Loftus, *Chaldea and Susiana*, pg 341.

[3] *Daniel*, pg 160

[4] Neste ponto consultei o autor de *The Five Great Monarchies*, um livro para o qual são feitas referências freqüentes nestas páginas, e estou devedor à cortesia e gentileza do cônego Rawlinson para a seguinte resposta: "Acho que você pode dizer seguramente que os cronólogos agora concordam que Xerxes morreu no ano 465 AC. O Cânon de Ptolomeu, Tucídides, Diodono, e Maneto estão em concordância; a única autoridade contrária foi Ctesias, que é pouco confiável."

[5] *Ante-Nicene Christian Library*, vol 9, segunda parte, pg 184.

[6] *Works*, vol. 15, pg 108.

[7] Tradução de Arnold, pg 443-454.

[7-2] Os argumentos de Kruger são revisados por Clinton em *F. H.*, 2, pg 217.

[8] *Daniel*, pg 171, nota.

[9] Veja por exemplo, Mitford, 2, 226; Thirlwall, 2, 428; Grote, 5, 379; e dos alemães veja Niebuhr, *Lect. Anc. Hist.*, (Schmitz ed.) 2, 180-181.

[10] *Daniel*, pg 266.

[11] *Ibidem*, pg 99, nota.

[12] A Festa do Purim deriva seu nome do fato que quando Haman planejou a destruição do povo de Mordecai, ele lançou sortes dia a dia para encontrar "um dia de sorte" para a execução do esquema. Um ano inteiro - o décimo segundo de Xerxes - foi assim consumido (Ester 3:7); e o decreto para a matança dos judeus foi feito no dia 13 de nisã do ano seguinte (Ester 3:12). O decreto em favor deles foi concedido dois meses mais tarde (Ester 8:9), e o rei é mencionado em conexão com a execução desse decreto do décimo segundo mês daquele ano (Ester 9:1,13-17). Portanto, o reinado de Xerxes certamente continuou até o último mês de seu décimo terceiro ano. O último capítulo de Ester, além disso, mostra claramente que seu reinado não terminou com os eventos registrados no livro, mas que essa promoção de Mordecai foi o início de uma nova era em sua carreira.

[13] *Christology* (tradução de Arnold), Cap 737;

[14] O livro do Dr. Farrar fez muito para popularizar uma controvérsia que até aqui interessou somente a alguns. Portanto, pode ser bom observar que sua indiscriminada afirmação sobre a data da morte de Herodes é duvidosa (veja Clinton, *Fast. Rom.*, 29 DC) e que Josefo nem sempre considera os reinados da forma indicada.

[15] Mateus 27:63,64; compare 2 Crônicas 10:5-12, "[Veio, pois, Jeroboão, e todo o povo, ao terceiro dia, a Roboão, como o rei havia ordenado, dizendo: Voltai a mim ao terceiro dia.](#)"

[16] Se esse sistema de cálculo parece estranho ou natural depende da maneira de pensar de cada pessoa. Um professor de teologia pode ter problemas em defendê-lo na classe, mas o capelão de uma prisão não teria dificuldade para explicá-lo para sua congregação! Nosso próprio dia civil começa à meia-noite, e a lei não leva em conta uma parte de um dia. Portanto em uma sentença de prisão de três dias, o termo prescrito é igual a setenta e duas horas, mas embora um prisioneiro raramente chegue à cadeia antes do fim da tarde, a lei considera que ele completou um dia de encarceramento no momento em que bate a meia-noite, e o carcereiro pode licitamente libertá-lo no momento em que a prisão é

aberta na segunda manhã seguinte. Na verdade, um prisioneiro condenado a três dias raramente fica mais que quarenta horas na prisão. Esse modo de cálculo e de falar era tão familiar para os judeus quanto é para aqueles que estão familiarizados com as políticas do sistema prisional.

[17] "Quando as pessoas vinham em grandes números para a festa dos pães ázimos no oitavo dia do mês Xânthicus" (isto é, nisã) (Josefo, *Guerras*, 6, 5,3 compare com João 11:55, 12:1) "E estava próxima a páscoa dos judeus, e muitos daquela região subiram a Jerusalém antes da páscoa para se purificarem. Foi, pois Jesus seis dias antes da páscoa a Betânia."

[18] Não houve um eclipse lunar visível em Jerusalém entre aquele do dia 13 de março de 4 AC e o de 9 de janeiro de 1 AC. Muitos autores tomam a última para ser o eclipse de Herodes, e atribuem sua morte a esse ano. Que de 1 AC foi um eclipse total, totalmente acontecendo aos quinze minutos depois da meia-noite, enquanto que 4 AC foi apenas um eclipse parcial, e a maior magnitude não foi até 2:34h da madrugada. (Johnson, *Eclipses Past and Future*). Mas embora toda consideração desse caráter aponte para 1 AC como a (data da morte de Herodes, o peso da evidência geralmente está em favor de 4 AC. De autores recentes, o ano anterior é adotado pelo Dr. Geikie (*Life of Christ*, sexta edição, pg 150) e notavelmente pelo falecido Bosanquet, que argumenta a questão em seu *Messiah the Prince*, e mais concisamente em um trabalho lido diante da Sociedade de Arqueologia Bíblica, em 6 de junho de 1871,

[19] Este é o ano especificado por Dion Cassius para o banimento do tetrarca. Clinton, *F. H.*, 6 DC.

[20] Farrar, *Life of Christ*, App. Exc. 1.

[21] Depende do significado da palavra *gegonotos* na passagem, se o décimo oitavo ou décimo nono ano está em vista. A narrativa, como um todo, aponta para o décimo nono ano. Confira *Fast Sacri*, de Lewin, pg 56 e 92.

[22] Josefo, *Ant.*, 15.11,27.

[23] A lista de Elliott dos dez reinos é a seguinte: Os anglo-saxões, os francos, os alanos, os burgundianos, os visigodos, os suevos, os vândalos, os ostrogodos, os bávaros e os lombardos. Se alguém pode ler o capítulo 7 de Daniel e o 13 do Apocalipse e aceitar essa interpretação, realmente não há terreno comum sobre o qual discutir a questão.

[24] Deploro a idéia que meu objetivo seja revisar este ou qualquer outro livro. Fosse essa minha intenção, eu poderia apontar para outros erros similares. *Exodus gr.* em Pt. III, cap. 1, o autor enumera cinco pontos de identidade entre a prostituta e a Igreja de Roma, e desses cinco os dois últimos são pura besteira, isto é, "O ministro da prostituta faz fogo descer do céu", e "A prostituta requer que todos recebam a marca." (Compare Apocalipse 13:13, 16)

[25] "E quanto aos dez chifres, daquele mesmo reino se levantarão dez reis." (Daniel 7:24).

[26] Toda a Irlanda e parte da Escócia estiveram fora dos limites territoriais do Império Romano.

[27] Em Daniel 11:40, o Egito e a Turquia (ou a potência que possuirá a Ásia Menor) são expressamente mencionados pelos títulos proféticos como reinos separados neste mesmo tempo.

[28] Veja a Tabela Cronológica no Apêndice 1.

[29] Tregelles, *Daniel*, pg 34.

[30] As bestas de Daniel 7 são aquelas citadas em Apocalipse 13:2, para representar o Anticristo. Embora isso admita a explicação dada, ela também pode ser usada como um forte argumento em favor da visão apresentada acima.

APÊNDICE 3

Um Retrospecto e uma Resposta

"Acautelai-vos, que ninguém vos engane". Essas foram as primeiras palavras do Senhor em resposta à pergunta, "Que sinal haverá da tua vinda?" E a advertência ainda é necessária. "Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder", foi uma de suas últimas palavras antes de Sua ascensão aos céus. Se esse conhecimento foi negado aos Seus santos apóstolos e profetas, podemos ter certeza que não foi revelado a nós hoje. Nem pode um segredo que, como o Senhor declarou, "o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder" (Atos 1:7) ser descoberto por pesquisa astronômica ou investigações da matemática mais avançada.

Mas, por outro lado, nenhum cristão que use a cabeça pode ignorar os sinais e portentos que marcam os dias em que vivemos. Quando escrevi o capítulo introdutório deste livro, não imaginei que o avanço da infidelidade ocorreria de forma tão rápida. Nos primeiros anos que se passaram desde então, o crescimento do ceticismo dentro das igrejas excedeu até as mais pessimistas previsões. Lado a lado com isso, a expansão do espiritismo e da adoração aos demônios causa consternação. Os círculos de pessoas que se dedicam às essas práticas estão sendo formados às dezenas de milhares e nos EUA a prática já foi sistematizada em uma religião, com um credo e um culto reconhecido.

Mas esses aspectos tenebrosos dos nossos tempos, embora notáveis e solenes, não são os mais significativos. Embora a apostasia predita dos últimos dias pareça estar se aproximando, ficamos alegres pelos notáveis triunfos da cruz. Não é apenas que interna e externamente o evangelho esteja sendo pregado com uma liberdade nunca antes conhecida, mas que, de um modo sem precedentes desde os dias dos apóstolos, os judeus estão vindo para a fé em Jesus Cristo. É um fato pouco conhecido que durante os últimos anos mais de 250.000 cópias do Novo Testamento em hebraico foram distribuídas entre os judeus na Europa Oriental e o resultado tem sido a conversão ao cristianismo, não de um ou dois, como no passado, mas em números grandes e crescentes. Em alguns lugares, comunidades inteiras, por meio da leitura da Palavra de Deus, aceitaram o desprezado nazareno como o verdadeiro Messias. Isso é totalmente sem paralelos desde os tempos do Pentecostes.

Então novamente, o retorno dos judeus à Palestina é um dos fatos mais estranhos dos dias atuais. Dificilmente há um país no mundo que não ofereça mais atrações para um colono, seja ele um agricultor ou um negociante; todavia, desde que *O Príncipe Que Há de Vir* foi escrito, mais judeus emigraram para a terra de seus pais do que retornaram com Esdras quando o decreto de Ciro trouxe a servidão ao fim. Mas ontem, a profecia que Jerusalém seria habitada "como cidades sem muros" parecia pertencer a um futuro muito remoto. As casas além das portas da cidade eram poucas em número, e ninguém se aventurava a sair delas após o cair da noite. Hoje, a existência de uma grande e crescente cidade judaica fora dos muros é um fato conhecido por qualquer turista e, ano a ano, a emigração e a construção continuam aumentando.

Se eu me aventurar a tocar na política internacional da Europa, será apenas brevemente, e em conexão com a profecia do capítulo 7 de Daniel. Já dei em detalhes minhas razões para sugerir que a interpretação "histórica" dessa visão não esgota seu significado [1] e admito com profunda convicção que toda parte dela espera seu cumprimento. Ali, como em outras partes nas Escrituras, "o grande mar" precisa certamente significar o Mediterrâneo; e uma luta terrível por supremacia no Levante parece ser o peso da porção inicial da visão. A proximidade dessa luta está agora sendo discutida em todas as capitais da Europa, e em parte alguma com maior ansiedade do que aqui neste país. Nunca realmente, desde os dias de Pitt, houve causa para essa ansiedade nacional; e a questão do equilíbrio de poder no Mediterrâneo ganhou recentemente uma proeminência e interesse maiores e mais agudos que nunca antes associados com ela.

Não observarei tópicos de um caráter mais duvidoso, mas me restringirei a estes; nem tentarei, floreando as palavras, exagerar o significado deles. Mas aqui estamos face a face com grandes fatos públicos. Por um lado, existe uma expansão da infidelidade e da adoração aos demônios, preparando o caminho para a maior apostasia inspirada por demônios dos últimos dias; e, por outro lado, existem esses movimentos espirituais e nacionais entre os judeus, que são totalmente sem precedentes durante os dezoito séculos que transcorreram desde a Diáspora. Finalmente, os gabinetes dos governos europeus estão observando ansiosamente o início de uma luta como a que a profecia nos adverte que no fim anunciará a ascensão do último grande monarca da cristandade. Tudo isso deve ser ignorado? Não há aqui o suficiente para basear, não direi a crença, mas uma profunda esperança, que o fim pode estar se aproximando? Se sua proximidade for apresentada como uma esperança, eu me alegro e regozijo nela; se for apresentada como um dogma, ou um artigo de fé, eu a repudio e a condeno profundamente.

À medida que estudamos isso, uma dupla cautela será oportuna. Esses eventos e movimentos não são em si mesmos o cumprimento das profecias, mas meras indicações em que podemos encontrar a esperança que o tempo para o cumprimento delas está se aproximando. Qualquer um que tenha pesquisado sua Bíblia entre os estranhos, surpreendentes e solenes eventos de um século atrás precisa certamente ter concluído que a crise estava então às portas; e pode ser que uma vez mais a maré que agora parece avançar tão rapidamente venha novamente a retroceder e gerações de cristãos ainda nascerão, viverão e aguardarão na Terra. Quem se atreverá a definir um limite para a longanimidade de Deus? Esta é Sua própria explicação para o fato de aparentemente ser "tardio" em cumprir Suas promessas. (2 Pedro 3:9)

Precisamos também estar advertidos contra o erro em que os cristãos de Tessalônica caíram. A conversão deles foi descrita como uma conversão dos ídolos para servir o Deus verdadeiro e "esperar dos céus a seu Filho". A vinda do Senhor foi apresentada a eles como uma esperança prática e presente, para confortá-los e alegrá-los enquanto choraram por seus mortos. (1 Tessalonicenses 1:9,10 e 4:13-18) Mas quando o apóstolo passou a falar "acerca dos tempos e das estações" e do "dia do Senhor" (1 Tessalonicenses 5:1-3), eles interpretaram mal o ensino e, supondo que a vinda do Senhor estaria imediatamente conectada com o dia de Jeová, concluíram que aquele terrível dia estava chegando. Em ambos os pontos eles estavam totalmente enganados. Na segunda epístola o apóstolo escreveu: "[Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, {referindo-se, é claro, à primeira epístola} como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto.](#)" [2]

"Os tempos e as estações" estão conectados com a esperança de Israel e os eventos que precederão a realização dela. (Atos 1:6-7). A esperança da igreja é inteiramente independente. Se os cristãos dos primeiros dias foram instruídos a viverem aguardando aquela "bendita esperança", quanto mais nós deveríamos! Nem uma linha da profecia precisa ser cumprida primeiro, e nem um único evento precisa ocorrer antes. Destarte, qualquer sistema de interpretação ou de doutrina que se choque com isso e assim negue o ensino dos apóstolos do nosso Senhor, fica condenado. [3]

Vamos então nos acautelar para não cairmos no erro comum de exagerar a importância dos movimentos e eventos contemporâneos, por maiores e mais solenes que sejam, e que o cristão dê ouvidos para que a contemplação dessas coisas não o leve a esquecer sua cidadania e sua esperança celestiais. A realização dessa esperança irá apenas limpar o cenário para a exibição do último grande drama da história da Terra, conforme predito na profecia.

Com o perdão da digressão, pode ser bom amplificar isso e explicar melhor o que quero dizer. Que Israel será restaurado novamente ao lugar de privilégio e de bênçãos na Terra não é uma questão de opinião, mas de fé; e ninguém que aceite as Escrituras como divinas pode questionar isso. Aqui, a linguagem dos profetas hebreus é bem explícita. Ainda mais enfático, por razão do tempo em que foi dado, é o testemunho da epístola de Paulo aos Romanos. A própria posição dessa epístola no cânon sagrado dá proeminência ao fato que os judeus tinham então sido colocados de lado. O Novo Testamento inicia relatando o nascimento de Jesus como filho de Abraão e filho de Davi, (Mateus 1:1) a

mente para quem as promessas foram feitas e o herdeiro legítimo do cetro que foi confiado a Judá; e os evangelhos registram Sua morte nas mãos do Seu povo favorecido. Após os evangelhos, vem a narrativa da oferta renovada de misericórdia para aquele povo, e da rejeição da mensagem. "Primeiro para os judeus" está estampado em cada página dos Atos dos Apóstolos; e caracterizou a dispensação Pentecostal de transição, da qual esse livro é o registro. A igreja fundada em Pentecostes era essencialmente judaica. Não somente eram os gentios uma minoria, mas a posição deles era de relativa tutela, como mostra o registro do Concílio de Jerusalém (Atos 15; veja também 11:19) O apóstolo dos gentios, durante todo seu ministério, levou o evangelho primeiro aos judeus. "Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus", ele disse aos judeus em Antioquia (Atos 13:46; confira 17:2, 18:4) "Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão", foi sua palavra final a eles em Roma, quando rejeitaram seu testemunho e partiram. (Atos 28:29)

O livro seguinte no cânon é endereçado aos gentios crentes. Mas nessa mesma epístola os gentios são advertidos que "Deus não rejeitou o seu povo". Por causa da descrença os ramos foram quebrados, mas a raiz permanece, e "porque poderoso é Deus para os tornar a enxertar". "E assim todo o Israel será salvo." [4] Naquele dia o julgamento se misturará com a misericórdia, pois aquele "que tem a pá na sua mão limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga." O verdadeiro remanescente do povo da aliança se tornará o "todo Israel" dos dias das bênçãos futuras.

Esse remanescente foi tipificado pelos "homens da Galiléia" que estiveram em torno de Jesus Cristo no Monte das Oliveiras quando "ele foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos". E estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, dois mensageiros angelicais apareceram para renovar a promessa feita por Deus séculos antes por meio do profeta Zacarias:

"Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir." (Atos 1:1-19)

"E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele para o sul." (Zacarias 14:4)

Uma rápida olhada na profecia será suficiente para mostrar que o evento do qual ela fala é inteiramente diferente da vinda em 1 Tessalonicenses. É o mesmo Senhor Jesus, que está vindo para Sua igreja desta dispensação e vindo para seu povo terreno reunido em Jerusalém em uma dispensação por vir; mas de outra maneira essas "vindas" não têm absolutamente nada em comum. A última manifestação - Seu retorno ao Monte das Oliveiras - é um evento tão definitivamente localizado quando foi Sua ascensão daquele mesmo Monte das Oliveiras; e seu propósito declarado é para trazer libertação ao Seu povo na hora de extremo perigo. Sua vinda anterior não terá nenhuma relação com localidade. Por todo o mundo, onde quer que Seus mortos tenham sido colocados para dormir, "a trombeta de Deus" os chamará de volta à vida, em "corpos espirituais" como o Seu próprio; e onde quer que "santos" vivos forem encontrados, eles serão "transformados em um momento, em um piscar de olhos", e todos seremos pegos juntamente nas nuvens para encontrá-lo nos ares. Embora os cétricos profanos ridicularizem tudo isto, e os cétricos religiosos o ignorem, o crente lembra que seu Senhor foi assim levado aos céus; e quando considera a promessa, maravilhado, é levado à adoração, é não à descrença.

E este evento, que é a esperança apropriada para a igreja, é tão independente da cronologia, quanto da geografia. É com o cumprimento da esperança de Israel que os "tempos e estações" têm a ver, e os sinais e portentos que pertencem a eles. A manifestação pública do Senhor ao mundo é ainda outro evento distinto de ambos. Nosso Deus Jeová virá com todos os Seus santos (Zacarias 14:5) o Senhor Jesus será revelado como labareda de fogo, tomando vingança. [5] Que intervalo de tempo separará esses estágios sucessivos do "segundo advento" não podemos saber. É um segredo não revelado. Tudo o que nos interessa é "manejar corretamente a palavra da verdade" para marcar que eles são em todos os respeitos distintos. [6]

Uso a expressão "segundo advento" meramente como uma concessão à teologia popular, pois ela não tem garantia nas Escrituras. Seria melhor descartá-la totalmente, pois é causa de muita confusão do pensamento e não um pequeno erro positivo. É um termo puramente teológico, e pertence adequadamente à grande e final vinda para julgar o mundo. Mas enquanto muitos se recusam a acreditar que haverá qualquer revelação de Cristo para Seu povo sobre a Terra até a data inicial da grande crise, o estudante mais cuidadoso das Escrituras encontra ali a mais clara prova que haverá uma "vinda" *antes* da era popularmente chamada de "milênio". Aqui novamente existem aqueles que, embora claramente reconhecendo um "avento pré-milenista" deixam de observar a diferença, tão claramente marcada nas Escrituras, entre a vinda para a igreja da atual dispensação, a vinda para o povo terreal em Jerusalém, e a vinda para destruir o iníquo e estabelecer o reino.

Mas, pode ser dito, não é a expressão justificada pelo verso de encerramento do capítulo 9 de Hebreus? Respondo que é apenas o leitor superficial da passagem que pode usá-la assim. "Aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação." E as palavras são tomadas como se fossem equivalentes ao "Seu segundo aparecimento", "o aparecimento" sendo o sinônimo reconhecido para "a vinda". Mas isso é simplesmente aproveitar-se da linguagem da nossa tradução. A palavra realmente empregada é totalmente diferente. É uma palavra geral, e é a mesma usada com referência à Sua manifestação para Seus discípulos após a ressurreição. [7] Além disso, o artigo definido precisa ser omitido:

"E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação." (Hebreus 9:27-28)

A afirmação não é profética, mas doutrinária; e a doutrina em questão não é o Advento, mas o sacerdócio. Não é a predição de um evento a ser realizado por aqueles que estarão vivos no tempo do fim, mas a declaração de uma verdade e de um fato a serem realizados para todo crente, independente da dispensação em que ele viva.

Portanto, não se pode apelar para a passagem em suporte ao dogma que nunca novamente, exceto uma vez, Cristo aparecerá para Seu povo na Terra. E, como a expressão "segundo advento" está tão intimamente conectada com esse dogma, seria bom que todos os estudantes inteligentes das Escrituras se unissem para descartá-la. A vinda de Cristo é a esperança de Seu povo em todas as épocas.

A única crítica adversa que vi ao *Príncipe Que Há de Vir* apareceu nas edições finais de *The Approaching End of the Age*. Sentimentos de estima e de amizade pelo autor influenciaram minha observação dessa obra, mas nenhuma consideração desse tipo o restringiram de responder às minhas críticas; e o fato que um autor tão capaz e tão amargamente hostil não tenha se aventurado a questionar *em um único ponto* as conclusões principais aqui estabelecidas é uma prova notável de que elas são irrefutáveis.

O Dr. Grattan Guinness reclama que não fiz nenhuma tentativa de "responder" ao seu livro. Minha única referência a ele foi feita incidentalmente em uma nota no Apêndice; e quando ele lida com a "realização primária e parcial das profecias" tomei a liberdade de elogiá-lo. Por que então deveria eu "responder" a um tratado que valorizo e adoto? Estas páginas dão prova do quão completamente aceito a interpretação histórica das profecias; [8] e se alguém perguntar por que então não lhe dei maior proeminência, lembro da resposta de Tiago quando os apóstolos foram acusados de negligenciarem em seus ensinamentos os escritos de Moisés. "Moisés tem em cada cidade quem o pregue." O que era necessário, portanto, para o equilíbrio da doutrina ser mantido, era que eles ensinassem a graça. Em uma base similar, a tarefa que aqui me propus a tratar é o cumprimento das profecias. Mas não tenho controvérsia alguma com aqueles que usam todos seus talentos para desenvolver a interpretação "histórica" delas.

Minha discussão é somente com os homens que praticamente negam a autoria divina da palavra sagrada, afirmando que a compreensão que têm dela é o limite de sua abrangência, e esgota seu significado. *O Príncipe Que Há de Vir* é uma resposta esmagadora para o sistema que se a atreve a escrever "Cumprido" na página profética. "A questão real em discussão aqui", repito, "é o caráter e o valor da Bíblia". O Dr. Guinness afirma que as visões do Apocalipse já se *cumpriram* nos eventos da era cristã. Eu testo isso fazendo uma referência à visão do capítulo 6. Já foi cumprido, como na verdade ele se atreve a dizer que sim? A questão é vital, pois se essa visão ainda está esperando seu cumprimento, assim também todas as profecias que a seguem. Que o próprio leitor decida essa questão depois de estudar os versos de encerramento do capítulo, terminando com estas palavras "[Porque É VINDO O GRANDE DIA DA SUA IRA; e quem poderá subsistir?](#)"

Os antigos profetas hebreus foram inspirados por Deus para descreverem os terrores do "grande dia da Sua ira", o Espírito Santo aqui reproduz as mesmas palavras (confira Isaías 13:9-10 e Joel 2:31; 3:15; veja também Sofonias 1:14-15) A Bíblia não contém advertências mais terríveis com a mesma solenidade e clareza. Mas, exatamente como um advogado escreve "Expirado" em um estatuto cujo propósito já foi satisfeito, assim esses homens querem nos ensinar a escrever "Cumprido" nas páginas sagradas. Eles nos dizem que, na verdade, a visão não significava nada mais que prever a vitória de Constantino sobre as hordas pagãs. [9] Falar assim é vir perigosamente perto da advertência a respeito do pecado de "tirar as palavras do livro desta profecia". Mas quando nossos pensamentos se voltam para esses mestres, somos restritos lembrando sua piedade e zelo pois "o louvor deles está em todas as igrejas". Vamos então banir de nossas mentes todas as idéias dos homens e adotar o sistema que eles advogam e suportam. Não se deve apelar a nomes famosos aqui. Nomes tão honrados, e cem vezes mais numerosos, podem ser citados em defesa de alguns dos erros mais crassos que corrompem a fé da cristandade. Qual será então nosso julgamento para um sistema de interpretação que blasfema assim do Deus da verdade, representando as mais horríveis advertências das Escrituras como exageros e pouco longes da falsidade?

Se for dito que os eventos de quinze séculos atrás, ou de alguma outra época na dispensação cristã, estiveram dentro da abrangência da profecia, podemos considerar a sugestão com base em seus méritos, mas quando os ouvimos dizerem que a profecia foi assim cumprida, não podemos manter nenhum diálogo com esse ensino. Seria tratar as Escrituras com pouca seriedade. Mais do que isso, ele se choca com a grande carta de verdade do cristianismo. Se o dia da ira chegou, o dia da graça já está no passado, e o evangelho da graça não é mais uma mensagem de Deus à humanidade. Supor que o dia da ira possa ser um episódio na dispensação da graça é revelar ignorância da graça e zombar da ira divina. A graça de Deus neste dia de graça supera a imaginação humana; Sua ira no dia da ira não será menos divina. A abertura do sexto selo anuncia a chegada desse dia terrível; as visões do sétimo selo revelam seus terrores indizíveis. Mas, ficamos sabemos, o derramamento das taças, "[as sete últimas pragas, porque nelas é consumada a ira de Deus](#)" (Apocalipse 15:1) está agora sendo cumprido. O pecador, portanto, pode se confortar com o conhecimento que a ira divina é apenas um trovão de palco que, em um mundo pragmático e com tanta coisa para fazer, pode ser seguramente ignorada! [10]

Chamei a atenção para a afirmação do Dr. Guinness que "Desde a então próxima ordem para restaurar e reedificar Jerusalém até a vinda do Messias, o Príncipe haveria setenta semanas"; e acrescentei: "Este é um típico exemplo da falta de firmeza da escola histórica em lidar com as Escrituras." Desse, e de alguns outros erros que observei, a única defesa que ele oferece é que "expressões não estritamente corretas, porém perfeitamente legítimas, na forma de elipses, são empregadas por questões de brevidade." Como se obtém brevidade escrevendo "setenta" em vez de sessenta e nove" eu não posso imaginar. A afirmação é pura perversão das Escrituras, feita de forma inconsciente, sem dúvida, para se adequar às exigências de um falso sistema de interpretação. A profecia declara claramente o período "até o Messias, o Príncipe", como sessenta e nove semanas, deixando uma septuagésima semana para ser contada após o período especificado; mas o sistema do Dr. Guinness não pode explicar de forma sensata a septuagésima semana, de modo que, inconscientemente, repito, ele evita a dificuldade fazendo uma leitura errada da passagem. Insistir que a interpretação dele está correta e explica os últimos sete anos do período profético e sua interpretação da visão é algo que já está refutado e exposto.

Quando a linguagem das Escrituras é tratada de forma tão livre por esse autor, ninguém precisa se surpreender se minhas palavras são maltratadas em suas mãos. Ele é incapaz de agir de forma deliberadamente desonesta, porém seu hábito inveterado de imprecisão o levou a fazer uma leitura errada de *O Príncipe Que Há de Vir* em quase todos os pontos aos quais ele se refere. [11]

O fato é, ele conhece somente duas escolas da interpretação profética, a futurista e a sua própria e, portanto, parece incapaz de compreender um livro que é todo ele um protesto contra a estreiteza do primeiro e a mistura de estreiteza com loucura do outro. Mas suas referências pessoais são indignas do autor e do assunto. Passo a lidar com os únicos pontos em que suas críticas são de qualquer interesse ou importância geral; isto é, a predita divisão do território romano e as relações entre o Anticristo e a igreja apóstata.

Minha afirmação foi: "A divisão do território romano em dez reinos ainda não ocorreu. Que ele foi particionado é uma questão simples da história e de fato; que ele já foi dividido em dez é um mero conceito dos autores dessa escola."

"Uma afirmação extraordinariamente descuidada", diz o Dr. Guinness; porém temos apenas de virar a página para obtermos a partir de sua própria pena a clara admissão da verdade dessa afirmação. Precisa ser trazido à mente, ele diz: que os dez reinos devem ser procurados *"somente no território a oeste da Grécia"*. E, se estamos preparados para aceitar essa teoria, encontraremos, após fazer grandes concessões às fronteiras, que nesta, que é profeticamente a porção menos importante do território romano, "o número dos reinos da comunidade européia tem, como regra, sido na média de dez." O Dr. Guinness apresenta uma dúzia de listas - e nos diz que tem cem mais em reserva - para provar que, com instabilidade e vagueza ou, para citar suas palavras, "entre crescentes e quase incontáveis flutuações, os reinos da Europa moderna têm desde seu nascimento até o dia presente sido sempre aproximadamente dez em média." *"Aproximadamente dez em média"*, marca, embora a profecia especifique dez com uma definição que se torna absoluta por sua menção de um décimo primeiro surgindo e subjogando três reinos. E "Europa moderna" também! O zelo pela causa protestante parece cegar esses homens para os ensinamentos mais claros das Escrituras. Jerusalém, e não Roma, é o centro das profecias divinas e dos acertos de Deus com Seu povo; e a tentativa de explicar as visões de Daniel com base em um sistema que ignora a cidade e o povo de Daniel viola os próprios rudimentos do ensino profético. Esse extravagante cânon de interpretação, que lê "Europa moderna" em vez de a terra profética é, repito, "um mero conceito dos autores dessa escola". Primeiro eles minimizam e mexem com a linguagem da profecia, e então exageram e distorcem os fatos da história para se adequarem à sua leitura distorcida dela. "Podem eles", o Dr. Guinness exige de nós, "alterar ou acrescentar nessa lista de dez dos grandes reinos que agora ocupam a esfera da antiga Roma? - Itália, Áustria, Suíça, França, Alemanha, Inglaterra, Holanda, Bélgica, Espanha, Portugal. Dez, e não mais! Dez, e não menos!" Respondo, Sim, podemos alterá-la e fazer-lhe acréscimos. A lista inclui territórios que nunca estiveram na "esfera da antiga Roma", e omite totalmente quase a metade do território romano.

Isto é bastante ruim, mas não é tudo. Se aceitarmos suas afirmações e buscarmos interpretar o capítulo 13 do Apocalipse de acordo com elas, ele muda imediatamente sua base e protesta contra nossa numeração de "nações protestantes" entre os dez chifres. Elas estão "cronologicamente fora da questão", ele nos diz. Aqui está a linguagem dessa visão sobre o Anticristo. ["E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação. E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo."](#) (Apocalipse 13:7-8) O que significam essas claras e solenes palavras? Nada, ele nos diz, mas que "em toda a Idade das Trevas" e "antes da ascensão do Protestantismo", a religião católica romana prevalecia na porção ocidental do território romano. Isso, ele declara, "é o cumprimento da predição". Ele chama isso de "explicar" as Escrituras!

Chego agora ao último ponto. "Nossos críticos afirmam", escreve o Dr. Guinness, "que a Babilônia segue sua carreira e é destruída pelos dez chifres, que então concordam em dar seu poder ao Anticristo, a besta. Isto é, eles ensinam que o reinado do Anticristo *seguirá* a destruição de Babilônia pelos dez chifres."

A base dessa afirmação precisa ser buscada pelas próprias lucubrações do autor, pois nada que a explique pode ser encontrada nas páginas que ele critica; e um comentário similar aplica-se às suas referências ao *Príncipe Que Há de Vir* nos parágrafos que seguem. Não farei alusão a elas em detalhe, mas em algumas frases destruo a posição que ele está procurando defender.

Chegamos agora ao capítulo 17 do Apocalipse. O argumento dele é este. A oitava cabeça da besta precisa ser uma dinastia; a besta carrega a mulher; a mulher é a Igreja de Roma. Portanto, a dinastia simbolizada pela oitava cabeça precisa ter durado tanto quanto a Igreja de Roma; e assim a interpretação protestante está definida "em uma base que não deve ser removida."

Realmente não vale muito a pena fazer uma pausa para mostrar a falta de base de algumas das suposições aqui implícitas. Para facilitar o argumento, vamos aceitá-las todas, e o que vêm delas? Em primeiro lugar, o Dr. Guinness está incorrivelmente envolvido na falácia transparente da qual eu o adverti neste livro. A mulher é destruída pela ação da besta. Como então ele vai separar o papa da igreja apóstata da qual ele é a cabeça e que, de acordo como a "interpretação protestante", cessaria de ser a igreja apóstata se ele não fosse mais considerado como a cabeça?

O historicista precisa aqui fazer uma escolha entre a mulher e a besta. Elas são distintas em toda a visão, e estão em direto antagonismo no fim. Se a prostituta representa a Igreja de Roma, o sistema dele não explica nada da besta; ele ignora completamente a figura mais importante na profecia, e o orgulhoso "fundamento" da assim-chamada "interpretação protestante" desaparece no ar. Ou, se ele buscar refúgio no outro chifre do dilema, e afirmar que a besta simboliza a igreja apóstata, a prostituta ainda precisa ser explicada. Além disso, ele se esquece que a besta aparece nas visões de Daniel em relação a Jerusalém e a Judá. Portanto, suponha que admitamos tudo o que ele diz. Qual seria o resultado? A mera argumentação que "as profecias divinas florescem e germinam realizações ao longo de muitas épocas" (cito novamente as palavras de Lord Bacon) é mais completa, e mais clara do que seus críticos podem admitir, ou os fatos da história garantirão. A verdade ainda se destaca claramente que "a altura ou plenitude delas" pertence a uma época por vir, quando Judá será mais uma vez reunido na Terra Prometida, e a luz da profecia, que agora está tênue sobre Roma, será novamente enfocada sobre Jerusalém.

A popularidade do sistema histórico reside, sem dúvida, no apelo que faz ao "espírito protestante". Mas certamente podemos permitir sermos sensatos e justos em nossa acusação à Igreja de Roma. Quem pode deixar de perceber o crescimento de um movimento anticristão que pode em breve nos levar a saudar o romanista devoto como um aliado? Com esses, a Bíblia, embora negligenciada, ainda é considerada sagrada como a palavra inspirada de Deus; e nosso Senhor divino é reverenciado e adorado, apesar de a verdade de Sua divindade ser obscurecida pelo erro e pela superstição. Apelo aqui para a Carta de Encíclica do papa, de 18 de novembro de 1893, sobre o estudo das Escrituras Sagradas. O seguinte é um excerto:

"Desejamos fervorosamente que um maior número de fiéis passe a defender os escritos sagrados, e se dedique a eles com constância; acima de tudo, desejamos que aqueles que foram admitidos nas Ordens Sagradas pela graça de Deus apliquem-se todos os dias a zelosamente ler, meditar, e explicar as Escrituras. Nada pode ser mais adequado para o bem deles. Além da excelência desse conhecimento e a obediência devida à palavra de Deus, outro motivo nos impele a acreditar que o estudo das Escrituras deve ser recomendado. Esse motivo é a abundância de vantagens que vêm com ele, e dos quais temos a garantia nas palavras dos Escritos Sagrados: *'Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra.'* É com esse plano que Deus deu ao homem as Escrituras, os exemplos de nosso Senhor Jesus Cristo e de Seus apóstolos o mostra. O próprio Jesus estava habituado a recorrer aos Escritos Sagrados em testemunho de Sua missão divina."

Certamente há aqui, pelo menos em algum sentido, a base para uma fé comum, que poderá, com relação aos cristãos individuais, ser reconhecida como um laço de irmandade, mas um abismo intransponível nos separa do crescente número de assim-chamados protestantes que negam a divindade de Cristo e a inspiração das Escrituras. Estes têm seu verdadeiro lugar no grande exército da infidelidade que irá no fim se agrupar em torno do estandarte do Anticristo.

Meu protesto é feito não em defesa do papado, mas da Bíblia. Se alguém puder apontar para uma única passagem das Escrituras que se relacione com o Anticristo, seja no Velho ou no Novo Testamento, que possa, sem reduzir o significado das palavras, encontrar seu *cumprimento* no papado, farei uma retratação pública e reconhecerei meu erro. Considere 2 Tessalonicenses 2:3-4 como um exemplo do restante. "O homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus." Isto significa meramente que em certas ocasiões o assento do papa na Basílica de São Pedro está elevado acima do nível do altar em que "a hóstia consagrada" é colocada! Essas afirmações - Não me preocupo com os nomes que podem ser citados em suporte a elas - são um insulto à nossa inteligência e um absurdo contra palavra de Deus. [12]

Então, novamente, é dito no verso 9, que a vinda do "iníquo" será "segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira." Essas palavras são explicadas pela visão da besta no capítulo 13 do Apocalipse, que diz: "o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio." E temos da boca de nosso próprio Senhor a advertência, que os "grandes sinais e prodígios" que serão realizados por poder satânico, serão tais que "se possível fora, enganariam até os escolhidos" (Mateus 24:24). Em outras palavras, o terrível e misterioso poder de Satanás será derramado sobre a cristandade com um efeito tão terrível, que a cabeça das pessoas ficará profundamente confusa. O agnosticismo e a infidelidade capitularão na presença da prova massacrante que poderes sobrenaturais estão em operação. Se a fé, dada por Deus, vai resistir ao teste, é somente por que é impossível que Deus permita que seus próprios eleitos pereçam.

Quando exigimos o significado de tudo isso, recebemos a resposta: "Papado". Mas onde, perguntamos, estão os grandes sinais e prodígios do sistema papal? E, em resposta, ouvimos a respeito dos chapéus, dos paramentos e todos os artifícios bem-conhecidos do sacerdócio católico, que constituem seus especiais recursos de trabalho. Como se houvesse alguma coisa nestes para enganar os eleitos de Deus! Para tomar o terreno baixo do mero protestantismo, é notório que aqui na Inglaterra ninguém se deixa envolver pelos laços de Roma, exceto aqueles que já se tornaram enfraquecidos e corrompidos pelo sacerdotalismo e pela superstição dentro da comunhão que eles abandonam. E não é menos notório que, nos países católico-romanos, a maioria dos homens mantém em relação a ele uma benevolência ou uma indiferença e desdém. Lembrando, ainda mais, que os seguidores da besta estarão condenados irremediavelmente à destruição eterna, prosseguimos para perguntar se esse deve ser o destino de todo católico romano. De modo algum, temos certeza, pois, a despeito dos erros da Igreja Romanista, alguns dentro de seu aprisco estão reconhecidamente entre o número dos "eleitos de Deus".

A que conclusão, então, devemos chegar? Devemos aceitar como um cânon de interpretação que as Escrituras nunca significam aquilo que dizem? Devemos aceitar que a linguagem é muito livre e não confiável para ser praticamente falsa? Repudiamos a sugestão profana e, adotando a única alternativa possível, afirmamos enfaticamente que todas essas solenes palavras ainda aguardam cumprimento. Em outras palavras, estamos presos à conclusão que O ANTICRISTO AINDA ESTÁ POR VIR.

Notas de Rodapé do Apêndice 2

[1] Estivesse eu escrevendo agora esta nota à luz dos eventos atuais, deveria especificar a França em lugar da Alemanha, e deveria aludir aos esforços feitos pela Rússia para obter uma base naval no Mediterrâneo.

[2] 2 Tessalonicenses 2:1-2, "O dia de Cristo" na Versão Autorizada é uma tradução errônea.

[3] Veja 1 Coríntios 11:26: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha." Nenhum passado, exceto a cruz; nenhum futuro, exceto a vinda. Separar o crente da Vinda é um absurdo tão grande sobre o cristianismo quanto separá-lo da cruz.

[4] Romanos 11; veja os versos 1,2,9,12,15-26. Observe que "todo o Israel" não é igual a "todos os israelitas", pois no grego não há essa ambigüidade que há no inglês ou no português; e as aparentes contradições no capítulo são explicadas pelo fato que "rejeitou" dos versos 1 e 2 é uma palavra totalmente diferente de "rejeição" do verso 15 e a "queda" do verso 11 da "queda" do verso 12.

[5] 2 Tessalonicenses 1:7,8. Os "anjos do seu poder" da profecia são, presumo, os "santos" de Zacarias 14:5

[6] Entre o primeiro destes e o segundo, não há dúvida que haverá um período intermediário pelo menos tão longo quanto aquele que transcorreu entre Sua vinda a Belém e Sua manifestação a Israel em Seu primeiro advento, e provavelmente um período muito mais prolongado. Se o intervalo entre o segundo e o terceiro será medido em dias ou anos, não temos a menor condição de saber. A única indicação certa de sua duração é que o Anticristo, cujo poder será quebrado por um, será na verdade destruído pelo outro.

Estou aqui assumindo que todos os eventos que ainda serão cumpridos ocorrerão em um período de tempo relativamente curto. Mas desejo me guardar da idéia que afirmo isso. Rejeito da forma mais enfática a idéia, agora tão comum, que estudantes de astronomia e matemáticos solucionaram o mistério que Deus manteve expressamente em Seu próprio poder. Poderia um estudante do Antigo Testamento ter sonhado que aproximadamente dois mil anos transcorreriam entre os sofrimentos de Cristo e Seu retorno em glória? Teriam os cristãos primitivos tolerado essa sugestão? E, se outros mil anos ainda tiverem de transcorrer antes de a igreja ser tirada deste mundo, ou se mil anos devam transcorrer entre esse evento e a vinda ao Monte das Oliveiras, nem uma única palavra da Escrituras estaria sendo quebrada. Como já disse, "é somente enquanto a profecia se enquadra dentro das setenta semanas que ela aparece dentro do intervalo da cronologia humana." Muito é feito das supostas eras de 1.260 e 2.520 anos. Mas mesmo se pudéssemos certamente fixar a data inicial de qualquer era, a questão permaneceria se elas não podem ser períodos místicos, como os 480 anos de 1 Reis 6:1.

[7] Ela ocorre quatro vezes em 1 Coríntios 15:5-8.

[8] Veja, por exemplo, o Cap. 9 e o Apêndice 1, Nota C.

[9] Veja especialmente a citação de Dean Alford.

[10] É somente em razão de sua quase inconcebível tolice que esse ensino pode escapar da acusação de ser vulgar.

[11] Por exemplo, ele se torna veemente em denunciar minha afirmação que "todos os intérpretes cristãos concordam" em reconhecer um parêntesis na visão profética das bestas de Daniel. Sem dúvida, ele lê a passagem como se eu tivesse ali falado da queda do Império Romano, e não da sua "ascensão"; pois a afirmação é indisputavelmente verdadeira, e ele mesmo está entre os "intérpretes cristãos" que a endossam. Aqui está outro exemplo. Com referência à questão dos dez reinos, ele diz: "O Dr. Anderson e outros autores futuristas... ensinam - (1) que os dez chifres ainda não apareceram; (2) que quando aparecerem, cinco serão encontrados no território grego, e somente cinco no romano, e isso quando finalmente desenvolvidos; (3) após um intervalo de 1.400 anos dos quais a profecia não toma qualquer conhecimento, (4) eles durarão por três anos e meio." (pg 737)

Numerei essas frases para me permitir lembrar rapidamente ao leitor inteligente que, exceto o ponto 1, tudo aqui atribuído a mim está em total oposição a algumas das afirmações mais claras em meu livro. Da mesma forma, ele atribui a mim a invenção que a carreira do Anticristo será limitada a três anos e meio. Algumas vezes fico imaginando se ele realmente leu *O Príncipe Que Há de Vir!* Uma palavra sobre

seus comentários negativos sobre o título do meu livro. Estou ciente, é claro, que no hebraico de Daniel 9:26, não há o artigo, mas não estou enganado pela inferência que ele tira dessa omissão. Tivesse o artigo sido usado, o príncipe referenciado teria claramente sido "Messias, o Príncipe", do verso 25. No inglês/português o artigo não tem essa forma e, portanto, é inserido corretamente, como os tradutores e revisores reconheceram. O Dr. Tregelles aqui comenta: "É dito aqui que essa destruição será provocada por certo povo, não pelo príncipe que virá, mas pelo seu povo; isso nos remete, acredito, aos romanos, pois foram os últimos possuidores do poder gentio não dividido; eles fizeram a destruição muitas épocas atrás. O príncipe que virá é o último líder do poder romano, a pessoa a respeito de quem Daniel tinha recebido tantas instruções anteriores." Tal é a proeminência desse grande líder que aqui é citado junto com nosso próprio Senhor nessa profecia, e o povo do império romano é descrito como sendo "o povo dele". No entanto, o Dr. Guinness acredita que a referência é a Tito! Realmente já passou o tempo de discutir esse tipo de sugestão.

Posso aqui comentar que a tradução de Daniel 9:27 na Versão Revisada descarta a idéia fantasiosa que é o Messias quem fez a aliança de sete anos com os judeus. Fazer cessar o sacrifício não é um incidente no meio da "semana", mas uma violação ao tratado "na metade da semana".

[12] A referência ao templo é explicada por Daniel 9:27, 12:11 e Mateus 24:15. Esses mestres nos pedem para acreditar que embora a Igreja de Roma seja a besta e a prostituta e tudo o que é corrupto e infame no cristianismo apóstata, o grande santuário central dessa apostasia, a Basílica de São Pedro, é reconhecida por Deus como sendo o Templo de Deus. O sacrifício da missa eles denunciam como idólatra e blasfemo, mas mesmo assim devemos supor que as Escrituras Sagradas refiram-se a ela como representando tudo o que é divino sobre a Terra! As palavras sagradas admitem somente um significado, isto é, que o Anticristo, afirmando ser ele mesmo divino, suprimirá toda a adoração a qualquer outro deus.

Tais são as extravagâncias e puerilidades de interpretação e de previsão que estragam os escritos desses intérpretes, que homens tenham vindo a considerar essas visões, que devem inspirar reverência e temor, como "assuntos principais de ridículo" - a especialidade dos místicos e dos modistas. Quão grande é a necessidade, então, de um esforço unido e sustentado para resgatar o estudo do desprezo em que caiu! Cada uma das escolas de interpretação reconhecidas tem verdades que as escolas rivais negam. Um novo tempo iniciaria se os cristãos se voltassem de todas essas escolas - a Preterista, a Histórica e a Futurista - e aprendessem a ler as profecias como lêem qualquer outra parte das Escrituras: como sendo a palavra Daquele que é, que era, e que há de vir, nosso Deus Jeová, para quem o presente, o passado e o futuro são apenas um "eterno presente".

Fim de "O Príncipe Que Há de Vir"

INDICE

CAPÍTULO 1.....	3
INTRODUÇÃO	3
Notas de Rodapé do Capítulo 1	8
CAPÍTULO 2.....	9
DANIEL E SEU TEMPO.....	9
Notas de Rodapé do Capítulo 2	11
O SONHO DO REI E AS VISÕES DO PROFETA	12
Notas de Rodapé do Capítulo 3	15
CAPÍTULO 4.....	17
A VISÃO JUNTO AO RIO ULAI.....	17
Notas de Rodapé do Capítulo 4	19
CAPÍTULO 5.....	20
A MENSAGEM DO ANJO	20
Notas de Rodapé do Capítulo 5	24
CAPÍTULO 6.....	26
O ANO PROFÉTICO	26
Notas de Rodapé do Capítulo 6	28
CAPÍTULO 7.....	29
A ERA MÍSTICA DAS SEMANAS.....	29
Notas de Rodapé do Capítulo 7	31
CAPÍTULO 8.....	33
"MESSIAS, O PRÍNCIPE"	33
Notas de Rodapé do Capítulo 8	36
CAPÍTULO 9.....	39
A CEIA DA PÁSCOA	39
Notas de Rodapé do Capítulo 9	42
CAPÍTULO 10.....	44
O CUMPRIMENTO DA PROFECIA	44
Notas de Rodapé do Capítulo 10.....	46
CAPÍTULO 11.....	48
PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO	48
Notas de Rodapé do Capítulo 11.....	53
CAPÍTULO 12.....	55
A PLENITUDE DOS GENTIOS	55
Notas de Rodapé do Capítulo 12.....	57
CAPÍTULO 13.....	58
O SEGUNDO SERMÃO DO MONTE	58
Notas de Rodapé do Capítulo 13.....	61
CAPÍTULO 14.....	62
AS VISÕES EM PATMOS.....	62
Notas de Rodapé do Capítulo 14.....	67
CAPÍTULO 15.....	69
O PRÍNCIPE QUE HÁ DE VIR	69
Notas de Rodapé do Capítulo 15.....	76

APÊNDICE 1.....	79
Tratado Cronológico e Tabelas	79
Tabela 1 - Tabela Cronológica.....	85
Tabela 2 - Paralelismos Cronológicos	89
Tabela 3 - Certas Datas Relevantes na História Sacra e Profana	90
Tabela 4 - Meses do Calendário Judaico.....	92
Notas de Rodapé do Apêndice 1	93
APÊNDICE 2.....	94
Miscelânea - Quem e Quando.....	94
Nota A.....	94
Artaxerxes Longimano e a Cronologia de seu Reinado	94
Nota B	96
A Data da Natividade	96
Nota C.....	99
O Sistema Histórico Contínuo da Interpretação Profética	99
Nota D.....	101
Os Dez Reinos	101
Diagrama Cronológico da História de Judá - (784x1068 pixels - abre uma nova janela)	103
Notas de Rodapé do Apêndice 2.....	103
APÊNDICE 3.....	106
Um Retrospecto e uma Resposta.....	106
Notas de Rodapé do Apêndice 2.....	113